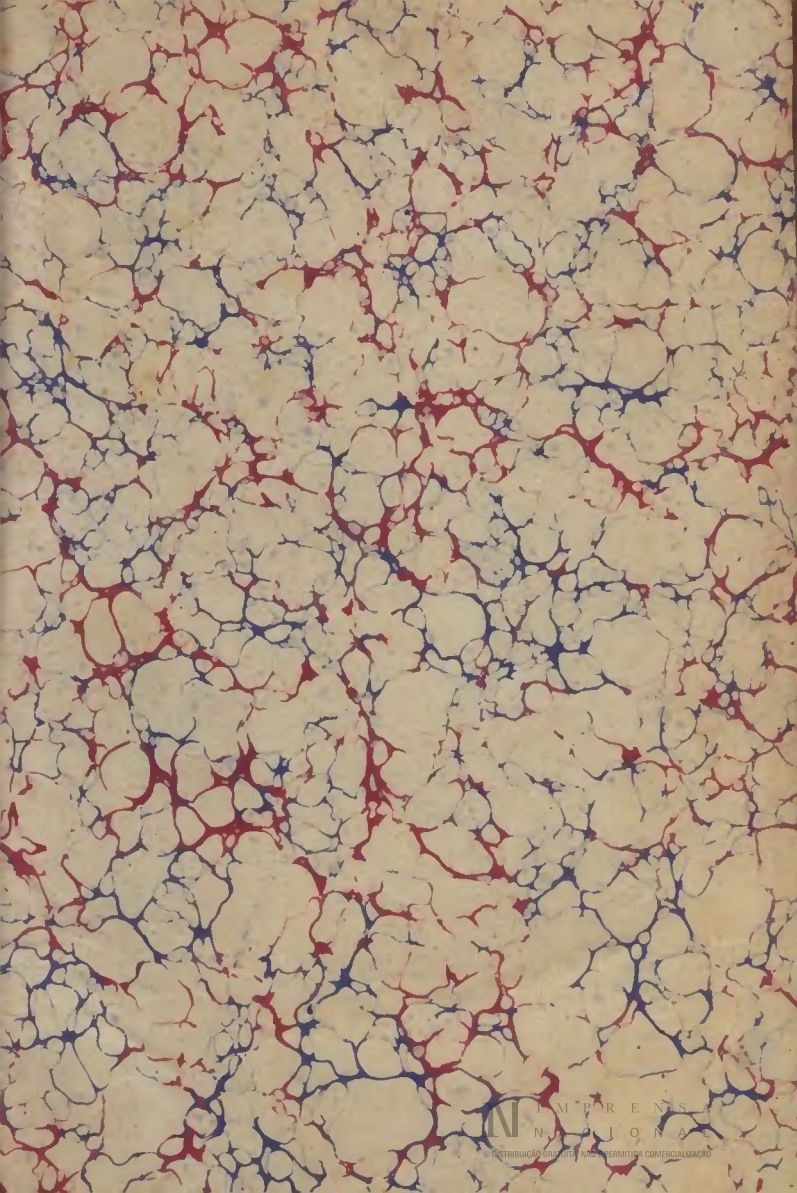


MIMPEN
NACIONAL

© DISTRIBUIDORA DE LIVROS E PAPÉIS DA COMERCIAL S/A



IMPRESA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA SEM PERMISSÃO COMERCIALIZAÇÃO

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSE DE BARROS QUEIROZ

DA ASIA

DE

DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA SEXTA

PARTE SEGUNDA.

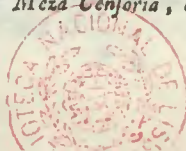


LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M. DCC. LXXXI.

Com Licença da Real Meza-Censoria, e Privilegio Real.



IMPRENSA
NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OFERTA
281304

✓
F5457

DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO

Das partes, que de descobrimentos se fizeram
na Guayana, e descobrimento das
terras, e mares do Oriente.

DECADA SEXTA

PARTE SEGUNDA



LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL

ANO DE 1911

Composto de 12 volumes em 12 tomos

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

INDICE

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM

NESTA PARTE II.

DA DECADEA VI.

LIVRO VI.

CAP. I. *De como os naturaes da Cidade de Adém se confederaram com ElRey de Camphar, e lhe entregáram aquella Cidade: e do recado que mandáram a Ormuz, e a Goa a pedir socorro.* Pag. 1.

CAP. II. *De como D. Paio de Noronha despedio recado ao Governador D. João de Castro: e de como ElRey de Camphar foi socorrer o filho, que tinha os Turcos cercados: e do que mais succedeo.* 10.

CAP. III. *De como ElRey de Camphar commetteo os Turcos: e de como foi morto em hum assalto, e os Turcos foram cercar a Cidade de Adém: e do mais que lhe aconteceo.* 15.

CAP. IV. *Do recado, que o Governador D. João de Castro teve de Adém: e como mandou seu filho D. Alvaro de Castro de socorro: e das galés dos Turcos, que sibiram de Moçá em favor dos seus: e do que D. Paio fez.* 22.

* ii

CAP.

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

I N D I C E

- CAP. V. *De como D. Paio de Noronha se foi secretamente de Adém : e os Turcos entráram aquella Cidade , e matáram ao Principe , e seus irmãos : e do que acon-teceo a D. João de Taide na jornada : e de como os Turcos lhe corrêram.* 30.
- CAP. VI. *De como D. Alvaro de Castro che-gou aos Ilhos de Canecanim , onde soube a perda da Cidade de Adém : e de como foi sobre a fortaleza de Caxém , e a to-mou.* 38.
- CAP. VII. *Da Armada de Lourenço Pires de Tavora , que chegou ao Reyno com as novas da vitoria de Dio : e das náos que ElRey despedio em Outubro : e das hon-ras , e mercês que mandou ao Governador D. João de Castro.* 49.
- CAP. VIII. *Que contém a cópia das car-tas , que ElRey D. João , e o Infante D. Luiz seu irmão escrevêram ao Viso-Rey D. João de Castro.* 55.
- CAP. IX. *De como o Viso-Rey D. João de Castro adoceco : e de huma notavel falla que fez aos Officiaes de ElRey sobre sua pobreza : e de como faleceo : e em que tempo : e das partes , e qualidades de sua pessoa.* 62.

DOS CAPITULOS.

L I V R O VII.

CAP. I. De como por morte do Viso-Rey
D. João de Castro succedeo Garcia
de Sá: e das pazes que fez com o Idál-
xá. Pag.73.

CAP. II. De como matáram em Dio Luiz
Falcão, Capitão daquella fortaleza: e das
Armadas, que ElRey despedio pera a
India. 79.

CAP. III. De como nesta Armada do anno
de 1548. de que era Capitão mór Manoel
de Mendouça, trouxeram os Padres da
Companhia huma cabeça das onze mil
Virgens, que foi muito bem recebida em
Goa: e das novas que o Governador Gar-
cia de Sá teve de Dio, e despachou Mar-
tim Correa da Silva pera aquella fortale-
za: e dos Embaixadores que a Goa vie-
ram dos Reys vizinhos. 83.

CAP. IV. De como o Governador Garcia de
Sá partio pera o Norte: e das pazes
que fez com ElRey de Cambaya, e man-
dou Francisco de Sá a Surrate. 88.

CAP. V. De como ElRey de Tanor na cos-
ta do Malavar se fez Christão, e veio a
Goa: e do grande recebimento que se lhe
fez. 92.

CAP. VI. Das cousas, que acontecceram a

* iii

N *Fran* E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I N D I C E

- Francisco de Sá em Surratê com humas
nãos de Mouros : e de como o Governador
Garcia de Sá despachou as cousas
de Maluco : e do casamento de duas fi-
lhas.* 106.
- CAP. VII. *Das cousas , que acontecêram
em Ormuz no alevantamento de Bislalá :
e de como D. Manoel de Lima o mandou
matar.* 110.
- CAP. VIII. *Do que aconteceu a Diogo Soa-
res de Mello em Pegú : e de como foi em
companhia daquelle Rey contra o de Sião :
e do poder , estado , e ordem com que es-
te Rey caminha : e do que lhe aconteceu
até chegar a Sião.* 115.
- CAP. IX. *Da descripção da Cidade de Sião :
e de como o Bramá a commetteo , sem fa-
zer cousa alguma : e de como foi contra
a Cidade de Camambee.* 123.
- CAP. X. *De como faleceo o Governador Gar-
cia de Sá : e das partes , e qualidades
de sua pessoa.* 133.

L I V R O VIII.

- C**AP. I. *De como por morte do Governador
Garcia de Sá succedeo na governança
da India Jorge Cabral : e da Armada que
este anno de 1549 partio do Reyno , de que*

DOS CAPITULOS.

- era Capitão mór D. Alvaro de Noronha. 137.
- CAP. II. De como o Rey da Pimenta se passou á parte do Camorim, perfilhando-se com elle: e do recado que o Governador teve disso. 143.
- CAP. III. De como o Governador Jorge Cabral partio pera Cochim: e das cousas que passáram naquella Cidade, em quanto nella esteve: e de como ElRey da Costa lhe mandou pedir soccorro contra o Madune. 148.
- CAP. IV. De outro recado que o Governador Jorge Cabral teve de Ceilão do Principe de Candea: e de como D. Jorge de Castro partio pera Ceilão: e do que o Governador fez em Cochim até se recolher: e o que aconteceu a Bastião de Sá no Malavar. 154.
- CAP. V. De como o Governador Jorge Cabral despachou D. Alvaro de Noronha pera entrar na fortaleza de Ormuz: e da Armada que mandou em sua companhia, de que foi por Capitão mór Luiz Figueira: e das novas que a Goa vieram de galés: e de como o Governador mandou Gonçalo Vaz de Tavora a espiallas: e da Armada que mandou a Maluco, de que foi por Capitão mór D. Rodrigo de Menezes. 159.

- CAP. VI.** *Da dissimulação com que ElRey de Candea mandou pedir a D. Jorge de Castro Padres pera se fazer Christão: e de como lhe mandou dous, e com elles o Capitão Francez: e do que lhes succedeo na viagem.* 165.
- CAP. VII.** *De como ElRey da Cota, e Dom Jorge de Castro partíram pera Ceitavaca: e dos sitios dos fortes que por este caminho achdram: e de como os ganharam, e desbaratáram o Madune, e lhe tomáram a Cidade de Ceitavaca.* 169.
- CAP. VIII.** *De como o Rey da Pimenta se tornou pera o seu Reyno: e de como o Capitão de Cochim o foi buscar a Bardela: e da grande batalha que lhe deo, em que elle, e ElRey de Bardela morrêram.* 180.
- CAP. IX.** *De como o Camorini passou ao Reyno da Pimenta pera tomar posse del- le, por lhe pertencer pela perfilhação: e de como Fernão Rodrigues de Mariz partio pera Goa no mez de Junho com novas das galés: e da espantosa viagem que fez.* 187.
- CAP. X.** *Das cousas, que acontecêram em Maluco até rebegar Jordão de Freitas: e de como Bernaldim de Scusa entregou a fortaleza a Christovão de Sá: e de outras cousas que mais passáram.* 195.
- CAP. XI.** *Das cousas, que o Governador*
For-

DOS CAPITULOS.

Jorge Cabral fez em Goa: e de como lhe vieram novas, que as galés se tornáram a desarmar, e despedio Manoel de Sousa de Sepulveda pera Cochim: e de como cercou os Principes Malavares na Ilha de Bardela: e do que mais succedeo. 201.

CAP. XII. *Do que aconteceu a Luiz Figueira com humas galés de Rumes: e de como foi ao Cinde, e favoreceo aquelle Rey contra os Nautiques: e da desgraça que lhe aconteceu.* 206.

CAP. XIII. *De como o Governader Jorge Cabral partio pera Cochim, e de caminho destruiu as Cidades de Capocate, Tiracole, Coulete, e Panane: e de como estando pera dar em Bardela, lhe deram novas que era chegado o Viso-Rey Dom Affonso de Noronha.* 210.

L I V R O IX.

CAP. I. *De como ElRey D. João o III. mandou por Viso-Rey da India Dom Affonso de Noronha no anno de 1550: e do que lhe aconteceu na viagem até chegar a Cochim.* 221.

CAP. II. *De algumas cousas, em que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha provéo em Cochim: e da Armada que mandou ao Estreito, sobre que houve differenças entre*

- tre D. Jeronymo de Castello-branco, e D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey: e da grande vitoria que os nossos houveram em Cochim de soma de oito mil Nayres Amoucs: e de como Jorge Cabral se embarcou pera o Reyno: e das partes, e qualidades de sua pessoa. 230.
- CAP. III. Do que aconteceu a Luiz Figueira no Estreito do mar Roxo: e de como encontrou o Turco Cafár com as suas galeotas: e de como de desconfiado investio a Capitania: e de como foi morto, e o seu navio tomado. 238.
- CAP. IV. De como os Turcos tomáram a fortaleza de Catifa: e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha mandou Dom Antão de Noronha com huma grossa Armada pera a tornar a cobrar: e dos mais Capitães que despachou pera fóra: e de como D. Diogo de Noronha se perdeu no rio de Mazagão: e do que lhe aconteceu até vir a Goa. 243.
- CAP. V. Da liga que ElRey de Viantana convocou contra a fortaleza de Malaca: e da dissimulação com que mandou visitar o Capitão D. Pedro da Silva da Gamma. 250.
- CAP. VI. De como os Reys da liga desembarcáram em Malaca, e ganháram as povoações de fóra, e queimáram as náos que

DOS CAPITULOS.

que estavam no porto : e do que fez o Capitão D. Pedro da Silva da Gama. 257.

CAP. VII. De como os inimigos começaram a bater a fortaleza : e de como chegou a ella D. Garcia de Menezes : e de huma sabida que fez aos inimigos , em que o matáram. 263.

CAP. VIII. Do que aconteceu ao homem que levou o recado do cerco de Malaca : e de como Gil Fernandes de Carvalho , que estava em Quedá , se fez prestes pera a ir socorrer : e como este recado chegou ao porto grande : e dos socorros que se ajuntáram : e das cousas que succedêram em Malaca neste cerco. 270.

CAP. IX. Do grande assalto que os Mouros deram á fortaleza , de que sabíram desbaratados : e do que os inimigos determináram em damno da fortaleza : e de outro grande conselho que deo o mesmo homem contra o intento dos inimigos ; pelo que se alevantáram os Malaios do cerco , e ficáram os Jãos : e de como Gil Fernandes de Carvalho chegou a Malaca , e deo batalha aos inimigos em que os desbaratou. 279.

CAP. X. Do que aconteceu na jornada a D. Rodrigo de Menezes até chegar a Maluco : e das differenças que Bernaldim de Sousa teve com Christovão de Sá

so-

- sobre aquella Capitania: e de como Bernaldim de Sousa foi cercar a fortaleza de Geilolo: e do que lhe aconteceu na des-
embarcação.* 290.
- CAP. XI.** *Do sitio, e fortificação da fortaleza de Geilolo, e de como os nossos a batêram: e das cousas que succedêram no cerco: e dos ardis de que ElRey de Tidore usou pera ver se deixavam os nossos o cerco.* 297.
- CAP. XII.** *De como Bernaldim de Sousa tomou hum poço de agua, de que os cercados bebiam: e de como por falta della se entregáram a partido.* 309.
- CAP. XIII.** *De como o Capitão entrou na fortaleza de Geilolo, e das cruezas que se nella fizeram: e de como se derribou: e das mais cousas que succedêram.* 317.
- CAP. XIV.** *Do que aconteceu a D. Antão de Noronha na jornada de Catifa: e de como bateo aquella fortaleza, e os Turcos a despejaram, e do desastre que alli aconteceu aos nossos.* 325.
- CAP. XV.** *De como D. Antão de Noronha foi ter a Baçorá, e entrou o rio Eufra-tes, e tomou huma fortaleza aos Turcos: e do ardil de que o Baxá usou pera a nossa Armada se recolher.* 333.
- CAP. XVI.** *Da guerra que o Madune tornou a fazer ao Rey da Cota: e de co-*

DOS CAPITULOS.

mo matáram este Rey por desastre: e da Armada que este anno de sincoenta e hum partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Sousa: e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha partio pela Ceilão. 338.

CAP. XVII. De como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha desembarcou em Columbo, e se vio com o Rey da Cota: e do concerto que ambos fizeram contra o Madunne: e de como o desbaratáram, e tomáram a Cidade de Ceitavaca. 345.

CAP. XVIII. De como D. Antão de Noronha veio de Ormuz, e foi por Capitão mór ao Malavar, e do que lhe aconteceo: e das cousas em que o Viso-Rey proveo em Ceilão: e de como foi a Cochim, e deo no Chembe: e do que alli lhe succedeo. 351.

CAP. XIX. De como D. Fernando de Menezes filho do Viso-Rey foi invernar a Cochim: e de como Francisco Lopes de Sousa foi entrar na Capitania de Maluco: e das cousas que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha ordenou acerca do cravo: e do que succedeo em Ceilão. 360.

CAP. XX. De como Bernaldim de Sousa foi contra ElRey de Tidore, e lhe fez derribar a fortaleza: e das desavenças que teve com D. Rodrigo de Menezes: e das

COU-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I N D I C E

- cozas, que mais succedêram até se embarcar pera a India.* 366.
- CAP. XXI. *Do que aconteceu ás náos que partíram pera o Reyno: e da desaventurada perdição do galeão S. João na costa da Cafrária.* 379.
- CAP. XXII. *Do que fez Manoel de Sousa de Sepulveda depois de estar em terra: e do que lhe aconteceu no caminho: e da muita piedosa, e lastimosa morte de sua mulher, e filhos: e de como elle se meteo pelo mato, onde desapareceo.* 386.

L I V R O X.

- C**AP. I. *De como o Turco mandou huma Armada de vinte e cinco galés, de que era General Pirbec, pera Baçorá: e do que aconteceu a algumas galés com os nossos navios naquelle Estreito.* Pag. 404.
- CAP. II. *De como Pirbec passou pera Mascate: e como o Feitor de Calayate partio com recado pera Goa: e de como os Turcos desembarcáram em Mascate: e do cerco que puzeram á fortaleza: e de como os de dentro se lhe entregáram a partido.* 411.
- CAP. III. *De como a Armada dos Turcos chegou a Ormuz: e do cerco que puzeram*

DOS CAPITULOS.

ram á fortaleza : e do que aconteceu em todo o discurso delle. 415.

CAP. IV. De como os Turcos alevantáram o cerco : e dos recados que passáram antre Pirbec , e o Capitão : e de como os inimigos saqueáram a Ilha de Queixome. 423.

CAP. V. Do recado que chegou a Goa das galés : e de como D. Diogo de Noronha o Corcós , e D. Antonio de Noronha partíram pera Ormuz em duas fustas : e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha se preparou pera ir em pessoa ao soccorro : e da falla que fez na Camara de Goa , pedindo-lhes ajuda , e emprestimo. 427.

CAP. VI. Da Armada que este anno de sincoenta e dous partio do Reyno , de que era Capitão mór Fernão Soares de Albergaria : e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha se embarcou pera Ormuz : e das novas que no caminho teve das galés serem recolhidas : e de como despedio D. Antão de Noronha com huma grossa Armada pera aquella fortaleza : e de como mandou Francisco Barreto com poderes de Governador a Cochim a fazer a carga das ndos do Reyno. 435.

CAP. VII. De como Diogo de Mello , Capitão de Ceilão , prendeo Tribuly Pandar pai

I N D I C E

- pai de ElRey : e das cousas que neste tempo acontecêram em Malaca no principio da Capitania de Dom Alvaro de Talde.* 441.
- CAP. VIII.** *Das cousas , que acontecêram a Francisco Barreto em Cochim : e de como D. Pedro da Silva , e Bernaldim de Sousa chegáram a Goa : e do que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha fez.* 450.
- CAP. IX.** *De huma Armada de Malavares , que foi á costa da Pescaria ; e dos damnos que por ella andou fazendo : e de como Gil Fernandes de Carvalho armou alguns navios á sua custa , e a foi buscar : e de como encontrou esta Armada , e pelejou com ella , e a desbaratou , e tomou.* 456.
- CAP. X.** *Do que aconteceu a D. Antão de Noronha na jornada até Ormuz : e do que fez Pirbec tanto que chegou a Baçorá : e do que mais passou D. Antão de Noronha , até entregar a Armada a Dom Diogo de Noronha.* 465.
- CAP. XI.** *De como Francisco Lopes de Sousa chegou a Maluco , e das cousas que fez : e de como faleceo : e das differenças que houve sobre quem succederia naquella Capitania : e das cousas que sobre isso fez o Rey.* 471.
- CAP. XII.** *Das cousas que este anno acon-*

te-

DOS CAPITULOS.

tecêram em Ceilão : e de como Tribuly Pandar , que estava prezo , se fez Chri- stão , e fugio da prizão : e dos damnos que fez , e de outras cousas. 478.

CAP. XIII. De como o Turco teve recado do Baxá de Baçorá , das cousas que Pir- bec fez em Mascate , e Ormuz : e de co- mo mandou Moradobec , que lhe tornasse quinze galés ao porto de Moçá : e de co- mo Pirbec chegou á Corte , e o Turco lhe mandon cortar a cabeça : e de como Dom Diogo de Noronha se encontrou com Mo- radobec : e da muito notavel batalha que as galés tiveram com o galeão de Gonça- lo Pereira Marramaque. 485.

CAP. XIV. Da Armada que este anno de sincoenta e tres partio do Reyno , de que era Capitão mór Fernão de Alvares Ca- bral : e das cousas em que ElRey man- dou prover : e de como o Viso-Rey D. Af- fonso de Noronha partio pera Cochim. 494.

CAP. XV. De algumas cousas que aconte- cêram ao Viso-Rey D. Affonso de Noro- nha até chegar a Cochim : e dos conse- lhos que tomou sobre dar no Chembe : e de como se assentou darem nas Ilhas ala- gadas , e de como as destruíram. 501.

CAP. XVI. Das revoltas que houve no Reyno de Cambaya por morte de Soltão Mahamude : e de como D. Diogo de Al- mei-

INDICE DOS CAPITULOS.

- meida deo na Cidade de Dio , e a destruo.* 508.
- CAP. XVII. *Das pazes que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha fez com o Rey de Chembe : e das náos que partíram pera o Reyno : e de como se perdeu a náó São Bento na costa da Cafraria.* 518.
- CAP. XVIII. *Das cousas , em que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha proveo : e de como mandou seu filho D. Fernando de Menezes com huma Armada ao Estreito : e da sentença que se deo contra D. Alvaro de Taíde , Capitão de Malaca : e dos Capitães que foram entrar em suas fortalezas : e do que aconteceu na jornada a D. Francisco de Menezes até chegar a Ormuz.* 520.
- CAP. XIX. *De como D. Diogo de Noronha , Capitão de Dio , tomou a fortaleza aos Mouros : e da gente que Abiscan mandou de soccorro : e do recontro , que com ella teve Fernão de Castanhoso , em que foi morto com dezeseite soldados : e de como D. Diogo de Noronha acudio , e lançou os Mouros fóra da Ilha.* 529.
- CAP. XX. *De como o Turco mandou outro Capitão , chamado Alecheluby , por lhe levar as galés de Baçorá a Suez : e de como sabio de Baçorá , e se encontrou com a Armada de D. Fernando de Menezes , e lhe tomou seis galés.* 537.

DE-



DECADA SEXTA.

LIVRO VI.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como os naturaes da Cidade de Adém se confederáram com ElRey de Camphar, e lhe entregáram aquella Cidade: e do recado que mandáram a Ormuz, e a Goa a pedir soccorro.



O Cap. IV. do V. Liv. da quinta Decada fica dito, como o Baxá Soleimão Eunuco, depois de se levantar desbaratado de sobre Dio, fugindo á Armada Portugueza, fora ter á Cidade de Adém, onde deixou por Baxá Mir Mostafá, torto de hum olho, com quinhentos Turcos de guarnição. Em seu lugar succedeo depois outro Baxá, chamado Marzáo, homem tambem máo, e perverso.

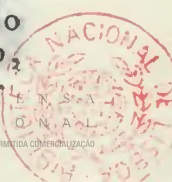
Couto. Tom. III. P. 11.

A

CO-

NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



2 ASIA DE DIOGO DE COUTO

como todos os Turcos o são. Elle com todos os mais usando de suas naturezas, assim avexáram, maltratáram, e perseguíram aos naturaes, e moradores daquella Cidade, affrontando-os em suas mulheres, e filhas, que de não poderem já soffrer mais, tratáram de sacudir do pescoço tão pezado jugo, e izentarem-se de tão tyrannica servidão; e pera isso se carteáram em muito segredo com Alibem Soleimão, Rey de Camphar seu vizinho, promettendo-lhe entrada dentro na Cidade, e de o levantarem por seu Rey. Por tal modo tratáram este negocio, que lhe deo ElRey orelhas, e lançou mão dos cumprimentos. E ordenado antre elles o modo que se havia de ter, depois de tudo assentado, partio ElRey de Camphar com mil homens do seu Reyno, que deixou entregue a seu filho mais velho, levando consigo dous que tinha mais; hum legitimo, moço de treze, ou quatorze annos; e outro bastardo de vinte e dous, homem mui formoso, e bem disposto, e de muito bom entendimento; e tal ordem teve na jornada, que chegou de noite a Adém, e foi demandar a porta por onde havia de entrar a Cidade, onde já os conjurados o esperavam, que o mettêram dentro sem serem sentidos. E logo commettêram o Castello, que foi entrado a poucos golpes, e mortos os

que

que nelle estavam de guarnição , e cativos vinte e cinco Turcos , os mais delles bombardeiros , ficando senhor do Castello.

O Baxá Marzáo tanto que sentio o reboliço , ajuntou os Turcos , que seriam perto de quinhentos , e se fez forte em seus Paços , porque não sabia o que aquillo era , e alli esteve até amanhecer. ElRey de Camphar , que estava no Castello , passada a noite , se poz em ordem pera ir dar batalha ao Baxá , porque já sabia que estava forte nos Paços , mandando-lhe diante hum recado , em que lhe fazia a saber , como fora chamado dos moradores daquella Cidade pera seu Rey , que se quizesse , que se vissem ambos em campo , e que se averiguasse aquelle negocio por armas em huma batalha campal , que estava prestes pera isso. E que se tambem lhe quizesse largar aquella Cidade , que era sua , que elle lhe dava licença pera se poder sair della livremente com suas mulheres , filhos , armas , e tudo o mais que comsigo pudessem levar.

Dado este recado ao Baxá , como elle , e todos estavam medrosos , assentáram deixar a Cidade , como logo fizeram , levando cada hum o que pode , ficando ElRey de Camphar senhor de tudo , e havido de todos os naturaes por Rey. E logo mandou fortificar a Cidade , e proveo os passos , e

4 ASIA DE DIOGO DE COUTO

baluartes de gente de guarnição , porque bem entendeo que os Turcos não eram homens , que dissimulavam com affrontas. O Baxá Marzáo com todos os seus se foram metter em huma fortaleza , que estava pera o certão , quasi oito leguas , donde sahia todos os dias a dar vista á Cidade , occupando-lhe os campos todos , e tomando-lhe os passos do certão , pera que lhe não pudessem entrar mantimentos , no que lhe deo grande trabalho. Vendo ElRey que daquella maneira ficava arriscado a huma desaventura , e fome , chamou a conselho os moradores de Adém , e praticou com elles o modo que se podia ter pera os Turcos os não inquietarem , nem pôrem de cerco , porque hia já sentindo a falta de tudo.

E praticando sobre isto , foram os mais de parecer , que mandassem a Ormuz a pedir soccorro aos Portuguezes , e que se lhes promettesse a fortaleza , pera com seu favor , e protecção ficarem seguros dos Turcos. E que entre tanto mandasse recado a seu filho , que ficava em Camphar , que ajuntasse toda a gente que pudesse , e fosse cercar a fortaleza dos Turcos , e trabalhasse pela tomar , primeiro que fossem soccorridos de Baçorá. Pareceo-lhe a ElRey muito bem aquelle conselho , e com muita pressa escreveu a seu filho , que ajuntasse tres

mil

mil homens , e fosse cercar os Turcos , e se não levantasse de sobre aquella fortaleza sem lha tomar ; e juntamente despedio huma terrada com cartas ao Capitão de Ormuz , em que lhe pedia o mandasse soccorrer , offerecendo-lhe os partidos que dissemos da fortaleza da Cidade , e Alfandega della.

O Principe de Camphar em lhe dando as cartas do pai , ajuntou logo tres mil homens muito bem negociados , e foi com elles marchando pera a fortaleza , em que os Turcos estavam , que tendo aviso de sua ida , se recolhêram dentro , e se fortificáram. O Principe lhe poz cerco ; mas por ser manco , e pouco experimentado , deixou de tomar a fortaleza nos primeiros dias. Os que levavam o recado pera Ormuz , foram tomar Caxém pera fazerem agua ; e sabendo aquelle Rey como hiam buscar os Portuguezes pera lhe entregarem a Cidade de Adém , como era grande inimigo dos Turcos , por serem aborrecidos de todos , e era muito amigo dos Portuguezes , despedio logo trezentos Fartaquins em soccorro de Adém , mandando offerecer a ElRey de Camphar tudo o que mais houvesse mister até os Portuguezes chegarem. Estes chegaram em poucos dias áquella Cidade , onde foram mui bem recebidos de ElRey , e postos nos mais im-
por-

6 ASIA DE DIOGO DE COUTO

portantes , e principaes passos , e baluartes pera sua defensão.

A terrada que hia pera Ormuz , entrou em breves dias do Cabo de Resolgate pera dentro no mez de Outubro passado , e alli encontrou D. Paio de Noronha , que andava por Capitão mór daquelle Estreito com doze navios de remo. E sabendo do Embaixador de ElRey de Camphar ao que hia a Ormuz , despedio huma das fustas da sua Armada em sua companhia , com cartas ao Capitão D. Manoel de Lima , em que lhe pedia por mercê , que se elle não havia de ir em pessoa áquelle negocio , lhe dêsse licença pera o fazer com aquella Armada que trazia. Chegado este recado a Ormuz , pareceo-lhe ao Capitão este negocio duvidoso , e houve que não poderia ElRey de Camphar sustentar-se contra os Turcos , porque estava certo acudir-lhe soccorro de Baçorá ; e que se se mettesse cabedal naquella jornada , estava arriscado a ser de nenhum effeito : pelo que logo despedio o Embaixador de ElRey , e a fusta de D. Paio , a quem escreveo , que fosse em companhia do Embaixador de Adém , em dous navios quaes elle escolhesse , e os mais deixasse em guarda daquelle Estreito ; e que se achasse ainda ElRey de Camphar naquella Cidade , que se mettesse dentro com sincoenta homens ,

por-

porque elles bastavam pera se defender dos Turcos, em quanto lhe não hia mais soccorro; e que lhe despedisse logo recado pera lhe mandar gente, e navios; e quando não, que se tornasse pera aquelle Estreito.

Dado este recado a D. Paio de Noronha, logo se partio pera Adém na galeota em que andava, que se chamava Santa Isabel, em que levava quarenta soldados escolhidos; e outro navio, de que era Capitão Pero Fernandes de Carvalho com trinta. Os Cavalleiros conhecidos que D. Paio escolheu pera esta jornada foram, João de Alboquerque, Antonio da Rocha, Francisco Vieira, Diogo Correa, Antonio de Figueiredo, Antonio Cornejo, que ainda hoje vive em Chaul, de quem soubemos a mór partes destas cousas, Pero Cornejo seu irmão; Christovão das Neves, Martim Galho, Francisco Rodrigues, e outros. E dando á véla pera Adém em companhia do Embaixador, foram correndo a costa de Arabia; tomando todas as angras, enceadas, e bahias, por onde encontráram algumas gelvas, e terradas de Mouros da outra costa de Barborá, Zeilá, Mete, que tomáram, humas vafias, outras com seus recheios; fugindo-lhes pera a terra todos, sômente tres que se cativáram. E chegando á fortaleza de Dofar, entrando a bahia, lhe ati-

rá-

8 ASIA DE DIOGO DE COUTO

râram muitas bombardadas; e achando surta huma náo carregada de cifas, lhe puzeram o fogo, que ardeo bravissimamente; e huma terrada que se foi abicar a terra, a foram tirar a poder de espingardadas, e afastando-a pera fóra, armáram nella huma forza, em que enforcáram os tres Mouros, que tomáram nas terradas atrás, e outros alguns que acháram na náo; e depois puzeram fogo á terrada á vista da fortaleza.

Partidos dalli chegáram a Xaél, cujo Rey foi sempre amigo dos Portuguezes, e estava fóra em campo contra o Rey de Caxém, que tendo sabido que tinham de Adém mandado chamar os Portuguezes pera lhe entregarem aquella Cidade, receando-se delles, deixou recado na fortaleza, que se por alli passasse Armada Portugueza, a provellem de tudo o necessario, fazendo da necessidade virtude; porque já que vinham ser seus vizinhos, queria começar a grangear sua amizade. Os Regedores da fortaleza tanto que víram as fustas em seu porto, mandáram visitar D. Paio com hum presente de coufas da terra, e agua em abundancia, offerecendo-lhe o de que mais tivesse necessidade. Dom Paio pela que tinha acceitou tudo, detendo-se alli aquelle dia, e ao outro tornou a continuar seu caminho, e foram tomar o porto de Berrumá antes de Adém, donde par-

tíram á meia noite, e foram tomar de madrugada a bahia daquella Cidade, onde surgiram. Foram logo dadas a ElRey novas, que eram chegadas fustas dos Portuguezes, com o que toda a Cidade se alvoroçou, e despedio pessoas principaes de sua casa, pera que fossem desembarcar o Capitão, a quem mandou os parabens de sua vinda, e muito refresco de carneiros, gallinhas, e de outras cousas que havia na terra.

D. Paio se negociou logo, e desembarcou com só quatro homens que escolheo, e na praia achou alguns cavalloos, mui bem concertados, e acubertados pera sua pessoa. E cavalgando em hum, os mais levou diante de si, e os soldados derredor delle, e entrou em casa de ElRey, que o reccebeo com muita honra, deitando-lhe aos hombros huma formosa Xamata, que são huns pannos de seda, e algodão lavrados de ouro, que aquelles Reys costumam a trazer por capas, e he a mór honra que podem fazer a huma pessoa grande, quando a querem muito festejar, e honrar. Alli logo praticáram sobre as cousas daquella Cidade, dizendo-lhe, que era de ElRey de Portugal, e que como sua lha entregava, pera tratar de sua fortificação, e defensão. E por serem horas de jantar, o mandou agazalhar em humas casas, que pera isso tinha despejadas, e se lhe deo

to-

todo o necessario. Aqui esteve D. Paio até noite, que se recolheu ao seu navio, e ao outro dia desembarcou com toda a gente das fustas posta em armas, que ainda que tão pouca, lustrava muito, e foi ver ElRey que o levou pela mão, e lhe foi a mostrar o muro, e fortificação da Cidade da banda do certão, entrando nos baluartes, em que estavam os dous filhos, que recebêram Dom Paio com muita honra. Alli deixou em companhia do legitimo Pero Fernandes de Carvalho com dez soldados, e com o bastardo Antonio de Figueiredo com outros tantos, e os outros repartio por estancias mais perigosas: com isto ficáram os naturaes mais descansados, por descarregarem sobre os nossos todo o trabalho da fortificação, e vigia.

CAPITULO II.

De como D. Paio de Noronha despedio recado ao Governador D. João de Castro: e de como ElRey de Camphar foi soccorrer o filho, que tinha os Turcos cercados: e do que mais succedeo.

Entre as cousas que D. Paio de Noronha tratou com ElRey, das primeiras foi, que devia mandar Embaixador ao Governador a dar-lhe conta do que era passado, e pedir-lhe soccorro, porque elle de-

ter-

terminava de mandar hum navio com recado, de como ficava naquella Cidade. A El-Rey pareceo bem aquelle conselho, e mandou logo embarcar hum seu cunhado, irmão de sua mulher, no navio S. Francisco, em que tinha ido Pero Fernandes de Carvalho, de que D. Paio de Noronha deo a Capitania a Diogo Correa, e por elle escrevêram ambos ao Governador todas as cousas succedidas até então, pedindo-lhe, que lhe mandasse gente, e munições pera segurança daquella Cidade, que ficava a devoção, e serviço de El-Rey de Portugal; dando El-Rey a seu cunhado todos os seus poderes pera tudo o que assentasse com o Governador.

Este navio se fez á véla tres dias depois de D. Paio chegar áquella Cidade, e de sua jornada adiante daremos razão, porque he necessario continuarmos com o Principe de Camphar, que estava sobre a fortaleza dos Turcos.

Este Principe se houve tão floxo neste negocio, pela pouca experiencia que tinha das cousas da guerra, que deo atrevimento aos Turcos pera lhe sahirem algumas vezes, e dar-lhes alguns assaltos com perda; e affronta sua, do que o pai foi logo avisado; e receando que a pouca disciplina militar do filho dêsse occasião aos Turcos pera o des-

ba-

12 ASIA DE DIOGO DE COUTO

baratarem de todo, determinou de lhe soccorrer. E porque tinha a Cidade de Adém segura em poder dos Portuguezes, quiz elle em pessoa acudir áquelle negocio primeiro, que viesse a maior mal. Disto deo conta a D. Paio, pedindo-lhe, que em quanto elle hia soccorrer seu filho, quizesse tomar aquella Cidade em sua guarda com os dous filhos que nella deixava, e com os trezentos Fartaquins que lhe vieram de soccorro, porque se elle não fosse averiguar aquelle negocio, nunca teria fim, que como elle lá chegasse enviaria seu filho; que lhe pedia muito, que tanto que tivesse novas de sua chegada, o fosse esperar á porta da Cidade, e o levasse pela mão até o metter em sua estancia, e lhe dêsse alguns Portuguezes pera sua guarda. Isto lhe pediu parece, por segurar o filho que havia de ser o herdeiro, porque devia de se recear dos outros filhos. Pedindo mais a D. Paio, que se elle morresse naquella demanda, o fizesse logo alevantar por Rey. D. Paio disse, que o serviria em tudo como lhe mandava.

ElRey se despedio d'elle, levando dous mil homens comfigo, e no caminho encontrou o filho que se hia recolhendo, por não poder aturar os assaltos dos Turcos, em que lhe matáram muita gente. E sabendo o que era passado, ficou enfadadissimo, e apai-

xonando-se contra o filho, não lhe querendo escutar razões, tomando-lhe a gente que trazia, lhe mandou, que se fosse pera Adém, e que não entrasse na Cidade sem o Capitão dos Portuguezes o ir buscar, e o levar pela mão até o pôr na sua estancia; e que não fizesse senão o que lhe elle mandasse.

Despedido o Principe, foi ElRey marchando pera a fortaleza dos Turcos, e o Principe pera Adém. Aquella noite que se ElRey partio, se recolheo D. Paio de Noronha nos Paços com alguns Portuguezes, e toda a noite ouviram por toda a Cidade grande revolta, e muitos gritos, e alaridos, e andar a gente pelas ruas de huma parte pera a outra, o que embarçou muito os nossos, por não saberem o que aquillo era, e toda a noite estiveram com as armas nas mãos na mór confusão, e temor que podia ser. Tanto que amanheceo, não fazendo D. Paio discurso, nem consideração alguma, e sem mandar saber o que aquillo era, se sahio dos Paços, e se foi embarcar na sua galeota, e della mandou recado a Pero Fernandes de Carvalho, e aos mais que estavam nas estancias, que se recolhessem, como fizeram. Isto sentiram os filhos de ElRey muito, porque estavam com elles seguros, e descansados.

Ao outro dia chegou á porta da Cidade

de o filho mais velho de ElRey , e não quiz entrar dentro , senão pela ordem que seu pai lhe tinha dado ; pelo que mandou recado a D. Paio de Noronha , de como era chegado , pedindo-lhe o fosse recolher na Cidade , porque não podia entrar nella sem elle , por assim lho ter seu pai mandado. D. Paio se lhe mandou escusar com se fingir mal disposto , mandando-lhe dizer , que mui bem podia entrar na Cidade , pois era sua. Sobre isto tornou o Principe a lhe mandar dizer , que todavia elle não havia de traspassar os mandados de seu pai , nem havia de entrar sem elle ; e sobre isto corrêram recados de parte a parte por quatro vezes , sem D. Paio querer desembarcar. Vendo o Principe aquillo , entrou na Cidade , e se foi metter na estancia do pai com seus criados , e apaniguados. Tanto que anoiteceo , mandou D. Paio a Antonio de Figueiredo , e a Pero Fernandes de Carvalho com os soldados de sua companhia , que se fossem pera a estancia do Principe , e que tanto que fosse manhã , logo se recolhessem ao navio , onde elle se deixou ficar. Isto foi continuando muitos dias , sem D. Paio desembarcar nelles , com ter cada dia muitos recados do Principe , e com alguns Cavalheiros honrados de sua companhia lhe fazerem algumas lembranças de sua honra , determi-

nando esperar alli no mar recado do Governador, porque houve por sem d'úvida que lhe fariam traição.

C A P I T U L O III.

De como ElRey de Camphar commetteo os Turcos: e de como foi morto em hum assalto, e os Turcos foram cercar a Cidade de Adém: e do mais que lhe aconteceu.

ELRey de Camphar tanto que se apartou do filho, como dissemos no Capitulo atrás, foi marchando pera a fortaleza dos Turcos, que logo foram avisados de sua ida, e estavam recolhidos nella. E chegando ElRey a ella, lhe poz cerco á roda, e a commetteo com muita determinação por alguns dias, havendo sempre mortes, e danos de ambas as partes. ElRey como era muito animoso, e bom cavalleiro, determinou de averiguar aquelle negocio depressa, e mandou pera este effeito fazer muitas escadas, pera metter todo o cabedal naquelle derradeiro assalto. E tendo tudo prestes, commetteo a fortaleza com grande furia, e animo, rodeando-a de escadas, e commettendo os Camphares a subida mui animosamente; mas todavia como o haviam com Turcos, homens tão experimentados na guerra, e tão cursados nos trabalhos, custou-
lhes

lhes muitas mortes, e feridas, mas não sem damno seu. ElRey de Camphar andava animando os seus, fazendo-os subir, e acudindo ás partes mais necessarias; e em fim tanto trabalhou, que cavalgáram os seus o muro, travando-se em cima huma aspera batalha. Mas quiz a ventura dos Turcos, que se désse huma espingardada em ElRey de Camphar, de que cahio logo morto. Os seus tanto que o víram assim, perdendo o animo, tornáram a alargar os lugares que tinham ganhado, e se recolhêram a seu arraial com bem de damno. E sem tratar mais de Adém, foram logo caminhando pera Camphar, sem lhes lembrar que deixavam o seu Principe naquella Cidade; porque estavam certo irem os Turcos com esta vitoria a cercallo, ficando tão descoraçoados, que nem mandáram avisar o Principe, nem tratáram de mais, que de segurarem suas vidas.

As novas da morte de ElRey, ou huma fama surda della, chegou a Adém, sem se saber como, nem por onde, e assim chegáram ás orelhas do Principe, que as encubrio o melhor que pode, porque receou que os Portuguezes o desamparasse, e que todos os da Cidade se levantassem contra elle. Não deixou de chegar a D. Paio de Noronha hum rumor deste negocio, com que se embaraçou, e mandou perguntar ao Prin-

cipe , que novas tinha de ElRey seu pai , elle lhe mandou dizer , que muito boas ; e todavia indo-se ellas declarando mais , lhe tornou a mandar dizer , que se era verdade que ElRey era morto , lho não negasse , porque foubesse certo , que se tal fizesse , que se iria. Vendo-se o Principe apertado , lhe mandou dizer em segredo a verdade de tudo , e que por lhe parecer assim necessario , e por os seus se não alterarem , o tinha encuberto , e que isso havia elle tambem de fazer , por não darem animo aos naturaes pera tratarem alguma alteração , porque o tempo não estava pera nojos , nem pera desconfianças.

Isto fez algum abalo em D. Paio de Noronha ; mas já lhe era necessario esperar recado do Governador , como lhe tinha escrito. Os Turcos tanto que víram o arraial dos inimigos levantado , mandando-os espiar , sabendo de certo que se hiam pera Camphar , foi o seu alvoroço grande , porque bem entendêram que em Adém havia de haver alguma mudança com as novas da morte de ElRey , e alguns desconcertos antre os filhos ; e não querendo perder tão boa occasião , foram logo pôr cerco á Cidade , amanhecendo hum dia sobre ella. D. Paio de Noronha foi avisado disto , e mandou dizer ao Principe , que a primeira cousa que

havia de fazer, era mandar arrecadar em boa prizão aos vinte e cinco Turcos, que serviam de bombardeiros, ainda que pera mais segurança, era melhor mandar-lhes cortar as cabeças pelos não vigiarem. O Principe os mandou logo metter em huma forte masmorra, e a chave della mandou entregar a Pero Fernandes de Carvalho.

Os Turcos começaram a dar muitos, e mui continuos assaltos á Cidade, ainda que não tinham artilheria, mas tinham muitos, e mui grossos mosquetões, que affestavam sobre pontaletes, amparados com huma rocha que estava perto, donde os desparavam nos muros, e baluartes, com que derribavam muitos; e da banda da praia de baixa mar faziam o mesmo. A todos estes rebates acudiam Pero Fernandes de Carvalho, e Antonio de Figueiredo com seus soldados, que sustentavam o pezo todo, rebatendo os inimigos, e animando aos naturaes. O Principe, e seus irmãos mostraram sempre muito grande animo, pelejando, e animando os seus nas estancias em que estavam. D. Paio de Noronha a alguns assaltos que houve apressados, sahio a terra; e acudio a elles, mas passados tornou-se a embarcar. Os Turcos, que eram homens que se não descuidavam de cousa alguma, tiveram algumas intelligencias com alguns dos naturaes, que

guardavam algumas estancias , peitando-os grandemente pera lhe darem entrada; e de taí maneira tratáram estas cousas , que as leváram ao cabo , concertando de em hum dia limitado lhes darem de noite entrada , como fizeram. E pera divertirem os nossos , commettêram o baluarte do Principe , em que estava Pero Fernandes de Carvalho , com grandes gritas , e estrondos. E estando a cousa embaraçada na briga , deram os naturaes entrada a Marzam , que com duzentos e sincoenta Turcos foi mettido dentro na Cidade por huma porta , sem os sentir alguem , e deixou-se ficar da banda de dentro , ou porque senão atreveo a entrar , ou por esperar pela manhã , porque era já no quarto d'alva.

Na estancia do Principe se pelejava com muito valor , laborando a espingardaria dos nossos , com que derribáram alguns Turcos. A manhã vinha já esclarecendo , e os Capitães Turcos , que estavam no assalto , não sabiam o que era acontecido a Marzam , porque não sentiam revolta na Cidade , o que os embaraçou muito. Os que estavam dentro foram sentidos , e correo logo huma voz pelas estancias , que eram Turcos entrados na Cidade , a que acudíram alguns Fartaquins pera aquella parte , por onde diziam que estavam. Na estancia do Principe

foi sentida a confusão , sem se saber cousa alguma ; e sabendo-se Pantaleão da Maia pera ir ver o que era , foi ajuntando alguns Fartaquins , e chegando áquella parte , que vio os Turcos dentro , que começavam a arrebentar (porque já esclarecia a manhã) não desmaiou , nem mostrou fraqueza , antes com muito animo remetteo com elles , bradando por *Sant-Iago* ; e com isto os embaraçou de feição , que os deteve , sendo mui bem ajudado de sincoenta , ou sessenta Fartaquins , que pelejáram valorosamente. Pantaleão da Maia apertou tanto com elles , que os fez outra vez acuar , e tornar ao lugar em que dantes estavam , pondo-se ás espingardadas com elles , não desparando tiro que não matasse algum. As novas disto corrêram logo por toda a Cidade , a que acudio Pero Fernandes de Carvalho com alguns Portuguezes , pedindo ao Principe , que se não bulisse de sua estancia ; e ajuntando toda a gente que pelo caminho achou , foi correndo aquella parte , onde achou Pantaleão da Maia ás espingardadas com os Turcos , e dando nelles com grande furia , os foram levando , matando daquelle primeiro ímpeto oitenta , e os mais se deitáram pelos muros abaixo sobre as rochas , que daquella parte havia , em que se alguns espedaçáram , ficando-lhes alli suas armas , que os

os Fartaquins recolhêram, que ainda que todos pelearam neste trance muito valorosamente, todavia a honra, e gloria desta victoria se deve a Pantaleão da Maia, porque elle foi a unica occasião della. Os Turcos, que estavam no assalto, tendo as novas do que tinha acontecido ao Baxá Marzam, se recolhêram muito tristes pera suas tendas; e tanto que foi noite, levantáram o campo, e se foram metter na fortaleza, onde primeiro estavam com mais de cento menos.

Tanto que ao outro dia amanheceo, que os nossos tiveram rebate de serem os inimigos recolhidos, disse Pero Fernandes de Carvalho ao Principe, que sahisse ao campo, e seguisse os inimigos, que hiam desbaratados, que estava certa a victoria. O Principe o fez assim, levando todos os Portuguezes, e foi mais de huma legua sem os poder encontrar. E voltando, chegou ao arraial dos Turcos, onde acháram muitos mortos, e alguns feridos tão mal, que os não pudêram levar. O Principe mandou pôr a tudo o fogo, em que se tudo consumio. D. Paio de Noronha, que estava embarcado, mandou visitar o Principe, e dar-lhe os parabens da victoria, e dizer-lhe, que os Turcos que estavam prezos lhes mandasse logo cortar as cabeças, porque não ficasse daquella gente, que era perversa, algum vivo. O Principe

o fez logo assim , mandando-os matar , e lançar no fogo , que andava no exercito , e se recolheo á Cidade , onde mandou castigar alguns culpados na entrada dos Turcos.

Ao outro dia sahio D. Paio a terra , e foi visitar o Principe , e lhe disse , que devia mandar recado a Camphar a fazer gente , pera ir commetter a fortaleza dos Turcos , e acaballos de destruir de todo , e lançallos fóra daquellas terras , porque com o medo que levavam , não haviam de esperar. Ao Principe pareceo bem aquelle conselho , e mandou hum criado seu em huma embarcação pequena , e ligeira , e com elle hum soldado , chamado Francisco Vieira , pera fazer dar pressa áquelle negocio , ficando o Principe provendo na guarda , e defensão da Cidade , que tudo carregava sobre os nossos.

C A P I T U L O IV.

Do recado , que o Governador D. João de Castro teve de Adém : e de como mandou seu filho D. Alvaro de Castro de soccorro : e das galés dos Turcos , que sabtram de Moçá em favor dos seus : e do que D. Paio fez.

PArtido Diogo Correa de Adém , com o cunhado de ElRey de Camphar , que levavam recado ao Governador , como fica

dito no segundo Capitulo deste sexto livro, como hiam com monção, foram na entrada de Janeiro tomar a costa da India; e sabendo estar o Governador em Baçaim, foram demandar aquella Cidade, onde desembarcaram, mandando o Governador receber o cunhado de ElRey mui bem, e lhe fez muitas honras, e gazalhados. E vendo as cartas, e sabendo o que era succedido, e como a Cidade de Adém estava por ElRey de Portugal, ficou muito alvoroçado, e o houve por grande ventura sua, tendo muitos cumprimentos de ElRey, mandando-o agazalhar, e dar-lhe todo o necessario.

O Governador mandou logo chamar seu filho D. Alvaro de Castro, e lhe disse, que se fizesse prestes pera acudir áquelle negocio com muita brevidade. As novas corrêram logo pela Cidade, que causavam em todos grande alvoroço, acudindo todos os Fidalgos, e Capitães a se offerecerem ao Governador pera aquella jornada, o que elle estimou muito, fazendo logo rol dos que haviam de ir nella, indo-se pôr na praia a dar ordem á Armada, que havia de mandar. E entre todos os navios de remo escolheo trinta, os melhores negociados, que logo mandou cifrar, concertar, e aperceber de todo o necessario, nomeando os Fidalgos que haviam de ir nelles, que eram os seguintes:

D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, Antonio Moniz Barreto, que diziam que hia nomeado por Capitão de Adém, D. Pedro Deça, D. Fernando Coutinho, Pero de Taíde Inferno, D. João de Taíde, Alvaro Paes de Sotto-Maior, Fernão Peres de Andrade, Pero Lopes de Sousa, Ruy Dias Pereira, Pero Botelho o Porca, irmão de Diogo Botelho do Infante D. Luiz, Luiz Homem, Alvaro Serrão, Belchior Botelho, Veador da Fazenda, que hia pera os negocios daquella Cidade, Gomes da Silva, Antonio da Veiga, Luiz Alvares de Sousa, João Rodrigues Correa, Diogo Correa, o mesmo que veio de Adém, Diogo Banha, hum catur de Pero Preto, Alvaro da Gama, Feitor da Armada, e outros.

E porque o Governador estava falto de dinheiro, mandou carregar hum caravella de drogas pera as despezas da Armada, (porque valiam na costa de Arabia muito,) de que fez Capitão André de Aguiar. E mandou carregar outra caravella de mantimentos, de que fez Capitão Affonso Jorge.

Andando o Governador dando pressa á Armada, chegou áquelle porto hum navio da outra costa de Arabia, em que vinha hum Embaixador de ElRey de Caxém, que o Governador mandou desembarcar, e le-

var diante de si. Elle se humillhou a seus pés, dando-lhe cartas que lhe o seu Rey mandou, em que lhe dizia : » Que confiado em ser » grande servidor de ElRey de Portugal, e » muito antigo amigo do Estado da India, » lhe mandava pedir ajuda, e soccorro pe- » ra tornar a cobrar parte do seu Reyno, » que ElRey do Fartaque seu vizinho lhe ti- » nha tomado; que lhe pedia puzesse os olhos » em sua necessidade, e lhe quizesse valer » nella, porque não acabasse de perder o » Reyno, em que todos os Portuguezes, que » por alli passavam, achavam gazalhado, e » recolhimento. » O Governador disse ao Em- baixador, que tudo o em que pudesse ajuda- dar, e favorecer a ElRey seu Senhor, o fa- ria. E que fora ditoso em succeder o nego- cio de Adém, e em mandar lá aquella Ar- mada, porque teria o soccorro mais depres- sa; mandando-lhe que se agazalhasse, e ne- gociasse, porque a Armada havia de partir logo.

O Governador vendo que era muito ne- cessario acudir-se a Adém com muita pres- sa, e que seu filho D. Alvaro de Castro era forçado deter-se alguns dias por causa dos provimentos da Armada, despedio com mui- ta pressa D. João de Taíde com quatro na- vios, de que eram Capitães, a fóra elle, Go- mes da Silva, Antonio da Veiga, e outro,

a que não achámos o nome; dando-lhe por regimento, que se mettesse na fortaleza de Adém até chegar seu filho. Estes navios deram á véla, e por lhes dar o Noroeste grosso, desapparelhou hum, de cujo Capitão não achámos o nome, e foi-lhe forçado tornar-se pera Baçaim: os mais foram seguindo sua jornada, em que os deixaremos até tornar a elles.

O Governador ficou dando pressa á mais Armada, que despedio alguns dez dias depois de se partir D. João de Taíde, dando grandes regimentos a seu filho, e encomendando-lhe muito, que restituísse ElRey de Caxém a seu Estado; e mandou embarcar o cunhado de ElRey de Adém com D. Antonio de Noronha, muito satisfeito, e contente, mandando áquelle Rey muitas peffas ricas, e curiosas; e o Embaixador de Caxém se foi no seu navio, muito encomendado a D. Alvaro de Castro. Dada esta Armada á véla, foi seguindo sua viagem, em que a deixaremos, porque he necessario continuarmos com as cousas de Adém.

D. Paio de Noronha (como assima dissemos) esteve sempre embarcado, esperando por recado de Ormuz, aonde tinha mandado huma champana com cartas ao Capitão, em que lhe dava conta de todas as cousas succedidas até então, e lhe pedia lhe

mandasse gente, munições, e mantimentos. E estando alli, sahio da boca do Estreito huma naveta, que se foi chegando pera a bahia. D. Paio a foi demandar, e della soube fer do Guazil de Ormuz, e não lhe souberam dar razão, nem novas de Moçá, nem de Suéz, porque vinha dos portos do Abexim, e fazendo-a surgir em humia enceada, antes de chegar a Adém, se tornou ao porto, e mandou recado ao Principe da embarcação, porque já se tinha visto da fortaleza. Este mesmo dia sobre a tarde teve Dom Paio recado, que apparecia outra embarcação, e mandou Pantaleão da Maia, que a fosse reconhecer de cima de huma guarita alta, donde se affirmou ser galé, e assim o disse ao Principe, que logo mandou metter na naveta do Guazil quarenta espingardeiros. Pouco depois deram duas almadias recado a D. Paio, que appareciam duas galés de Turcos, com o que ficou sobressaltado, mandando pedir ao Principe, que o provesse de gente, como fez, com sincoenta Fartaquins, que mandou embarcar em hum tarranquim, que alli estava, de que fez Capitão Christovão das Neves; e fazendo-se prestes na sua galéota com todos os Portuguezes que mandou recolher, foi buscar a terrada do Guazil pera a recolher ao porto; e chegando a ella a achou mui crespa;

e póstos os Mouros, que eram perto de cento, em armas pera se defenderem das galés, que já viam, e vendo os nossos, deram grandes apupadas de alvoroço. As galés, que eram pequenas, huma vinha a terra a remo, e a outra ao mar á véla. Esta vendo os nossos navios, com muita pressa ferrando do remo se foi chegando pera a outra, que já a hia demandar. D. Paio deo toa á naveta do Guazil, e foi-se sahindo da enxada, e as galeotas o hiam seguindo; o que visto por elle, poz em parecer de todos os Portuguezes se pelejaria com as galeotas, dizendo-lhes, que eram pequenas, e que naquellas tres embarcações que tinham havia muita gente. Os companheiros lhe disseram, que se recolhesse a Adém, que lhe estava entregue, e que defendessem até morrerem todos sobre ella. Com isto se foi D. Paio recolhendo pera a bahia, vindo já as galeotas a tiro de camello.

Recolhido D. Paio, mandou com muita pressa deitar ao mar huma galeota de tres, que estavam varadas de longo da couraça, e a provêo de artilheria, que lhe mandou o Principe, com muitas munições, e a entregou a Christovão das Neves, com os Fartaquins, que lhe o Principe tinha mandado; e ajuntando os Portuguezes todos, lhes disse, que elle sem embargo de tudo determi-

nava de pelejar com as galés , (que foram surgir na enceeda , onde estava a naveta ,) porque pera isso tinha aquellas duas galeotas cheias de muito boa gente , e a naveta do Guazil , que se offereceo pera o acompanhar. A todos pareceo bem , e toda aquella noite se preparáram de pelouros , e polvora , e tanto que amanheceo , tomáram o remo em punho , e foram demandar a enceeda até onde as galés se tinham recolhido ; e antes de chegarem , as víram sahir de dentro com huma galé Real mais , que aquella noite se foi ajuntar a ellas. Vendo D. Paio quão desigual partido ficava tendo , se tornou a recolher pera a bahia.

As galés surgíram fóra da enceeda , onde estiveram sinco , ou seis dias , em que se ajuntáram a ellas mais oito galés mui formosas , e outras quatro galeotas , que tomáram o remo , e passáram de largo por defronte da Cidade , e foram surgir em outra enceeda adiante de Adém , onde havia obrigada dos Levantes , que ventavam rijo , desemmasteando-se , e armando suas tendas , como quem queria estar devagar. Dalli mandou o Baxá , que nellas vinha , recado aos Turcos que estavam na fortaleza , e huma companhia mais de duzentos homens , pera que fossem pôr cerco a Adém , como logo fizeram , tanto que se lhe deo. E partindo del-

la, vieram assentar seu arraial á vista dos muros, commettendo-os por assaltos algumas vezes, achando sempre grande resistencia nos nossos; porque sempre D. Paio mandou assistir Pero Fernandes de Carvalho na estancia do Principe, por não desamparar tudo de todo. O Baxá das galés mandou desembarcar algumas peças de artilheria, pera batarem a Cidade da banda do certão, e entre ellas foi humia, que lançava pelouro de tres palmos e meio de roda, que se affestou em hum morro, que ficava sendo padrao da fortaleza, donde a começou a bater rijamente, lançando-lhe dentro muitos pelouros, de que recebêram assás de damno.

C A P I T U L O . V .

De como D. Paio de Noronha se foi secretamente de Adém: e os Turcos entráram aquella Cidade, e matáram ao Principe, e seus irmãos: e do que aconteceu a D. João de Taide na jornada: e de como os Turcos lhe corrêram.

VENDO o Principe as rijas batarias que lhe davam, e o damno que faziam cada dia de mortos, e feridos, e o medo que todos os naturaes mostravam, se houve por perdido; e mandou pedir a D. Paio, que o quizesse ver, porque tinha muitas cousas

que tratar com elle. D. Paio o fez, indo á estancia em que elle estava. O Principe lhe deo conta de tudo o que passava, pedindo-lhe, que passasse com todos os Portuguezes pera aquellas estancias, e que o ajudasse a defender aquella Cidade, que era de ElRey de Portugal. D. Paio lhe disse que si, e deixou-se ficar aquelle dia com elle, em que os Mouros foram continuando com sua bataria, mettendo aquella peça grossa muitos pelouros dentro na Cidade. D. Paio como a não tinha visto, e vio o estrago que fazia todas as vezes que tirava, houve aquelle negocio por muito arriscado; e dissimulando, tanto que foi sobre a tarde, que a bataria cessou, foi-se elle recolhendo pera a sua embarcação, e escreveu hum escrito a hum soldado, por nome Diogo Vaz, de sua obrigação, em que lhe dizia: » Que tanto que aquelle visse, désse recado em segredo a todos os Portuguezes, pera que depois que anoitecesse se recolhessem aos navios de dous em dous, sem fazerem alvoroço; » o que todos fizeram. Sómente hum Manoel Pereira, que disse que aquella Cidade era de ElRey de Portugal, que a não havia de largar, nem havia por onde, deixando-se ficar no baluarte do filho mais moço de ElRey, onde estavam recolhidos todos os soldados. D. Paio se sahio da bahia de noite

fem o ninguem saber , e dando á véla , se fez na costa do Abexim por se desviar das galés. Ao outro dia foi o Principe avisado de sua ida , o que sentio em estremo ; mas encubrio-o aos seus o melhor que pode , assim por não haver alteração nos naturaes , como por os Turcos o não saberem , (porque só a fama de estarem os Portuguezes naquella Cidade lha fazia inexpugnavel , e accommettiam com desconfianças.) Não deixaram elles de continuar nas suas batarias , em que Manoel Pereira fez cousas de homem de grande animo , esforço , e honra , correndo as estancias , animando a todos , com lhes segurar , que não tardaria muito o soccorro de Goa ; com o que o Principe , e os irmãos já não receavam os inimigos , fazendo tudo o que lhes parecia necessario para defensão daquella Cidade , repairando-a , e reedificando-a o melhor que podiam , pelejando em todos os assaltos mui esforçadamente , não os largando nunca o Manoel Pereira , que era todo o seu conselho , porque nada faziam sem elle.

E certo , que nos faz perder o gosto desta escritura , não sabermos dar a conhecer este Manoel Pereira por patria , e parentes , porque era muito justo ficasse bem conhecido no Mundo ; mas coube-lhe a sorte , e ventura de outros muitos , a quem o descuido

Portuguez, (de que nos não podemos deixar de queixar muitas vezes,) tem sepultado em perpétuo esquecimento.

E não ficará também de todo nelle hum Francisco Vieira, de quem no Capitulo atrás démos razão, que o Principe tinha mandado de Adém a Camphar buscar gente. Este estando-a fazendo naquella Cidade, dando-lhe as novas de como D. Paio se fora de Adém, largando tudo por mão, se embarcou na almadia em que tinha ido, e de noite entrou na bahia por antre as galés, e desembarcou em terra, e foi muito bem recebido na Cidade, dando conta ao Principe, de como deixava alguma gente ordenada para vir apòs. elle, e que não lhe soffrêra o coração esperar por ella; que vinha alli offerecido ao serviço de ElRey de Portugal, e seu. O Principe o estimou muito, e assim elle, e Manoel Pereira fizeram, em quanto durou o cerco, cousas muito notaveis, e dignas de maior galardão, do que ambos tiveram.

Havendo vinte e hum dias que D. Paio se tinha ido de Adém sem os Turcos o saberem, quiz a desventura que fugisse hum dos naturaes da Cidade, e se fosse ao arraial dos Turcos, e sendo levado ao Baxá, lhe disse como os Portuguezes eram idos, e que a Cidade estava com pouca gente, of-

ferecendo-se-lhe pera os metter dentro nella por hum passo mui escuso. Parece que neste negocio não entrou este só, mas havia de ir concertado com algum dos Capitães de alguma estancia; porque esta mesma noite no quarto da modorra foram mettidos na Cidade, e como áquellas horas estavam todos descuidados, arrebetando pelos baluartes, foram matando, e espedaçando a quantos achavam. Sentindo o Principe a grita, e alvoroço, sem saber o que era, tomou as armas, e com os que o seguiram acudio ao baluarte do irmão bastardo, onde a revolta era grande, porque aquelle Infante pelejava com muito valor, e esforço. E acudindo o Principe alli, deo com os Turcos, que vinham recrescendo; e depois de elle, e seu irmão terem bem mostrado seu esforço, e coração, foram este Principe, e seu irmão mortos com todos os seus, não sem damno, e estrago dos Turcos, de que elles por suas mãos derribáram muitos. O irmão mais moço do Principe, com quem estava Manoel Pereira, e Francisco Vieira no seu baluarte, tambem foi entrado de hum número de Turcos, com quem todos tiveram huma muito aspera batalha, fazendo assim o Principe, como os Portuguezes, cousas muito notaveis, sustentando aquelle baluarte até se perderem todos. E vindo-lhes novas que o

Principe era morto, e a Cidade toda entregue nas mãos dos Turcos, tomaram Manoel Pereira, e Francisco Vieira o moço Infante, e se foram sahindo do baluarte, o que então pudéram fazer, assim pelo grande escuro que fazia, como pela confusa revolta que havia em todas as partes, andando já tudo misturado sem se conhecerem uns aos outros, e se sahiram fóra da Cidade com alguns da casa do Principe, e foram caminhando apressadamente pera Camphar. Os Turcos andáram pela Cidade fazendo tamanhas cruezas, que foi espanto, não dando vida a cousa alguma que a tivesse, tornando a ficar senhores della como dantes.

D. João de Taíde, que deixámos partido de Baçaim com os tres navios, foi seguindo sua viagem atravessando de largo, e em poucos dias foi haver vista da costa de Arabia, e de longo della foi demandar a Cidade de Adém, cuidando achar nella Dom Paio, porque não tomou falla por toda aquella costa do que lá hia. E entrando a bahia a remo, foram dar de rosto com as galés, que estavam dentro bem chegadas ao baluarte que faz a bahia, e não se embarçando em cousa alguma, tornáram a voltar pera fóra largando as vélas, porque ventava ainda o levante rijo. Os Turcos em ven-

do os navios leváram ancora com muita pressa, e sahiram apôs elles tão apressados, que antes de terem andado huma legua os alcançaram. Gomes da Silva, e Antonio da Veiga, que lhe ficáram mais perto, vendo-se debaixo dos esporões das galés, como hiam cozidos com a terra, houveram por melhor partido vararem nella, e salvar suas pessoas, como fizeram. D. João de Taide, que levava melhor navio, foi mettendo de ló tudo o que pode, escapando algumas vezes debaixo dos esporões de tres galés que o seguiam, ajudando-se da véla, e do remo, animando os marinheiros, e dando-lhes muito dinheiro; e quiz sua boa fortuna que sobreveio a noite, e tanto que o ar escureceo, fazendo-se em outro bordo, foi correndo pera a costa do Abexim, e em poucos dias foi tomar o Ilheo de Mete na costa de Barborá, e Zeilá. Alli varou o navio, e o espalmou, e o alimpou, dando huma larga folga aos marinheiros do trabalho passado.

A gente dos dous navios que varáram em terra, foram de longo do mar pera Camphar, onde acháram Manoel Pereira, e Francisco Vieira, que tinham chegado com o Infante, que já estava jurado por Rey, que os mandou agazalhar mui bem, e dar-lhes todo o necessario.

E tornando a D. Paio , tanto que se sahio de Adém , foi demandando a costa do Abexim , e della tornou a voltar pera ir esperar a Caxém recado da India. E correndo a costa da Arabia , tomou por ella falla , e soube ficar já a Cidade de Adém em poder dos Turcos , e o Principe , e todos mortos ; e indo demandar Caxém , antes de lá chegar encontrou com dous navios , que D. Manoel de Lima , Capitão de Ormuz , lhe mandava de soccorro ; de que eram Capitães Aleixos de Carvalho , e Braz Cortez , que levavam gente , mantimentos , e munições , e vendo-se com elles lhes deo conta do que passava , e de como tinha por novas , que a Cidade de Adém era perdida , o que elles muito sentiram , ainda que o não puderam crer , dizendo-lhes Aleixos de Carvalho , que elle havia de passar a Adém , e saber a certeza do que lá hia , pois elle não tinha outra , que a que lhe deo a gente da terra. D. Paio o quiz tirar disso , mas não pode , pelo que lhe foi forçado tornar a voltar com elles. E chegando a Xaél , querendo entrar no porto a saber novas , lhes atiraram da fortaleza (que tinham os Fartaquins tomada a ElRey de Caxém nosso amigo) tantas bombardadas , que os houveram de metter no fundo. E sahindo-se pera fóra , tomando conselho , assentaram ir

esperar recado da India aos Ilheos de Canecanim, (porque por huma terrada que acharam de Caxém souberam como os Turcos estavam em Adém,) e assim os foram demandar, e alli se deixáram ficar.

D. João de Taíde tanto que espalmou, e alimpou o seu navio, determinou de ir esperar na costa de Caxém a D. Alvaro de Castro, que não podia tardar muito, e dando á véla com os Ponentes, se foi affastando de Adém, e depois foi demandar a terra; e chegando aos Ilheos de Canecanim, achou D. Paio de Noronha com os outros navios, e d'elle souberam o que lhe tinha succedido com as galés, e assentáram de esperar alli a Armada, como fizeram, tendo grande vigia no mar.

C A P I T U L O VI.

De como D. Alvaro de Castro chegou aos Ilheos de Canecanim, onde soube a perda da Cidade de Adém: e de como foi sobre a fortaleza de Caxém, e a tomou.

PArtido D. Alvaro de Castro de Baçaim, logo o Governador D. João de Castro o fez tambem pera Goa, pera acudir ás cousas do Sul, e pera de mais perto continuar na guerra do Idalxá, dando despacho a todas as cousas daquellas fortalezas do Nor-

te, deixando na enxada de Cambaya com huina boa Armada D. Jorge Baroche, e escusando-se de tudo o mais, deo á véla pera Goa já em Abril. Chegado áquella Cidade, começou logo a entender no despacho das cousas do Sul, aviando pera ir entrar em Malaca D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante D. Vasco da Gama, por acabar Simão de Mello, que lá estava, seu tempo. E pela mesma maneira despachou Duarte de Miranda Capitão da carreira de Maluco, que foi embarcado no galeão Bufara, carregado de gente, provimentos, roupas, mantimentos, e munições, e de caixões cheios de esquipações feitas, convem a saber, calções, chapeos, çapatos, pera lá se repartirem pelos soldados; porque neste tempo tinham os Governadores tanta conta com elles, que até os vestidos feitos lhes mandavam, o que tudo se lhes dava; e como chegava o galeão da carreira, mandava o Capitão chamar a todos, e repartia por elles tudo, e com isso lhes pagava seus quartéis, e mantimentos. O que tudo se mudou, porque todas as cousas boas acabam depressa, e as más nunca.

Despedidos estes Capitães, ficou o Governador desaffogado pera proseguir na guerra do Idalxá, mandando dobrar as fustas, e manchuas, que andavam nos rios, que fi-

zeram grandes destruições em suas aldêas. E porque he razão que continuemos com Dom Alvaro de Castro, deixaremos por ora tudo o mais até seu tempo.

Partido de Baçaim, como temos dito no Cap. IV. deste VI. Liv. com toda sua Armada junta, como levava os levantes em poppa, foi em poucos dias haver vista da costa de Arabia, e sem tomar porto algum, foi de longo della demandar a Cidade de Adém. Chegando aos Ilheos de Canecanim, lhe sahiram os nossos navios, de quem soube tudo o que era succedido, assim da perda de Adém, como das galés que corrêram a D. João de Taíde. Isto sentio D. Alvaro de Castro em estremo, porque bem entendo que fora tudo pelo grande descuido, e pouco discurso de D. Paio de Noronha. O Embaixador, e cunhado do Rey velho morto de Adém, que hia embarcado com D. Antonio de Noronha, se foi ao navio do Capitão mór muito triste, e desconfolado pelas ruins novas que tinha ouvido. Dom Alvaro de Castro trabalhou pelo consolar, mas não pode elle: pedio que mandasse algum navio a Camphar a saber a certeza daquellas novas dos Portuguezes, que lá diziam que estavam, porque elle as não podia crer. O Capitão mór lhe pareceo bem, e despedio logo D. João de Taíde pera ir

lá a saber o que era passado , e a recolher a gente das fustas de sua companhia , que já sabiam que lá estava.

D. João de Taíde chegou a Camphar , e os Portuguezes o foram receber á praia com grande alvoroço , e delles soube toda a verdade , e em sua companhia foi visitar ElRey , que lhe fez muitas honras , e lhe contou por extenso tudo o que era passado , e de como depois de D. Paio se fahir de Adém , se sustentára vinte e hum dias , pelo esforço , e animo de Manoel Pereira , e Francisco Vieira , e de como elles o livraram , e por elles estava naquelle seu Estado. Dom João de Taíde sentio muito as novas , e pedindo licença a ElRey pera levar todos os Portuguezes , Iha deo , e hum tarranquim pera irem , porque não cabiam todos na fusta , e com elles voltou pera o Capitão mór. D. Alvaro de Castro recebeu aquelles perdidos com muitos gazalhados , e de Manoel Pereira , e Francisco Vieira soube muito particularmente todas as novas , de que ficou muito anojado , por se perder huma cousa tamanha por culpa de hum Fidalgo tão honrado.

O Embaixador cunhado de ElRey de Camphar , certificado da morte de seu cunhado , e de seus filhos , ficou em tão grande extremo desconsolado , que pediu ao Ca-

pitão mór, que lhe dêsse licença pera se ir pera Camphar, já que fora tão mofo, que foi seu trabalho de balde. D. Alvaro teve com elle muitas palavras de cumprimentos, e lhe deo algumas peffas, assim pera elle, como pera ElRey seu sobrinho, dizendo-lhe, que se consolasse, porque ElRey seu cunhado, e seus sobrinhos morrêram como muito bons cavalleiros em defensão do seu Reyno; que quem morria tão honradamente, mais se lhe devia ter inveja, que mágoa. A isto respondeo o Mouro, (que era muito avisado,) que antes essa era a dor que levava, de ver morrer em serviço de ElRey de Portugal hum cunhado, e dous sobrinhos, e muitos parentes, e hum Capitão Portuguez não querer fazer outro tanto por serviço, e honra de seu Rey; com isto se despedio d'elle. D. Alvaro sentio muito aquellas palavras, pelo que tocava ao crédito, e honra dos Portuguezes, e muito mais as devia pera bem de sentir D. Paio de Noronha, diante de quem as elle disse.

Despedido o Embaixador pera Camphar, poz o Capitão mór em conselho o que faria, e por todos os Capitães se assentou, que no negocio de Adém não havia que fazer, e que já que ficava de vago, deviam de ir favorecer ElRey de Caxém, e restituir-lhe a fortaleza de Xaél, assim pelo ma-

dar o Governador , como pera castigarem os Fartaquins que nella estavam , por esbombardearem os nossos navios , quando no seu porto entráram , como dissemos no Capitulo atrás. Assentado isto , deo D. Alvaro de Castro á véla pera Xael , onde chegou na entrada de Abril , e entrou dentro com todos os navios , sem da fortaleza lhe atirarem bombardada alguma , e logo desembarcou em terra com toda a gente , e mandou ordenar algumas escadas dos destures dos navios pera commetterem a subida.

A fortaleza de Xael era hum Castello pequeno de adobes com quatro cubellos , e tudo tão estreito , que bastava pera o guardar , e defender trinta e sinco Fartaquins , porque não tinha mais dentro em si. O Capitão delles vendo desembarcar os nossos , lançou fóra huma mulher velha , que sabia fallar Portuguez , por quem mandou perguntar ao Capitão , que era o que queria , que elle era servidor de ElRey de Portugal ; e se queria aquelle Castello , que logo lho entregaria , e que se iriam com suas pessoas , e armas. D. Alvaro de Castro ouviu a velha , perante os Capitães , e houve alguns de parecer , que lhe haviam de acceitar a fortaleza assim como a offereciam , pois della não queriam mais , que entregalla a ElRey de Caxém ; mas os mais differam , que se en-

tregassem todos os que nella estavam á mercê do Capitão mór. Ao que a velha disse, que os Fartaquins não eram homens que se entregassem assim. E tornando-se pera a fortaleza, disse de fóra o que se tinha assentado. A isto respondêram os de dentro: *Que chamais entregar á mercê?* E deitando fóra algumas bandeiras, começaram a atirar algumas bombardadas, de que matáram alguns, e feríram muitos. D. Alvaro abalou com todo o poder, e rodou a fortaleza, arrimando logo algumas escadas, por onde os nossos começaram a subir, franqueando-lhes os outros o muro com a arcabuzaria, que era tanta, que não ousáram os Fartaquins a apparecer. Fernão Peres foi o primeiro que começou a subir por huma escada, levando o seu guião diante, e a poder de golpes o poz em cima do muro. Por outra parte tambem subio Pero Botelho quasi ao mesmo tempo, e diante d'elle o seu guião, que levava hum Reynol, de hum pelote preto comprido, mui valente homem, que subio ao muro, e com huma mão sustentou o guião, e com a outra pelejou valorosamente, e tudo se notava debaixo mui bem. Como elles dous Capitães foram em cima, e ganháram aquella parte, ficou logo franca pera subirem todos.

Antonio Moniz Barreto, D. Antonio de Noronha, D. João de Taíde, e outros Ca-

pitães foram demandar a porta, levando os seus soldados destures pera vaivens; e indo Antonio Moniz Barreto diante, deo em huma trapeira, que estava cuberta, onde se escavrou todo de mãos, e rosto, e todavia levantando-se foi seguindo os mais que chegaram á porta, e a começaram a arrombar. Os nossos, que já estavam em cima do muro, foram accurrando os Fartaquins em dous cubellos, onde se fizeram fortes, e se defendêram valorosamente. Alguns dos nossos descêram abaixo pera abrirem as portas aos que estavam de fóra, e as acháram por dentro entulhadas com fardos de tamaras, de que estavam tão macissas, que não davam de si nada aos vaivens; e desentulhando-as, as abriram, e entráram todos, e subidos aos muros, acháram os Fartaquins, que se defendiam nos cubellos, que estavam cercados dos nossos, pelejando como leões bravos, e algumas vezes sahiam fóra a dar nos nossos, ferindo-os bravamente, sem receio de morte, nem de feridas, que todos traziam. De huma vez sahio hum valente Fartaquim de hum destes cubellos, por se ver apertado dos de fóra, e remetteo com Gomes Ferreira, homem Fidalgo, mui bom cavalleiro, que era o que mais o perseguia, e ferrando com elle, o levou nos braços; e como era mui forte, e membrudo, deo com elle no chão,

46 ASIA DE DIOGO DE COUTO

e o levou debaixo; mas Belchior Rabello, que estava perto d'elle, se lançou logo sobre o Mouro, e ás adagadas o matou, ficando ferido em huma mão. Em fim, a referta foi grande, e os Fartaquins com serem tão poucos, pelejaram esforçadamente; mas como o número era tão desigual, foram entrados nos cubellos, e mortos todos á espada, custando esta cavalgada sinco dos nossos, que ficáram mortos, e mais de quarenta feridos de espingardadas.

Despejada a fortaleza, a entregou Dom Alvaro ao Embaixador de ElRey de Caxém, mandando curar os feridos, em que havia alguns perigosos, que o mesmo dia embarcou na fusta de D. Paio, e o mandou pera Goa, pera ir dar conta ao Governador do que era succedido. D. Alvaro se vio com ElRey de Caxém; e porque era o tempo gastado, não se deteve com elle muito, e se fez á véla já em oito de Abril. D. Paio chegou a Goa com os doentes, e deo as cartas de D. Alvaro de Castro ao Governador; e sabendo por ellas o que passava, ficou mui magoado, e despedio Dom Paio sem o querer ouvir, mandando desembarcar os doentes para o Hospital, onde logo os foi visitar, levando dinheiro na algibeira, que repartio por todos, encomendando muito sua cura.

Certo, que antre as virtudes que este Fidalgo tinha, que eram muitas, a que mais resplandecia nelle era a da caridade pera com os soldados da India, porque os não tratava senão como se foram todos seus filhos. As novas de Adém corrêram logo por Goa, ficando D. Paio tão defacreditado com todos, que era vergonha; e assim teve ElRey com elle tão pouca conta, que nunca o despachou, senão depois de velho, e casado, e em quanto viveo ficou com este labéo; porque ainda que estas cousas de si não são pera esquecer, na India andam sempre mais vivas na memoria dos homens, que em toda a outra parte, tanto, que sendo este Fidalgo já velho, passou pela sua rua hum Cidadão rico, e honrado, e achou á sua porta chorando huma moça, e perguntando-lhe de que se queixava, lhe respondeo a moça, que em casa de D. Paio lhe tomáram os seus meços huma gallinha, e que lha não queriam dar. Ao que o Cidadão lhe disse: *Calla-te, filha, não te mates, se fora Adém, largáram-ta; mas gallinha, não ta bão de dar.*

D. Alvaro chegou alguns dias depois de D. Paio, e o Governador lhe fez hum grande recebimento. E porque sabiam todos quanto folgava o Governador de lhe engrandecerem o negocio de Xaél, não se fallava em

Goa em outra cousa , sendo ella em si tão pequena como temos dito. E porque sobre isso aconteceu huma galanteria , que disse hum Cortezão , não deixaremos de a contar.

Tinha o Bispo D. João de Albuquerque hum Clerigo avisado , e de ditos , com que elle folgava de praticar , e a quem fazia muitas perguntas por esta maneira. Qual he a cousa , que de amarga se faz doce , e a que de grande se faz pequena , e a que de pequena se faz grande ? Ao que o Padre lhe respondeu mui apressado : Que a cousa que de amarga se faz doce , foram as bombardas de maçapães , com que recebêram o Governador D. João de Castro , quando veio de Dio. E a cousa que de grande se faz pequena , foi a tomada de Baroche ; porque a tomou D. Jorge de Menezes. E a que de pequena se faz grande , foi Xaél , porque a tomou o filho do Governador. O Bispo festejou muito a resposta , e a galanteria do aludir ; mas todavia ambas estas cousas foram muito boas , e muito dignas de louvar.

CAPITULO VII.

Da Armada de Lourenço Pires de Tavora, que chegou ao Reyno com as novas da victoria de Dio: e das náos que ElRey despedio em Outubro: e das honras, e mercês que mandou ao Governador D. João de Castro.

Lourenço Pires de Tavora, Capitão mór da Armada que partio da India, teve tão prospera viagem, que chegou ao Reyno com todas as suas náos juntas, e surgio na barra de Lisboa, onde ElRey estava, que já tinha sabido as novas da victoria de Dio, por cartas que da Ilha Terceira lhe mandáram, por huma caravela que foi diante alguns dias. Tanto que ElRey soube das náos, mandou desembarcar o Capitão mór, a quem acudíram todos os Grandes, e Fidalgos da Corte, que o acompanháram até o Paço, onde elle entrou, levando sempre pela mão Rax Nordim, filho do Guazil de Ormuz. ElRey os recebeu mui bem; e sabendo do Capitão mór as cousas do cerco, e da victoria mais particularmente, ordenou de festejar ao outro dia as boas novas, como fez, vestindo-se elle, e os Infantes, e toda a Corte de festa, e houve hum solemne Officio, e Missa em Pontifical, e hum

Couto. Tom. III. P. II.

D N MPRENSA
N ONAL dou-

douto, e grande Sermão em louvor daquelle espantosa vitoria, em que se tratou da prudencia, presteza, e esforço do Governador D. João de Castro, em que todos os que se acháram naquelle negocio tiveram mui grande quinhão, principalmente os mortos, affirmando que eram dignos de serem nomeados por Martyres, pois morrêram pela Fé de Christo. ElRey escreveu logo ao Summo Pontifice, e a todos os Reys Christãos, a mercê que lhe Deos fizera na grande vitoria, que o seu Governador da India alcançára dos Capitães do Rey de Cambaya, do que todos lhe mandáram os parabens. Não se fallava em toda a Europa n'outra cousa, senão naquelle temeroso cerco de Dio, e na grande vitoria, que os Portuguezes alcançáram do mais poderoso Rey de todo o Oriente, cuja memoria durou por muitos tempos.

ElRey D. João, depois que assim por informação de Lourenço Pires de Tavora, como pelas cartas do Governador, soube o estado em que a India ficava, e que as couças de Cambaya ficavam ainda prehes, quiz acudir a ellas com muita pressa, mandando negociar seis náos pera lhe mandar de socorro, fazendo chamamento de gente por todo o Reyno, que acudio toda a que se houve mister.

E porque se não pode dar expediente a todas as seis náos juntas, despedio ElRey tres, que fez á véla o primeiro de Novembro, dia de Todos os Santos, de que deo a Capitanía mór a Martim Correa da Silva, a quem fez mercê da fortaleza de Dio. Os outros dous Capitães eram Antonio Pereira, e Christovão de Sá. E querendo ElRey gratificar ao Governador D. João de Castro os grandes serviços que lhe tinha feito, e o grande zelo com que arriscou seus filhos na força do Inverno, e a morte de seu filho D. Fernando de Castro, lhe mandou mais tres annos da governança da India, com titulo de Viso-Rey, e lhe fez mercê de dez mil cruzados pera ajuda de pagar suas dividas, que tomaria nos direitos da Alfandega. E a seu filho D. Alvaro de Castro mandou o cargo de Capitão mór do mar da India, com o ordenado que teve Martim Affonso de Sousa, e lhe fez mercê mais de dous mil cruzados pera ajuda de custo; e a todos os Fidalgos que se acháram no cerco, e na batalha escreveu cartas mui honrosas, e lhes mandou honras, e mercês, tendo tanta conta com todos, que nenhum ficou queixoso.

Partidas estas náos, mandou ElRey dar muita pressa ás outras tres, de que deo a Capitanía mór a Francisco Barreto, fazendo-

lhe mercê da fortaleza de Baçaim, a quem despachou, e fez á véla entrada de Dezembro. Os Capitães de sua companhia eram D. Heitor Aranha, Fidalgo casado em Evora com humna D. Maria Caroché, e Pero de Mesquita, que ElRey despachou com a Capitania do galeão da carreira de Maluco. Todas estas náos foram seguindo sua derrota; e porque estas da conserva de Francisco Barreto partíram mais tarde, quando tomáram Moçambique foi a tempo, que affirmáram os Pilotos, que o não poderiam já passar á India, pelo que ficáram alli invernando.

Martim Correa da Silva foi seguindo sua viagem até se apartarem as náos de sua conserva com alguns temporaes que lhes deram, e em Moçambique se tornáram ajuntar, donde partíram meado Março, e acháram na linha muitas calmarias, pelo que se detiveram muito. A náo de Antonio Pereira, depois de passar a linha, se foi encostando a Sacotorá, onde as correntes o leváram, e por aquella paragem gastou todo o mez de Abril. E vendo que era tarde pera ir demandar a barra de Goa, se fez na volta de Ormuz pera ir lá invernar, onde chegou por fim de Maio, e D. Manoel de Lima festejou muito sua chegada. Antonio Pereira lhe deu as cartas de ElRey, que liam cheias

de grandes agradecimentos de seus serviços. Esta não invernou naquelle porto, e não sabemos se tornou pera o Reyno, ou se ficou na India.

Martim Correa da Silva, e Christovão de Sá, passadas as calmarias, foram seguindo sua derrota, e indo demandar a costa da India, lhes deram algumas trovoadas, com que Martim Correa da Silva foi desgarrando, e sem poder ferrar a barra de Goa, foi tomar Angediva, onde se recolheu pera invernar, despedindo dalli recado ao Governador, pera que o mandasse prover de amarras, e de todo o mais necessario, e pera que mandasse buscar os doentes, que trazia muitos. Christovão de Sá, soube-se o seu Piloto marear melhor; porque tanto que tomou fundo na costa da India, foi mettendo de ló pera se pôr a balravento de Goa, como fez, e foi haver vista da terra por Carapatão, e dalli foi demandar a barra de Goa, onde surgio quasi no mesmo tempo, que Martim Correa da Silva tomou Angediva. O Governador tanto que lhe deram novas da náó do Reyno na barra, mandou com muita pressa muitos navios pera a descarregarem, e metterem dentro, e desembarcar Christovão de Sá, que recebeu com muitos gazalhados, e lhe deo a via de El Rey, que o Governador abriu, e achou as

Provisões, e Alvarás das honras, e mercês que lhe fazia a elle, e a seu filho, o que estimou muito, por ver que tinha ElRey conta com seus serviços. E ainda houve por mór mercê a carta, que lhe escreveu de satisfações delles; e não estimou menos a carta que o Infante D. Luiz lhe escrevia, porque era Principe que elle muito amava pelas obrigações que lhe tinha, porque elle foi o que o poz naquelle Estado, e o que solicitou com ElRey todas suas cousas.

E porque ambas são substanciaes, nos pareceo bem irem aqui insertas, pera a todo tempo se saber como os Reys de Portugal tratavam os vassallos que o serviam; e para que os Viso-Reys, e Governadores da India vejam quanto os Reys estimam escreverem-lhes os merecimentos dos homens na verdade, sem odio, nem afeição, e não formarem em alguns desmerecimentos, que pela ventura não tiveram, só por paixão, e pera os homizarem com o Rey, como alguns fizeram. E tambem foi necessario irem aqui as cópias destas cartas por honra deste bom Governador, pera que todos saibam quão bem tomou ElRey a batalha que deo aos Capitães de ElRey de Cambaya, porque não faltáram calumniadores, que attribuíram aquelle commettimento mais a doudice, que a prudencia, e esforço.

CAPITULO VIII.

Que contém a cópia das cartas, que ElRey D. João, e o Infante D. Luiz seu irmão escreveram ao Viso-Rey Dom João de Castro.

CARTA DE ELREY.

» V Iso-Rey amigo, eu ElRey vos en-
 » vio muito saudar. A vitoria que nos-
 » so Senhor vos deo contra os Capitães de
 » ElRey de Cambaya, foi de grande con-
 » tentamento para mim, como he razão que
 » eu tivesse por tal, e tamanho vencimen-
 » to, e por quão grandes mercês, e ajudas
 » nisso recebestes de nosso Senhor; pelo que
 » elle seja louvado. Muito se deve á vossa
 » prudencia, e grande animo, que naquelle
 » dia mostrastes, e assim no que fizestes no
 » grande, e apressado soccorro que mandas-
 » tes á fortaleza de Dio em tão desvairado
 » tempo, offerecendo o amor de vossos fi-
 » lhos, em que se vio bem, quanto mais
 » pode comvosco o que importava a meu
 » serviço, que o effeito natural de pai, o
 » que eu assim estimo como he razão; ven-
 » do que não tão sómente desbaratastes tão
 » grande poder de inimigos, mas ainda des-
 » tes segurança a toda a India no grande

56 ASIA DE DIOGO DE COUTO

» receio que aos inimigos della fica com ef-
» ta tão grande vitoria; e todos estes servi-
» ços que me fizestes, he razão que eu te-
» nha na conta que elles merecem.

» Do falecimento de vosso filho D. Fer-
» nando de Castro recebi muito grande def-
» prazer, e assim por elle ser vosso filho,
» como porque hia bem mostrando naquella
» idade qual houvera de ser em toda a ou-
» tra; e pois acabou tão honradamente, e
» em tão grande serviço de nosso Senhor, e
» meu, deveis de sentir menos sua perda, e
» dar graças a nosso Senhor, por como foi
» servido que acabasse, o que sei que vós
» fizestes, mostrando ainda no esquecimento
» de sua morte a lembrança do que com-
» pria a meu serviço. Destas cousas todas eu
» serei sempre lembrado, e não sómente vo-
» las conhecerei no grande contentamento
» dellas, mas ainda com muitas mercês, a
» que agora quiz dar principio nessas que
» vos faço a vós, e a vosso filho D. Alvaro
» de Castro, guardando o remate dellas pe-
» ra o cabo de vossos serviços, que eu con-
» fio, e tenho por muito certo, que seram
» taes, quaes foram os que até agora me
» tendes feitos. E com esta confiança, e com
» a experiencia que disso tenho, desejando
» muito neste tempo de vos fazer em tudo
» mercê, considerando quanto isto compria

» a meu serviço, e vendo por vossas obras
 » quanta mais conta tinheis com elle, que
 » com todas vossas cousas, houve por bem
 » de vos não dar a licença pera vos virdes,
 » como me pedís: pelo que vos encommen-
 » do muito, e mando, que o hajais assim
 » por bem, e que nesse cargo me queirais
 » ainda servir outros tres annos, e no fim
 » delles vos mandarei licença pera vos vir-
 » des embora; e eu espero em Deos nosso
 » Senhor, que vos dê muito boa disposição
 » pera o fazerdes. E porém se por sima do
 » que tanto cumpre a meu serviço, como
 » he ficardes ainda servindo-me nessas par-
 » tes, vos a vós parecer que tendes toda-
 » via necessidade de vos virdes, folgarei de
 » mo escreverdes, e entre tanto esperareis
 » por minha resposta. Pero de Alcaçova Se-
 » cretario a fez em Lisboa a 20. de Outu-
 » bro de 1547.

CARTA DO INFANTE D. LUIZ.

» **H** Onrado Viso-Rey. Recebi vossa car-
 » ta, que veio nesta Armada de Lou-
 » renço Pires de Tavora, em que dizeis, que
 » recebestes a minha, que por Luiz Figuei-
 » ra vos mandei; e agradeço-vos muito di-
 » zerdes-me, que vos parecêram bem as lem-
 » branças que vos fazia, e muito mais o por-

» de-las em obra : e abastava pera o eu crer
 » que sería assim , ainda que vos eu não co-
 » nhecêra , ouvir o que lá fazeis , e ver quão
 » á boca cheia me escreveis vossos trabalhos ,
 » pobreza , e abstinencia , cousas com que se
 » vence o diabo , o Mundo , e a carne , que
 » nessas partes da India tem tanto poder , o
 » que he maior vitoria , que a de ElRey de
 » Cambaya , nem ainda de todo o poder do
 » Turco. Pelo que em quanto viverdes , não
 » deveis de temer cousa alguma , mas antes
 » esperai em nosso Senhor , que vos ajudará ,
 » como agora fez na defensão , e batalha de
 » Dio. Em cuja vitoria vós tendes muito que
 » lhe louvar , pois vos fez instrumento de tan-
 » to serviço seu , e de ElRey meu Senhor ,
 » e de tanta honra vossa , e de todos os Por-
 » tuguezes , assim dos que se acháram con-
 » vosco , como dos que estiveram ausentes.
 » E certo , que vós tendes feito nesta jorna-
 » da , des do primeiro dia que tivestes no-
 » vas do cerco de Dio , até o dia de vossa ,
 » e nossa vitoria , tudo o que entendo que
 » hum valoroso , e astuto Capitão podia fa-
 » zer , assim na presteza dos soccorros , co-
 » mo em pordes vossos filhos por balifas da
 » fortuna , e perigos do inverno , e mares
 » da India , pera que os outros os tivessem
 » em menos ; no que se mostra bem claro ,
 » quanto mais parte tem em vós o serviço

» de ElRey meu Senhor , e obrigação de
 » vosso cargo , que os effeitos naturaes de
 » pai , que são os que mais forçãõ a natu-
 » reza ; e no soffrimento que mostrastes na
 » morte de D. Fernando de Castro vosso fi-
 » lho , se confirma bem esta opinião : e cer-
 » to , que eu o senti por mim , e por vós , e
 » o houve por mui grande perda , por quão
 » certos sinaes se nelle viam de seu grande
 » esforço , e creio que nisto lho quiz Deos
 » pagar com o tirar de vida tão trabalho-
 » sa , por meio tão honrado , e de tanta glo-
 » ria sua , que deve de ser grande causa de
 » vossa consolação.

» D. Alvaro de Castro vosso filho não
 » empregou mal sua jornada , pois com tan-
 » tos trabalhos , e perigos soccorreo a for-
 » taleza de Dio , a tempo que sua chegada
 » foi por então o remedio della ; e de co-
 » mo se nisso houve , e no dar nas estancias
 » dos inimigos , e em tudo o mais , lhe lan-
 » ço muitas bençãos por vossa parte , e mi-
 » nha.

» E tornando a vossa determinação de
 » aventurardes vossa pessoa , e o Estado da
 » India , por soccorrerdes Dio , foi mui
 » boa , pois de o não fazerdes estava tanto
 » mais aventurado : e o chegardes a Dio ,
 » e ordenardes vossa desembarcação , e man-
 » dardes que os navios commettessem a ter-

» ra , ao tempo que haviéis de dar a bata-
 » lha , e o modo do commetter que niffo
 » tivestes , tudo me pareceo digno de agora ,
 » e sempre darmos muitas graças a Deos
 » nosso Senhor , e de Sua Alteza vos fazer
 » muitas mercês , a que agora dá principio ;
 » como vereis ácerca de vós , e de voffo fi-
 » lho , e assim o deve fazer , e fará aos Fi-
 » dalgos , e Cavalleiros , que nessa jornada
 » comvosco o servíram , em especial a Dom
 » João Mascarenhas , que se houve no pezo
 » desse cerco como honrado Capitão , e es-
 » forçado cavalleiro. Folguei muito de ver
 » o modo que tivestes no escrever a S. A.
 » sobre os serviços que os Fidalgos , e Ca-
 » valleiros , que nestas partes andam , lhe fi-
 » zeram no negocio de Dio , no que se vio
 » que tinheis com seus trabalhos conta : if-
 » to fazei sempre por amor de mim , e fol-
 » gai de louvar os homiens , porque já que
 » está certo não faltar quem diga delles os
 » males , (que haveis de castigar , os que nel-
 » les sentirdes ,) razão he tambem que os
 » bons os alevanteis , pera que os que lá não
 » puderdes galardoar , Sua Alteza por vossa
 » informação o faça.

» Eu fallei sobre vossa vinda , como me
 » escrevestes , que me elle não concedeo ,
 » e me deo pera isso duas razões , que a meu
 » parecer , ainda que vós tenhais muitas pe-

» ra vos desejares de vir, Sua Alteza tem
 » muitas mais pera vos mandar rogar, que
 » o sirvais nesse governo outros tres annos;
 » o que haveis de folgar de fazer por ser-
 » virdes a nosso Senhor, pela grande mer-
 » cê que vos tem feito, e a Sua Alteza pela
 » confiança que de vós tem, e contentamen-
 » to de vosso serviço. E confiai em Deos,
 » que vos dará forças pera poderdes com os
 » grandes trabalhos, e desordens da India.
 » E eu espero nelle, que fazendo-o vós af-
 » sim, venhais encher estes picos da serra de
 » Cintra, de Ermidas de vossas vitorias, e
 » que as visiteis, e logreis com muito des-
 » canço vosso. Nas cousas particulares vos
 » não fallo, porque ElRey meu Senhor vos
 » escreve o que ha por seu serviço, em re-
 » sposta da carta geral, que lhe escrevestes,
 » que vinha em muito bom estilo, e em mui-
 » to boa ordem. Escrita em Lisboa a 22. de
 » Outubro de 1547.

CAPITULO IX.

De como o Viso-Rey D. João de Castro adoeceo: e de huma notavel falla que fez aos Officiaes de ElRey sobre sua pobreza: e de como faleceo: e em que tempo: e das partes, e qualidades de sua pessoa.

O Viso-Rey D. João de Castro (de cujo titulo logo começou a usar) despedio com muita pressa as cartas de ElRey pera Dio aos Fidalgos que lá ficavam invernando, e pera os Capitães de Chaul, e Baçaim, porque a todos ElRey escreveo; e o mesmo fez pera Cananor, e Cochim. E logo teve o Viso-Rey recado de Martim Correa da Silva. E sabendo estar em Angediva, despedio apressadamente alguns navios de remo, com todas as cousas que Martim Correa lhe pedia, e muitas esquipações novas, e conservas pera os doentes, que mandava trazer, e muito dinheiro, e provimentos pera toda a mais gente, que havia de ficar invernando na náó, pera se lhe pagarem seus quartéis, e darem seus mantimentos. Estes navios voltáram logo, e por elles mandou Martim Correa da Silva as vias de ElRey, e os doentes todos, que foram levados ao Hospital, onde foram mui bem curados. O Viso-Rey se pagou de dez mil cruzados,

de que lhe ElRey fez mercê, que logo pagou a pessoas que lhos tinham emprestado pera as despezas das jornadas que fez.

Andava o Viso-Rey neste tempo achacoso, triste, e melancolizado, e com huns fastios de tudo; porque na verdade depois da morte de seu filho D. Fernando nunca mais o víram sem achaques; e sobre isso era homem, que tratava mal sua pessoa nos regalos della, porque o seu comer foi sempre muito moderado, e o seu dormir pouco, e os trabalhos que tinha levados na guerra, foram muitos, e muito grandes, e em fim todas estas cousas o traziam mui fraco, e debilitado. E sobre tudo lhe deram humas febres, de que logo cahio em cama, com ruim opinião dellas, e elle se sentio de feição, que bem vio que não estava pera entender em cousa alguma. Pelo que entregou o governo ao Bispo D. João de Albuquerque, e ordenou-lhe por Coadjuutores o Capitão da Cidade D. Diogo de Almeida Freire, e o Doutor Francisco Toscano, Chanceler do Estado, e Bastião Lopes Lobato, Ouvidor Geral, e Ruy Gonçalves de Caminha, Veador da Fazenda, sobre quem descarregou todas as cousas do Estado, porque se recolheo com seu Confessor pera tratar só de sua alma.

E porque estava tão pobre, que não ha-

via em sua casa dinheiro com que se corresse com as despesas de sua enfermidade, e com o ordinario de seus criados, e elle não se queria individuar, nem pedir já aos homens emprestimo, fez hum dia chamamento de todos os Deputados, e de outros Prelados, e pessoas doutas, e religiosas, como foram o Padre Mestre Pedro, Vigario Geral da India, Fr. Antonio do Casal, Custodio de S. Francisco, o Padre M. Francisco, da Companhia de Jesus, e os Officiaes da Fazenda de ElRey. E tendo todos presentes, assim deitado em sua cama, já fraco, e debilitado, lhes fez esta breve falla:

Falla do Viso-Rey.

» **M** Andei-vos, Senhores, chamar pe-
 » ra vos dizer o estado, e necessida-
 » des a que sou chegado, que não houve
 » hoje nesta casa dinheiro com que se com-
 » prasse huma gallinha pera minha pessoa;
 » porque fiquei tão despezo, e individado
 » pelos grandes gastos, que fiz estes dous an-
 » nos nas guerras passadas, que até dos meus
 » ordenados estou pago adiantado até quin-
 » ze de Setembro que vem: e confesso-vos,
 » que não ousei a pedir dinheiro empresta-
 » do a pessoa alguma pera mim, como nun-
 » ca fiz, porque o houve por mui grande

» inconveniente pera o homem que está nes-
 » te cargo, porque lhe convem que esteja li-
 » vre, e isento com os homens, pera fazer
 » justiça direita a todos. E pois não tenho
 » outro remedio, peço aos Veadores da Fa-
 » zenda, e Officiaes de ElRey, que aqui
 » estão, que estes quatro mezes, que ha da-
 » qui até virem as náos do Reyno, me quei-
 » ram ordenar huma despeza honesta da Fa-
 » zenda de ElRey pera os gastos de minha
 » casa, conforme a minha qualidade, e á
 » pessoa que represento. E se virdes que te-
 » nho alguns gastos desnecessarios, e sobe-
 » jos, vos peço que os corteis; e pera isso
 » não quero que pessoa de minha casa cor-
 » ra com as despezas della, pera que o dinhei-
 » ro de S. A. seja despendido com muito
 » resguardo. Tambem vos peço que orde-
 » neis hum official pera se lhe dar aquillo
 » que alvidrardes que se póde despender
 » comigo, pera correr tudo por sua mão.
 » E assim vos peço, que algumas dividas
 » que ainda ficáram, que não pude pagar,
 » (que todas tenho feitas em serviço de El-
 » Rey nas guerras passadas por mar, e por
 » terra, em dar de comer a muita gente, e
 » sustentar muitos soldados,) que as queirais
 » mandar pagar do dinheiro de ElRey. E
 » assim isto, como tudo o mais, mandareis
 » assentar em hum livro separado, que esta-

66 ASIA DE DIOGO DE COUTO

» rá em poder do Thefoureiro de ElRey ,
» pera a todo o tempo que eu o puder pa-
» gar, o faça. E se eu morrer, elle haverá
» por bem de me fazer mercê de tudo.

E tomando hum Missal, poz sobre elle a mão direita, dizendo: » Por este juramento dos Santos Evangelhos, que até esta hora em que estou, não sou em encargo á Fazenda de ElRey de hum cruzado, nem a alguma outra pessoa de cousa que tomasse Christão, Judeo, Mouro, ou Gentio, nem nunca, em quanto governei a India, tive genero algum de trato de mercadoria, nem por outra alguma via tenho, ou tive proveito algum; antes até agora vivi, e gastei de meus ordenados, sem me ajudar de outra alguma cousa. Nem em meu poder, nem fóra delle tenho senão aquillo, que trouxe de Portugal pera o serviço, e authoridade deste cargo. E ainda dessa pouca prata de meu serviço he quasi ametade diminuida, parte por ma furtarem, parte por se gastar, e quebrar. E de tal maneira, e tão registado fui sempre em minhas despezas, que fóra do ordinario, não tive alguma hora posse pera comprar outra colcha, além desta que tenho na cama; nem em minha casa se achará peça, que eu fizesse neste Estado, tirando huma espada de ouro com algumas pe-
NACION » dras

» dras de pouca substancia , e hum capace-
 » te guarnecido de prata , que fiz pera meu
 » filho D. Alvaro , porque determinava de o
 » mandar este anno , que embora vein , a Por-
 » tugal , a servir ElRey nosso Senhor na
 » Corte , e na guerra. E de tudo isto que
 » aqui disse , e jurei vos peço que mandeis
 » fazer hum Termo , em que todos os que
 » aqui estais se assinem , pera que a todo o
 » tempo que se achar o contrario disto , que
 » aqui jurei , ElRey nosso Senhor me cas-
 » tigue como a perjuro á fé , e destruidor de
 » sua honra , e fazenda. »

Este auto se fez logo , e hoje está o pro-
 prio , em que todas as pessoas nomeadas se
 assinaram em hum livro dos registos da Fa-
 zenda dos Contos de Goa , donde o nós ti-
 rámos , e trasladámos. E certo , que assim
 devia de andar escrito nos animos de todos
 os Governadores , e Viso-Reys da India. E
 se isto succedêra em tempo daquelles anti-
 gos Gregos , que com muita razão pudêram
 trasladar este Termo em laminas de ouro ,
 e pregarem-nas sobre as portas do Oraculo
 de Delphos , junto daquella notavel , e me-
 moravel sentença , que nellas tinham de
Nosce te ipsum. Porque não ha mór conhe-
 cimento de si mesmo , nem mór desprezo
 de tudo , que o que teve este Viso-Rey ; por-
 que nem aquelle grande desprezo de ouro ,

68 ASIA DE DIOGO DE COUTO

e riquezas daquelle famoso Capitão Fabricio Romano, nem o de effoutro Themistocles Grego, chegaram a este. E com muita razão pudéra a vida deste Viso-Rey ser regra, e nivel de todos os outros, e os Reys de Portugal darem o traslado deste auto por regimento a todos os que pera a India despachassem, porque nelle lhes mostra bem a pureza, que hão de ter em sua Fazenda, o como hão de ser registados, e desapegados de tudo pera poderem fazer justiça. O como hão de deixar servir aos Officiaes seus cargos, pois lhos ElRey dá por seus serviços, como a elles a governança da India; e não taparem as bocas tanto a todos, como depois alguns fizeram, que os não deixavam comer, sendo a tenção de ElRey que se fartem em seus cargos, (como ElRey D. João o II. disse áquelle Almoxtarifc, que dizia, que morria de fome, que pois tinha carne, pescado, azeite, vinho, e biscouto, que se fartasse.) Mas foi o Mundo tanto de mal em peor, e assim se trocaram estas bolas depois, que este Viso-Rey pedia aos Officiaes de ElRey que lhe delfem de comer; e hoje não basta pedirem elles aos Viso-Reys que os fartem, porque comem todos tanto por suas mãos por regra, que não levam bocado á boca, que lhes não seja contado. E

NACIONAL te-

teria que escandaliza, tornemos á nossa historia.

Os Veadores da Fazenda com os Deputados do governo, ordenáram ao Viso-Rey pera despezas de sua casa tudo abastadamente; mas o que lhe limitáram, e o livro em que se lançou esta despeza, nós o não achámos, buscando-o bem. A doença do Viso-Rey foi tanto por diante, que aos quatorze dias della deo a alma a Deos nosso Senhor, depois de feitos todos os actos de muito bom Christão, com grande dor, e mágoa de toda a India, que todos o sentíram em extremo, porque o amavam como pai.

Faleceo a seis de Junho de 1548. em idade de quarenta e oito annos, tendo governado dous e oito mezes, em que entráram quatorze dias, que só logrou o titulo de Viso-Rey. Buscou-se seu testamento pera verem o que mandava ácerca do seu enterramento, e achou-se em huma boceta do Reyno, cuja chave elle consigo trazia, e dentro nella lhe acháram humas diciplinas, que mostravam que usava muito dellas, e a guelha da barba, que mandou de Dio em peñhor á Cidade de Goa do emprestimo, que lhe pedio pera reparar a fortaleza dos grandes damnos, que no cerco lhe fizeram, e tres tangas Larins. Aberto o testamento, achou-se nelle, que sua mulher, e seu filho

D. Alvaro de Castro eram seus testamenteiros; e mandava que o enterrassem em São Francisco, e que seus ossos fossem depois levados á sua Capella de Cintra. E encaminhava a seu filho D. Alvaro de Castro, que logo se fosse pera o Reyno. As mais particularidades do testamento não apontamos, por nos não serem necessarias pera a historia.

Foi D. João de Castro filho do Governador de Lisboa D. Alvaro de Castro, (como no principio da historia dissemos,) foi casado com Dona Leonor Coutinho, filha de Lionel Coutinho, que matáram em Calcut com o Marichal, e de D. Mecia de Azevedo. No estado da mocidade foi bem instruido nas artes liberaes, depois de tão bom Latino, que podia julgar de antre estylo, e estylo, (como se vio naquelle curioso Tratado que fez na jornada do Estreito do Mar Roxo, quando foi com D. Estevão da Gama,) em que muito curiosamente dá razão do porque se chama Roxo, e daquellas manchas vermelhas, que se acham por todo aquelle Estreito, com bem diferentes fundamentos do que fizeram outros, que escrevêram sobre isto, cujo Tratado dirigio ao Infante D. Luiz. Foi muito inclinado, e afeiçoado á Mathematica, de que teve por Mestre o grande, e insigne Dou-

tor Pero Nunes, em companhia do Infante D. Luiz, que tambem a aprendeo. Naquelle Armada, que ElRey mandou de soccorro, de que foi por Capitão mór Antonio de Saldanha, foi elle por Capitão de huma caravela. E conta-se delle, que acabada a jornada, mandando o Imperador fazer mercê de dous mil cruzados a cada Capitão daquella Armada Portugueza, só D. João de Castro os não quiz acceitar, dizendo, que elle fora por mandado de ElRey de Portugal, e que elle lhe faria mercê. Depois o mandou ElRey a Ceita com huma Armada a talhar a Almina. E assim se servio delle nas Armadas das Ilhas, e depois foi á India com D. Garcia de Noronha, ao primeiro cerco de Dio, (como fica dito no Cap. VIII. do III. Liv. da V. Decada,) e em tudo deo de si grande satisfação. Morreo-lhe seu pai, herdou aquella quinta de Cintra, aonde se recolheo a filosofar já depois de ser de quarenta annos, cortando todas as arvores de fruto que tinha, em cujo lugar fez plantar outras agrestes, e peregrinas, e fez alli debaixo de huma lapa huma Ermida muito devota. Aqui o hia o Infante D. Luiz ver, e communicar, e dalli se lhe afeiçoou de feição, que o inculcou a ElRey pera o mandar por Governador á India, onde o servio com muito zelo, amor,

inteireza , e pouca cubiça , como pelo decurso da historia se tem visto , fazendo tantas , e tão continuas guerras aos inimigos , por mar , e por terra , andando de continuo embarcado com as armas ás costas , que se affirma , que de puro trabalho morreo. E tambem se póde affirmar de sua muita caridade , continencia , pouca cubiça , grande temor de Deos , e em todos os mais exteriores de Christão , que sua alma estará na gloria recebendo o premio , e galardão de todos os seus trabalhos.





DECADA SEXTA.

LIVRO VII.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como por morte do Viso-Rey D. João de Castro succedeo Garcia de Sá: e das pazes que fez com o Idalxá.

ESTANDO ainda o corpo do Viso-Rey D. João de Castro por enterrar, posto no meio da Capella, mandou o Veador da Fazenda Ruy Gonçalves de Caminha trazer o cofre, em que estavam as successões da governança da India, que eram cinco; e abrindo-o perante todos os Officiaes, Fidalgos, e Capitães, tirou a primeira, e a deo a D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade, que a examinou com o Ouvidor Geral, e achou que estava sã, e inteira, sem nella se bolir. E tornando-a ao Veador da

Fazenda, elle a deo ao Secretario, que leo em alta voz o titulo de fóra, que dizia assim: *Primeira successão da governança da India, que se abrirá, falecendo o Viso-Rey D. João de Castro, o que Deos não permitta*; e ao pé estava ElRey assinado. E abrindo-a, a foi lendo alto, pera que todos a ouvissem, e achou nella D. João Mascarenhas, que era ido pera o Reyno. E tornando-a ao cofre, tiráram a segunda, com quem se fez a mesma diligencia; e lendo-a, acháram Dom Jorge Tello, que tambem era ido pera o Reyno. E tirada a terceira, com quem tambem se fez a mesma diligencia, que com a primeira, e segunda, acháram succeder Garcia de Sá, que estava presente, a quem logo alli lhe fizeram entrega da governança da India, na fórma acostumada naquelles Estados, dando a menagem do Estado da India nas mãos de D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade.

Aqui aconteceu huma galanteria, que se notou a Jorge Cabral, que estava presente, que vendo abertas tres successões, disse: » Dera alguma cousa agora por saber qual » he o rapaz da quinta successão, que a quarta bem sei que sou eu; » e assim o foi por falecimento deste Governador, como adiante em seu lugar se dirá.

Feito o auto da entrega da India, que

foi aos seis dias do mez de Junho do anno de 1548, depois de se enterrar o corpo do Viso-Rey, o mais solemnemente que puderam, se recolheu o Governador pera sua casa, e começou a entrar nos negocios de seu cargo, visitando a Ribeira das Armadas, e os Armazens, mandando prover todos muito bem, e negociar os navios com muita pressa, porque determinava de se embarcar no verão.

As novas da morte do Viso-Rey Dom João de Castro corrêram logo por esse certão, com que o Idalxá despedio hum Embaixador, chamado Motabarcão, Regedor do seu Reyno, com grande apparato pera ir visitar o novo Governador, e a lhe fazer novos requerimentos sobre as cousas de Mealecan, dando-lhe todos os seus poderes pera tratar, e assentar pazes, porque lhe não vinha bem ter guerra com os Portuguezes, porque lhe era necessario desoccupar-se de tudo, pera resistir ao Rey do Canará, que lhe fazia dura guerra, e por haver á mão certas Cidades, que lhe elle tinha tomadas. Este Embaixador chegou a Goa em Agosto, e o Governador o mandou buscar, e o recebeu com grande apparato, e depois de passada a visita o ouvio. Elle lhe disse: » Que o Idalxá seu Senhor dera as terras firmes de Salfete; e Bardés ao Governador

» Martim Affonso de Soufa , com condição ,
 » que Mandaria Mealecan pera o Reyno ,
 » ou pera Maluco , como consta daquelles
 » contratos que apresentava. Que lhe pedia
 » lhos cumprisse , e lhe entregasse Mealecan ,
 » ou lhe largasse as suas terras , e tanadarias. »
 O Governador lhe respondeo : » Que o Go-
 » vernador , que com elle fizera aquelles con-
 » tratos , estava no Reyno , e que elle sem
 » recado d'ElRey de Portugal não podia
 » fazer coufa alguma naquelle negocio. Que
 » se tratava só de se segurar de Mealecan ,
 » que elle o teria tão fechado , e guardado ,
 » que na sua imaginação estivesse tão longe
 » de passar ao Balagate , como se estivera no
 » Reyno de Portugal. E que se o pedia pe-
 » ra o ter em custodia em outra parte , que
 » em nenhuma elle podia estar mais seguro ,
 » que na Ilha de Goa , rodada de hum mu-
 » to largo rio , e com tantas guardas , e vi-
 » gias , que não podia dar huma volta na
 » sua cama , que não fosse sentido ; com o
 » que se havia de haver por satisfeito. » O
 Embaixador despedio logo correio ao Idal-
 xá desta resposta , que lhe escreveu , que con-
 firmasse novas pazes , mandando-lhe Capitu-
 lós dellas. E tornando o Embaixador a aper-
 tar com o Governador , e mostrando-lhe os
 apontamentos do Idalxá , depois de vistos
 em conselho , e praticados por todos os Ca-

pitães, e Fidalgos, concluíram-se as pazes com os Capitulos seguintes.

» Que de novo se confirmavam as pazes,
 » e amizades como d'antes estavam feitas com
 » os Governadores passados, com condição,
 » que logo entregaria o Idalxá o Embaixador,
 » que lá tinha reteudo do tempo de
 » Martim Affonso de Sousa com todos os
 » Portuguezes, e todas suas fazendas.

» Que nunca mais daria soldo a nenhum
 » Portuguez, que fosse fugido pera seus Rey-
 » nos.

» Que as terras firmes de Salsete, e Bar-
 » dés nunca mais fallaria nellas, e ficariam
 » a ElRey de Portugal pera todo sempre,
 » sem os Reys de Visapor terem mais nellas
 » direito algum.

» Que se em algum tempo viessem galés
 » de Rumes á India, sería elle Idalxá obri-
 » gado a ajudar, e soccorrer o Governador,
 » que no tal tempo governasse a India, com
 » mantimentos, marinheiros por seu dinhei-
 » ro, e que nada disto dariam em algum dos
 » seus portos aos Rumes, nem os agazalha-
 » riam nelles.

Estes quatro Capitulos affirma são os que o Idalxá concedeo ao Governador; e os que concedêram ao Idalxá, são os seguintes:

» Que os Governadores da India seriam
 » obrigados a terem hum Feitor na Cidade
 » de

78 ASIA DE DIOGO DE COUTO

» de Dabul, que daria cartazes a todas suas
» náos, e navios, que daquelle porto sahif-
» sem, e nelle carregassem.

» Que os mercadores, que dos portos de
» Persia, e Arabia fossem a Goa com caval-
» los, os poderiam passar ao Balagate, e que
» os donos delles pudessem levar suas armas
» sem lhes entenderem com ellas.

» Que o Idalxá poderia mandar levar to-
» dos os annos da Cidade de Goa quinze ca-
» vallos forros de direitos pera sua pessoa.

» Que poderia o Idalxá mandar levar de
» Goa todos os annos tres mil pardãos, em-
» pregados nas fazendas que quizesse, sem
» pagar direitos, nem lagimas da sahida.

» Que o Governador da India teria Mea-
» lecan em muito boa guarda, e vigia, e o
» não mandaria pera fóra de Goa, sem pri-
» meiro o fazer a saber ao Idalxá.»

Destas pazes foram linguas Coge Porco-
li por parte do Idalxá, e João de Castro
pela do Governador, e logo se juráram na
Cidade de Goa com grandes solemnidades;
e o Governador despedio hum Embaixador
pera ir á Corte de ElRey a vellas jurar, e
tomar entrega do Embaixador, e Portugue-
zes. Este Embaixador foi muito bem rece-
bido de ElRey, que jurou perante elle as
pazes, e as mandou apregoar por seus Rey-
nos, e lhe fez entrega do Embaixador, e

Portuguezes. O Governador entendeu o que faltava do Inverno em algumas cousas do governo da Republica. E porque faltava moeda na Cidade, mandou bater huma de ouro da lei dos pagodes, redondas, que vinham da terra firme, que era de quarenta e tres pontas, que responde a vinte quilates e hum quarto, e cada marco de ouro fica respondendo a sessenta e sete moedas, e duas tangas, oito grãos, e dezeseis avos de grão. Esta moeda mandou chapar, e cunhar de huma parte com a figura do Bemaventurado Apostolo S. Thomé, Padroeiro da India, e da outra com as quinas das Armas Reaes de Portugal, e ficáram-se chamando S. Thomés, moeda que ainda dura na India, e corre por toda ella. E toda a pessoa que mettesse ouro na moeda, mandou, que de cada marco de ouro lavrado pagasse dous S. Thomés, hum pera ElRey, e outro pera os Officiaes.

CAPITULO II.

De como matáram em Dio Luiz Falcão, Capitão daquella fortaleza: e das Armadas, que ElRey despedia pera a India.

E Stando huma noite Luiz Falcão no quarto da prima em sua casa, assentado em huma cadeira, com o rosto pera huma porta,

ta, que sahia pera hum baluarte, onde os soldados vigiavam toda a noite, e tinha entre as pernas hum menino, seu filho natural, (que depois se chamou Aires Falcão, e foi Capitão de Baçaim, e de Dio, e tem hoje filhos, e netos,) e como elle estava com candeas accezas, e os que passavam pera o baluarte hiam de longo da porta, que estava hum pouco aberta, apontáram da banda de fóra com hum espingarda nelle, e tomando-o pela cabeça, deram com elle morto no chão; e acudindo os seus aos gritos do menino, acháram já o Capitão morto, e correndo a voz pela fortaleza, acudíram todos a sua casa, sem saberem donde lhe aquillo podia vir, e alli de commum consentimento elegêram por Capitão hum Fidalgo pobre, acanhado, mas bom homem, e bom Christão, chamado D. Artur de Castro. Ao outro dia depois de Luiz Falcão ser enterrado, se tiráram grandes inquirições, sem acharem rasto de couza alguma.

E como isto era já entrada de Setembro, despedio D. Artur hum navio pera Goa, com cartas ao Governador do que era succedido. Este navio foi tomar Baçaim; e sabendo D. Jeronymo de Menezes, Capitão daquela fortaleza, o successo, receando que houvesse na terra alguma alteração, se embarcou logo, levando dous navios com sincoen-

ta homens, e atravessou o Golfo, (porque os Fidalgos daquelle tempo traziam mais o pensamento no serviço de Deos, e do Rey, que em outro algum interesse, e assim Deos os ajudava, e honrava, e logravam o seu pouco, que então tiravam das fortalezas, o que hoje não vemos fazer ao seu muito dos d'agora.) Chegado D. Jeronymo a Dio, o foi D. Artur com todos os da fortaleza buscar ao caes, e o levou pera sua casa, e logo perante todos lhe pedio que quizesse tomar entrega daquella fortaleza, e lhe offercia as chaves, porque elle não queria aquella carga. D. Jeronymo de Menezes teve com elle grandes cumprimentos, não querendo tomar as chaves, dizendo-lhe, que elle vinha alli a ser seu soldado, e que tudo estava bem nelle; e assim ficou sendo seu hospede até chegar Martim Correa da Silva, como logo diremos, porque he necessario que continuemos com as náos do Reyno.

Depois que ElRey despedio aquellas duas Armadas, de que eram Capitães môres Martim Correa da Silva, e Francisco Barreto, pelas novas que teve da vitoria de Dio, sabendo que ainda ficava o Estado de guerra com Cambaya perigoso, determinou mandar mais Armadas, e gente; porque pera cousa tão importante, como era soccorrer a India, em que esperava que a Lei do Evan-

gellio tanto se dilatasse, não receava despesas, nem o impediam trabalhos (que não faltavam no Reyno,) e assim mandou com muita pressa negociar onze náos, que repartio em tres Capitanías. Das sinco fez Capitão mór Manoel de Mendouça, que despachou com as fortalezas de Çofala, e Moçambique, que despedio entrada de Março. Os Capitães de sua companhia eram, Jorge de Mendouça, que levava a Capitanía de Goa, Alvaro de Mendouça, Manoel Rodrigues Coutinho, e Bastião de Taíde.

As outras seis náos partíram até vinte do mesmo mez. Das tres dellas era Capitão mór D. João Henriques, que levava a Capitanía de Malaca, e os Capitães das outras duas náos eram Aires Moniz, e Antonio de Azambuja. O outro Capitão mór era João de Mendouça o Chú, que tambem trazia a Capitanía de Malaca; e os Capitães de sua conserva eram, Fernão de Alvarez da Cunha, e Diogo Rebello. Estas Armadas tiveram tão boa viagem, que Fernão de Alvarez da Cunha foi ferrar a costa da India em Julho, e por achar o tempo verde se recolheo a Angediva, onde estava Martim Correa da Silva, e dalli despedio recado ao Governador, das Armadas que eram partidas do Reyno, e das novas da saude de ElRey, que foram muito festejadas. E entrada de Setembro se

fizeram á véla pera Goa, e juntamente com ellas surgiram as Armadas todas, e a de Francisco Barreto, que estava de invernada em Moçambique; que foi huma formosa cousa pera ver, porque enchiam aquellas náos todo aquelle porto.

Nestas Armadas mandou ElRey os primeiros Frades da Ordem dos Prégadores, pera na India exercitarem seu officio, e veio por Vigario Geral de todos o Padre Fr. Diogo Bermudes, Castelhana, Varão douto, e de vida religiosa, e exemplar, e trouxe doze Frades, que foram bem recebidos em Goa, e fundáram o célebre Convento, que hoje tem naquella Cidade.

C A P I T U L O III.

De como nesta Armada do anno de 1548. de que era Capitão mór Manoel de Mendonça, trouxeram os Padres da Companhia huma cabeça das onze mil Virgens, que foi muito bem recebida em Goa: e das novas que o Governador Garcia de Sá teve de Dio, e despachou Martim Correa da Silva pera aquella fortaleza: e dos Embaixadores que a Goa vieram dos Reys vizinhos.

Muitas cousas vieram nestas Armadas, que alegráram a India; mas sobre todas foi huma cabeça das onze mil Virgens,

que alguns Padres da Companhia trouxeram, Reliquia muito pera estimar, e que a Cidade de Goa o fez muito, e assim foi recebida com procissão muito solemne, em que se achou o Bispo revestido, e o Cabido com todas as Freguezias, e Ordens, e foi levada da Sé de Goa até o Collegio de Santa Fé, que se agora chama de S. Paulo, que he hum dos Collegios sumptuosissimos, que os Padres da Companhia tem pelo Mundo dos principaes. Com estas Armadas ficou a India prospera de náos, que ficáram nella, (porque só quatro tornáram com a carga,) de gente, de dinheiro, e mais cousas. Manoel de Mendouça, Capitão mór das cinco náos, em chegando a Goa faleceo de humas camarras de que vinha doente.

No mesmo tempo chegou o catur de Dio com as cartas de D. Artur de Castro, e de D. Jeronymo de Menezes, em que lhe davam conta da morte de Luiz Falcão, que o Governador Garcia de Sá sentio muito; pelo que logo despachou Martim Correa da Silva, pera ir entrar naquella fortaleza, e mandou em sua companhia o Doutor Manoel de Mergulhão a tirar devassa da morte de Luiz Falcão; e escreveu cartas de grandes agradecimentos a D. Jeronymo de Menezes, pela presteza com que acudio a Dio. E assim despachou Jorge Cabral pera ir entrar

trar na Capitania de Baçaim, por ter Dom Jeronymo de Menezes acabado seu tempo. Martim Correa da Silva partio em navios muito ligeiros, e em oito dias foi áquella fortaleza, e tomou posse della, e D. Artur de Castro se embarcou com D. Jeronymo de Menezes pera Baçaim, que entregou a fortaleza a Jorge Cabral, e dahi se passou a Goa.

O Doutor Manoel de Mergulhão fez muito grandes diligencias sobre a morte de Luiz Falcão, até dar tratos a hum soldado por alguns indicios que houve; mas não confessou cousa alguma, nem nunca se pode descobrir a verdade, e assim ficou este negocio em segredo muitos tempos, até que sendo Francisco Barreto Governador da India, falecendo em Bengala hum mulato, que se chamava foão Leite, que á hora de sua morte disse, que se não demandasse a morte de Luiz Falcão a pessoa alguma, porque elle o matára.

O Governador tratou de ir ao Norte, porque as cousas de Cambaya estavam em aberto, e quiz prover a costa do Malavar, pera onde despedio por Capitão mór Francisco de Siqueira com quinze navios. Era este homem de casta de Nayres, muito grande Cavalleiro, e tinha feito tantos serviços ao Estado, que o fez ElRey Fidalgo, e

lhe mandou o habito de Christo com boa tença. Este verão fez pela costa de Cananor, que estava alevantada, muita guerra, queimando-lhes muitas povoações, e destruindo-lhes, e cortando-lhes muitas palmeiras, e fazendas.

Partidos estes navios, ficou o Governador despachando os Embaixadores do Çamorim, que foram confirmar as pazes, e outros do Rey do Canará, e do Zamaluco, do Cotamaluco, e outros que foram a visitar o Governador por sua successão, e a confirmar as pazes. Todos estes foram bem recebidos, e despachados. E nas pazes que confirmou com o Rey do Canará, fez mudança nos Capitulos contra o Idalxá, por já ter com elle feito pazes, ficando de fóra, que nem favorecia hum, nem outro.

Passado isto, despachou as náos que haviam de ir tomar a carga pera o Reyno, e escreveu a ElRey o estado em que a India ficava. Nestas náos se embarcou D. Alvaro de Castro, filho do Viso-Rey D. João de Castro, por Capitão da náo Rosairo, e se embarcaram outros muitos Fidalgos a requerer seus serviços. Nesta Armada mandou Coge Cemaçadim mil quintaes de gengivre, e duzentos de pimenta, de serviço á Rainha D. Catharina, pera huns chapins, porque tinha della todos os annos cartas mui-

to honrosas, e peças, e brincos curiosos da Europa, e assim mandou hum Alifante pera servir na Ribeira das náos.

Despedidas todas as cousas do Reyno, ficou o Governador fazendo prestes toda a Armada pera se embarcar, e acudir ás cousas de Cambaya, porque estavam prenhes, e podiam parir novos trabalhos. E andando-se negociando com muita pressa, lhe chegaram cartas de Ormuz do Capitão D. Manoel de Lima, em que lhe fazia a saber, como ficava alevantado nas terras do Magostão hum Capitão Abexim Abixlala, e que tinha tomado a fortaleza de Manojão, donde fazia grande guerra a todo o Reyno, e lhe impedia as Casilas que vinham pera Ormuz, com que a Alfandega padecia grandes faltas. Estas novas sentio o Governador muito, por serem aquellas rendas as principaes da India; e despedio com muita brevidade Pantaleão de Sá com quatro navios de remo, em que levava perto de cento e sincoenta soldados, que se fez á véla na entrada de Novembro, e de sua jornada adiante daremos razão.

CAPITULO IV.

*De como o Governador Garcia de Sá parti
pera o Norte : e das pazes que fez com
ElRey de Cambaya , e mandou Fran-
cisco de Sá a Surrate.*

DEspachados todos os Embaixadoes , e náos pera Cochim , logo o Governador se começou a embarcar , entregando o governo ao Bispo , e a D. Francisco de Lima , Capitão daquella Cidade , e com elles outros Deputados. E na entrada de Janeiro deste anno de quarenta e nove , em que com o favor Divino entramos , se fez á véla : levava seis galés , quatro galeões , dez caravelas , e sessenta navios de remo. Os Capitães dos navios grandes eram , Francisco Barreto , Christovão de Sá , Francisco de Sá de Menezes , D. João Henriques , João de Mendoga , Alvaro de Mendoga , Manoel Rodrigues Coutinho , Manoel de Sousa de Sepulveda , D. Antonio de Noronha , filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha , D. João de Taíde , Pero de Taíde Inferno , D. Paio de Noronha , D. João Lobo , Lopo Vaz de Siqueira , D. Duarte Deça , D. Jorge Deça , Jordão de Freitas , e outros muitos Fidalgos , e Cavalleiros , que hiam nos navios pequenos. E com bom tempo foi o Governador

dor tomar Chaul , onde se deteve poucos dias , e passou logo a Baçaim , pera mandar continuar na guerra de Cambaya.

Dalli despedio Francisco de Sá de Menezes com huma galé , e doze navios pera se ir pôr sobre Surrate , por ser avisado , que se esperava por huma não do Achém muito rica. Francisco de Sá se foi lançar sobre aquella barra , defendendo a navegação aos navios de Cambaya , em que fez algumas prezas. Da chegada do Governador a Baçaim foi logo avisado ElRey Soltão Mahamude ; e como estava já enfadado da guerra , e por causa della seus vassallos pobres , e perdidos , e todo o mantimento de seu Reyno assolado , e destruido , e os pobres , e mesquinhos clamavam por paz , determinou de a mandar pedir. Pera isto despedio logo hum Embaixador , pessoa principal de sua casa , pera ir visitar o Governador , e dar-lhe os parabens de sua successão , e á volta disso apalpallo com pazes , dando-lhe poderes pera tudo o que com elle assentasse. Este Embaixador partio da Cidade de Cambayete em tres navios muito ligeiros , com muitos criados , e casa , e em poucos dias foi ter a Baçaim , e surgio na aguada , donde mandou recado de sua vinda. O Governador mandou preparar seu recebimento , e cmbandeirar toda a Armada , e deo recado

do a todos os Fidalgos, e Capitães pera se irem pera elle vestidos muito custosamente. Et tendo tudo prestes, mandou buscar o Embaixador, que foi passado a huma galé, ricamente toldada, e alcatifada, e acompanhada de outras foi entrando pelo rio por entre a Armada, que lhe deo huma formosa salva, e chegado a terra foi desembarcado, e acompanhado da guarda do Governador, e de todos os casados até á fortaleza, onde estava esperando em sala ricamente aparamentada, e o recebo com grandes gazalhados. E depois de lhe perguntar pela faude de ElRey, e por outras cousas, brevemente o despedio, e o mandou agazalhar na Cidade em casas, que pera isso tinha mandado preparar.

Dalli a tres dias o ouvio com o Secretario, e alguns Fidalgos velhos, e elle lhe deo sua embaixada, cuja substancia era:

» Queixar-se ElRey do Governador D. João
 » de Castro, não querer cumprir os contra-
 » tos das pazes, que tinha feitas com o Vi-
 » so-Rey D. Garcia de Noronha; e que fo-
 » ra causa da guerra, desejando elle de con-
 » servar a paz, e amizade com ElRey de
 » Portugal; e que pois elle succedêra em seu
 » lugar, lhe pedia quizesse emendar aquel-
 » las cousas, e cumprir-lhe os Capitulos das
 » pazes.» O Governador lhe respondeo em

fórma, deitando de tudo a culpa a Coge Çofar, que fora o author de todas as guerras. E vindo o Embaixador a puxar por pazes, o remetteo ao Secretario, e outros Officiaes. E fazendo seus apontamentos, elle por parte do Soltão Mahamude, e o Secretario pela de ElRey de Portugal, que vistos em conselho, se vieram a concluir as pazes com as mesmas condições, que estavam d'antes asentadas, tirando o negocio da parede, que não foi licito conceder-se-lhe; e nas cousas da Alfandega, que ficasse ametade do rendimento della pera ElRey de Portugal, assim como já estava concedido ao Governador D. Estevão da Gama.

Estas pazes mandou o Governador logo apregoar por Baçaim, e Dio, jurando-as muito solemnemente; e despedio o Embaixador com hum rico presente pera ElRey; e mandou outro Embaixador pera ir á Cidade de Amadabá a ver jurar as pazes por Soltão Mahamude, que elle fez com grandes festas, e alegrias de todos, e as mandou apregoar por todo o seu Reyno, e na Cidade de Dio. Passado isto, mandáram logo, assim ElRey, como o Governador, Officiaes pera correrem com os rendimentos da Alfandega, pelo modo, e ordem que estava asentado pelos contratos feitos com o Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que se veram

na quinta Decada no Cap. VII. do V. Liv. Com isto cessáram as guerras de Cambaya; e a Cidade de Dio se tornou a engrandecer como no estado primeiro. O Governador vendo tudo quieto, e que não havia que fazer no Norte, voltou logo pera Goa, onde chegou em Janeiro, e começou a entender nos provimentos de Maluco, e em outras muitas cousas; e ordenou em Goa a casa da polvora no lugar em que hoje está, e mandou armar alguns galeões, caravelas, galés, e fustas, a que deo tanta pressa, que antes que falecesse (como logo diremos) tinha acabado huma somma disto.

C A P I T U L O V.

De como ElRey de Tanor na costa do Malavar se fez Christão, e veio a Goa: e do grande recebimento que se lhe fez.

Não se descuidavam neste tempo os Conquistadores espirituaes de exercitar seu officio por todas as partes, e assim cada dia mettiam na manada de Christo grande somma de Infieis, em que entravam muitos Reys, e Senhores; e destes, os que merecêram muito, foram o Padre M. Diogo, Clerigo, e Letrado, que he aquelle a que Mapheo chama Diogo de Borba, por ser natural daquella mesma Villa, e Miguel Vaz,

Vigario Geral, ambos grandes Religiosos; e de muita virtude, que por serem estes, indo depois o Miguel Vaz pera o Reyno, o tornou ElRey D. João logo a mandar com o mesmo cargo de Vigario Geral, e com Breves do Papa, pera como Inquisidor Apostolico devassar em segredo de certos Christãos novos muito ricos, que viviam em Goa escandalosamente, fazendo as ceremonias Judaicas, de que a India se começava a inçar.

E chegando este Religioso a Goa, prendeo alguns, e os mandou pera o Reyno, o que lhe custou a vida, porque os mais tiveram maneira com que o matáram com peçonha. O Mestre Diogo, seu grande amigo, sentio tanto sua morte, que logo se metteo Frade em S. Francisco, onde em poucos dias faleceo, e affirmava-se que de nojo. Estes homens ambos fizeram muita Christandade, e o Mestre Diogo em tempo do Governador D. Estevão da Gama passou á costa da Pescaria chamado dos Paravás, pera se fazerem Christãos.

São estes Paravás naturaes de toda aquella costa, e viviam de pescar aljofres, que por ella ha muitos; e depois que os Mouros fizeram alli sua vivenda, e tiveram posse, e poder, começaram aos avexar, e privar daquella pescaria, querendo-lhes tomar aquelle proveito pera si. E querendo elles re-

mir sua vexação, por conselho de hum João da Cruz, de sua nação, que já tinha andado no Reyno de Portugal, mandáram Embaixadores a Cochim a pedir soccorro, e que se queriam fazer Christãos. Era então neste tempo Capitão daquella Cidade hum Fidalgo bom homem, chamado Gonçalo Pereira, que zeloso do serviço, e honra de Deos, mandou em seu favor huma Armada, que opprimio os Mouros, e libertou os Paravás, que se começáram a baptizar, (porque na Armada mandou o Capitão Religiosos pera isso.) A isto acudio o Padre Mestre Diogo, e fez muitos Christãos. E como então não havia na India mais que os Frades de S. Francisco, que não podiam acudir a tanto, porque eram poucos, e andavam repartidos pelas Armadas, e estavam na Cidade de S. Thomé, (cuja Casa já estava á sua conta,) ficáram aquelles tenros Christãos sem poderem ser visitados de Religiosos, senão pelas Quaresmas, a que lhes acudiam alguns de Cochim; até que chegaram os Padres da Companhia, que tomando o Padre M. Francisco Xavier informação daquella costa, e daquelles Christãos, se foi lá com alguns companheiros, que já tinha recebidos, e tornou a aquentar aquella Christandade, e augmentalla com hum grande número de Infieis, que converteo;

e fundou por aquella Comarca perto de quarenta Templos, em que se lhes administrassem os Officios Divinos ; e alli deixou alguns Religiosos de vida approvada pera os doutrinarem, e ensinarem as cousas de nossa Fé.

Daqui se passou o Padre M. Francisco á Ilha de Malaca, onde fez Christãos dous Reys, e hum grande quantidade do povo, o que aconteceu estes annos atrás passados. E neste presente em que andamos, estava por Vigario na fortaleza de Chale hum Clerigo, chamado João Soares, homem de boa vida, que tomou grande amizade com o Rey de Tanor, que costumava a ir muitas vezes á fortaleza ; e assim se lhe affeioou, que se atreveo ao convidar ás vodas do Senhor, sobre o que lhe disse tantas cousas, que o rendeo, e o catequizou. E indo ter áquella fortaleza o Padre Fr. Vicente, companheiro do Bispo, que andava visitando em seu nome, e achando aquelle Rey disposto pera receber o santo Baptismo, lho deo em segredo, sem o saber mais que o Vigario, e o Capitão, que era Luiz Xira Lobo, que foi seu Padrinho, e lhe puzeram nome Dom João. Este segredo quiz elle se tivesse, porque receava alteração nos seus, e todavia continuava com os Padres, e ouvia suas Missas, e prègações, sem mudar o traje de

Gentio, nem tirar a linha, que he a sua insignia pera maior dissimulação, mas trazia hum Crucifixo muito escondido, a que se encommendava. E como Deos o tinha tocado, e elle andava satisfeito, não pode deixar de se descobrir á mulher; e tanto lhe prérgou, e tantas cousas lhe disse da bondade de nossa Lei, que a converteo, e a trouxe a Chale, e em segredo a baptizou o Padre Vigario com dous, ou tres filhos meninos que tinha. E como elle de verdade estava abrazado em seu coração com a Lei de Christo, e todas as cousas della lhe pareciam cada vez melhor; e ouvindo fallar nos Officios Divinos, que em Goa se celebravam, no grande aparato, e cerimonia delles, desejou summamente de ir a Goa, assim pera os ver, como pera ir dar obediencia ao Bispo, como a Prelado maior da India. Isto communicou com o Vigario, que lho louvou, e o escreveu ao Governador Garcia de Sá, e ao Bispo, a quem ElRey tambem significou por cartas sua vontade.

Estas cartas chegáram ao Governador em fim de Março; e praticando com o Bispo sobre este negocio, offereceram-se-lhe algumas difficuldades, pera o que foi necessario fazer ajuntamento de Theologos. E sendo todos presentes, lhes leo o Governador a carta daquelle Rey Christão, e a do Vigario,

pera que foubessem dos grandes defejos que
 tinha de vir a Goa a dar obediencia a feu
 Prelado , como filho Catholico da Igreja ,
 que elle folgaria de o fatisfazer em tudo co-
 mo homem convertido de novo á noſſa San-
 ta Fé , pera que os outros ſe movessem a re-
 cebella , vendo quanto nós honravamos , e
 eſtimavamos os que ſe convertiam a ella. Os
 Theologos praticáram ſobre aquelle nego-
 cio , e differam alguns : » Que não era lici-
 » to receber-ſe hum homem , que ſendo Chri-
 » ſtão , trazia ainda deſcuberta a inſignia de
 » Gentio ; porque a Fé não ſe havia de con-
 » feſſar ſómente com o coração , mas com
 » a boca ; » e ſobre iſto deram muitas razões ,
 e allegáram a Divina Eſcritura. O Biſpo vo-
 tando naquelle negocio , diſſe : » Que quan-
 » to á linha , que aquelle Rey trazia por fó-
 » ra , não era inconveniente algum pera dei-
 » xar de ſer havido por Catholico , porque
 » da Eſcritura Sagrada tinhamos , que Joſé
 » ab Arimathea , Nicodemus , Gamaliel , e
 » outros homens havidos por juſtos , e ſan-
 » tos , que foram Diſcipulos do Senhor en-
 » cubertamente por medo dos Júdeos , não
 » mudáram ſeus veſtidos ; e que os Apoſto-
 » los de Chriſto Senhor noſſo , primeiro que
 » foſſem cheios do Eſpirito Santo , eſtive-
 » ram alguns dias eſcondidos em huma ca-
 » ſa ; e que S. Sebaſtião , ſendo Chriſtão , an-

Couto. Tom. III. P. II.

G N^{da} IMPRENSA
NACIONAL

» dava com trajos de Gentio , e soldado Ro-
 » mano , e que quando lhe foi necessario con-
 » fessar a Fé de Christo , o fez , e morreo
 » por ella : que aquelle Rey estava ainda ten-
 » ro na Fé , e era licito concederem-lhe al-
 » gum tempo pera ir mollificando seus vas-
 » sallos pera os trazer á Lei de Christo , o
 » que se havia de fazer com tempo , porque
 » (segundo o Sabio) todas as cousas o ti-
 » nham. » Com estas razões concedêram to-
 dos , que se lhe désse licença pera vir a Goa ,
 com o que despedio o Governador logo Dom
 João Lobo com oito navios pera ir buscar
 aquelle Rey , e huma galeota muito bem pe-
 trechada pera sua pessoa , e hum João Lo-
 pes , Cidadão de Goa nella , com todo o
 serviço de cama , e meza pera sua pessoa.

Estes navios chegáram em poucos dias á
 barra de Tanór , tendo já este Rey recado
 da vinda dos navios , por cartas que Luiz
 Xira Lobo lhe mandou diante. ElRey se co-
 meçou a negociar pera se embarcar escondi-
 damente , o que não pode ser com tanto se-
 gredo , que os seus familiares o não viessem
 a saber ; e acudindo os Regedores , lhe fize-
 ram força , e o fecháram na fortaleza. Mas
 como elle bastava com aquelle fervor , e de-
 sejo , lá teve maneira com que de noite se
 lançou do muro abaixo por huma corda , e
 escalavrado na cabeça , e mãos , foi ter á

praia, e a nadô foi tomar hum dos navios da Armada, e dando-se a conhecer, foi levado ao Capitão mór, que com grandes honras o embarcou na galeota, e o entregou a João Lopes, que o agazalliou, e servio muito bem, dando-lhe trajos á Portugueza, que pera isso levava feitos; e por todo o caminho até Goa o foi servindo muito abastadamente.

D. João Lobo despedio diante recado ao Governador, que lhe mandou preparar hum muito honroso recebimento, pedindo á Cidade, que lhe fizesse todas as honras, que faria a hum Rey de Portugal, se alli viesse. Chegado ElRey á barra de Goa, achou nella D. Francisco de Lima, Capitão da Cidade, que o esperava com muitos navios embandeirados, e huma formosa galé ricamente paramentada pera sua pessoa. Depois de o receber, e salvar, o passou á galé, e foram entrando pelo rio dentro até ás casas de Santos, que estavam prestes pera elle. O rio estava coalhado de embarcações grandes, e pequenas, embandeiradas, e enramadas, com muitos, e diversos instrumentos, danças, follas, e invenções, de feição, que foi a mais formosa cousa, que ElRey nunca vio; e sobre tudo o que mais estimou, foi ver aquella formosura, e grandeza da Cidade de Goa, e os divinos Templos, que de huma,

TÓO ASIA DE DIOGO DE COUTO

e de outra parte do rio lhe hiam mostrando, a quem elle hia fazendo seu acatamento. Chegado ás casas de Santos (que eram de Antonio Pessoa) foi desembarcado, e agasalhado aquelle dia, e noite com todo o serviço Real, que o Governador tinha reparado por casados, com camas muito ricas, e curiosas. Ao outro dia se tornou a embarcar na galé, e rodeado de mais de cem navios de remo, cheios de muitos instrumentos de alegria, foi até o caes, que hoje he dos Viso-Reys, onde se lhe deo huma soberba salva de artilheria com grande terror, e espanto. Alli desembarcou á Portugueza, com çapatos, calças, capa, e espada de ouro, colar, gorra com plumas; e no caes achou o Governador acompanhado de todos os Fidalgos, e Capitães, que o recebeo com muitas honras. E pondo-o á sua mão direita, foram andando pera a Cidade por baixo de muitos, e formosos arcos de rama, e de peças de seda de todas as cores, e com muitas outras louçainhas.

E chegando á porta, que sahe ao caes, achou o Capitão da Cidade com os Vereadores, e Officiaes da Camara muito bem vestidos; e o Capitão D. Francisco de Lima, primeiro que ElRey entrasse pera dentro, chegou a elle com o Procurador da Cidade, que levava nas mãos hum muito rico

prato de bastiões dourado , e nelle as chaves da Cidade , que lle o Capitão apresentou , dizendo-lhe :

» Estas , Senhor , são as chaves desta Cidade , que hoje em nome de ElRey de Portugal apresento a V. A. , e nella pôde de hoje por diante mandar tudo , como se fora de V. A. porque disto he elle muito servido. » ElRey com muita graça , e com mostras de grande contentamento daquella honra , que elle estimou sobre todas , tomou as chaves , e disse : » Que era irmão , e servidor de ElRey de Portugal , e que como tal merecia todas aquellas honras , e galardados que lhe faziam , » e pondo-as sobre sua cabeça , as tornou ao Capitão.

Acabado isto , estendêram os Vereadores hum muito rico pallio , e o tomáram debaixo , indo o Governador sempre á sua mão esquerda , praticando com elle muito risonho , e alegre. E entrando na Cidade , acháram o Bispo revestido em Pontifical , com hum Crucifixo nas mãos , e todo o Cabido , Clerigos , e Religiosos em procissão. Chegado ElRey ao Bispo , prostrou-se de joelhos diante delle com muita veneração , e fez sua adoração ao Crucifixo , e o beijou com muita humildade. E assim em procissão foi levado pela rua direita , que estava muito ricamente paramentada , com lindas,



e curiosas invenções, e muitas Damas pelas janellas, ricamente ornadas, e ataviadas, que de cima lançavam muitas, e preciosas aguas de cheiro, e muitas rosas, e boninas; e a Cidade, e aquella rua toda se desfazia em danças, bailes, tangeres, e folias. Era tão grande o concurso da gente, que não podiam todos os Meirinhos, e Justiças fazer caminho. As bombardadas assim no mar, como na terra eram tantas, que parecia que se desfazia o Mundo. Chegados á Sé, que estava formosamente armada, e com muitas charamelas, e trombetas, poz o Bispo o Crucifixo no Altar maior, e ElRey fez sua oração muito devotamente, e a Capella, que era excellente, cantou o Hymno *Te Deum laudamus, &c.* e no cabo delle lançou o Bispo a benção assim vestido como estava em Pontifical.

Acabado este devoto acto, (que moveo muito aquelle Rey,) foi dalli levado ás suas proprias casas a cavallo, acompanhado do Capitão, e de todos os Cidadãos, indo diante d'elle a guarda do Governador com os seus Officiaes. Ao outro dia foi ElRey visitar o Governador, e lhe pedio mandasse chamar o Bispo, e Prelados, e os Fidalgos velhos, que tinha que lhe dizer; e vindo todos, lhes fez alli esta breve falla.

» Depois que Deos nosso Senhor foi ser-

» vi-

» vido , e ordenou por sua Divina miseri-
 » cordia , que eu sahisse das trévas em que
 » estava , e entrasse na luz da verdade , e que
 » tivesse conhecimento de sua Divina Lei ;
 » nenhuma outra cousa mais desejei , que tra-
 » zer á mesma verdade , não só meus sub-
 » ditos , e vassallos , mas ainda todos os
 » Reys , e Principes Malavares , meus vizi-
 » nhos , e accender em todos o lume da Fé ;
 » mas he necessario proceder neste negocio
 » (que he de mudar Lei) com muita ordem ,
 » e brandura , por quão difficultoso he que-
 » rella arrancar logo da primeira pancada
 » das gentes , que estam tão arreigadas em
 » seus antigos ritos , e superstições. E eu co-
 » mo quem os conhece , e fui de sua mes-
 » ma lei , e natureza , entendo que he neces-
 » sario muito tempo , e muitas mollificações ,
 » e mimos , com que determino correr com
 » todos. E quanto ao que toca a mim , eu
 » me atrevo (mediante a graça Divina) pro-
 » metter diante deste tão catholico ajunta-
 » mento , que tenha sempre muito inteira-
 » mente abraçada a Fé de Christo , e ao mes-
 » mo Deos dou por testemunha de minha
 » consciencia , e cada dia lhe peço com gran-
 » de veneração , e humildade me dê for-
 » ças pera poder resistir nas batalhas espiri-
 » tuaes contra os inimigos da alma , porque
 » sem elle o não poderei fazer ; e como Ca-

» tholico filho da Igreja , dou d'agora por
 » diante a obediencia ao Bispo meu Prela-
 » do , que está em lugar do Summo Ponti-
 » fice ; e conheço a Igreja Romana por ca-
 » beça de toda a Christandade. E assim lhe
 » peço como Prelado , e Cura de minha al-
 » ma , que me dê o Sacramento da Confir-
 » mação , porque me não fique acção algum
 » de Christão por fazer. »

Acabada esta falla , lhe respondeo o Bis-
 po : » Que louvava , e engrandecia muito
 » ao Senhor Deos por tamanha mercê co-
 » mo aquella ; e que aquelle santo zelo Ca-
 » tholico , que mostrava de seu serviço , el-
 » le teria cuidado de lho pagar com o suf-
 » tentar em sua Fé. E que quanto a seus
 » vassallos , era necessario pera se moverem
 » a receberem a Santa Lei de Christo , sabe-
 » rem elles que a tinha elle recebido , por-
 » que os costumes dos Reys era muito na-
 » tural seguirem-nos os vassallos ; e que os
 » homens mais se moviam por exemplos ,
 » que por preceitos. Que pera merecer mais
 » com Deos , e obra tamanha ir diante , cum-
 » pria descobrir-se a seus vassallos ; e que não
 » receasse alteração alguma , e que confiasse
 » mais na ajuda , e favor Divino , que na
 » prudencia , e saber humano. E que quan-
 » to ao Sacramento da Confirmação , estava
 » prestes pera isso ; » e logo na Capella do

Go-

Governador lhe deo a santa Crisma, e o Governador foi seu Padrinho.

Esteve ElRey dez dias em Goa, em que correo, e visitou todos os Templos santos, e esteve aos Officios Divinos, e a hum de Pontifical, que o Bispo celebrou com mui grande apparato. Em todas as Igrejas se lhe armava serial, e lhe davam o Evangelho, e a paz, e o incensavam, como costumam fazer aos Reys Christãos. Em todos estes dias, assim de dia, como de noite, houve muitas festas, danças, momos, autos, touros, canas, com tantas riquezas, e apparatus, que estava aquelle Rey pasmado de ver o Estado, e costume dos Portuguezes. Deram-lhe os Fidalgos muitos banquetes, e pegas.

Passados os dez dias, despedido do Governador, Bispo, e Cidade, se tornou pera seu Reyno nos mesmos navios. Estas novas escreveo o Governador, e o Bispo a ElRey nas náos seguintes, que elle festejou muito, e as mandou a Roma a D. Affonso de Alencastro, que lá estava por Embaixador, pera que o fizesse a saber ao Santo Padre, que então era Julio III., que mandou fazer em Roma grandes procissões, e disse Missa em Pontifical, e houve hum douto Sermão, em que se disseram muitos, e grandes louvores de ElRey D. João de Por-

tugal, por em seu tempo entrarem na manada dos Catholicos os mais barbaros Principes do Oriente.

C A P I T U L O VI.

Das cousas, que aconteceram a Francisco de Sá em Surrate com humas náos de Mouros: e de como o Governador Garcia de Sá despachou as cousas de Maluco: e do casamento de duas filhas.

FRancisco de Sá de Menezes, que estava sobre Surrate esperando as náos do Achém, se deixou estar sobre aquelle porto até meado Março; e huma tarde houve vista de duas formosas náos, e de huma galeota, que com o Noroeste em poppa vinham demandar a terra. Eram estas náos do porto de Tanaçarim na costa de Pegú, e vinham carregadas de muitas, e ricas fazendas. Francisco de Sá tanto que as vio, preparou-se, e posto em armas as foi demandar, e sendo a tiro de camello, lhes atirou a amainarem; mas como ellas vinham confiadas na muita artilharia, e na muita, e esforçada gente que traziam, não fizeram caso de cousa alguma, e deixaram-se vir seu caminho com o vento, que era muito fresco. Francisco de Sá as rodeou, e foi esbombardeando, por ver se as podia desap-

parelhar , o que não fez , ainda que todavia lhes foi desfazendo as obras de sima , com cujas rachas lhes matáram muita gente ; mas ellas como vinham aviadas , e com vento prospero , foram tambem laborando com a sua artilheria com que desapparelháram algumas fustas , e matáram alguns soldados. Os nossos não ousáram a investir as náos , assim por serem os mares grandes , como por ellas serem muito alterosas , e não quizeram arriscar os navios , e assim foram com ellas até á barra de Surrate , onde lhes anoiteceo. Francisco de Sá vendo que tinha os navios destroçados , e que as náos estavam furtas no primeiro poço , onde lhes não podiam já fazer damno , que o não recebesse elle maior , voltou pera Baçaim , onde reformou os navios , e dalli se fez á véla pera Goa.

O Governador depois de chegar áquella Cidade , começou logo a entender nos negocios de Maluco , e nos de Jordão de Freitas , que se andava livrando das culpas , que lhe Bernaldim de Sousa tinha mandado , o que cessou pela morte do Viso-Rey Dom João de Castro. E mandando o Governador que se corresse com elle , fizeram o feito findo , e o despachou com os Letrados , e pronunciou , que fosse Jordão de Freitas acabar o tempo de sua Capitania , e que se lhe tor-

nasse toda a fazenda que lhe estava socrestada. Com esta sentença se começou a fazer pres-tes pera se embarcar no galeão da carreira, de que era Capitão D. Jorge Deça. O Governador porque sabia que Jordão de Freitas viera de Maluco muito quebrado com Bernaldim de Sousa, a quem por suas partes, e qualidades quiz mostrar respeito, e evitar escandalos, despachou Christovão de Sá, seu sobrinho, por Capitão de huma cavala pera ir a Maluco, e lhe deo huma Provisão em segredo, pera Bernaldim de Sousa lhe entregar a elle a fortaleza, em que ficaria por Capitão até Bernaldim de Sousa se embarcar pera a India, e que depois entregasse a fortaleza a Jordão de Freitas; porque não quiz que Bernaldim de Sousa, o tempo que estivesse em Maluco, ficasse debaixo da jurdição de Jordão de Freitas, por atalhar desgostos, e desordens.

Partidos estes navios, despachou o Governador alguns Capitães pera irem invernar a Dio, e a Ormuz, e proveo nas cousas daquellas fortalezas, e de outras, como lhe melhor pareceo.

E porque se via velho, e com duas filhas mulheres, e sem mãe, ordenou de as casar, como fez. A mais velha, chamada D. Leonor de Albuquerque, com Manoel de Sousa de Sepulveda, com quem se di-

zia, que estava já casada a furto do pai. E a outra D. Joanna de Albuquerque com Dom Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que tinha a Capitania de Malaca, e era o maior, e mais formoso homem, que na India havia, a quem deo o bom velho em casamento tudo o que tinha, e ambos foram juntos á porta da Igreja a pé, porque pousava o Governador nas casas do Sabayo, que estavam perto da Sé. O Bispo os recebeu, e a Cidade lhes fez muitas festas. D. Antonio de Noronha lia muito galante, e custosamente vestido. Manoel de Sousa não levava mais que os trajos ordinarios, que costumava a trazer.

De Manoel de Sousa não ficou no Mundo geração alguma de sua mulher, porque se perdeu indo pera o Reyno com sua mulher, e filhos, como em seu lugar diremos. Teve dous filhos antes de casar, hum macho, e hum fêmea, em hum mulher casada com hum homem muito nobre, e Fidalgo nos livros de El Rey, que sua mãe depois da morte do marido declarou por seus: a filha foi levada pera o Reyno, onde a metêram Freira; o filho era hum soldado tão pontual, e cavalleiro, que não ousou pessoa alguma a lho descobrir, e assim faleceu cá.

D. Antonio de Noronha viveo tambem pouco elle, e sua mulher, e ficou-lhe hum

filho , chamado D. Garcia de Noronha , como o avô , que foi levado a Portugal menino , onde se criou ; e depois de ter idade pera servir ElRey , tornou á India com hum Alvará de lembrança pera lhe darem Ormuz. Casou-se na India com D. Filippa , filha do Licenciado Tintino Martins , Procurador dos Feitos da Fazenda de ElRey , homem nobre , Christão velho : viveo tambem este Fidalgo pouco , ficou-lhe huma filha , chamada D. Joanna , como sua avó , que sua mãe levou pera o Reyno , e se foi apresentar em Aveiro , em companhia de huma sua irmã , mulher de Francisco de Sousa Tavares , o manco.

C A P I T U L O VII.

Das cousas , que acontecêram em Ormuz no alevantamento do Bislalá : e de como Dom Manoel de Lima o mandou matar.

HAvia no Reyno de Ormuz hum Capitão Abexim , chamado Bislalá , que El-Rey de Ormuz trazia com guarnição de soldados nas partes de Manojão , pera favorecer as cafilas que vinham pera Ormuz , das partes de Persia , e Coraçone , e todas as mais , pera as segurar de muitos ladrões , que por alli as costumavam a saltar , por cujo medo deixavam muitas vezes de vir a Or-

muz, e aquella Alfandega padecia muitas faltas. Este Abexim vendo-se com poder, fez o que todos os Mouros fazem, quando se lhes offerece occasião, que foi grangear a gente que trazia, e adquirir outra, e levantar-se com aquellas partes todas, recolhendo-se na fortaleza de Manojão, que he vinte leguas pelo sertão dentro. E dalli fahia a saltar, e roubar as casilas, e todas aquellas terras, com que veio a engrossar, e a se fazer muito poderoso. Disto foi logo ElRey de Ormuz avisado, e deo conta do negocio a D. Manoel de Lima, Capitão daquelle fortaleza, pedindo-lhe que lhe desse ajuda pera mandar contra o Bislalá, pois aquelle Reyno era de ElRey de Portugal, e as perdas lhe tocavam mais que a elle. D. Manoel de Lima mandou logo negociar hum Aleixo Carvalho, e lhe deo cento e vinte Portuguezes pera passar á outra banda, em companhia dos Capitães de ElRey de Ormuz, pera irem buscar o alevantado, e segurarem os naturaes, que fugiam, e desamparavam as terras. Esta gente andou da outra banda perto de dous mezes, tendo alguns recontros com os inimigos de pouca importancia.

Estando o negocio neste estado, chegou Pantaleão de Sá, que atrás dissemos no Cap. III. do Liv. VII. partido de Goa pera acu-

dir a este negocio. D. Manoel de Lima o despedio logo pera a outra banda com a gente que levava, e com a outra que lá tinha. Aleixo Carvalho perfez trezentos homens, e em companhia dos Capitães de El-Rey de Ormuz, que levavam dous mil, foram buscar o alevantado. E como elle andava muito poderoso, e era ladrão de casa, que sabia as entradas, e salidas, não lhe dava dos nossos cousa alguma, nem tambem se queria encontrar com elles; porque como trazia grandes espias, não fazia mais que desviar-se, e fazer todos os damnos que queria, e podia, comendo as terras sem contradição alguma. Pantaleão de Sá andou por aquelle Magostão mais de dous mezes, sem fazer cousa alguma, e enfadado de tudo se recolheo pera Ormuz sem ordem do Capitão, que se tomou muito, e tiveram sobre isso taes palavras, que o mandou Pantaleão de Sá desafiar por huma carta. D. Manoel de Lima lhe respondeo por outra: » Que » elle guardava sua carta pera responder a » ella, como acabasse o tempo daquella forteza, de que tinha dado a menagem a » El-Rey; e como se desfobrigasse, elle lho » lembraria. » Pantaleão de Sá se embarcou pera a India; e depois que D. Manoel de Lima acabou o seu tempo, não se encontraram nella, porque o tempo o desviou, que

que Pantaleão de Sá foi despachado depois com Çofala, e casou na India, onde esteve até o tempo do Conde do Redondo, em que se foi pera o Reyno, e lá encontrando-se em huma rua, (estando a cousa bem esquecida de tantos annos, e elles tão velhos,) saudando-se, perguntou D. Manoel de Lima a Pantaleão de Sá como estava? Elle lhe respondeo, que velho. Ao que Dom Manoel de Lima lhe disse: » Velho não esta vossa mercê, senão muito bem disposto. » Desta palavra (segundo que na India nos contáram alguns Fidalgos) entrou a desconfiança em Pantaleão de Sá, de maneira, que indo-se pera casa lhe mandou huma carta, em que lhe tornou a alembrar as cousas de Ormuz, pedindo-lhe que se vissem no campo. D. Manoel de Lima o foi esperar a elle, e pelejaram, e se feriram; e o que mais passou, lá se sabe no Reyno, e ficáram pera não deixarem de ser amigos, como foram.

Tornando ás cousas de Ormuz. Vendo D. Manoel de Lima que o levantado andava senhor das terras sem lho poder impedir, tratou de o mandar matar. Tinha elle hum criado Gallego, valente homem, e muito determinado, e tomando-o em segredo, lhe perguntou, se se atrevia a fazer-se fugidisso pera a outra banda, e metter-se no

Conto. Tom. III. P. II.

exercito de Bislalá , e matallo á bésta ? E dizendo-lhe o Gallego que sim , praticou este negocio com ElRey , e elle lhe passou hum formão com letras grandes , e formosas , chapado com chapa de suas Armas , em que perdoava geralmente a todos os que andavam com Bislalá , e que ninguem entendesse com aquelle Gallego , se mataste a Bislalá , antes a todos os que o favorecessem lhes faria muita mercê. Com este formão se fingio o Gallego aggravado , e fugido de D. Manoel de Lima , e passou-se ao exercito , onde andavam outros Portuguezes fugidos , e se agazalhou com elles. Alli se deixou andar alguns dias , e hum delles , andando o Bislalá a cavallo em campo no meio de sua gente , encarou o Gallego nelle huma bésta com hum farpão , e tomando-o pelos peitos , deo com elle do cavallo abaixo morto. E no mesmo instante albradando em huma lança o formão de ElRey , bradando alto : » Formão de ElRey , formão de ElRey , perdão de ElRey pera todos. » E acudindo alguns Parseos , tomando o Gallego , vendo o formão de ElRey , e o perdão tão copioso , e o Bislalá já morto , se desfez o exercito , e huns se foram pera Ormuz , e outros pera outras partes. O Gallego se foi pera Ormuz , e ElRey , e o Capitão lhe fizeram muitas mercês ; e

desta maneira ficáram as cousas do Mano-
 João quietas.

C A P I T U L O VIII.

*Do que aconteceu a Diogo Soares de Mel-
 lo em Pegú: e de como foi em companhia
 daquelle Rey contra o de Sião: e do po-
 der, estado, e ordem com que este Rey
 caminha: e do que lhe aconteceu até che-
 gar a Sião.*

NO Cap. IX. do Liv. V. da quinta De-
 cada temos dado conta, como o Bra-
 má Rey dos Reynos de Ovú, e outros,
 conquistou os de Pegú, e sujeitou todos a-
 quelles vizinhos. Este vendo-se tamanho se-
 nhor, sabendo que o Rey de Sião tinha
 hum alifante branco, a que todos os Gen-
 tios tinham muito grande veneração, ha-
 vendo que a elle como a cabeça de toda
 aquella gentildade lhe pertencia mais, que
 ao Rey de Sião, mandou-lho pedir por Em-
 baixadores, que lhe enviou com grande ma-
 gestade, de que o outro zombou, não lhe
 respondendo a proposito. O Bramá havendo-
 se por muito offendido, e affrontado, de-
 terminou logo de ir conquistar aquelle Rey-
 no, e trazer o alifante branco. E fazendo
 chamamento de todos os Reys seus vassal-
 los, ajuntou innumeraveis exercitos, com

que partio contra aquelle Reyno quasi nos annos de 1544. E chegando áquella Cidade, lhe poz tão estreito cerco, que lhe mandou aquelle Rey commetter todos os partidos que quizesse, tirando o alifante branco, que elle havia por cousa religiosa, affirmando-lhe, que sobre elle havia de perder seus Reynos. O Bramá, que havia muitos mezes que estava naquelle cerco, e se esperava pelas enchentes daquelle rio, que alagão todos aquelles campos, fez com elle pazes com estas condições.

» Que o Rey de Sião ficaria seu vassallo, e lhe daria huma filha pera casar com ella; e que todos os annos lhe mandaria outra dos seus principaes, e certos alifantes de serviço.» Assentadas as pazes, lhe mandou o Rey de Sião a filha, que elle recebeu por mulher, e alevantando os exercitos, voltou pera seus Reynos. Foram continuando com estas pareas até este anno passado de quarenta e oito, em que o Bramá mandou a Sião recolher as pareas como costumava, e a lhe trazerem a mulher. E querendo ElRey de Sião tomar huma filha a hum daquelles seus principaes, como tinha feito os annos passados a outros, de que estavam escandalizados, fallando-se todos, ou fosse por consentimento do Rey, ou não, basta que deram nos Embaixadores, e os matáram.

Chegadas estas novas ao Pegú, sentio-as muito o Bramá, e determinou vingar aquella offensa, mandando logo chamar todos seus vassallos, e ajuntou grandes exercitos, e grandes preparamentos pera não tornar de Sião sem tomar aquelle Reyno, e haver aquelle Rey ás mãos. Disto foi logo o Rey de Sião avisado, e fez chamamento de seus vassallos, e fortificou a Cidade de Odia, em que residia, lançando fóra toda a gente inutil, deixando só a que podia pelear, que se affirma que eram perto de seiscentos mil homens. E mandou fortificar hum passo de humas serras, por onde o Bramá havia de passar, e poz daquella parte vinte mil homens de guarnição, e na Cidade recolheu mantimentos pera dous annos; e mandou fundir muitas peças de artilheria de bronze, porque tinha officiaes excellentes, e muito cobre, que lhe vinha da China todos os annos; e affirmava-se, que tinha quatro mil peças assentadas pelos muros, em que havia algumas, que lançavam pelouros de quatro palmos de roda, e dalli pera baixo até falções; e além disso muitos trabucos, e petrechos de guerra pera sua defensão.

O Bramá depois que ajuntou seus exercitos, se poz com elles em campo, e dizia-se que tinha hum milhão e quinhentos mil homens, e quatro mil alifantes, e tantos

bois , cavallos , e outras bestas de carga , servidores , rossadores , e officiaes de todas as mecanicas , em tanta quantidade , que quasi se não podiam numerar. E estando ElRey já pera se partir ; chegou Diogo Soares de Mello , (que deixámos partido do rio de Parles , depois daquella grande vitoria das galés do Achém , como atrás fica dito no Cap. II. do V. Liv. ,) que ElRey estimou muito , convidando-o pera ir com elle naquella jornada , com todos os Portuguezes que em Pegú havia ; e lhe mandou dar muito dinheiro pera repartir por elles , como fez , ajuntando perto de oitenta. ElRey começou logo a marchar nesta fórma.

Cada Rey vassallo com toda a gente de seu Reyno hia separado a huma parte , tanta distancia huns dos outros , que nunca se ajuntavam , nem misturavam , e por tal ordem , que sempre ElRey de Pegú ficava no meio ; e o mesmo era ao assentar dos arraaes , porque cada hum o punha sobre si , perto de meia legua huns dos outros. Só Diogo Soares de Mello com os Portuguezes punha sua estancia muito perto da de ElRey , porque fiava mais delles a guarda de sua pessoa , que de seus naturaes.

As principaes pessoas que nesta jornada se acharam com Diogo Soares de Mello , foram seu irmão , D. Fernando de Noronha ,

filho de hum irmão do Marquez de Villarreal, Clerigo, que foi o que se perdeu em Baçaim, sendo Capitão da náó do Governador Martim Affonso de Sousa, João de Sousa Rates, Athanasio de Aguiar, e outros.

Assim foi caminhando este barbaro gentio com tanta magestade, e grandeza, que excedia a todos os Reys do Mundo, porque nenhuma noite se agazalhava, senão em casas muito formosas, todas douradas, e lavradas, que cada dia lhe armavam de novo pera isso; porque de Pegú lhe levavam a madeira, armação, tectos, portas, e todo o mais necessario sobre alifantes, que caminhavam sempre diante; e na paragem em que ElRey havia de assentar o arraial, se armavam as casas com tanta brevidade, que era espanto, porque só pera isso hiam mais de dous mil officiaes, ferreiros, carpinteiros, cerradores, pintores, douradores, e todas as mais; e huns armavam, outros douravam, e pintavam; outros forjavam pregos, e ferragem; de maneira, que quando já ElRey chegava, tinha huns formosos Paços de muitas camaras, varandas, retretes, cozinhas, em que se recolhia com suas mulheres, e os Paços todos cercados á roda, como humo fortaleza muito forte; deixando outra magestade de baixellas de ouro, e

pedraria , de cavallos a destro , de alifantes ajaezados pera sua pessoa , de carros triunfantes guarnecidos , e lavrados de ouro , que era huma máquina infinita. Desta maneira foram caminhando por via de Martabão , que era mais perto.

E chegando a hum rio , que alli vem embocar , (que era hum grande braço do Menáo , que será mais de huma legua de largura ,) mandou ElRey armar huma ponte sobre barcas furtas a muitas amarras , por causa da grande corrente , pera por ella passar todo o exercito , que assim na grandeza , como na obra passou pela que mandou fazer Xerfes sobre o Elesponto , quando passou a Grecia. Por ella passáram aquelles innumeraveis exercitos , que o Pegú levava , e foram caminhando de longo de humas altissimas serras , quasi vinte e cinco dias , sem acharem passagem pera a outra banda , que parece serem os montes Mandius de Ptholomeu.

Por este caminho passáram os nossos grandes fomes , porque os Pegús , e Bramás não costumavam levar nos exercitos mais que arroz , porque comem todas as cevandilhas da terra , folhas , e raizes de arvores. E tanto que assentam seus exercitos , logo se mettem pelos matos á caça de cobras , lagartos , bogyos , ussos , tigres , e de toda a outra cou-

sa peçonhenta, de que fazem suas iguarias, que comem com o arroz. Mas os Portuguezes foram comendo á falta de outras carnes, as de alifantes, cavallos, bufaras, e outras a que não eram costumados. E no cabo de vinte e cinco dias, que caminhavam de longo daquellas serras, foram dar em huma quebrada que alli faziam, como aquellas dos montes Caspios, que hoje chamam Derbent. Aqui tinha ElRey de Sião feitos huns muros fortissimos, que tapavam aquella entrada, com vinte e cinco mil homens de guarnição pera sua defensão.

E porque não havia outro passo senão aquelle, assentou o Bramá sobre elle seu exercito, e commetteo a Diogo Soares de Mello aquelle negocio, e deo-lhe Calagoni, Senhor de Martabão, com trinta mil homens. Diogo Soares de Mello mandou assentar algumas peças de artilheria em alguns bastiães, que ordenou, com que mandou bater as tranqueiras dos inimigos por muitos dias, sem lhe fazerem mais damno que pelos altos, por serem muito fortes. Os nossos quasi que andavam desconfiados daquelle negocio, e determináram de commetter aquellas tranqueiras por assalto, o que prováram por algumas vezes sem as poderem cavalgar, e tanto porfiáram, que se puzeram em sima com muito risco seu, porque lhe matáram

dous companheiros, e feríram todos os mais, e D. Fernando de Noronha levou huma espingardada pelo pescoço, que lho passou de parte a parte, mas não perigou, porque lhe não tomou a guela. Subida a tranqueira, deram os nossos entrada franca ás gentes de Calagoni, e da outra banda tiveram grandes batalhas com os Siões, em que foram desbaratados de todo. El Rey de Pegú passou todos os seus exercitos por aquella parte, e foram caminhando por campos muito grandes, e espaçosos, até haverem vista da Cidade de Odia, onde aquelle Rey estava recolhido com seiscentos mil homens de guerra, provído de mantimentos, e munições pera dous annos. O Bramá assentou o seu exercito em huma parte alta, meia legua da Cidade, e a todos os outros Reys seus vassallos mandou, que cada hum por si assentasse o seu em torno d'elle, de forte que ficasse impedida a entrada, e sahida; e encommendou a Diogo Soares de Mello a bateria, que fabricou algumas trincheiras em partes mais accommodadas pera baterem a Cidade, e nellas mandou affestar muitas peças de campo de todas as sortes.

CAPITULO IX.

Da descripção da Cidade de Sião: e de como o Bramá a commetteo, sem fazer cousa alguma: e de como foi contra a Cidade de Camambee.

A Cidade de Odia principal do Reyno de Sião, que he esta sobre que o Bramá está, fica pelo rio assima quarenta leguas, que he aquelle a que Abrahão Hortelio chama Menaó, que pela situação das Taboas de Ptholomeu parece *Doris fluvium*, cujas bocas elle mette em perto de vinte grãos. He este rio tamanho, e de tal fundo, que até á Cidade podem chegar juncos, e náos nossas; será aqui de largura de meia legua. E pela margem delle de huma, e outra parte he todo povoado de lugares, Villas, quintas, palmares, arequaes, e de todas as fruitas da India. Dá-se de longo delle muito gengivre, e tantas canas de açúcar, que he hum número infinito, de que fazem muito açúcar, e hum vinho estilado como agua ardente, que bebem. Ha por este rio assima algumas Tabancas, que são como portagens, em que se registão os que vão para a Cidade, e pagão alguns direitos, e cofumes. E assim mesmo ha muitas Varelas, que são Mosteiros, em que vivem seus Re-

ligiosos, e alguns delles muito sumptuosos, e dourados pelos tectos, e curucheos. Vasa este rio seis mezes, e enche outros tantos; e no tempo das vasantes vão os navios pera cima á toa, porque he muito alcantilado de ambas as partes. A vasante desce com muito grande ímpeto; mas a enchente tão vagarosa, e branda, que se não enxerga. E o dia da Lua do derradeiro mez subitamente arrebenta, e alaga todos aquelles campos, muitas leguas á roda, de feição, que ficam duas, e tres braças de agua. E por esta razão tem os Siões suas povoações em lugares muito altos, como os moradores do Egypto, e ficão no tempo destas inundações em Ilheos no meio do mar, e servem-se de humas povoações ás outras com embarcações pequenas. Nas costas da Cidade, que fica pelo rio affima da banda do levante, he a terra mais alta, e posto que se alaga, não he tanto.

No tempo que o rio começa a encher, começam os lavradores a lavrar suas terras, e a semeallas; e quando chegam as enchentes, já o arroz está affasonado, e tão alto, que ficam as espigas por cima da agua; porque he tão fertil, que a palha do arroz he tão grossa como hum dedo, e naquelles quarenta dias, que duram estes enchentes, vão os lavradores com estas embarcações, que são

são infinitas, e nellas muitas festas, e tangeres, a segar, e a cortar as espigas que ficam por cima da agua, e levam as almadias carregadas pera suas povoações, onde tem suas eiras. Estes dias são os de maior regozijo seu, que todos os mais do anno.

No tempo destas inundações todas as alimarias do mato, veados, gazellas, tigres, vacas bravas, e outros se acolhem aos altos, e alli vao os Siões com muitas embarcações á caça, e dellas os estam matando ás espingardadas, fréchadas, e ás pancadas, que he huma caça de muito gosto, e recreação. E he tão grande o número destas alimarias que matão, que carregam dalli todos os annos muitos juncos de seus pella-mes, e os levam a Japão, onde fazem muito proveito, porque daquellas pelles fazem muitos trajos, quimões, e outras cousas muito lavradas, como cada dia vemos trazer á India, de que fazem formosos caparazões, bastardas, couras, e outras curiosidades, porque são as pelles formosissimamente lavradas.

Quando este rio quer tornar a vasar, (que he em outra certa conjunção da Lua,) sahe ElRey da Cidade com todos os seus Grandes, em muitas embarcações muito douradas, e paramentadas com muitas festas, tangeres, e instrumentos de toda a sorte; e di-

zem, que vai ElRey lançar a agua fóra; e esta he a sua maior festa de todas. Tem ElRey mandado pôr hum masto no meio do rio, guarnecido, e forrado de sedas de cores, e nelle pendurada hum formosa joia pera o que mais remar, e chegar primeiro a ella. E pôstos todos os navios em ala, arrancão a hum final que lhes fazem, e varemando á porfia, com tamanhos gritos, alaridos, e vozarias, que parece que o Mundo se funde; e o primeiro que chega, leva o preço. E neste curso se encontram huns com os outros, e se quebrão, e se espedação, e desapparelhão dos remos, de manciara, que he hum confusão muito pera ver de fóra. Por onde não são tão barbaros, que em seus jogos, e festas não imitem os antigos Troianos, (porque da mesma maneira Eneas, quando chegou a Sicilia, festejou com o curso de suas galés, pondo curiosos preços pera a mais ligeira.) E depois destes Siões ganharem o preço, tornam a voltar pera a Cidade com tantas festas, gritas, e tangeres, que parece que se desfaz o mar, e a terra em estrondos. Recolhido ElRey á Cidade, como naquella maré, que he a conjunção que começa a vasar a agua, dizem, que o seu Rey a foi lançar fóra; porque estes Gentios todos os attributos que se devem a Deos, os dam aos seus Reys, e

crem que todos os bens lhes vem delles.

Quanto á grandeza da Cidade de Odia, não ha Portuguez que disso possa dar verdadeira informação, porque os não deixam andar por ella; mas póde-se conjecturar por huma experiencia que fez hum curioso; com quem nós communicámos isto.

Este diz, que estando naquella Cidade, desejando de saber a grandeza della, se embarcára em huma daquellas embarcações da terra, pequena, e muito ligeira, com determinação de rodear a Cidade, (que he toda cercada de agua,) e que partíra hum dia de madrugada do bairro dos Portuguezes, e que quando tornára era já alta noite, e affirmava, que por sua estimativa andaria mais de oito leguas. He esta Cidade, como agora dissemos, rodeada do rio, e ella toda cercada de muros de adobes, e não fica antre ella, e o rio mais que hum relexo de oito, ou nove passos. Tem toda á roda formosos baluartes, e muitas guaritas, guarnecido tudo de muita, e mui grossa artilheria de bronze. Na face da Cidade, onde as náos surgem, tem hum arrebalde, que tambem he cercado de muro, com seus baluartes, onde se agazalhão os forasteiros, e he feito a modo de Ilha, e se divide da Cidade por hum esteiro, sobre que estam al-

gumas pontes pera sua serventia. Tem este arrebalde bairros separados pera todas as nações, pera não viverem misturados, e cada bairro tem suas portas com que se fecha. A Cidade he toda retalhada de braços do rio, que por muitas partes entram, e tornam a sahir por outras ao mesmo rio, e em todas estas entradas, e sahidias tem portas fechadas com cancellas mui fortes, e grossas, por onde abrindo-se, entram dentro na Cidade todas as embarcações pequenas. Ha por dentro muitos, e frescos jardins, hortas, e quintaes pera seus passatemplos, e outras grandezas que deixamos, porque não soffre a historia tanto.

E tornando a ella: o Bramá tanto que assentou o arraial, começou a bater a Cidade por muitas partes. ElRey de Sião, a parte de que se mais temia, (que era hum baluarte, onde o rio era mais estreito, e de menos fundo,) a não quiz fiar senão dos Portuguezes, que mandou recolher dentro, que quasi seriam sincoenta, e elegêram por seu Capitão Diogo Pereira, (de que já em outra parte fallámos, sogro de D. Pedro de Castro, irmão do Conde do Basto, e do Arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro, filhos de D. Diogo de Castro, e de D. Leonor de Taíde,) que alli estava com humannão sua, que com muito valor, e esforço

defendeo aquella parte , fazendo della muito damno nos Pegús , e Bramás ; e sem dúvida , que foram os Portuguezes a total occasião de se não tomar aquella Cidade. E porque as particularidades deste cerco não fazem acafo pera nossa historia , as deixamos.

Vendo o Bramá que tinha gastado o tempo sem ter feito cousa alguma , e que se hiam chegando as crescentes do grande rio Menáo , temendo que se o tomassem naquellas varzeas , o alagassem , e subvertessem , teve modo com que mandou comineter os Portuguezes , que estavam dentro , que ou lhe dêssem por alli entrada na Cidade , ou deixassem de pelejar , e defender aquella parte , (porque nisso estava entralla elle ,) e que lhes daria a todos tantas riquezas , e ouro , que ficassem todos bem ricos. A isto lhe mandáram os Portuguezes aquella resposta , que os da Cidade de Synania deram ao Consul Bruto , quando os tinha cercados , que vendo a constancia , e valor com que se defendiam , lhes mandou pedir huma somma de ouro , e que levantaria o cerco ; ao que lhe respondêram , que seus passados lhes não deixáram ouro pera remirem as vidas , se não armas pera as defenderem.

Esta resposta diz Valerio Maximo , que desejava sahira da boca de algum Romano ,

Conto. Tom. III. P. II.

I

Imprensa Nacional

porque não era digna de ser dada por outra alguma nação. Assim estes valorosos cavalleiros Portuguezes, que estavam em Sião, mandáram dizer ao Bramá, que os Portuguezes não remiam suas vidas senão com as armas, nem vendiam sua lealdade por todo o ouro do Mundo; que foubesse em certo, que em quanto elles fossem vivos, não entraria elle naquella Cidade: e que ainda depois de todos mortos, e espedaçados, se pudesse ser, lha haviam de defender.

Vejam logo quanto mais dignos de louvor, e engrandecer foram estes, que aquellos Romanos, que estando no Capitolio cercados dos Francezes, se resgatáram com ouro.

Vendo o Bramá tão grande defengano, levantou seu exercito, e foi marchando á vante com tenção de ir cercar a Cidade de Camade, ou Campape, como lhe alguns chamam, que era a legunda do Reyno, e onde o Sião tinha todos os seus thesouros, e assim de longo daquelle formoso rio Menáo foi caminhando vinte dias, até chegar áquella Cidade, que era muito grande, e formosa, cercada toda á roda com seus baluartes, e guaritas, e com hum formosissima cava. Estava dentro hum Capitão Sião com duzentos mil homens de peleja, e com todos os provimentos necessarios pera muitos

tos tempos. O Bramá assentou seus exerci-
tos derredor da Cidade, e deo o cargo de
a combater a Diogo Soares de Mello com
os Portuguezes, que depois de feitas suas
trincheiras, vallos, e repairos, e prantar as
peças de artilheria, começou por huma par-
te a bater a Cidade, e por outra a entulhar
a cava por algumas partes, pera poder che-
gar a picar o muro, o que tudo de dentro
lhe defendêram, e atalháram com muito fo-
go, desfazendo em vão todos os trabalhos,
que naquelle negocio tinham commettido.

Calagoni, Senhor de Martabão, que era
homem muito avisado, e esperto, mandou
fabricar hum grande castello de tres sobra-
dos, sobre grandes rodas, e máquinas mui
fortes, guarnecido por fóra de traves, e mas-
tos mui grossos, fechados com ferragens for-
tissimas pera poderem sustentar a furia da
artilheria. E depois de acabado com grande
custo, e trabalho, o fez chegar ao muro com
os alifantes, pera por elle o entrar, levan-
do dentro muitos homens de espingardas, e
algumas peças de artilheria, e muitas pane-
las de polvora, e outros artificios de fogo.
Os de dentro vendo abalar aquella máqui-
na, (que era huma cousa espantosa,) met-
têram em algumas bombardas grossas huns
virotões de páo ferro, tão grossos como en-
tenas, e nas cabeças atravessadas em cruz

humas traves grandes ferradas, e pondo fogo ás bombardas, deram aquelles virotões no castello com tamanho terremoto, que o desfizeram por cima; e dando-lhe com outros, o acabáram de desmanchar, e arruinar de todo. O Bramá andava affrontado de não fazer naquella jornada alguma cousa notavel, e os nossos tambem andavam bem desconfiados.

Athanasio de Aguiar, que era hum soldado valoroso, ordenou humas muito grossas, e fortes mantas com grandes traves, e taboões ferrados por cima, e com muitas rodas, com que as fez encostar ao muro, que mandou picar por huma grande multidão de gastadores Pegús, e Bramás, e começaram a fazer alguns pequenos postigos. Os de dentro acudíram áquella parte com muitos artificios de fogo, que lançáram sobre as mantas, e se consumiam elles sem fazerem nenhum nojo aos que trabalhavam. Vendo os Siões que nada daquillo aproveitava, por causa das mantas com que se amparavam os que trabalhavam debaixo dellas, e que estavam arriscados a se perderem por alli, começaram a fazer reparios por dentro; e não curando já do fogo, por verem que não impeciam com elle aos Pegús, e Bramás, que os tinham cercados, usáram d'outro ardid, e este foi, que enchêram muitas jarras de

de çujidade de gente , delida com ourina , e dando com ellas do muro abaixo em cima das mantas se fizeram em pedaços ; e aquelle çujo , e fedorento licor coando-se pelas gretas do taboado , foi calar abaixo , e deo sobre os que trabalhavam , e em lhes tocando aquelle fedorento material , largáram logo tudo , e se recolhêram pera as suas estancias por não poderem soffrer tão máo cheiro , e pasmados daquelle negocio , diziam que os Siões eram diabos , porque quando lhes não aproveitavam as armas ordinarias , pelejavam com outras , de que nunca outra alguma nação do Mundo usou , e contra quem não havia reparo algum. O Bramá vendo o tempo gastado , depois de passadas as enchentes , levantou seu exercito , e se recolheu pera seus Reynos pelo mesmo caminho que levou.

C A P I T U L O X.

De como faleceo o Governador Garcia de Sá : e das partes , e qualidades de sua pessoa.

DEpois que entrou o Inverno , não se occupou o Governador Garcia de Sá em outra cousa mais , que em reformar a Armada , e mandar dar pressa aos navios , que tinha começados , visitando os mais dos

dias a ribeira, armazens, e a casa da polvora. E na entrada do mez de Junho desta era de 1549 em que andamos, adoeceo de humas febres agudas; e como era homem de setenta annos, logo o cortáram de feição, que deo ruins sinaes de sua faude; e entendendo os Medicos que se lhe hia chegando seu termo limitado, avisáram dillo o Bispo, pera que lhe dissesse, que tratasse das cousas de sua alma, como fez. E entendendo elle aquella verdade, largou tudo por mão, e se fechou pera tratar do que lhe convinha, confessando-se muito devagar, e tomando os Divinos Sacramentos, e depois fez seu testamento, e cumprio com todas as cousas de verdadeiro Christão, e temente a Deos; e aos treze dias do dito mez faleceo desta vida presente, com grandes exteriores de arrependimento de seus peccados. Estiveram com elle o Bispo, os Padres de S. Francisco, de S. Domingos, e da Companhia, que o consoláram, e lhe lembráram as cousas que convinham á sua alma. Foi sua morte muito sentida de todos, porque era Fidalgo muito brando, affavel, humano, e tão desinteressado, que com haver sido duas vezes Capitão de Malaca, e hum de Baçaim, e hum anno Governador da India, não tinha de seu mais que o dote que deo a suas filhas, que não

passou de vinte mil cruzados a cada huma. Falecido o Governador, se abriu seu testamento, e acháram por seus testamenteiros seus genros. Mandava que seu corpo fosse enterrado na Capella mór de nossa Senhora do Rosario, no chão ao pé da sepultura de sua mulher D. Catharina, e que fosse vestido no habito do Padre S. Francisco, como se fez. Foi acompanhado de todas as Ordens, Cabidos, e Freguezias, e de todos os Fidalgos, vestidos de preto, e da Irmandade da Misericordia.

Foi este Fidalgo filho de João Rodrigues de Sá, o primeiro Alcaide mór do Porto: era homem de boa estatura, muito gentil-homem, e tão alegre, que alegrava a todos; tinha huma muito alva, e veneranda barba, que lhe dava pelos peitos; foi homem de muita verdade, grande conselho, e muito zeloso do serviço de ElRey; foi de muito boas respostas, e nunca deo escandalo público em quanto andou na India, senão aquelle da mãe de suas filhas, antes que a recebesse por mulher. Fez de novo cinco, ou seis galeões, e caravelas, e muitas fustas; mandou reformar as fortalezas de Ormuz, Dio, e Cananor. Deixou nos armazens duas mil espingardas, que mandou fazer em Cochim, Coulão, e Ceilão, e em outras partes. Fez de novo a casa da pol-

vora, onde hoje está, proveo-a de novos en-
genhos, e encheo os armazens de mantimen-
tos, cotonias, cifas, remos, e de tudo o
mais. Não fez dividas no Estado, e pagou
algumas velhas. Não ficou d'elle posteridade
no Mundo, mais que sua hisneta D. Joanna
de Noronha, filha de D. Garcia de Noro-
nha seu neto, (como pouco ha dissemos,)
que por não ter sua mãe dote que lhe dar,
a metteo Freira no Mosteiro de Aveiro, se-
gundo nos differam. Não deixou este Gover-
nador morgados na terra, que he final que
lhos teria o Senhor guardado no Ceo, on-
de sua alma iria descansar perpetuamente.
Governou hum anno, hum mez, e sete
dias.





DECADA SEXTA.

LIVRO VIII.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como por morte do Governador Garcia de Sá succedeo na governança da India Jorge Cabral: e da Armada que este anno de 1549 partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Alvaro de Noronha.

LEVADO o corpo do Governador Garcia de Sá a nossa Senhora do Rosario, depois de se lhe fazer o Officio muito solemnemente, primeiro que fosse enterrado, abrio o Veador da Fazenda o cofre, em que estavam ainda duas successões da governança da India, de sinco que El-Rey tinha mandado na Armada de Manoel de Mendouça, e tirou a quarta, (porque na terceira tinha succedido Garcia de Sá,) e

deo-a ao Capitão D. Francisco de Lima, que com o Licenciado Antonio de Barbuda, Ouvidor Geral da India, a examinou, pera ver se se tinha nella bolido; e achando-a pura, e sem se nella tocar, a deo ao Secretario que a abriu, e lendo-a alto se achou nella Jorge Cabral, que estava por Capitão de Baçaim, o que todos estimáram muito, porque era hum Fidalgo, em que havia todas as partes necessarias pera o cargo. Evendo que estava em Baçaim, donde não podia vir senão em Setembro, se abriu o Regimento que na India havia sobre este negocio, e se achou que mandava ElRey:

» Que succedendo algum Governador nas
 » vias, estando fóra de Goa desde cabo do
 » Comorim até á ponta de Dio, se esperasse
 » se por elle, e entre tanto governasse a India
 » dia o Bispo, Capitão da Cidade, e Ouvidor
 » Geral; e que estando destes limites
 » pera fóra, se não esperasse por elle, e se abrisse
 » se a outra successão, » (o que ElRey mandou
 » ordenar depois daquellas grandes differenças
 » que houve entre Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz
 » de Sampaio, como temos contado na quarta
 » Decada no Cap. VI. do Liv. II.) E porque o Bispo,
 » D. Francisco de Lima, e o Ouvidor Geral estavam
 » presentes, lhes fez o Veador da Fazenda entrega
 » da India, até vir o Governador Jorge Cabral,
 » de

de que se fez hum Termo, em que todos se assignáram. Passado isto, foi o corpo do Governador Garcia de Sá enterrado, e os Regentes se recolhêram, e começáram a correr com as cousas do governo, e despediram logo correios por terra com cartas pera o Governador, em que lhe faziam a saber de sua successão. Estas cartas lhe chegaram primeiro, que se acabasse o mez de Julho; e vendo-as elle, e sabendo da morte do Governador Garcia de Sá, e de sua successão, sentio muito sua morte, e não se alvoroçou com a governança, antes esteve pera a não acceitar; porque se as cartas que se mandáram por terra a ElRey da morte do Viso-Rey D. João de Castro chegáram antes das náos serem partidas, sem dúvida viria Governador nella; e quando não, não poderia faltar no Setembro seguinte. E que pera se arriscar a não ser Governador mais que hum mez, ou quando muito hum anno, muito melhor lhe era deixar-se estar em Bagaim, e acabar quatro annos, que tinha daquella Capitania, e ir-se pera o Reyno com cousa com que pudesse viver, e não depois de Governador embarcar-se pobre, e sem cousa alguma, e assim ficou suspenso, sem se saber determinar. Mas sua mulher, que era vã, como o são todas, lhe disse: » Que melhor era ser quinze dias Governador da

v India, que dez annos Capitão de Baçaim ;
 » e que já ElRey lhe ficava em mais obri-
 » gação, e lhe havia de fazer differentes hon-
 » ras, e mercês.» A Cidade de Baçaim acu-
 dio logo ao novo Governador, e lhe fez
 muitas festas, e elle se começou a negociar
 pera se partir pera Goa, mandando pera is-
 to armar alguns navios muito ligeiros, em
 que se embarcou aos oito dias de Agosto,
 e aos quinze dias de nossa Senhora da Af-
 sumpção chegou á barra de Goa, e des-
 embarcou em Pangim, onde os Regentes lhe
 foram entregar a India, e depois entrou na
 Cidade, onde se lhe fez o recebimento cos-
 tumado, e começou a entender nas cousas
 do governo. E a primeira que fez, foi des-
 pachar Francisco Barreto pera ir entrar na
 Capitanía de Baçaim, de que era provído,
 e mandou dar pressa á Armada, e lançalla
 ao mar, porque determinava de ir a Co-
 chim, por andarem as cousas d'antre o Ca-
 morim, e ElRey de Cochim muito rotas,
 e os odios antigos muito accezos.

E sendo alguns dias passados de Setem-
 bro, surgiram na barra de Goa quatro náos,
 de sinco que do Reyno partíram, de que
 era Capitão mór D. Alvaro de Noronha,
 filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha,
 que vinha despachado com a Capitanía de
 Ormuz. Os mais Capitães de sua conserva-

eram Diogo de Mendoça, Jacome Tristão, e João Figueira. Da outra que faltava, era Capitão Diogo Botelho Pereira, o que foi na fusta ao Reyno, (como na quinta Decada no Cap. II. do I. Liv. fica dito,) que em Outubro foi tomar Cochim. Vinha com elle embarcado Rax Nordim, filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz, que o pai mandou pera Portugal na Armada de Lourenço Pires de Tavora, como no principio desta Decada se vê, no Cap. III. do IV. Liv., que esteve tres annos no Reyno com grandes gastos, e despezas, e sempre lhe fez El-Rey tantas honras, que nos serões Reaes o mandava assentar nos degráos do estrado com os filhos do Duque de Bargarça; e servia huma Dama daquellas, a que mandava muitas peças, e brincos, muito ricos, e curiosos, e ella o favorecia pelo honrar. E depois de ser Guazil de Ormuz, foi áquella fortaleza hum irmão desta Senhora, mancebo o mais gentil-homme de seu tempo, e sabendo o Guazil d'elle, o foi buscar, e lhe deo muito dinheiro, e peças ricas. Despachou El-Rey a Rax Nordim com os cargos de Guazil do Reyno de Ormuz, e com o de Juiz da Alfandega daquella Cidade, assim como seu pai os tinha por sua morte.

Este Diogo Botelho Pereira, por aquella ida que fez ao Reyno na fusta, não lhe

quiz ElRey responder muitos annos a seus requerimentos , e depois lhe deo a Capitania de S. Thomé , onde adoeceo de hydropezia , e engrossou tanto como hum tonel , e se foi pera o Reyno ; e este anno o despachou ElRey com a Capitania de Cananor , e se embarcou assim enfermo , e grosso ; e affirmava-se , que bebia dous almudes de agua cada dia. Entrou logo na sua Capitania , que não logrou , porque morreo no primeiro anno.

Antes que esta Armada partisse do Reyno , foi ElRey avisado , que em Hespanha se faziam cinco náos prestes pera passar a Maluco , e que o Capitão mór dellas era o mesmo Fernão de la Torre , que Fernão de Sousa de Tavora trouxe de Maluco ; e que os outros Capitães eram D. Alonso Henriques , Pero Pacheco , Gonçalo de Avalos , e João Cayetano , que todos tinham ido a Maluco em companhia de Ruy Lopes de Villa-Lobos. Disto avisou ElRey ao Governador , e lhe mandou que proveesse naquellas cousas , e que mandasse huma Armada a Maluco ; o que elle determinou fazer como fosse tempo. E porque a costa do Malavar não ficasse desamparada , despedio por Capitão mór della Francisco de Siqueira o Malavar , (de quem muitas vezes temos fallado na quinta Decada , nos soccorros do

primeiro cerco de Dio, sendo Capitão daquella fortaleza o grande Antonio da Silveira,) que era grande Capitão, e entendia a guerra muito bem, e tinha destruido o Malavar, como quem sabia as entradas, e saídas; e pelos muitos serviços que tinha feito ao Estado, o fez ElRey D. João Fidalgo, e lhe mandou o habito de Christo com boa tença. Levou doze navios, com que andou a mór parte do verão por aquella costa, fazendo-lhe toda a guerra que pode. E o Governador ficou dando despacho a outras muitas cousas, e aviamento ás náos pera irem tomar a carga a Cochim.

C A P I T U L O I I

De como o Rey da Pimenta se passou á parte do Çamorim perfilhando-se com elle: e do recado que o Governador teve disso.

OS Reys de Cochim (como já algumas vezes temos dito) ficam tendo antre toda aquella Gentilidade do Malavar toda a superioridade no espirital, como Bragmane mór que he. E por hum muito antigo costume, que não podemos bem averiguar, são obrigados os Reys da Pimenta a lhe darem suas mulheres, e filhas pera as levarem de sua honra, que he a maior que se lhes póde fazer, quando casão; porque

todos estes Gêntios do Oriente tiveram sempre em seus costumes o intento em suas delicias, e torpezas, que não pôde ser maior na vida, que quando estas Princezas casão, entregarem-nas primeiro ao Rey, que a seus maridos, havendo que com isso ficavam purificados. E assim depois disto, todos os filhos que ellas parem, sejam cujos forem, são havidos, e perfilhados pelo Rey de Cochim, e elle os recolhe, e cria como filhos. E como o Principe de Bardela se creava por esta razão com ElRey de Cochim, tinha tanta amizade com os Portuguezes, que lia a Cochim ver as festas, touros, e canas, porque naquelle tempo tudo eram regozijos, e delenfadamento. E assim este verão passado, parindo a mulher do Rey da Pimenta, mãe daquelle Principe, foi Francisco da Silva, Capitão de Cochim, com todos os casados a Bardela, onde residia, e lhe festejou o parto com lhe jogar as canas, e com outros passatempos; e algumas vezes foi ajudar aquelle Rey nas guerras que tinha contra ElRey de Porcá seu vizinho, tudo á conta de ElRey de Cochim.

Este Principe, que já era Rey da Pimenta, por certos aggravos que teve de ElRey de Cochim, que o creára como pai, determinou de se passar á parte do Camorim, pera o que se carteu com elle, e tratou de se

se verem, o que o Camorim grangeou muito, e lhe mandou sobre isso cartas mui honrosas, e de grandes offercimentos, com que elle se fez prestes pera se passar a Calecut.

Destes tratos foi avisado ElRey de Cochim, e o Capitão, que sentio muito aquelle negocio, e tratou de o impedir por todas as vias que pudesse, pelo grande prejuizo que se seguiria ao Estado daquellas lianças; porque se aquelles Reys se juntassem, sería total destruição do Reyno de Cochim, e ficariam as náos do Reyno sem terem porto, nem escala aonde fossem carregar, nem a pimenta, que era o mais importante de tudo, porque logo os Mouros a haviam de haver toda pera si, e passalla a Meca, que era o que elles muito pertendiam, porque com a nossa entrada na India lhes arrancámos das mãos aquelle trato, com que todos vieram a empobrecer. E lançando Francisco da Silva suas contas a tudo, se foi ver com ElRey de Cochim sobre aquelle negocio, e o persuadio a emendar os agravos de que se o Principe queixava, ao que ElRey disse: » Que faria tudo o que » naquelle negocio lhe parecesse bem, e que » tomasse elle á sua conta acaballo com elle. »

Com esta resposta se passou logo Francisco da Silva a Anche Queimal, onde aquelle Principe estava, e o foi visitar; e no

Couto. Tom. III. P. II.

K

N dis R E N S A
N A C I O N A L

discurso da visita lhe pedio : » Que se des-
 » cesse da opinião em que estava, e que se
 » lembrasse que ElRey de Cochim era seu
 » pai, e que o creára sempre com muito
 » amor; que não era razão que por peque-
 » nos aggravos fizesse tão grande mudança,
 » como passar-se ao Camorim, que era o
 » mór inimigo que tinha; que elle acabaria
 » com elle que o satisfizesse em tudo, e
 » que lhe lembrava a muito antiga amiza-
 » de que tinha com os Portuguezes, que
 » sempre se mostráram grandes seus amigos,
 » e o servíram em todas suas guerras con-
 » tra seus vizinhos; e que pela mesma ra-
 » zão que ficasse inimigo de ElRey de Co-
 » chim, ficavam os Portuguezes seus delle; »
 Mas o Principe como estava com aquelle ap-
 petite, disse: » Que elle entendia mui bem
 » o que lhe importava aquelle negocio, e
 » que já se não havia de descer de sua opi-
 » nião. » Vendo-o Francisco da Silva tão re-
 soluto, e determinado, lhe disse: » Que dal-
 » li por diante teria o Estado por seu inimi-
 » go, e que como a esse lhe faria toda a
 » guerra que pudesse, por mar, e por terra,
 » até o destruir de todo. » E apartando-se
 delle, mandou logo apregoar guerra a fogo,
 e a fangue. E despedio Fernão Rodrig-
 gues de Mariz com algumas embarcações pe-
 ra

ra tomar os passos por onde aquelle Principe havia de passar pera Calecut. O que elle fez de feição, que não tendo aquelle Principe outro remedio, passou só, e disfarçado pelo pé do Gate, e assim foi ter a Calecut, onde o Camorim o recebeu com muitas honras, e fez com elle novas perfilhações, por esta maneira.

» Que elle perfilhava o Camorim em seu
 » Principe, herdeiro de seu Reyno por sua
 » morte, posto que já tinha Principe herdeiro ; e que o Camorim perfilhava o Principe herdeiro do Reyno da Pimenta, em
 » Principe segundo herdeiro do Imperio de Calecut por falecimento do Principe seu
 » sobrinho, que era o direito herdeiro. O
 » que o Principe da Pimenta pelo muito que
 » ganhava, se viesse a ser herdeiro do Reyno de Calecut, porque pela mesma razão
 » o ficava sendo tambem do Reyno da Pimenta. » A estas perfilhações se fizeram grandes festas em Calecut, a que acudiram todos os Principes Malavares do bando do Camorim. Francisco da Silva despedio logo
 » hum navio muito ligeiro com cartas ao Governador Jorge Cabral, em que lhe dava
 » conta de todas aquellas cousas, e que era
 » necessario acudir a ellas em pessoa, porque
 » começava a haver impedimentos nos rios por
 » onde corria a pimenta. El Rey de Cochim

começou a ajuntar suas gentes pera acudir áquellas cousas , pelo muito que lhe importava.

C A P I T U L O III.

De como o Governador Jorge Cabral partio pera Cochim : e das cousas que passaram naquella Cidade , em quanto nella esteve : e de como ElRey da Cota lhe mandou pedir soccorro contra o Madune.

POucos dias depois das náos do Reyno chegadas , teve o Governador cartas de Francisco da Silva , Capitão de Cochim , em que lhe dava conta das alterações que havia antre aquelles Reys , do que ficou enfadado , porque bem entendia que eram trabalhos que se levantavam contra o Estado , e que lhe era necessario acudir a isso em pessoa ; porque receou que se o não fizesse , não haveria carga de pimenta pera as náos , e mandou dar pressa a toda a Armada. E na entrada de Outubro despedio Bastião de Sá , o Çapeca , por Capitão mór do Malavar , com hum galé , e vinte navios de remo , de cujos Capitães não achámos os nomes , e elle ficou dando despacho ás náos pera as despedir pera Cochim , como logo fez por todo Outubro. O Governador deo expediente a muitas cousas outras , e começou-se a embarcar , entregando o governo

ao Bispo , e ao Capitão da Cidade , e ao Ouvidor Geral , que era o Licenciado Christovão Fernandes ; e meado o mez de Novembro deo á véla , levando antre galeões , caravelas , e galés mais de trinta , e de navios de remo perto de sessenta. Os Capitães que nesta jornada o acompanháram nas vazilhas grandes , e galés (porque aos das fustas não achámos os nomes) são os seguintes.

D. Antonio de Noronha , filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha , D. João Henriques , Jorge de Mendoga , João de Mendoga Cação , outro João de Mendoga o Chú , D. Jorge de Castro , Pantaleão de Sá , Martim Affonso de Mello Pereira o Ombrinhos , Manoel de Sousa de Sepulveda , Martim Affonso de Miranda , Francisco de Mello Pereira , Fernão de Sousa de Castello-branco , Gonçalo Vaz de Tavora , Pero Botelho , Fernão Gomes de Sousa , Belchior Botelho , que hia por Veador da Fazenda da carga das náos , Pedro Affonso de Avelar , Diogo Botelho , Nuno Alvares Carneiro , Escrivão da Matricula , que hia em huma caravela , com todos os Officiaes daquelle cargo , pera em Cochim fazerem os despachos dos Officiaes das náos , e de outras pessoas que se hiam pera o Reyno , (porque todos os annos hiam lá estes Officiaes a isso , por

se haver por melhor aviamento das partes, porque como todos os homens de todas as partes da India, que se querem ir pera o Reyno, vam buscar as náos a Cochim, achavam alli seus despachos.

Partido o Governador, foi em poucos dias a Cochim, e tomou casas em terra, começando a entender na carga das náos; mas como o Rey da Pimenta estava lançado com o Çamorim, começou a faltar, porque se impedia a passagem della pelo rio abaixo, por Mouros que estavam em hum forte. O Governador mandou hum Capitão, a quem não achámos o nome, com quinhentos homens pera os tirar dalli, o que elle fez, commettendo-os huma madrugada; e posto que achou muita resistencia, por serem os de dentro mais de oitocentos, foi o forte entrado, e os mais dos Mouros mettidos á espada, e o forte derribado, queimado, e posto por terra, ficando este Capitão naquelles rios, favorecendo a passagem aos mercadores, que traziam a pimenta de sima da Serra, e ao pé a embarcavam em toneis, em que a levavam ao pezo, e Feitoria de El-Rey; mas não corria tanta quanta era necessária.

Não havia muitos dias que o Governador era chegado, quando lhe veio hum Embaixador de El-Rey da Cota, que como vassal-

fallo de ElRey de Portugal , lhe mandava
 pedir com muita piedade » o quizesse soc-
 » correr , porque estava no derradeiro estre-
 » mo de perder feu Reyno ; porque o Ma-
 » dune , Rey de Ceitavaca feu irmão , lhe ti-
 » nha tomado a mór parte delle , e o tinha
 » cercado na Cidade da Cota , em muito ris-
 » co de se perder ; que aquelle Reyno era
 » de feu neto , que ElRey de Portugal lhe
 » tinha concedido , e o alevantára na Cida-
 » de de Lisboa por herdeiro delle , e que o
 » Madune lho queria tomar ; que lhe pedia
 » o soccorresse com muita gente , que elle
 » daria logo dez mil cruzados em pimenta
 » pera a carga de humá náó de Portugal ,
 » que entregaria ao Capitão mór que lá fos-
 » se ; e que daria mais de pareas cento e
 » sincoenta bares de canela , além dos tre-
 » zentos que já pagava ; e que daria logo
 » dez alifantes pera o serviço das ribeiras das
 » Armadas de ElRey de Portugal . »

Ouvida a Embaixada , poz o Governador
 aquellas cousas em conselho dos Capitães ,
 e Fidalgos , que assentáram todos : » Que se
 » devia de dar soccorro áquelle Rey , tanto
 » porque era vassallo do de Portugal , e pe-
 » los partidos que offerencia , quanto por ata-
 » lhar que o Madune se não viesse a fazer
 » Senhor daquella Ilha , porque daria mui-
 » to grande trabalho ao Estado , e ElRey

» de Portugal perderia os proveitos que della tinha.

Concluido isto, elegeo o Governador pera aquella jornada D. Jorge de Castro seu tio, irmão de sua mãe, e lhe nomeou seiscientos homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalheiros; e mandou negociar os navios que havia de levar, pera cujas despesas deo logo o Embaixador os dez mil cruzados que offereceo. O Governador mandava dar pressa á Armada, e ás náos, que tudo determinava despedir entrada de Janeiro.

Sucedeo neste tempo andar Jacome Tristão, Capitão de huma das náos, fazendo seu negocio na rua direita hum dia pela manhã, e estando bem descuidado, prepassou por elle hum homem em trajos de escravo, e deo-lhe com huma machadinha pelo rosto tamanho golpe, que lhe derribou ambos os queixos, e descendo ás guelas lhas cortou, cahindo logo morto no chão; e o que lhe deo escoou-se por antre a gente de feição, que nunca mais appareceo. O Governador sentio muito aquillo, e mandou tirar grandes inquirições sobre o caso; mas nunca se achou rasto de cousa alguma. Suspeitou-se que lhe nascêra aquillo de hum Christovão de Castro, que com elle viera na náos, com quem teve humas palavras na viagem. Este ho-

mem na volta destas náos o mandava ElRey levar prezo pera o Reyno, de que elle parece foi avisado, e se metteo Frade. Depois no anno de sincoenta e oito, indo pera o Reyno com D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, (quando se perdeu na Ilha de São Lourenço, como em seu lugar diremos,) ficou na náo com outros Frades, porque querendo-os D. Luiz Fernandes de Vasconcellos tomar no batel, não se quizeram sahir da náo por ficarem confessando, e consolando os que ficavam nella, onde todos acabáram. A Capitania desta náo deo o Governador a João de Mendouça o Chú, que se foi nella pera o Reyno. O Governador deo pressa á carga, e á escritura do Reyno, e até dez de Janeiro despedio as náos, que tiveram tão boa viagem, que todas chegaram a salvamento a Lisboa por todo o mez de Julho, tendo ElRey despedido no Março passado a D. Affonso de Noronha por Viso-Rey da India, como logo adiante diremos.

CAPITULO IV.

De outro recado que o Governador Forge Cabral teve de Ceilão do Principe de Candea: e de como D. Forge de Castro partio pera Ceilão: e do que o Governador fez em Cochim até se recolher: e o que aconteceu a Bastião de Sá no Malavar.

DEspedidas as náos, ficou o Governador dando pressa á Armada de D. Jorge pera a despedir logo; e tendo-a já prestes, lhe chegaram cartas dos Padres de São Francisco, que estavam no Reyno de Candea, em que lhe pediam, que mandasse alguma gente em favor do Principe daquelle Reyno, porqué se queria fazer Christão. E porque he necessario darmos particular razão das cousas deste Principe, o faremos. Tinha este Rey de Candea hum filho legitimo, chamado Caralea Bandar, que era herdeiro do Reyno. Este Principe teve maneira com que fez com o pai que soltasse os Frades de S. Francisco, (que prendeo, quando Antonio Moniz Barreto foi áquelle Reyno, como atrás temos contado no Cap. VIII. do IV. Liv. ,) que tomou tão grande amizade com Fr. Pascoal, que era seu Commisario, que o commetteo o Padre pera ser Christão, prégando-lhe muitas veze das cou-

fas de nossa Fé, a que se elle hia inclinando, e afeiçoando, de maneira, que lhe não faltava mais que receber a agua do santo Baptismo. Disto foi o pai avisado, e tratou de matar o filho, e de dar o Reyno a outro bastardo que tinha, chamado Comar Singa Adafana, a que queria muito grande bem. Destas cousas teve o Principe atoardas, ou aviso de dentro da casa do pai; e querendo fugir á sua ira, tomou consigo os Frades, e se foi pera huma terra do Reyno de Huná, e com muita gente que o seguio, fazia dalli guerra ao pai.

De todas estas cousas avisáram os Padres ao Governador por áquellas cartas que lhe mandáram, pedindo-lhe que mandasse socorrer aquelle Principe contra o pai, que lhe queria tomar o Reyno, e dallo a outro, porque se queria fazer Christão. Isto estimou o Governador muito, e deo por regimento a D. Jorge de Castro, que tanto que acabasse as cousas de Ceitavaca, passasse ao Reyno de Candea, e castigasse aquelle Rey pela traição de que usou com Antonio Moniz Barreto.

Esta Armada partio na entrada deste Janeiro do anno de 1550, em que com o favor Divino entramos; e a nenhum dos Capitães, e pessoas principaes, que nesta jornada se acháram, foubemos os nomes, e de

sua jornada adiante daremos razão. Partida esta Armada, tratou o Governador com El-Rey de Cochim sobre as cousas que cumpriam, pera se atalharem as pertençações do Rey da Pimenta, e Çamorim. E porque já não havia outro meio, senão levar o negocio por guerra, assentáram como se lhe havia de fazer, encarregando ao Capitão fazer-lhe por mar toda a que pudesse, pera o que lhe deixou navios, e gente pera andarem por aquelles rios. E que El-Rey de Cochim, com todos os seus alliados, lha fizessen por terra.

Assentadas estas cousas, e ordenadas, se despedio o Governador de El-Rey, e a Cidade, e se embarcou pera Goa, deixando de Cochim até Panane Fernão Rodrigues de Castello-branco com oito navios, e pera se recolher a invernar a Cochim; e Bastião de Sá com a sua Armada na costa, onde andava; e elle chegou a Goa no fim de Janeiro.

Bastião de Sá andou pela costa do Malavar todo o resto do verão, fazendo ao Çamorim toda a guerra que pode, dando-lhe em muitas povoações, e tomando-lhe muitos navios, e defendendo-lhe os mantimentos de feição, que poz aquelle Reyno em muitas necessidades. E sendo tempo de se recolher a invernar a Goa, o fez, passando pe-

la costa do Canará; onde recolheo as pa-
reas, que aquelles Reys costumavam a pa-
gar. Só os Chatins da Cidade de Barcelór
se refusáram a dar setecentos fardos que lhes
pediam, dizendo: » Que elles não tinham
» obrigação alguma que os obrigasse a is-
» so, nem elles estavam penhorados a elles,
» nem por pareas, nem por contratos de pa-
» zes; porque se alguns annos os pagáram,
» foi porque de suas proprias vontades of-
» ferecêram ao Governador Martim Affonso
» de Sousa aquelles setecentos fardos de ar-
» roz, em modo de serviço, e não de obri-
» gação; que quando lhes mostrassem algu-
» ma sua, então não tinham que fazer. » Bas-
» tião de Sá lhes mandou dizer: » Que bas-
» tava a posse em que ElRey estava de oi-
» to, ou nové annos; e que pois elles to-
» dos esses annos os pagavam aos outros Ca-
» pitães móres, elle se não havia de levan-
» tar de sobre aquelle porto, sem os levar. »
Vendo os Chatins, e Governadores da Ci-
dade aquella determinação, lhe mandáram
os setecentos fardos de arroz; e logo des-
pediram dous Procuradores, homens antre
elles principaes, chamados Trametim Cha-
tim, e Drimy Chatim, pera irem-tratar a-
quelle negocio com o Governador.

Estes homens foram a Goa, e o Gover-
nador Jorge Cabral os ouyio mui bem, e

elles em nome de sua Republica lhe disseram : » Que os Capitães môres do Malavar » os obrigavam a lhe darem setecentos fardos de arroz cada anno , não tendo elles » obrigação alguma pera isso ; mas sómente porque de suas livres vontades os deram , e offerecêram ao Governador Martin Affonso de Sousa de serviço. E porque elles desejavam de ter paz , e amizade com o Estado da India , e seus Governadores , e estarem debaixo de sua guarda , e amparo , que haviam por bem os Regedores daquella Cidade de Barcelór de darem , e pagarem cada anno de pareas quinhentos fardos de arroz pera ajuda das Armadas , e que os pagariam em Outubro , (que era o tempo em que a novidade se recollia. ») O Governador vendo suas razões , e sabendo da casa dos Contos que não havia obrigação alguma dos ditos fardos de arroz , lhes accitou os quinhentos fardos , de que os Procuradores daquella Cidade lhe fizeram suas obrigações , e o Governador lhes passou carta de vassallagem , em que se obrigava elle , e todos os Governadores da India a favorecerem os moradores daquella Cidade , e que lhes não sería feito agravo , nem sem razão alguma ; e que lhes dariam seguros , e cartazes pera suas náos , e navios poderem navegar por aquella

la costa seguramente. Com isto se despediram os Procuradores satisfeitos, e contentes, e corrêram dalli por diante os Regedores daquelle Cidade com a obrigação destas pareas muito bem, sem nunca deixarem de as pagar.

CAPITULO V.

De como o Governador Jorge Cabral despachou D. Alvaro de Noronha para entrar na fortaleza de Ormuz: e da Armada que mandou em sua companhia, de que foi por Capitão mór Luiz Figueira: e das novas que a Goa vieram de galés: e de como o Governador mandou Gonçalo Vaz de Tavora a espiallas: e da Armada que mandou a Maluco, de que foi por Capitão mór D. Rodrigo de Menezes.

Chegado o Governador a Goa, tratou logo de despachar D. Alvaro de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, para ir entrar na Capitania de Ormuz. E porque andavam humas novas surdas de galés, sem se saber donde vieram, ordenou de mandar huma Armada ao Estreito para ficar invernando em Ormuz para segurar aquella fortaleza. E mandou negociar dez navios de remo, elegendo para esta jornada Gil Fernandes de Carvalho, irmão de Ruy de Sousa de Carvalho, que os Mou-

ros matáram em Tangere. E depois de lhe ter promettido esta Armada, desejou de a dar a Luiz Figueira, filho do Estribeiro mór do Infante D. Luiz, e diziam, que pelo tirar de Goa, por respeitos que se calão; e pera isto negou a Gil Fernandes de Carvalho coufas, e Provisões que lhe pedia, porque elle desgostasse da jornada, como fez, enjeitando-a ao Governador, que era o que elle muito desejava, e logo a deo a Luiz Figueira, e mandou dar pressa a seu aviamento. Gil Fernandes de Carvalho, que era hum Fidalgo muito pontual, vendo que todavia o Governador desconcertára com elle, e dera a Armada a outro, (porque não sabia a razão que naquelle negocio houve, porque só estava no peito do Governador,) como aquelle negocio era de galés, não querendo que dissessem que deixára huma jornada contra Turcos por pontos leves, fretou hum navio de remo, e ajuntou quarenta soldados, a quem pagou de sua casa, e fez todos os mais gastos pera ir em companhia de Luiz Figueira invernar a Ormuz.

O Governador despachou D. Alvaro de Noronha, e lhe deo hum galeão com muitas munições, e juntamente com elle despedio Luiz Figueira com a sua Armada, que todos deram á véla em Março, indo em sua companhia Gil Fernandes de Carva-

lho, e em poucos dias chegaram a Ormuz. D. Manoel de Lima lhe entregou a fortaleza por ter já acabado seu tempo; e Luiz Figueira andou por aquelle Estreito de Baçorá o resto do verão, e depois se recolheu a Ormuz, ficando Gil Fernandes de Carvalho naquella fortaleza, dando meza a todos os soldados que levou á sua custa, sem querer tomar cousa alguma da fazenda de El-Rey pera isso.

O Governador depois de despachar esta Armada pera Ormuz, começou a negociar outra pera Maluco contra os Castelhanos, porque assim lho mandava El-Rey, e elegeo pera esta jornada D. Rodrigo de Menezes, Fidalgo de muitas partes. E dando pressa á Armada, a fez á véla na entrada de Abril. Hiam cinco navios grossos, de que eram Capitães D. Rodrigo de Menezes, João de Almeida, e hum foão Marecos da obrigação do Governador. Os outros dous Capitães eram, D. João Coutinho, e Bernardo de Sousa, que eram providos das viagens de Maluco; e hiam cada hum em seu galeão pera tornarem com a carga do cravo, e ambos hiam debaixo da Capitania de D. Rodrigo de Menezes, que levava Provisões de Capitão mór de todo aquelle Archipelago de Maluco. Nesta Armada hiam trezentos homens, muitas munições, roupas,

e outros provimentos; e de sua viagem adiante daremos razão.

Esqueceo-nos dizer como o Governador pelas novas das galés de que já se falava, estando em Cochim, despedira Gonçalo Vaz de Tavora com cinco navios, com regimento que fosse ao Estreito de Meca, e tomasse falla de alguma pessoa, e soubesse da certeza das galés; e que quando se recolhesse pera se vir pera Goa, (onde levava por regimento tornasse a invernar,) que viesse por Caxém, e visitasse aquelle Rey, que era muito amigo do Estado, a quem escreveu cartas mui honrosas, e que soubesse delles as novas que havia (porque sempre avisava aos Governadores do que havia no Estreito de Meca.)

Partido este Capitão na entrada de Fevereiro, foi seguindo sua derrota até ferrar Monte de Felix; e dalli foi demandar o Estreito, e entrou dentro, onde tomou algumas gelvas com alguns Mouros, de quem soube que em Suez se faziam prestes vinte e cinco galés, mas que não sabiam pera onde. E não podendo Gonçalo Vaz de Tavora alcançar mais, se tornou com algumas prezas que tomou, e navegando de longo da costa da Arabia, foi tomar o porto de Caxém, e se vio com aquelle Rey, que lhe fez muitos gazalhados. Elle lhe deo as cartas

tas do Governador, e algumas peças, e brin-
cos, que por elle lhe mandava, que elle esti-
mou muito; e disse a Gonçalo Vaz de T'a-
vora: » Que elle era avisado, que em Suez
» se preparavam vinte e cinco galés pera con-
» tra Portuguezes, mas que se não sabia,
» nem declaravam pera onde, nem que ten-
» ção era a dos Turcos; mas que como el-
» le fosse certo da verdade, logo avisaria o
» Governador em Agosto; » e deo-lhe car-
tas pera elle de grandes cumprimentos pera
o serviço de ElRey de Portugal. Gonçalo
Vaz de Tavora, depois de se prover do ne-
cessario, que lhe ElRey mandou dar de gra-
ça, se despedio d'elle, e deo á véla pera
Goa, aonde chegou em Maio. O Governador
sabendo d'elle, e das cartas que ElRey
de Caxém lhe escreveo a certeza das galés,
alvorçoou-se muito, porque havia que se
passassem á India lhe não poderiam escapar,
e assim se vestio mui galantemente, por mos-
trar a alegria que tinha, e foi-se logo á ri-
beira das Armadas, e deo ordenem pera se re-
formarem, e renovarem todos os galeões,
náos, e galés, tomando cada vasilha destas
os seus Capitães á sua conta com os seus Of-
ficiaes, porque todo o anno os tinham or-
denados, e pagos; e as cousas de fóra re-
partio pelos Capitães velhos por esta ma-
neira.

A Manoel de Souza de Sepulveda deo o cargo dos Armazens das munições, pera mandar fazer panellas de polvora, lanças de fogo, e pelouros de toda a sorte. A Dom Antonio de Noronha encarregou a casa da polvora. A D. João Lobo deo o cuidado dos calafates. A Francisco de Mello Pereira entregou a tanoaria, pera mandar fazer barrís, celhas, pipas, e todas as mais cousas desta qualidade. A Bastião de Sá deo a cordoaria. A João de Mendoga deo os Officiaes de poleame. A D. João Henriques a ferraria. Todos estes Capitães residiam de dia, e de noite nas casas que tinham a cargo, dando muitos banquetes a seus soldados, com muitas folias, danças, tangeres, jogos, e outros passatempos, com que todos trabalhavam com muito gosto, e muito contentes; e pelos escritos destes Capitães dava o Feitor, e Thesoureiro todo o dinheiro que pediam pera se comprarem as cousas, que se haviam mister, e pera as ferrias, e pagas dos Officiaes, que elles faziam todos os sabbados; e todo este inverno se deram mezas geraes aos soldados em muita abundancia. O Governador estava todo o dia na ribeira vendo aquelle trafego, e aquella presteza com que então trabalhavão, e acudiam a todas as cousas, porque só do serviço, e obrigação da ribeira havia perto de

de seiscentos homens Portuguezes de todos os officios, a quem nunca se lhes devia couza alguma, porque se lhes pagavam a todos suas ferias no tempo ordenado mui bem. A Cidade toda se desfazia em festas, e alegrias, e assim andavam todos tão desejosos de se verem já ás mãos com os Turcos, que o inverno já lhes parecia grande, e lhes era enfadonho, e os soldados a essa conta traziam suas armas limpas, e muito bem concertadas, e aparelhadas. E todos os Domingos, assim elles, como os bombardeiros, se haviam exercitar na barreira, estando o Governador presente, favorecendo-os, louvando-os, e dando-lhes preços aos que melhor o faziam.

CAPITULO VI.

Da dissimulação com que ElRey de Candea mandou pedir a D. Jorge de Castro Paredes pera se fazer Christão: e de como lhe mandou dous, e com elles o Capitão Francez: e do que lhes succedeo na viagem.

PArtido D. Jorge de Castro de Cochim, como atrás dissemos no Cap. III. deste Liv. VIII., chegou a Columbo no fim deste mez de Janeiro, e desembarcando sua gente, começou a marchar pera Cota. O Ma-

dune, que estava com todo seu poder sobre aquella Cidade, em lhe dando novas que a nossa Armada era chegada a Columbo com muita gente em soccorro do irmão, alevantou o campo, e se recolheu pera Ceitavaca, deixando as tranqueiras dos caminhos providas de muita gente pera defenderem os passos aos nossos, se quizessem ir a Ceitavaca. D. Jorge chegou á Cota, e foi muito festejado daquelle Rey; e logo trataram de ir em ambos juntos contra o Madune, e não levarem mão daquelle negocio até o destruirem de todo, pera não dar mais trabalho ao Estado com soccorros, e Armadas em favor de seu irmão, que era vassallo de El Rey de Portugal. Pera a jornada começou El Rey a ajuntar seu poder, e negociar as cousas necessarias de mantimentos, e servidores pera todo o exercito. A fama da Armada de D. Jorge de Castro, e de sua chegada a Columbo, correu logo por toda aquella Ilha.

O Rey de Candea como estava culpado no negocio de Antonio Moniz Barreto, começou a tremer, e recear que o quizessem castigar pelas culpas que tinha commettidas; e como era homem de grande artificio, e malicia, determinou de entreter D. Jorge de Castro, e enganallo, até ver em que paravam as cousas de antre o Madune, e seu

irmão, e pera isto despedio logo Embaixadores ao visitarem. Estes Embaixadores tomáram a D. Jorge de Castro ainda na Co-ta, fazendo-se prestes pera a jornada de Ceitavaca. D. Jorge de Castro os mandou levar diante de ElRey, onde os ouvio, e elles lhe disseram: » Que ElRey de Candea o » mandava visitar, e offerecer-se pera tudo » o que fosse de serviço de ElRey de Por- » tugal. Que elle lhe fazia a saber, que nos » negocios de Antonio Moniz Barreto, em » que elle não negava ter culpa, tinha tam- » bem satisfações bastantes pera ser perdoa- » do. Que o Madune seu primo o inquietá- » ra, e removêra dos desejos que tinha de se » fazer Christão, pondo-lhe diante dos olhos » medos, e perdição de seu Reyno, e ale- » vantamento de seus vassallos, com a mu- » dança da lei; e que do caso passado el- » le estava arrependido, porque sempre fo- » ra affeiçãoado á Lei dos Christãos, como » os Frades sempre entendêram nelle; que » elle estava muito resolute em se fazer Chri- » stão; que lhe pedia muito lhe mandasse al- » guns Frades pera correrem com elle; e » que tambem se queria reconciliar com seu » filho; e que assim esperava em Deos de » pouco, e pouco ir movendo os seus vas- » sallos, pera que se fizessem Christãos. »

D. Jorge de Castro estimou muito aquella

embaixada , e ordenou logo de satisfazer áquelle Rey , mandando com os Embaixadores dous Frades de S. Francisco , e com elles o Capitão Francez com doze soldados , e lhes deo por regimento , que fossem por via de Negumbo , por se desviarem das terras do Madune.

Partidos os Embaixadores com os nossos , foram seguindo seu caminho , não deixando de terem algumas brigas com gentes do Madune , em que os nossos correram muito risco , e perigo , mas livrou-os Deos de todos pelo valor de seus braços , e assim com muito trabalho chegaram a Candea. ElRey os recebeu muito bem , e mandou aposentar os Frades na mesma Ermida , que os primeiros fizeram , que estava ainda em pé , e ao Capitão Francez com seus soldados perto delles , mandando-lhes dar todas as cousas necessarias. Os Frades começaram a fazer alguns Christãos , e entendendo em ElRey vontade pera isso , que não tinha , porque era máo , e perverso , e o medo o fazia contrafazer , em quanto não soubesse o que lá se passasse antre D. Jorge de Castro , e o Madune , a quem elle favorecia em segredo ; e assim trazia tanto resguardo , e olho no Capitão Francez , e nos Frades , que os não deixava sahir de hum certo limite , trazendo espias em Ceita-

tavaca , pera ser cada dia avisado de tudo o que lá se passava.

C A P I T U L O VII.

De como ElRey da Cota , e D. Jorge de Castro partíram pera Ceitavaca : e dos sitios dos fortes que por este caminho acháram : e de como os ganháram , e desbaratáram o Madune , e lhe tomáram a Cidade de Ceitavaca.

DEpois de ElRey da Cota ter juntas suas gentes , e negociadas as cousas necessarias pera a jornada , começou a marchar , indo D. Jorge de Castro na dianteira com todos os Portuguezes , e ElRey com sinco mil homens na retaguarda. Assim caminháram todo aquelle dia até chegarem a huma tranqueira muito grande , sobre hum passo que ficava entre o rio de Matual , e huma alagôa tamanha , que se affirma ter sinco leguas em roda , que estava duas leguas do porto de Columbo. Nesta parte (porque não havia outro passo pera Ceitavaca) tinha o Madune feito esta fortaleza , que era de madeira , de duas faces , com entulhos muito largos , e ficava da banda do Norte do rio ; e na face que cahia pera a banda da Cota tinha o panno do muro trinta braças de comprido , e na ponta que ficava pe-

ra a parte do rio, estava hum formoso baluarte com muitas peças de artilheria. Deste baluarte até a alagôa corria hum muito effeſſo Bambual, por eſpaço de meia legua, tão intratavel, que nem as feras o podiam romper. De longo a longo pela face de fóra deſte forte ſe fazia huma formoſa, e larga cava, que ſe enchia de agua da alagôa, que ſe ſervia por huma ponte levadiça.

Chegado aqui o exercito, aſſentáram aquelle dia o campo aſtaſtado do forte, e tiveram conſelho ſobre o modo, de como ſe commetteria; e aſſentou-ſe, que foſſe pelos cantos do muro, pera o que ſe fabricáram grandes pontes de madeira ſobre rodas, e algumas mantas fortes, e eſcadas, em que ſe gaſtáram dous, ou tres dias. Etendo tudo preſtes, hum dia de madrugada commettêram a fortaleza os noſſos por huma parte, e ElRey pela outra. Et pondo as pontes em que pez a muitas bombardadas, e eſpingardadas, que ſobre elles choviam, encoſtáram as eſcadas ao muro, e ſubindo os noſſos por ellas, o cavalgáram, e a poder de golpes, e cutiladas deram conſigo da banda de dentro, onde tiveram huma muito grande batalha com os inimigos, em que houve muitos damnos, e mortes de parte a parte. ElRey da Cota com a ſua gente, tambem depois de muitos trances, entrou a tran-

queira , com que os inimigos se acabáram de pôr em desbarato , e a largáram de todo , mandando-lhe D. Jorge de Castro dar logo fogo , em que toda se consumio. Este dia passáram naquella parte , e mandáram (que eram muitos) a Cota pera se curarem.

A outro dia foram caminhando até chegarem á outra tranqueira , chamada a Maluana , que estava em outro passo da mesma traça , e modo de passada. E commettendo-a os nossos por huma parte , e ElRey pela outra , foi entrada , e tomada , ainda que com muitos riscos , e mortes dos nossos , e com perda de mais de seiscentos dos inimigos , que a largáram.

A outro dia foram ter a outra tranqueira , duas leguas desta , chamada Grubabillem , que era maior , e mais forte que as outras , por ser perto da Cidade de Ceitavaca. O panno do muro , que corria na face , era maior , e mais grosso que os das outras atrás. Em cada ponta tinha dous baluartes mui grandes , e pelo muro muitas guaritas muito bem providas de gente , e munições. Da parte do rio , que era o mesmo Matual , corria hum espesso Bambual , e da outra hum muito intratavel mato. Aqui nesta tranqueira estava o poder do Madunc , posto que elle estava na Cidade. Esta tranqueira foi commettida com muito grande

determinação, e houve neste commettimento muitos casos espantosos, que não particularizamos, porque não sabemos os nomes dos que os obráram; mas por fim do negocio, ainda que foi com perda dos nossos, a tranqueira foi ganhada, e nella ficaram aquelle dia descansando do trabalho, e curando os feridos, que eram muitos.

Ao outro dia foram marchando pera Ceitavaca, que estava duas leguas adiante, e no caminho acháram o Madune com todo o poder. E vindos a batalha, (que foi muito aspera, e cruel, em que houve muito damno,) ficou o Madune vencido, e desbaratado, e foi fugindo pera as serras de Dina Vaca, largando a Cidade em mãos dos nossos, que entráram nella vitoriosos.

He esta Cidade muito grande, e está situada antre quatro serras, e este mesmo rio de Matual a partia pelo meio, (que por outro nome se chama de Calane,) que vem dos confins do Reyno de Candea. Da banda do Sul estam os Paços de ElRey sobre hum tezo, que são feitos a modo de huma formosa fortaleza, com seus muros muito grossos, e fortes, e sobe-se a elles por vinte degráos mui largos, e grandes. He a fortaleza quadrada, e em cada quadra tem tres portas por onde se serve; desta banda fica ametade da Cidade, e da outra do Norte

outra ametade ; e nesta parte tem o mais soberbo , e sumptuoso Pagode , que ha em toda aquella Ilha , que he dedicado a hum Idolo seu , que se chama Paramisura. A fabrica deste Pagode he estranha , e affirma-se que se poz nella perto de vinte annos , trabalhando de continuo nella mais de dous mil obreiros.

Entrados os nossos na Cidade , aposentou-se ElRey nos Paços do irmão , onde achou muitas riquezas ; e D. Jorge de Castro com os seus soldados naquella parte da Cidade , que foi mettida a sacco dos nossos , e acháram muito ouro , drogas , e fazendas de todas as sortes , de que se enchêram bem. Depois se passáram á outra banda , e fizeram o mesmo , sem tocarem os Pagodes , que lho mandou assim D. Jorge de Castro por amor de ElRey da Cota , que nelles mandou pôr guardas. E as gentes de ElRey foram as que mais roubáram , porque como ladrões de casa caváram , e desenterráram muitas riquezas. O Madunc , que estava recolhido nas serras de Dina Vaca , vendo-se perdido , e desbaratado , e o irmão senhor da sua Cidade , quiz usar de seu artificio , despedindo seus Embaixadores a ElRey seu irmão , e a D. Jorge de Castro , que entráram por Ceitayaca , e foram levados a ElRey , que os ouvio , presente D. Jorge de Castro.

Elles lhe disseram : » Que o Madune seu
 » irmão lhe mandava pedir misericordia , e
 » que bem confessava que tinha muitas cul-
 » pas , de que já estava bem castigado , e
 » arrependido. Que lhe pedia muito se qui-
 » zesse reconciliar com elle , que estava pres-
 » tes pera lhe dar todas as satisfações neces-
 » sarias. » ElRey , que era homem de mui-
 to bom coração , e natureza , (coufa alheia
 desta nação Chingalá ,) compadecido das mi-
 serias do irmão , parecendo-lhe que já não
 tentaria contra elle mais suas maldades , dis-
 se a D. Jorge de Castro , que elle queria
 pazes com seu irmão , se lhe a elle parece-
 se bem. D. Jorge de Castro lhe disse : » Que
 » fizesse elle naquella materia o que lhe bem
 » viesse , e o que fosse melhor pera elle , e
 » pera quietação do seu Reyno. » Com isto
 despedio ElRey os Embaixadores , por quem
 mandou dizer a seu irmão : » Que se viesse
 » pera Ceitavaca , e que alli se reconcilia-
 » riam , e assentariam as pazes , » mandan-
 do-lhe hum seguro seu , e outro de D. Jor-
 ge de Castro. O Madune foi logo acom-
 panhado de alguns Modeliares mui princi-
 paes ; e chegando a Ceitavaca , o recebeu o ir-
 mão muito bem , abraçando-o com muito
 amor , e boa vontade , (não havendo cou-
 fa alguma disto no Madune ,) e presente
 Dom Jorge de Castro se reconciliáram , e

fizeram pazes , com as condições seguintes :

» Que nunca mais elle Madune faria
 » guerra a seu irmão , e que lhe largaria to-
 » das as terras que lhe tinha tomadas. E que
 » daria logo a D. Jorge de Castro cem mil
 » pagodes pera as despezas daquella Arma-
 » da , pois elle fora occasião da guerra. E
 » que pera a jornada de Candea daria todos
 » os servidores , e mantimentos necessarios
 » por dinheiro. E que ElRey da Cota sería
 » obrigado a lhe dar tres mil homens pera
 » o acompanharem nella. »

Feitos estes contratos , ambos os Reys firmáram pazes a seu modo , ficando alli muito amigos. D. Jorge de Castro se começou a fazer prestes pera passar a Candea , como lhe era mandado ; e se aquelle Rey se tivesse feito Christão , haveria o trabalho da jornada por bem empregado , e favorecello-hia contra os seus se tentassem alguma novidade , e tambem o reconciliaria com o filho ; e quando não , castigallo-hia pelas culpas passadas. E começou a puxar por aquelles Reys , pelas cousas que eram obrigados a lhe dar. O Madune cumprio logo com os cem mil pagodes que devia , com o que D. Jorge de Castro fez duas pagas aos soldados , e assim lhe deo os mantimentos , e servidores que lhe foram necessarios.

El Rey da Cota como era grande amigo dos Portuguezes, pelas muitas obrigações que lhes tinha, entendendo, e conhecendo a malicia do Rey de Candea, e que tudo eram invenções, pelo receio com que estava, quiz tirar a D. Jorge de Castro daquelle jornada, pondo-lhe diante muitos inconvenientes, e affirmando-lhe: » Que a jornada da era muito arriscada, e perigosa por causa dos passos difficultosos que tinha. E que » aquelle Rey posto que era seu primo com » irmão, muitas mais obrigações tinha aos » Portuguezes que a elle: que lhe affirmava, » que não tinha por seguro o fiar-se d'elle, » e porque todas as vezes que visse tempo, » e occasião, lhe havia de ordenar todas as » traições que pudesse. » D. Jorge de Castro lhe agradeceo aquelle conselho; mas como estava amarrado ao regimento do Governador, não se quiz mover a cousa alguma fóra d'elle, e lhe pedio a gente que lhe tinha promettido, que lhe elle logo deo.

E depois de tudo prestes, se partio na entrada de Abril, despedindo-se daquelles Reys, e o da Cota se foi juntamente pera seu Reyno. D. Jorge foi caminhando por suas jornadas, de que o Rey de Candea era avisado todos os dias. E receando-se que entrando D. Jorge de Castro no seu Reyno com aquelle poder o prendesse, e castigasse,

fe, não querendo ficar á sua cortezia, ajuntou quarenta mil homens, e fortificou a sua Cidade, com tenção de lhe defender a entrada, trazendo nelle grandes vigias. E huma noite teve rebate, que já os nossos estavam huma legua da Cidade, e acudindo ElRey com aquelle alvoroço, com toda a gente pera o esperar á entrada della, quiz nosso Senhor que tivesse o Capitão Francez (que estava como retendo com os seus soldados) tempo pera fugir, e com a escuridão da noite foi caminhando, e chegou a D. Jorge de Castro, estando com o exercito assentado huma legua da Cidade, pera ao outro dia entrar nella, e dando-lhe rebate do modo de como ElRey o esperava, e do grande poder que tinha, e de como tudo foram invenções, ficou D. Jorge sobressaltado, e chamou logo os Capitães a conselho, e perante todos tornou a ouvir o Capitão Francez. Vendo todos aquillo, votáram, » que se deviam tornar logo a recolher, por- » que estavam trinta leguas pelo coração da » Ilha, e que haviam de passar muitos pas- » sos estreitos, e difficulosos; e que se a- » quelle Rey os fosse commetter, não tinham » poder pera pelejarem com elle.» Com esta resolução alevantáram logo o campo, e voltáram com grande pressa, mas com muito boa ordem. ElRey de Candea teve pela

manhã recado de sua retirada, e sahindo com todo seu poder os foi seguindo por desviados caminhos, e adiantando-se os esperou em huns passos muito estreitos, e difficultosos, e tomando-os naquellas estreituras, em que os nossos se não podiam revolver, os foram derribando ás espingardadas, e frêchadas sem os nossos terem reparo algum, nem defensão. D. Jorge de Castro com os Fidalgos, e Capitães ficáram sem poderem governar os seus, porque como todos hiam a fio, e divididos, e muita distancia huns dos outros, não lhes podiam valer, nem elles tinham quem o fizesse a elles, que tambem hiam no mesmo risco, e todos feridos. Assim foram pelejando até sahirem das terras de Candea, em que os deixáram, ficando setecentos homens mortos, e perdidos por esses matos, em que entravam quatrocentos Portuguezes; e os mais Christãos da terra, e gente da Cota, e todos os mais que escapáram feridos de muitas feridas. E indo caninhando pelas terras do Madune, lhe sahio hum Modeliar seu com quinhentos homens, e disse a D. Jorge de Castro, que o Madune lhe pedia que se recolhesse por Ceitavaca, que o esperava pera lhe dar todo o necessario. D. Jorge de Castro mostrou agradecer-lho muito, e como era prudente, bem entendeu a malicia do Madune,

e disse ao Modeliar , que assim o faria. E tanto que foi noite , que se aposentou em hum lugar desviado do Modeliar , depois de o segurar , se levantou , e tomou o caminho da Cota por caminhos desviados de Ceitavaca , ficando-lhe nas estancias trinta homens mal feridos , e que não podiam caminhar. Ao outro dia pela manhã se levantou o Modeliar , e achou as estancias varias , e tomando o fato que achou , e os feridos , se foi pera Ceitavaca. O Madune mandou cortar a cabeça a todos os Portuguezes , dizendo-lhes , que o mesmo houvera de fazer ao Capitão , e a todos. Isto se soube depois de hum daquelles , que teve modo com que fugio , e se embrenhou , e dahi a alguns dias foi ter a Cota. D. Jorge foi seu caminho muito apressado , e encontrou ElRey da Cota com toda a sua gente , que o vinha buscar , porque já tinha aviso da desventura acontecida , e adivinhada delle. D. Jorge de Castro vendo ElRey , ficou desalivado , e deo-lhe grandes agradecimentos daquelle soccorro , e foi-se com elle até á Cota , onde ElRey agazalhou a todos os Portuguezes , e os curou , e deo todo o necessario. D. Jorge como sarou se foi pera Columbo ; e na entrada de Setembro se passou a Cochim , onde chegou pouco antes do Governador Jorge Cabral.

CAPITULO VIII.

De como o Rey da Pimenta se tornou pera o seu Reyno: e de como o Capitão de Cochim o foi buscar a Bardela: e da grande batalha que lhe deo, em que elle, e ElRey de Bardela morrêram.

DEpois que o Rey da Pimenta fez com o Camorim as ceremonias de suas perfilliações, se tornou pera o seu Reyno, pouco depois do Governador partido pera Goa, e se metteo em Bardela com gente, e poder pera se defender de ElRey de Cochim, e pera lhe fazer guerra, como começou a continuar com muitos navios por aquelles rios dentro. ElRey de Cochim, e o Capitão da Cidade tratáram de tomar aquelle Rey ás mãos, e de o destruirem de todo; pera o que ajuntáram suas gentes, e foram contra elle, ElRey de Cochim por terra, e os nossos por mar em muitas embarcações. Levava o Capitão Francisco da Silva perto de seiscentos Portuguezes, em que entravam os da Armada de Fernão de Sousa de Castello-branco, que já eram recolhidos por ser em fim de Abril.

Chegados os nossos a Bardela, desembarcáram em terra, sem lho ninguem estorvar, e foram assentar seu exercito em hum

campo muito grande, que estava fóra da Cidade, em que o Rey de Bardela estava com todo o seu poder, com as costas na Cidade. Francisco da Silva mandou alguns recados a ElRey sobre se tornar a confederar com ElRey de Cochim. E correo isto de feição, que pedio ElRey que se vissem sós no meio do campo antre ambos os exercitos, o que Francisco da Silva accitou; e vindo ambos sós á falla, lhe tornou Francisco da Silva a pôr diante as obrigações que tinha a ElRey de Cochim, e perjuizo que era pera todos aquelles Reys, ajuntarse, e perfilhar-se com o Çamorim; porque como era maior em poder que todos, estava muito certo fazer-se senhor de todos aquelles Reynos, o que nunca poderia fazer se estivessem unidos ao de Cochim. Sobre isto lhe deo tantas razões, que lhe disse ElRey, » que faria naquelle negocio tudo o que quizesse. » Francisco da Silva lhe disse: » Que se havia de entregar nas mãos de ElRey de Cochim, que era seu pai, e que elle disporia de suas cousas como bom filho. » A isto refusou ElRey tanto, que disse: » Que antes perderia a vida, e o Estado, que fazer tal; que se elle o quizesse levar pera Cochim, e tello na fortaleza em refens, em quanto segurasse as cousas da paz, que se iria com elle; e que

» tornaria a desfazer as perfilhações com o
 » Çamorim.» Francisco da Silva como era
 homem de pouco conselho, e governo, ain-
 da que grande cavalleiro, amarrou-se a se
 elle entregar a ElRey de Cochim, sendo
 bem bastante satisfação a que elle de si dava,
 como era entregar-se a elle, e depois que
 tivera em seu poder, o tempo pudera cur-
 rar tudo, e tornáram-se aquelles dous Reys
 a unir, e a aparentar. E vendo que Fran-
 cisco da Silva não queria concluir com elle
 naquelle negocio, despedio-se delle, dizen-
 do-lhe: » Que pois não acceitava o que lhe
 » offerencia, que elle trabalharia tudo o que
 » pudesse por defender sua casa.» E reco-
 lhido a seu exercito, achou mais dous mil
 Nayres, que lhe chegáram de refresco, com
 que ficou tão soberbo, que fez final de ba-
 talha. Francisco da Silva se poz tambem em
 campo, e começaram a travar huns com os
 outros, e da primeira surriada lhe derribou
 a nossa espingardaria huma somma de Nay-
 res, e antre elles quiz Deos que dêsse hu-
 ma espingardada no Rey da Pimenta, com
 o que se foi recolhendo pera a Cidade. E
 como hia ferido de morte, á porta de seus
 Paços cahio morto, sem o saberem os que
 ficavam no campo em batalha muito trava-
 da, e cruel, em que houve muito damno
 de parte a parte.

As

As novas da morte de ElRey começáram logo a correr , com o que os seus se recolhêram pera a Cidade desbaratados. Francisco da Silva foi seguindo a vitoria , e entrou na Cidade até chegar aos Paços de ElRey , a que mandou pôr fogo. Os inimigos tanto que víram as labaredas nas casas do seu Rey , tornáram a voltar sobre os nossos com tamanho ímpeto , que começáram a derribar nelles , e a mór parte se começou a recolher com grande desarranjo , ficando Francisco da Silva com perto de cento e cincoenta homens de opinião , que o não quizeram deixar. Alguns casados de Cochim , que sabiam muito bem os costumes dos Nayres , disseram ao Capitão , que se recolhesse , e se contentasse com a vitoria , porque entre os Malavares a maior affronta de todas era queimarem as casas do Rey. Com isto se foi sahindo pera o campo , pelejando sempre com os inimigos , sem saber ainda da morte do Rey. Os inimigos foram crescendo , e carregando sobre os nossos de feição , que se víram perdidos ; e ainda quiz a desventura , pera maior perdição , que naquelle mesmo tempo descarregasse , e se desfizesse em agua huma medonha trovoada , que já estava armada , que era a primeira do inverno , e foi a agua tanta , que affogava os nossos , e impedio a espingardaria com que

não pode laborar. Os inimigos entendendo o negocio, e vendo cessar a espingardaria, que era o que os mais aflombrava, cobrando animo carregáram sobre os nossos, e com seus arcos, que a chuva não impedia, foram encravando, e derribando bem á sua vontade. Os nossos vendo-se perdidos viráram as costas, e foram-se recolhendo pera a praia, onde estavam os navios, a que se lançavam a nado. Francisco da Silva, que era grande cavalleiro, acompanhado de alguns Fidalgos, e Cavalleiros (que nunca o deixáram) não quiz virar as costas, e foi sempre pelejando com os inimigos, com o rosto nelles, mostrando beno seu valor, e esforço; mas como os inimigos eram muitos, e estavam no campo largo, cercáram os nossos, e apertáram com elles de feição, que derribáram D. Pedro de Sousa, Fernão de Sousa de Castello-branco, Fernão Rodrigues de Mariz, Antonio Machado de Gouvea, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, todos de feridas mortaes.

Francisco da Silva vendo aquelle estrago, disse pera os que ainda o acompanhavam: » Que se recolhessem, porque elle se não queria salvar onde via perder tantos, e tão esforçados Fidalgos, e Cavalleiros. » E com esta furia remetteo com os inimigos como hum touro feroz, e mettendo-se em

meio

micio delles, fez cousas que espantou a todos. Mas como elle era só, e os inimigos tantos, e as forças lhe cançaram, cahio atafalhado de cruelissimas feridas. Os inimigos vendo-o cahir, remettêram a elle pera o desfarmarem, sobre o que houve tamanha referta, (por quererem todos levar delle seu pedaço,) que se descuidáram dos nossos; e os feridos, que já atrás nomeámos, tiveram tempo pera ajudados dos outros se recolherem á praia, onde sobre a embarcação havia tamanho desarranjo, que andava o rio coalhado de homens a nado, e assim se recolhêram com trabalho aos navios: Fernão de Sousa de Castello-branco com muitas feridas, e com huma espingardada por huma perna, de que sempre foi manco: D. Pedro de Sousa outra, de que não perigou, e todos os mais com tantas feridas, que Fernão Rodrigues de Mariz levava quatorze; e se não fora a morte de Francisco da Silva, cujos despojos embaraçaram os inimigos, nenhum escapava.

Recolhidos todos, foram-se pera Cochim, e succedeo na Capitania Henrique de Sousa Chichorro. Ao outro dia mandou buscar o corpo de Francisco da Silva, ao que foram alguns navios, e gente, e ao longo da praia o acháram, e a dezefete Portuguezes mais, nús todos, com feridas mortalissimas; e re-

colhidos todos, se tornáram pera Cochim, e lhes deram mui honrosas sepulturas.

Desbaratados os nossos, se recolhêram os inimigos pera a sua Cidade, e fizeram as exequias ao seu Rey, conforme ao seu modo, e costume, com muita pompa. E depois de feitas, todos os de sua casa, e que tinham delle tenças, e comedias, que seriam perto de quatro mil Nayres, sobre a mesma cova se fizeram Amoucos, com suas ceremonias, rapando as barbas de huma ilharga, (que he o final pera serem conhecidos,) e juráram em seus Pagodes de morrerem todos em vingança da morte do seu Rey. Feito isto, logo se ajuntáram quinhentos os de mais obrigação, e foram dar na Ilha de Arú, que he de ElRey de Cochim, e a puzeram a fogo, e a ferro. Dalli passáram a Cochim de cima, e entráram huma madrugada pela Cidade, em que fizeram grandes danos, e cruezas, matando, e espedaçando muita gente. ElRey com os da sua casa, e todos os mais que puderam, se recolhêram pera a nossa Cidade, que se metteo em revolta, porque chegáram os Amoucos até os arrabaldes. O Capitão Henrique de Sousa Chichorro, ajuntando todos os moradores, sahio a buscar os Amoucos, e foi apôs elles até Cochim de cima, e os achou pelejando na Judiaria com os Judeos, que se lhes de-

fendiam mui bem. Os nossos deram nelles, e os mettêram todos á espada sem lhes escapar hum só. Feito isto, deixou o Capitão nas casas de ElRey Antonio de Sá Pinheiro com trinta soldados pera sua guarda, e elle se recolheo pera a Cidade, e fortificou as entradas das ruas, porque se esperava pelos mais Amoucos, tendo sempre no campo grandes vigias, e atalaias.

CAPITULO IX.

De como o Çamorim passou ao Reyno da Pimenta pera tomar posse delle, por lhe pertercer pela perfilhação: e de como Fernão Rodrigues de Mariz partio pera Goa no mez de Junho com novas das galés: e da espantosa viagem que fez.

TAnto que o Çamoriin teve novas da morte de ElRey da Pimenta, com quem estava perfilhado, logo determinou de ir tomar posse daquelle Reyno, como herdeiro delle, e começou a ajuntar seu poder com muita pressa. Disto foi logo avisado ElRey de Cochim, que mandou rebate a Henrique de Sousa Chichorro, que vendo a importancia do negocio, mandou com muita pressa armar perto de quinze navios, catures, manchuas, e tones, em que vam cento e sincoenta homens, e por Capitão mór de todos ele-

geo seu cunhado Antonio Correa, irmão de sua mulher, cavalleiro mui honrado, e antigo no serviço de ElRey, e lhe deo por regimento, que fosse pelos rios dentro metter em Chor a Manchora. (He esta huma alagôa, que fica nas costas da Cidade de Panane, que he tão grande, que affirmam os naturaes que tem vinte leguas em roda, e nella entram todos aquelles rios, que vão fahir ao mar, que descem da serra, e por elles podem entrar navios de remo até se metterem nella. No verão se sécca toda, ficando no meio della sempre hum braço do rio, em que nadão catures; e todos os campos á roda se semeão de arroz, de que se colhe huma grande quantidade.) E porque forçado o Çamorim havia de passar hum daquelles rios pera estoutra banda de longo da alagôa, mandou o Capitão a seu cunhado que se mettesse nella, e lhe defendesse o passo.

Partidos estes navios pelos rios de Cochim dentro, foram entrar na alagôa, onde se deixáram estar com grande vigia. João Pereira, Capitão de Cranganor, com a gente de sua obrigação, e ElRey de Cochim, tambem se foi pôr em outros passos, porque tivesse o Çamorim tudo impedido. Elle tanto que teve a sua gente junta, começou a marchar, e chegando aos estreitos por onde havia de passar, achou todos impedidos

dos nossos navios. Antonio Correa tanto que vio a gente do Camorim, começou-os a vazejar com a artilheria de feição, que lhe ferio, e derribou muitos; e os inimigos da outra banda se puzeram tambem com os nossos ás espingardadas todos os dias, e noites, que foram inuitos, em que houve damno d'ambas as partes. As munições dos nossos se gastáram todas; mas João Pereira os proveo de tudo o necessario, por hum passo que se chama de Matepirão, que he o mais secco de todos.

Disto foi avisado o Camorim, e mandou hum grosso poder a tomar aquelle passo pera impedir os provimentos aos nossos navios. João Pereira, Capitão de Cranganor, tanto que teve rebate daquelle negocio, se passou ao passo com todo o poder, donde se poz á bataria com a gente do Camorim, com quem teve algumas escaramuças, em que os nossos fizeram cousas muito notaveis, que por serem muitas, e miudas as deixamos, porque não soffre a historia tanto. E todavia de tal maneira lhe defendêram os nossos os passos, que desconfiado o Camorim, se cartcou com ElRey de Diamper, que era do seu bando, pera que lhe desse passagem por seu Reyno pera o da Pimenta. Disto foi tambem avisado Antonio Correa, e mandou-lhe tomar o passo de Malu-

tur, que he pelo pé da serra, por onde elle pretendia passar; mas como o rio alli de maré vasia não deixava agua pera os navios nadarem, foi-lhes necessario affastarem-se por não ficarem em secco. Com isto teve o Çamorim tempo pera passar á outra banda, o que ainda não pode fazer senão em trajos de Jogue, que foi a cousa mais vituperada pera elle, que todas as da vida. E ajuntando-se com ElRey de Diamper, e com outros do seu bando, passou ao Reyno da Pimenta, e tomou posse delle, perfilhando o Príncipe sobrinho do morto em Príncipe herdeiro, como tinha feito em vida de seu tio.

O Capitão de Cochim, tanto que soube fer o Çamorim passado, armou todos os navios que pode, e mandou recolher Antonio Correa seu cunhado, e lhe deo mais navios, e gente, com que andou pelos rios de Bardela, e Diamper dentro, fazendo toda a guerra que pode, dando-lhes em muitos lugares que lhes abrazou, e queimou. O Capitão de Cochim ajuntando todos os calados, e toda a mais gente que havia em Cochim, foi dar na Ilha de Parebalão, que era do Rey da Pimenta, e a destruiu de todo, matando-lhe muita gente. E desejando de dar em Bardela, mandou solicitar os Reys de Porca, e de Palur, e o Mangate Caimal, e

o Mangate Casta de Lua, e outros Senhores, e Caimais, (que sempre foram do bando de ElRey de Cochim,) pera se ajuntarem com elle; e não só se escusáram, mas ajudáram o Çamorim, porque estavam escandalizados do Governador Martim Affonso de Soufa lhes tirar as tenças, que lhes ElRey de Portugal mandou dar, pelos muitos serviços que todos lhe fizeram nas guerras contra o Çamorim, quando se quiz ir coroar a Repelim, (como na quinta Decada no Cap. I. do I. Liv. fica dito,) por onde se verá quanto em prejuizo da Fazenda de ElRey, e do Estado da India são algumas crecensas, que certos Governadores, e Viso-Reys querem fazer á Fazenda de ElRey, só pera tirarem Certidões de serviços, podendo-se chamar mais deserviços, e destruição de sua Fazenda, que o nome que lhe elles querem pôr; porque desta pouquidade que estes tinham de tença, que se lhes tirou, com que os tinham seguros no serviço de ElRey de Portugal, nasceo passarem-se á parte do Çamorim em damno do Estado, e não acudir pimenta pera as náos, em que ElRey recebeo muitos annos huma mui notavel perda, e fazerem-se muitas despezas em grandes Armadas pera andarem pelos rios de Cochim, fazendo vir a pimenta não só comprada a mais dinheiro, mas

ainda á custa de muito sangue de vassallos Portuguezes.

E tornando á nossa ordem ; a guerra ficou durando todo o inverno com muitos trabalhos, gastos, e despezas, com que tambem os inimigos ficaram bem quebrantados. Neste tempo, que era em Junho, escreveo o Capitão de Chalé huma carta ao de Cochim, em que lhe dizia, » que chegára hu- » ma não a Capocate em Maio, que viera » de Meca, e dava por novas certas, que » ficava em Suez huma Armada de galés pos- » ta já no mar pera passar á India, e que » elle tinha mandado tres, ou quatro Pata- » mares por terra com recado ao Governador, e que todos lhe tomáram a gente do » Çamorim ; que lhe pedia, vista a importância do negocio, trabalhasse por avisar » ao Governador por todas as vias que pudesse. »

Vendo Henrique de Sousa Chichorro quanto aquillo importava, e que não havia ainda o caminho pelas terras do Pande (que são pera cima da Serra) descoberto, como depois se descobrio ; quiz arriscar hum navio por mar, (posto que era começo do inverno,) que começou logo a negociar com Fernão Rodrigues de Mariz, que se negociou, e a tres dias do mez de Junho deo á

véla , levando consigo sete companheiros. E navegando com mares muito grossos , alagados , e destroçados , foram tomar Chalé , onde se reformáram de todo o necessario ; e dando-lhe o tempo hum pequeno jazigo , tornou a seu caminho , com mares tão grossos , e soberbos , que os comiam , e assim foram ferrar a bahia de Cananor com mantimentos podres , e perdidos. Alli se refizeram de outros , e tornáram á sua jornada. E indo de monte Deli pera diante lhe currou o tempo de feição , que se víram perdidos ; e o que peor foi , que era o vento travessão , que os não deixava navegar. E por não darem á costa , surgíram tanto á vante como o rio de Mangesirão , onde estive-ram com infinito trabalho já desconfiados das vidas. Os mares cresciam tanto , e tão apressados , que se affirma lhe deram oito juntos , com que o navio se virou ; e os Portuguezes tiveram tanto acordo , que cortáram a amarra , e afferrados todos no navio , e amarrados a cordas , e assim mesmo os marinheiros , permittio Deos que os mesmos mares fossem encaminhando o navio até o embocar pelo rio de Mangesirão dentro ; e tanto que o masto , que hia direito pera baixo , tocou no fundo , com a força da pancada saltou o navio pera cima , e tornou a ficar virado , e os Portuguezes encapellados ,

Couto. Tom. III. P. II.

e a nado tornáram a ferrar o navio , sem perigar algum delles , e assim chegáram á povoação com o navio destroçado , e desbaratado. Os naturaes deste rio estavam de paz com o Estado , mas andavam travados em guerra huns vizinhos com outros ; e os da terra agazalháram os nossos , e lhes deram por seu dinheiro tudo o de que tiveram necessidade pera o concerto do navio. Só mantimentos não acháram , porque por causa da guerra estava tudo perdido , e por grande adherencia lhes deram dous fardos de arroz por sincoenta pagodes , e com elles , e algum peixe tornáram a sua viagem , e alagados muitas vezes , e com immensos trabalhos , e perigos foram ferrar Goa a velha pelo S. João , e por dentro dos rios chegáram a Goa.

Fernão Rodrigues de Mariz se vio com o Governador , e lhe deo as cartas , que de molhadas se não podiam ler , e lhe contou todas as novas do que era passado , assim das galés , como da morte de Francisco da Silva , e da passagem do Çamorim ao Reyno da Pimenta. Isto sentio o Governador muito , porque eram cousas que molestavam o Estado , e porque as novas das galés lhe não haviam de deixar acudir áquellas cousas , como era necessario. A Fernão Rodrigues de Mariz fez muitas honras , e mercês , e o

mesmo a seus soldados , por se arriscarem assim em huma viagem tão perigosa pelo serviço de ElRey. Com estas novas mandou o Governador dar mais pressa ás cousas da Armada , porque sem dúvida esperava as galés na entrada de Setembro. E deixallo-hemos agora por hum pouco , porque he necessario continuar com as cousas de Maluco , que nos cabem aqui.

CAPITULO X.

Das cousas , que acontecéram em Maluco até chegar Jordão de Freitas : e de como Bernaldim de Sousa entregou a fortaleza a Christovão de Sá : e de outras cousas que mais passáram.

TEMOS deixado as cousas de Maluco em tregoas, os nossos com o Rey de Geilolo, que se tinha feito o mais poderoso de todos os daquelle Archipelago. E como era máo, e tyranno, e inimigo do nome Christão, fazia toda a guerra que podia aos Christãos de Moro, dando-lhes em suas povoações, destruindo-lhas, matando, e cativando muitos; e contra o contrato das tregoas recolhia em sua Cidade todos os escravos dos Portuguezes que fugiam de Ternate. Disto andava tão escandalizado Bernaldim de Sousa, que desejava de lhe dar hum

muito grande castigo, primeiro que fosse outro Capitão. E pera ter occasião de quebrar as treguas, commetteo-o ElRey de Ternate, que lhe deixasse fazer repreza em alguma gente de Geilolo, que alli andava na Cidade, pera a troco della haver os escravos que aquelle Rey lá tinha em seu poder. Disto se escusou ElRey, assim por se temer do outro, como por ser seu genro, seu parente, e Mouro como elle. Mas depois tendo alguns agravos delle, disse a Bernaldim de Soufa, que naquella materia podia fazer tudo o que lhe bem parecesse, que elle o ajudaria com tudo o que pudesse. Com isto mandou logo Bernaldim de Soufa armar algumas fultas, e corocoras, e as proveo de gente, e munições, e as repartio em duas Capitaniás, huma dellas deo a Ruy Dias Coelho, moço da Camara do Duque de Bragança, (que então servia de Capitão mór do mar,) a outra deo a Manoel Lobo, e os despedio, dando-lhes por regimento, que se fossem á Ilha do Moro, cada hum por sua parte, e que fizessem por aquella colta do Reyno de Geilolo toda a guerra que pudessem.

Passados estes Capitães ao Moro, deram em alguns lugares, que mettêram a ferro, e a fogo, e cativáram algumas pessoas. E depois de terem bem de cativos, mandáram di-

dizer ao Rey de Geilolo por via de Raque Naque, Regedor do Tolo: » Que lhes mandasse a artilheria que tinha da fortaleza, e os escravos dos Portuguezes, e que lhe mandariam os cativos que tinham. » A isto respondeo elle: » Que não daria o mais ruin berço por todos os cativos. » Com este defengano se recolhêram a Ternate. O Capitão mandou apregoar logo guerra contra ElRey de Geilolo, e concertou-se com ElRey de Ternate de lhe fazerem toda a que pudessem; e assim armou logo ElRey suas corocoras, e mandou Cachil Guzarate seu meio irmão da parte da mãe, e seu Capitão mór do mar, pera que fosse por toda a costa de Geilolo, e a destruisse; e o Capitão mandou em sua companhia Ruy Dias Coelho com toda a Armada da fortaleza. Passados ambos ao Moro, deram em muitos lugares de Geilolo, e depois de os destruirem se foram pôr sobre a sua barra, e os tiveram de cerco, sem ousarem as embarcações dos pescadores a sahirem fóra, porque logo eram tomadas, o que aquelle Rey teve por muito grande affronta. Passado o tempo do seu provimento, voltáram pera Ternate com muitas prezas, e cativos. Depois disto se embarcou o Rey de Ternate na mesma Armada, levando consigo os Portuguezes, e passou a Geilolo; e huma

madrugada desembarcou em hum lugar chamado Geima, e o destruiu, e abrazou de todo, não deixando cousa alguma em pé; e querendo dar em outros lugares, lhe chegaram novas, que eram vindos navios da India, e que Jordão de Freitas vinha por Capitão da Fortaleza. E como elle era seu inimicissimo, sentio-o tanto, que levou mão da guerra, e voltou pera Ternate. Christovão de Sá, e Jordão de Freitas chegaram ao porto de Talangame, onde surgiram, e logo se foram á fortaleza, e Bernaldim de Sousa os recebeu muito bem. Christovão de Sá lhe apresentou a Provisão, e a carta de guia que levava, por cuja virtude lhe entregou logo a fortaleza, do que Jordão de Freitas ficou sobressaltado, porque não sabia das Provisões. Bernaldim de Sousa vendo que não se podia ir aquelle anno pera a India, (porque estava fazendo huma não no porto de Talangame pera se ir nella,) passou-se pera lá com todos seus criados, e amigos, que eram mais de trinta pessoas, (porque se receou que os Geilolos lhe fossem queimar a náó,) e alli se deixou estar, dando-lhe pressa. Christovão de Sá ficou correndo com a obrigação da fortaleza.

Jordão de Freitas tomou casas em terra, onde se aposentou até lhe caber o tempo, sem correr com ElRey, nem ElRey

com elle ; antes muitas pessoas lhe aconselhavam , que devia reconciliar-se com ElRey , pois havia de ficar naquella fortaleza , o que elle não quiz fazer. O Rey de Geilolo affrontado , e magoado dos nossos lhe destruirem seus lugares , armou as suas corocoras , e mandou ao seu Capitão mór que trabalhasse por lhe queimar a náó de Bernaldim de Sousa. Esta Armada chegou huma madrugada ao porto de Talangame , e querendo desembarcar sentio grandes vigias , e tornou-se a recolher. Dalli passou adiante , e foi dar em hum lugar da mesma Ilha , chamado Xulá , e o queimou , e abrazou. Bernaldim de Sousa tanto que sentio os inimigos , acudio á praia pera lhes defender a desembarcação , e dahi a pouco vio o fogo no lugar de Xulá , e sentio muito não ter navios pera sahir aos inimigos ; e vindo amanhecendo chegaram alli seis corocoras , em que vinha Cachil Page , irmão de ElRey , acudir a Xulá , pelo fogo que em Ternate víram. Bernaldim de Sousa estimou muito sua chegada , e embarcando-se com vinte homens em huma corocora , foi com elles buscar os inimigos ; e chegando a Xulá , víram ir a Armada de Geilolo já affastada , e recolhendo-se. Cachil Page , e Bernaldim de Sousa os foram seguindo até á tarde com tanta furia , que Bernaldim de Sou-

fa, que hia diante, chegou a tiro de espingarda. E olhando pelas corocoras de Cachil Page, vio que ficavam mais de huma legua atrás, o que Cachil Page fez de industria, porque era fraquissimo, e muito pusillanime; e entendendo de Bernaldim de Soufa que havia de pelejar com a Armada de Geilolo, se fez manco, e deixou-se ficar. Bernaldim de Soufa vendo-se tão perto dos inimigos, e que não levava navios pera os commetter, foi sua paixão tamanha, que rebentava; e vendo que sería temeridade commetter só os inimigos, tornou a voltar pera Ternate, e os inimigos foram seu caminho sem o querer seguir. E chegando a Talangame muito affrontado daquella retirada, querendo-se satisfazer della, mandou fazer queixume a ElRey de seu irmão Cachil Page, e pedir-lhe que lhe mandasse cinco corocoras, e mandou convidar á fortaleza seus amigos pera o acompanharem em huma jornada que queria fazer. ElRey lhe mandou as corocoras, e da fortaleza lhe acudiram mais de cincoenta homens. E embarcando-se com todos os Portuguezes que alli tinha, e com os que lhe acudiram, partio pera Geilolo. Chegando ao seu porto, lançou em terra huma pessoa, por quem mandou desfiar ElRey pera huma batallia no mar com todas as corocoras que elle quizesse, por-

que elle com só aquellas finco o esperava. ElRey acceitou o desafio, mas não lhe fahio. Bernaldim de Sousa esperou todo aquelle dia, e noite, e ao outro dia tornou dar á vela pera Ternate, ficando ElRey muito abatido daquelle negocio. A guerra ficou correndo huns aos outros, toda a que podiam, dando huns nos lugares dos outros. Em hum destes assaltos foi cativo aquelle soldado de Geilolo, que cortou a cabeça ao Portuguez, por cujo feito lhe deo o Rey de Geilolo a filha que tinha casada com ElRey de Ternate; e sendo conhecido, o leváram a ElRey de Ternate, que o mandou enforcar na praia. Neste estado deixamos as cousas de Maluco até ser tempo de tornar a ellas.

CAPITULO XI.

Das cousas, que o Governador Jorge Cabral fez em Goa: e de como lhe vieram novas, que as galés se tornáram a desarmar, e despedio Manoel de Sousa de Sepulveda pera Cochim: e de como cercou os Principes Malavares na Ilha de Bardela: e do que mais succedeo.

PAssado o Çamorim ao Reyno da Pimenta, (como atrás temos dito no Cap. IX. deste Liv. VIII.) mandou logo convocar todos os Principes Malavares do seu bando,

que eram dezoito, em que entrava ElRey de Tanor seu vassallo, o que se fez Christão em tempo de Garcia de Sá, (como fica dito no Cap. V. do VII. Liv.) que lhe acudiram com todo o seu poder. Elle os mandou passar á Ilha de Bardela com trinta mil Nayres, e sinco, ou seis mil Amoucos da obrigação do Rey morto, pera dalli passarem a Cochim a tomar vingança da morte daquelle Rey, deixando-se elle ficar da banda do Chembe com cem mil homens de guerra, de maneira, que toda a potencia do Malavar estava alli junta. Henrique de Sousa Chichorro, Capitão de Cochim, fortificou muito bem a Cidade, e ElRey de Cochim ajuntou perto de quarenta mil homens pera defender seu Reyno. Disto avisaram por terra ao Governador por muitos Patamares, que chegaram logo apôs Fernão Rodrigues de Mariz. O Governador andava muito occupado na preparação da Armada, porque determinava ir buscar os Rumes, e ficou embaraçado, vendo que se lhe offereciam estoutros trabalhos de novo, que não eram menores, nem de menos obrigação pera acudir, que os das galés, porque estava aquelle Reyno arriscado a se perder de todo, o que seria destruição do Estado.

Com estas cousas ficou suspenso, e chamou muitas vezes a conselho os Fidalgos,

e Capitães, e em todos ouvio varios pareceres. E como o Governador desejava de saber o de todos os da Cidade sobre aquella materia, mandou pôr na Sé de Goa huma caixa com algumas feudas por cima por onde podiam caber cartas, e mandou pregar escritos pelas portas das Igrejas, e pregar pelos Pulpitos: » Que toda a pessoa, de
 » qualquer qualidade que fosse, que lhe quizesse dar seu parecer naquella materia, o
 » fosse lançar dentro naquella caixa, ou declarando seu nome, ou encubriendo-o, pe-
 » ra que mais livremente pudessem dizer tudo o que entendiam; » e assim se começaram a lançar muitos.

E pela mesma maneira escreveo ás Cidades de Chaul, e Baçaim o trabalho em que ficava, pedindo que tambem lhe dessem sobre elle seus pareceres, e o quizessem ajudar com navios, e gente pera aquella jornada, pondo-lhes diante as obrigações de leaes, e bons vassallos, e como aquella necessidade era general, e cabia a todos sua parte. Estas cartas lhes foram dadas, e logo lhes respondêram: » Que estavam todos
 » prestes pera sacrificarem as vidas por serviço de Deos, do Rey, e defensão de seu
 » Estado. » Ainda que a Cidade de Chaul dizia na sua carta, (cuja cópia temos em
 » nosso poder:) » Que sem embargo dos mui-

» tos aggravos que tinham dos Governado-
 » res passados, em necessidade tão urgente,
 » e forçada, elles se não lembravam mais que
 » do serviço de Deos, e de ElRey; que el-
 » les offereciam doze navios armados á sua
 » custa, de marinheiros, soldados, manti-
 » mentos, e munições pera tres mezes; e ou-
 » tros doze com seus marinheiros, e que de
 » soldados, e mantimentos os proveesse elle; »
 e assim os começaram logo a negociar com
 muita presteza. O Governador dava em Goa
 muita pressa a todas as cousas, pera como
 o Verão entrasse, estar posto no mar pera
 acudir aonde fosse mais necessario. E como
 tinha Armada, e armazens encarregado a
 Capitães, que corriam com isto, descansava
 nelles, e provia nas cousas de fóra; porque
 naquelle Inverno se não tratou de outra cou-
 sa, mais que das que cumpriam á Arma-
 da. E indo vespera de Sant-Iago á ribeira
 a visitar a Armada, perguntou áquelles Ca-
 pitães, em que estado estavam, e elles lhe
 disseram, que tudo prestes; e que cada vez
 que quizesse pôr toda a Armada no mar,
 o podia fazer. Disto ficou o Governador tão
 alvoroçado, que vendo estar o mestre da
 ferraria, o chamou, e lhe disse: » Que fizel-
 » se logo trezentos pandeiros pera se re-
 » partir pela Armada, » (porque era muito
 amigo de folias.) E assim andavam as Arma-
 das

das tão alegres naquelle tempo, que se podia embarcar nellas por entretenimento.

E estando com este alvoroço, mandando lançar os navios ao mar, lhe chegaram as cartas de Chaul, e Baçaim do offerecimento dos navios. E juntamente lhe escreveu Francisco Barreto, Capitão de Baçaim: » Que chegára áquelle porto huma não que » viera de Meca no fim de Maio, que affirmava que o Turco mandára ao Baxá, que » estava em Suez negociando a Armada, que » sobrestivesse, e não se bolisse até seu recado, e com isso se tornáram as galés a » desfarmar; e que era nova muito certa, e » averiguada. » Estas novas festejou o Governador muito, por lhe ficar tempo desocupado pera as cousas de Cochim.

E logo com muita pressa despedio Manoel de Sousa de Sepulveda com quatro navios de remo, de cujos Capitães não achámos mais nomes, que de Gonçalo Vaz de Tavora. E lhe deo por regimento, que se fosse a Cochim, e que com a Armada de Fernão de Sousa, e com todos os navios que mais se pudessem armar, se fosse lançar sobre a Ilha de Bardela, onde estavam os Principes Malavares; e que os tivesse dentro reteudos até elle chegar, porque logo partia apôs elles. Manoel de Sousa de Sepulveda sahio com os navios por Goa a ve-

Iha no fim de Julho, (por a outra barra estar ainda soberba, e perigosa.) E dando á véla foi seguindo seu caminho com muito risco, e trabalho, e em poucos dias chegou a Cochim. E ajuntando-se com o Capitão da Cidade, armáram todos os navios que havia, que eram perto de trinta, e embarcando nelles muita, e boa gente, que alli invernou, se passou logo a Bardela, e se lançou ao derredor de aquella Ilha, fechando nella aos Principes Malavares, de feição, que se não podiam sahir, nem serem soccorridos do Çamorim, que estava da outra banda do Chambe, como dissemos. E logo despedio recado ao Governador de sua jornada, e de como os Principes Malavares estavam enfierrados em Bardela, e que alli lhos tinha todos pera lhos entregar nas mãos quando quizesse.

C A P I T U L O XII.

Do que aconteceo a Luiz Figueira com humas galés de Rumes: e de como foi ao Cinde, e favoreceo aquelle Rey contra os Nautiques: e da desgraça que lhe aconteceo.

LUiz Figueira, que deixámos invernando em Ormuz com a sua Armada, tanto que entrou Agosto, negociou os navios,

e os proveo do necessario; e de quinze do mez por diante se embarcou, ficando Gil Fernandes de Carvalho em Ormuz com a sua fusta. Depois em Setembro partio pera Goa, onde chegou em Novembro, e sabendo ser o Governador em Cochim, o foi lá buscar. Luiz Figueira foi seguindo sua jornada pera o cabo de Resolgate, (porque já em Ormuz havia novas, que se víram pôr naquella paragem quatro galés pequenas, e as mesmas novas achou em Mascate, onde os Portuguezes estavam já sobre aviso, e prestes com grandes vigias sobre elles, com determinação de lhes defenderem a desembarcação, se a quizessem commetter,) e passando adiante chegou á ribeira de Teve, onde fez aguada, e alli lhe deram novas, que as galés estavam em Jór, hum lugar dalli a... leguas. E negociando os navios, e fazendo prestes as munições, sahíram dalli todos postos em armas, e antes de chegarem a Jór, houveram vista de quatro galeotas grandes, e formosas. Andava nellas hum Mouro grande coffario, chamado Cafár, que tinha sahido de Meca com tenção de saquear Mascate, e saquear as náos que em Outubro haviam de partir de Ormuz pera Goa, e pera outros portos da costa da India. Os inimigos tanto que houveram vista da nossa Armada, virando em outro bordo, voltáram

pera trás , dando toda á véla , e ajudando-se do remo foram fugindo o mais que puderam. Luiz Figueira foi seguindo os inimigos tambem com a mesma pressa ; e como elles lhes levavam muita vantagem , e as galéotas eram muito ligeiras , se foram melhorando de feição , que dobráram o cabo de Rosalgate pera fóra , e tomáram o caminho pera o Estreito de Meca de longo da costa. Luiz Figueira tambem dobrou o cabo apòs ellas , levando-as á vista , e seguiu-as pouco , porque desconfiado de as não poder alcançar , as largou. Alguns lhe deram culpa de não as seguir até o Estreito de Meca , havendo que sem dúvida as alcançára , e tomára em algum porto. Deixadas as galés , voltou Luiz Figueira pera o caminho de Goa , e foi tomar o Cinde ; os respeito porque , nós o não sabemos. ElRey que estava na Cidade de Tatá , sabendo da nossa Armada , mandou hum Embaixador ao Capitão mór della a pedir-lhe » que lhe quizesse castigar os Nautiques , que lhe estavam rebellados , e que lhe faria paga aos soldados , e despeza da Armada. » Luiz Figueira querendo servir naquelle negocio , mandou sinco , ou seis navios pera irem dar no porto dos Nautiques , e destruillos. Estes navios foram áquelle negocio com o olho nas prezas que se esperavam , e andáram pelas

las costas dos Nautiques dando-lhes em alguns portos, e povoações, em que fizeram algum damno. E andando por ella, deo hum dos nossos navios em secco, em parte onde acudiram os da terra, e cortaram as cabeças a todos os Portuguezes, e tomáram o navio com toda sua artilheria, sem os nossos lhes poderem valer: e não cessando aqui o mal, deo outro navio em huma restinga, onde se perdeu, mas só se salvou a gente nos mais navios. Com estas avalias se recolhêram os mais pera o Capitão mór, que sentio em estremo aquelle negocio, e o houve por grande mofina sua. E como andava com sobeja desconfiança do negocio das gales, (que os soldados lhe não perdoáram em matracas, que de noite lhe davam,) acabou aquella desgraça, ou desastre de o desconfiar de todo, entristecendo-se de maneira, que o entendêram todos nelle; e dando á véla pera Goa, chegou áquella Cidade já em Novembro, sendo o Governador Jorge Cabral partido pera Cochim, como no Capitulo adiante se dirá; e tomando algumas cousas necessarias, se partio em busca delle, e chegou áquella Cidade, depois do Viso-Rey D. Affonso ser nella, como tudo melhor se dirá adiante.

CAPITULO XIII.

De como o Governador Jorge Cabral partio pera Cochim , e de caminho destruiu as Cidades de Capocate , Tiracole , Coulete , e Panane : e de como estando pera dar em Bardela , lhe deram novas que era chegado o Viso-Rey D. Affonso de Noronha.

Tanto que o Governador despedio Manoel de Sousa de Sepulveda , logo poz toda a sua Armada no mar , e ficou esperando que viessem náos do Reyno pera saber novas , e tomar dellas mais gente. E tanto que o Verão entrou , escreveu a Chaul , e Baçaim , que ficava posto no mar esperando pelos navios que lhe haviam de mandar , e entre tanto deo despacho a muitos negocios , e fez paga aos soldados , no que se gastou todo o mez de Setembro. E vendo que tardavam náos , e que já não podiam ir senão a Cochim , foi-lhe necessario aviar-se mais depressa , porque se lá as achasse , e lhe viesse successor , se poderia embarcar pera o Reyno ; e assim se fassou de todos os negocios , e se embarcou de quinze de Outubro por diante , entregando o governo ao Bispo , Capitão da Cidade , e Ouvidor Geral , e na barra esteve até lhe chegarem os

navios do Norte, que foram perto de trinta, com muitos, e bons soldados, com cuja vinda se fez logo á véla já no fim do mez. A Armada que levava era de mais de cem navios, em que entravam perto de vinte galeões, náos, e galés, e tudo o mais fustas, e bargantis. Os Capitães, e Fidalgos, que nesta jornada o acompanháram, dos que podemos achar os nomes, são os seguintes:

D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, Bastião de Sá, Pantaleão de Sá seu irmão, D. João Henriques, Francisco de Mello Pereira, João de Mendocha, D. João Lobo, Martim Affonso de Miranda, Pero Botelho, Martim Affonso de Mello Ombrinhos, Fernão Gomes de Sousa, Gil Fernandes de Carvalho, Lopo Vaz de Siqueira, Diogo Botelho, Pedro Affonso de Avelar, Jorge de Mendocha, e outros muitos Fidalgos, e Cavalheiros. E seguindo sua jornada, foi pela costa do Malavar, assolando, e destruindo tudo, e desembarcou em Tiracole (cujo proprio nome he Quiçore) huma Cidade do Reyno do Çamorim, grande, e formosa, e de muito trato, e mercadores, assentada, e estendida sobre a costa brava duas leguas do rio de Pudepatão pera o Sul, que queimou, destruiu, assolou, e roubou, achando os soldados nella grandes prezas. O mesmo fez á

Cidade de Coulete , que deixou abrazada , e seus palmares cortados , e todas suas embarcações feitas em carvões. E chegando a Calecut , determinou de desembarcar , e destruir aquella Cidade , (porque sería a maior affronta que se poderia fazer ao Camorim ,) mas foi contrariado de todos os Fidalgos da Armada , que lhe disseram : » Que não era » bem se arriscasse a lhe acontecer hum des- » astre ; que era necessario poupar-se , e ir » inteiro pera o negocio de Bardela , aonde » tinha todos os Reys , e Principes Malava- » res , e lhe não podiam fugir das mãos , que » era o mór , e mais importante negocio da » India , e o mais honroso , pera o que era » necessario ir com a mão muito folgada. » Sómente D. João Henriques , e Luiz Xira Lobo foram de contrario parecer , dizendo : » Que se quando alli não estava o Camorim » se não queimasse aquella Cidade , quando » se esperava poder-se fazer ? Que só por cre- » dito de se dizer antre os Reys Mouros da » India , que desembarcára nella , o havia » de fazer. » Mas como os outros votos fo- ram tantos , e mais , deixou o Governador aquelle negocio , e passou adiante. Chegando ao rio de Panane , entrou nelle com todas as galés , e navios de remo pera queimar aquella Cidade , por ser a segunda do Reyno de Calecut , e a mais rica , e de mór

trato que todas, e porque dellas sahiam todos os annos muitas náos carregadas de pimenta, e gengivre pera Meca. E entrando no rio, desembarcou em terra, e commetteo a Cidade; e posto que nella achou grande resistencia, foi entrada dos dianteiros, que foram por dentro della pelejando com os inimigos, e huma multidão delles se recolheo a huma formosa Mesquita, que foi commettida dos nossos, e a entráram, mettendo á espada a mór parte dos que estavam dentro; e hum tropel delles, que seriam quasi sessenta, se recolhêram a huma torre, a que se subia por huma escada de caracol. Os nossos commettêram a entrada da porta, que lhes foi muito bem defendida, e sobre ella feriram alguns dos nossos, em que entrou Bastião de Sá, que estava mais chegado á porta, trabalhando por entrar dentro com muito valor, e esforço. A este tempo chegou D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que era hum homem agigantado, e muito grande cavalleiro; e vendo o trabalho em que os nossos estavam, e como os Mouros se defendiam, passou por todos, e chegando á porta com huma espada de mão e meia, que levava, e alçando o escudo sobre a cabeça, commetteo a porta, e a entrou, e ao tempo que levantou o escudo se arremessou hum

Mouro a elle , e lhe deo huma ferida por debaixo do braço , que lhe ficou descuberto ; mas elle tanto que foi dentro , começou a cortar nos inimigos de feição , que os arrancou do lugar , e os foi levando pela escada allima , indo já com elle alguns dos nossos , em que entrava Bastião de Sá ; e chegando com elles ao alto , que era mais largo , tiveram huma mui formosa batalha , em que os Mouros por defensão de sua vida pelejaram muito bem ; mas em fim todos foram despedaçados.

Despejada a Cidade , poz o Governador toda a sua gente no campo , que seriam perto de quatro mil homens , e mandou Francisco de Siqueira com alguns Capitães , que fossem com os navios de remo queimar as náos , que estavam duas leguas pelo rio dentro. E por terra de longo da ribeira mandou hum esquadrão de dous mil homens para os favorecerem , e elle ficou com outros dous mil no campo. Os navios chegaram ás náos , e lhes deram fogo , em que todas ellas se consumiram , e mais de trinta navios outros.

Feito este negocio , se embarcou o Governador , e ao outro dia surtío com a Armada grossa na barra de Cochim , e elle com as galés , e todos os mais navios de remo (a que toda a gente se passou) entrou

trou pelo rio dentro, e passou pela Cidade com elles embandeirados, e postos em armas, e foi surgir aquelle dia no castello de sima. Ao outro chegou á Ilha de Bardela, onde achou Manoel de Sousa de Sepulveda com toda a Armada, que tinha a Ilha cercada com os Principes dentro, e salvaram-se as Armadas com grandes festas, e alegrias.

Surtos os navios, chamou o Governador os Capitães, e lhes disse, que ao outro dia havia de dar em terra, que se fizessem prestes: mandou-lhes que fizessem alarido da gente que havia pelas embarcações, o que elles foram fazer, e acháram seis mil homens Portuguezes, com todos os moradores de Cochim, que alli foram logo em tones, e outras embarcações; e mandou dizer a ElRey de Cochim, que estava da outra banda com quarenta mil homens: » Que tivesse prestes muitos tones, e almadias para a sua gente passar á Ilha, quando lhe mandasse recado. » Aquella noite gastáram todos em prepararem suas armas, e o Governador em dar ordem no modo que se havia de ter na de desembarcação, que foi por esta maneira.

Manoel de Sousa de Sepulveda havia de levar a dianteira com dous mil homens, que havia de desembarcar por huma parte, e o

Capitão de Cochim com outros dous mil por outra, e o Governador com o resto em meio d'ambos, e ElRey de Cochim pela outra parte. E tanto que amanheceo, tocou o Governador suas trombetas, (que era o sinal a que se leváram todos os navios,) e os nossos póstos em armas foram demandar a terra, com grandes gritas de alvoroço, e antes de chegarem lhes alevantáram de lá huma bandeira branca grande capeando com ella.

O Governador mandou levar o remo, e esperou hum pouco, e logo chegou á sua embarcação huma almadia pequena, em que vinha hum homem, que lhe pediu da parte de ElRey de Tanor (o que Garcia de Sá fez Christão:) » Que sobreestivesse naquillo, » que os Principes Malavares queriam com » elle paz, com todos os partidos que qui- » zesse, e que lhe dêsse licença pera elle vir » fallar com elle sobre aquelle negocio.» O Governador chamou os Capitães a conselho, e entre todos houve varios pareceres; mas os mais disseram: » Que se devia de saber » o que aquelles Principes queriam; e que » sendo os partidos taes, e tão honrosos, » como era razão que fossem, se lhes con- » cedessem, porque assim se escusavam da- » mnos, e mortes, que forçado havia de ha- » ver, e mais quando não havia perigo na

» tardança , nem lhes podia entrar mais gen-
 » te da que tinham , nem elles podiam fa-
 » hir pera fóra , que a todo o tempo os ti-
 » nham alli fechados. » O Governador des-
 » pedio o homem com recado a ElRey de Ta-
 » nor , dizendo-lhe : » Que por amor d'elle es-
 » perava que se visse com elle depressa , e se
 » determinassem , que elle não se podia alli
 » deter muito. »

Com este recado despedio logo ElRey
 outro ao Governador a saber d'elle os par-
 tidos que queria que lhe fizessem. O Gover-
 nador lhe mandou dizer : » Que os Principes
 » todos que estavam naquella Ilha se haviam
 » de entregar em seu poder , com lhe elle se-
 » gurar as vidas , e que então fariam as pa-
 » zes , e concertos , que fossem licitos , e ho-
 » nestos. » Sobre isto foram , e tornáram re-
 cados apressados , e em esperanças , e com
 invenções foi ElRey de Tanor entretendo o
 Governador tres dias , e ao derradeiro á tar-
 de chegou huma embarcação que vinha de
 Coulão , por dentro dos rios , em que vinha
 hum Fidalgo , que já andára na India , cu-
 jo nome nos não lembra , e trazia duas car-
 tas do Viso-Rey D. Affonso de Noronha ,
 que ficava em Coulão , huma pera o Capi-
 tão de Cochim , e outra pera Manoel de
 Sousa de Sepulveda , porque não sabia ain-
 da da chegada do Governador alli. E sabem-

do este Fidalgo que estava elle alli, foi de mandar o seu navio, e entrou com elle, e lhe deo razão de si, e novas do Viso-Rey, e das cartas que trazia.

O Governador ficou sobrefaltado, porque recebeu que fosse aquillo causa de elle não dar fim a huma empresa tão honrosa, e mandou chamar o Capitão, e Manoel de Sousa de Sepulveda, e abriu com elles as cartas, que com poucas palavras lhes dizia: » Que elle ficava em Coulaõ, e que ao outro dia sería em Cochim, que lhes mandava que entre tanto sobreeestivessem no negocio que tinham antre mãos, nem fizessem paz, nem guerra até elle chegar.»

As novas do Viso-Rey logo se espalharam por toda a Armada, e começou a haver na gente grande alvoroço, (porque a da India he mais amiga de novidades, que todas as do Mundo.) O Governador ficou magoado pelo erro que tinha feito naquellas dilacões, e todavia determinou de não perder aquella honra, por lha não vir outrem arrancar das mãos, e mandou logo chamar todos os Capitães, e lhes disse: » Que em quanto elle não entregava a India ao Viso-Rey, todas as cousas della estavam á sua conta, como quem della tinha dado a menagem. » Que bem viam todos o cabedal que estava mettido naquella jornada, e que não era

» razão ficasse sem effeito algum; que a vi-
 » toria estava certa, e que a honra della era
 » de todos; que lhes pedia, e rogava, que
 » a quizessem ganhar, e se fizessem prestes
 » pera o outro dia pela manhã darem em ter-
 » ra, porque segundo aquelles Principes es-
 » tavam medrosos, e faltos de tudo, havia
 » de haver pouco que fazer em os tomar ás
 » mãos; que trabalhassem todos por fazer
 » com que os Reynoes quando chegassem fi-
 » casssem invejosos de á sua vista ganharmos
 » tão grande honra, como na verdade fería
 » a maior de todas as que se ganháram na
 » India.»

Todos lhe disseram que estavam prestes
 pera o acompanharem, e que lhes parecia
 mui bem sua determinação. Com isto se des-
 pediram, e foram fazer prestes pera o ou-
 tro dia de madrugada. Estando todos com
 este alvoroço, quiz Deos (que nenhuma
 cousa faz sem causa) que aquella noite, e
 todo o outro dia fosse tanta a chuva, que
 alagava os navios, e não havia poder-se ac-
 cender murrão, nem cevar espingarda, pe-
 lo que deixou o Governador de desembar-
 car; e sobre a tarde chegou o recado, que
 o Viso-Rey era já chegado a Cochim, que
 acabou de desconfiar o Governador daquel-
 la empreza. Com estas novas, os mais dos
 Capitães tanto que anoiteceo deixáram o Go-

vernador, e se foram pera Cochim, ficando elle com muito poucos.

Vendo-se elle assim atalhado, não querendo que Manoel de Sousa de Sepulveda ficasse sem se lhe pagarem as muitas despesas, que naquella jornada tinha feito á sua custa, e dinheiro que tinha emprestado a El-Rey pera ellas, o mandou chamar, e juntamente ao Secretario, e Thesoureiro, e fazendo diante d'elle conta do que lhe era devido, se acháram perto de seis mil pardãos, que alli lhe mandou logo contar, e fazer suas Provisões, e papeis correntes, porque sabia quão pouco costumavam, os que succediam na governança, pagar as dividas que seu antecessor tinha feitas, ainda que sejam em cousas tão importantes, e necessarias. E todavia mandou que se não deixasse a guarda da Ilha de Bardela, encarregando-a a Manoel de Sousa de Sepulveda, até o Viso-Rey determinar o que se havia de fazer, deixando-se elle alli ficar até lhe vir recado seu.



DECADA SEXTA.

LIVRO IX.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como ElRey D. João o III. mandou por Viso-Rey da India D. Affonso de Noronha no anno de 1550: e do que lhe acontceo na viagem até chegar a Cochim.

PELA Armada de Manoel de Mendocça, que da India partio em Janeiro de quarenta e nove, soube ElRey da morte do Viso-Rey D. João de Castro, que sentio muito pela perda de tão bom vassallo, e recebeu mui bem a seu filho D. Alvaro de Castro, que naquella Armada veio; mas todavia os merecimentos de seu pai, e seus não luzíram por então muito nelle, porque andou muitos tempos aggravado, sem lhe responderem; até que depois o despacháram

com menos do que merecia. Mas em tempo de ElRey D. Sebastião veio a ser Veador da Fazenda do Reyno, e dos principaes do seu Conselho de Estado, (de quem se dizia que lhe tinha dado Alvará pera seu Camarceiro mór, por ter partes, e qualidades pera isso.) Sabendo ElRey que ficava no governo da India Garcia de Sá, que era muito velho, determinou de prover a India, e elegeo pera isso D. Affonso de Noronha, filho do segundo Marquez de Villa-Real Dom Fernando de Noronha, a quem deo o titulo de Viso-Rey, e lhe fez outras honras, e mercês. Pera esta jornada mandou ElRey negociar cinco náos, e pagar dous mil homens.

A fama desta eleição correo logo pelo Reyno, e acudiram á Corte muitos Fidalgos pera o acompanharem nella, a que ElRey despachou, e fez muitas mercês; e os que achámos nomeados são estes: D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey Dom Antão de Noronha, seu sobrinho, filho de seu irmão; D. Garcia, e D. Luiz Tello de Menezes irmãos, filhos do Craveiro; Gonçalo Pereira Marramaque, D. Philippe de Castro, Gaspar de Mello de Sampaio, despachado com a Capitania de Goa; D. Martinho Rolim, D. Francisco Mascarenhas o Pa-lha, D. Rodrigo Lobo, filho de D. Pedro Lobo, que faleceo nesta viagem; D. Ma-

noel Mascarenhas, Jeronymo Barreto Rolim, D. Francisco da Costa, filho de D. Alvaro da Costa; D. Antonio Pereira, filho de D. João Pereira; Philippe Carneiro, filho de Antonio Carneiro, irmão de Pero de Alcaçova; D. Braz de Almcida o torto; Pero da Silva de Menezes, filho de Manoel de Magalhães, Senhor da Nobrega; D. Affonso de Monroy, Francisco Lopes de Sousa, que tinha a Capitania de Maluco; D. Braz da Silva, Luiz de Sousa, filho do Chanceler mór do Reyno; João da Fonseca, Manticeiro da Rainha, que levava o cargo de Veador da Fazenda da India; Simão Ferreira, que hia por Secretario, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros.

Prestes esta Armada se embarcou o Viso-Rey em Abril; mas foram os tempos tão contrarios, que não pode sahir pera fóra todo aquelle mez, e ao primeiro de Maio dando-lhe jazigo, sahiram pera fóra quatro náos; S. Pedro, em que hia o Viso-Rey; Flor de la mar, de que era Capitão D. Diogo de Noronha o Corcoz, irmão de D. Fernão de Alvarez de Noronha, Capitão geral das galés de Portugal, e Sumilher que foi de El-Rey D. Sebastião; o galeão Biscainho, de que era Capitão Lopo de Sousa; e a náos Santa Anna, em que hia D. Jorge de Menezes o Baroche. A outra náos, que era o ga-

leão S. João , de Diogo de Castro do Rio , e hia por seu contrato , de que era Capitão D. Alvaro de Taíde da Gama , filho do Conde Almirante , que descobrio a India , que hia provído da Capitanía de Malaca , não pode fahir aquella maré , e mudando-se o outro dia o vento , esperou até dezoito de Maio , em que se fez á véla , tempo em que todos desconfiavam de ella poder passar ; porque das náos que partíram diante , arribáram (poucos dias depois de elle partir) o galeão Biscainho , e a náo Santa Anna. Mas este Capitão D. Alvaro de Taíde da Gama com partir tão tarde teve muito boa viagem , porque parece que aos descendentes daquelle valoroso Capitão D. Vasco da Gama em certo modo reconhecem os mares , e os ventos alguma vassallagem , e lhes tem acatamento ; nem sabemos que até esta hora em que isto escrevemos , acontecesse nesta carreira da India algum naufragio , ou perigo aos descendentes deste valoroso Conde , passando por ella todos os seus filhos , netos , e bisnetos.

As náos passáram quasi a hum mesmo tempo o Cabo de Boa Esperança , e Flor de la mar tomou logo derrota pera Moçambique , por ir falta de agua , onde se deixou ficar até Março , em que se partio pera a India , como adiante diremos. O Viso-Rey , e D. Alvaro de Taíde , sem se verem , to-

má-

máram a derrota por fóra da Ilha de São Lourenço, e passáram muitos riscos, e trabalhos, com que lhes morreo alguma gente; e indo demandar a costa da India em Outubro, deram-lhes os Levantes de rosto, de feição, que foi o Viso-Rey descahir a Ceilão, e D. Alvaro de Taíde varou por fóra da Ilha, e foi tomar Pegú, onde se refez de agua, e mantimentos. O Viso-Rey tanto que vio terra, disse o seu Piloto que era da costa da India; mas João Rebello de Lima, Piloto affamado que alli hia por passageiro, disse que a terra que apparecia era Columbo, e Ceilão. O Piloto começou a porfiar que era a costa da India; e estando nesta confusão, chegou huma embarcação, e disse ao Viso-Rey que a terra que apparecia era Columbo. O Piloto vendo aquillo, como era havido pelo melhor da carreira, ficou tão corrido, que se metteo no seu camarote, e em tres dias morreo de nojo.

O Viso-Rey mandou governar pera Columbo, e surgio fóra. Os da terra conhecendo a não ser do Reyno, foram logo a ella alguns navios, que alli ficáram da companhia de D. Jorge de Castro; e sabendo ser o Viso-Rey, despediram logo recado a Cota a El Rey, e a Gaspar de Azevedo, Alcaide mór, que logo acudiram a Columbo; vindo El Rey muito bem acompanh-

Couto. Tom. III. P. 11.

P

N I M B E N S A
N A C I O N A L

do , que mandou visitar o Viso-Rey com muito refresco , e algumas peças. O Viso-Rey soube de Gaspar de Azevedo o succedido havia pouco a D. Jorge de Castro, (como dissemos no Cap. VII. do Liv. VIII.) e as guerras que o Madune fazia a seu irmão ; e sabendo ser ElRey em Columbo , desembarcou nos navios , e se foi a terra pera se ver com elle , indo acompanhado de todos os Fidalgos , e gente da sua náó ; e recolheo-se em Santo Antonio , Mosteiro dos Frades Menores , onde ElRey se foi ver com elle , passando-se de parte a parte grandes cumprimentos.

Alli lhe deo ElRey conta de suas cousas , e lhe pedio , que pois era vassallo de ElRey de Portugal , que ordenasse as cousas de modo , com que segurasse aquelle Reyno de seu irmão , que o tratava mal , e desejava de o matar. O Viso-Rey lhe disse , que elle trazia isso muito encarregado , e que a primeira cousa em que puzesse as mãos , havia de ser naquella ; e a voltas disso lhe pedio duzentos mil pardãos de emprestimo , de que se ElRey escusou , dizendo-lhe , que estava muito despezo por causa das guerras , e que havia pouco gastara mais de setenta mil pardãos com D. Jorge de Castro. O Viso Rey não ficou muito contente ; e despedindo-se d'elle , se embarcou ; e ElRey lhe deo

deo pera mandar á Rainha naquellas náos as peças seguintes.

Hum colar de ouro grande com perolas, e rubins, e tres cruces de pedraria no pé com huma grande perola em baixo; outro colar com rubins, hum no meio grande; outro colar de ouro com alguns rubins, olhos de gato, e no meio hum olho de gato grande com rubins á roda; tres braceletes de ouro, e pedraria; hum annel grande com hum olho de gato, e rubins á roda; hum formoso olho de gato solto: o que tudo se carregou sobre o Feitor da Armada, e aquelle anno foi pera o Reyno. O Viso-Rey tambem levou seus brincos; e antes de dar á véla, se foi ver com elle hum filho do Madune, Rey de Ceitavaca, e o que passou com o Viso-Rey não se sabe. Depois de o ouvir deo á véla pera Cochim.

ElRey da Cota vendo como o Viso-Rey se apartára delle desgostoso, despedio nas suas costas hum Bragmane Pandito com quinze mil pardãos, que lhe mandava de presente. O Viso-Rey chegou a Coulão, e alli soube do ajuntamento dos Principes Malvares em Bardela, pelo que despedio aquella embarcação com as cartas que atrás dissemos no derradeiro Capitulo do oitavo livro. Ao outro dia depois da tempestade,

(por cuja causa Jorge Cabral deixou de dar

na Ilha,) surgio o Viso-Rey na barra de Cochim, e foi recebido em terra muito bem. Jorge Cabral o mandou visitar por D. Jorge de Castro, seu tio meio irmão de sua mãe, e elle lhe pagou a visita por hum Escudeiro seu, por quem lhe mandou dizer, que se fosse pera Cochim, e deixasse sobre a Ilha Manoel de Sousa de Sepulveda com os navios de remo. O Governador assim o fez, e desembarcou em Cochim, e foi visitar o Viso-Rey, que o recebeu seccamente; e alli lhe fez entrega da India, e se recolheu pera sua casa, mandando logo navios a Goa em busca de sua mulher pera se embarcar pera o Reyno, correndo sempre muito bem com o Viso-Rey; porque como se não receava de cousa alguma, não quiz quebrar com elle, soffrendo-lhe algumas cousas, de que outros houveram de lançar mão pera queixas, (porque he mui ordinario em alguns Governadores que acabam, quebrarem de industria com os que lhe succedem, pera lhes ficarem suspeitos nas cousas que delles escreverem.)

O Camorim tanto que soube da chegada do Viso-Rey, lhe mandou Embaixadores, que tratáram com elle de pazes, que elle concedeo; e não achámos com que fundamentos, nem a substancia dellas. Somenten os disseram algumas pessoas, que ficou

o Çamorim de desistir do direito, e perfilhação que tinha feita com o Rey de Bardela, e que daria dous Principes em refens, até se salirem os que estavam naquella Ilha, que ficaria a El Rey de Cochim. Com isto mandou o Viso-Rey recolher Manoel de Sousa de Sepulveda, e os Principes Malavares se foram da Ilha, e o Çamorim se foi pera Calcut.

D. Alvaro de Taíde da Gama, Capitão do galeão S. João, que foi tomar Pegú, depois de tomar agua, e mantimentos, deo á véla pera a India, e foi tomar a ponta de Calé, onde surgio, sendo entrada de Novembro, e alli desembarcou em terra pera curar os doentes, porque estavam alli Portuguezes, e Frades de S. Francisco com huma casinha pequena. Alli se deteve todo o mez de Novembro, sem lhe dar dos muitos requerimentos que lhe fez Manoel de Castro, procurador de Diogo de Castro, cujo o galeão era. Passado o mez se tornou a embarcar, foi tomar Cochim a treze de Dezembro; e por não ser já tempo pera o galeão ir pera o Reyno, e haver mister concerto, o mandou pera Goa, e se recolheu em Goa a velha, onde invernou, e se concertou.

CAPITULO II.

De algumas cousas, em que o Viso-Rey Dom Affonso de Noronha provêo em Cochim: e da Armada que mandou ao Estreito sobre que houve differenças antre D. Jeronymo de Castello-branco, e D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey: e da grande vitoria que os nossos houveram em Cochim de suma de oito mil Nayres Anoucos: e de como Jorge Cabral se embarcou pera o Reyno: e das partes, e qualidades de sua pessoa.

DAs primeiras cousas em que o Viso-Rey entendeu, foi em mandar hum Armada de cinco fustas ao Estreito de Meca, pera vigiar as galés pelas novas que havia dellas. E quando sahio este negocio em conselho, que se soube, pediu D. Jeronymo de Castello-branco ao Viso-Rey de mercê aquella jornada, e elle lha prometteo, e os navios se começaram a fazer prestes. Acertou de chegar neste tempo a Cochim Luiz Figueira, de que atrás demos conta no Cap. XII. do Liv. VIII., que o Viso-Rey recebeu bem, por sima das desgraças que lhe succedêram, por ser cousa do Infante Dom Luiz, e que lhe elle encommendava muito. Este Fidalgo sabendo dos navios que se fa-

ziam prestes pera o Estreito, como andava muito desconfiado da jornada passada, desejando de lhe succeder cousa em que emendasse aquella quebra, metteo todas as valias que pode com o Viso-Rey, pera que lhe desse aquella jornada, apertando D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey, tanto com o pai, que lha concedeo, (tirando-a a Dom Jeronymo de Castello-branco, a quem a tinha promettido de pessoa a pessoa, ainda que não estava declarado,) e não sabemos com que achaques. D. Jeronymo de Castello-branco, que era hum Fidalgo muito honrado, e mancebo de grandes espiritos, e opinião, havendo-se por affrontado, e injuriado do Viso-Rey, sabendo o cabedal que seu filho D. Fernando de Menezes mettêra naquelle negocio em favor de Luiz Figueira, o mandou desafiar. E indo elle já pera o campo, ou fazendo-se prestes pera isso, foi sabido o negocio, e acudio o Capitão da Cidade com todas as justiças, e lhes tomou as menagens, prendendo-os em suas casas, até que o Viso-Rey, e Fidalgos parentes de huns, e de outros mettêram a mão em meio, e os apasiguáram de maneira, que ficáram ambos satisfeitos, e amigos.

Prestes a Armada, despedio-a o Viso-Rey em Janeiro com regimento, que tornasse a invernar a Goa com as novas que

achasse. Os Capitães dos cinco navios eram, Luiz Figueira, D. Philippe de Castro, Inofre do Sevoral, João da Costa Peleja, e Gaspar Nunes, da obrigação de Manoel de Sousa de Sepulveda. Dada á vela, foram seu caminho, a que logo tornaremos. O Viso-Rey ficou escrevendo pera o Reyno, e dando despacho a muitas cousas. Jorge Cabral corria com a sua náó, que era a em que o Viso-Rey veio, e dava pressa a seu concerto. E na entrada de Janeiro chegou sua mulher, que tinha mandado buscar a Goa, que vinha muito anojada, porque á sua embarcação lhe falecêra hum filho macho, que não tinha outro, de idade de nove annos, de beber desattentadamente de hum pouca de agua de Solimão de hum frasco, que as mulheres costumam curar pera o rosto, o que Jorge Cabral sentio tanto, que esteve pera morrer de paixão.

O Viso-Rey depois de escrever, e dar despacho a muitas cousas, despedio-se de Jorge Cabral, que ficava correndo com a carga das náos, e o mesmo fez de ElRey de Cochim, e Cidade, e se embarcou de vinte de Janeiro por diante, e de caminho foi visitando as fortalezas de Chale, e Cananor, e deixou por Capitão mór na costa do Malavar D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, com

vinte navios de remo, com que andou todo o resto do verão.

O Viso-Rey chegou a Goa, onde a Cidade lhe tinha preparado hum grande recebimento, por terem sabido ser irmão do Marquez de Villa-Real, a quem El Rey chamava sobrinho. E porque fora Capitão de Ceita, e era inclinado a gente de cavallo, quando entrou pela barra de Goa dentro, indo de longo da terra, lhe apparecêram na praia de nossa Senhora de Guadalupe duzentos de cavallo em ginetes ricamente jaezados, e os homens vestidos á Mourisca muito custosamente. E por aquella praia até á ponta de Pangim, que continúa sempre, foram á vista do Viso-Rey escaramuçando com tal ordem, que folgou muito o Viso-Rey de os ver. Pelo rio dentro foi o Viso-Rey achando infinidade de embarcações embandeiradas, e enramadas, com muitos, e diversos instrumentos de tangeres, e folias, e em terra muitas salvas de artilheria, e o mesmo das náos, e galeões que estavam no porto. Desembarcou no caes, e foi recebido da Cidade com as ceremonias acostumadas, e com grande applauso, e contentamento do povo, ficando correndo com suas obrigações, onde o deixaremos por continuarmos com as cousas de Cochim.

Jorge Cabral ficou dando pressa á sua

embarcação ; e porque faltava pimenta por causa das guerras passadas, ficou esperando que descesse pelos rios, o que foi tão devagar, que o deteve até quatorze dias de Fevereiro, em que estava pera se embarcar pera ao outro dia dar á vela. Aquelle dia á noite chegaram novas, que entravam por Cochim de sima oito mil Nayres Amoucos, e que vinham fazendo grandes estragos, com o que a Cidade se poz em revolta. Jorge Cabral acudio á rua direita, e com elle o Capitão, e Manoel de Sousa de Sepulveda, que o Viso-Rey tinha deixado por Capitão mór dos rios pera fazer correr a pimenta; e tocando tambores, acudio toda a gente, com que se tomáram as bocas das ruas, porque os Amoucos não entrassem na Cidade; e tanto que foi manhã, querendo Jorge Cabral passar em busca dos Amoucos, não o contentiram os Vereadores, e sobre isso lhe fizeram grandes requerimentos, com o que sobresteve. Despedio o Capitão Manoel de Sousa de Sepulveda com mil e quinhentos Portuguezes, e outra gente da terra pera irem buscar os inimigos, ficando Jorge Cabral com a mais gente em guarda da Cidade. Os nossos feitos em dous esquadrões entráram por Cochim de sima, onde os Amoucos andavam fazendo destruições, e crueldades muito grandes, e dando nelles, tiveram

humana muito grande, e arriscada briga, por estarem os inimigos determinados a morrerem. A batalha foi a mais áspera, e acceza de quantas os nossos tiveram, e em que nunca se víram; e todavia ainda que foi com perda de mais de sincoenta dos nossos, os inimigos foram rotos, e desbaratados, ficando dous mil delles mortos, e atassalhados no campo, e os mais se recolhêram, feridos muitos de espingardadas, porque a nossa arcabuzaria foi a que fez nelles grande estrago.

Havida esta vitoria, se recolhêram os nossos pera a Cidade, onde foram recebidos com muitas honras, e festas. Esta noite se embarcou Jorge Cabral; e teve tão ruim, e trabalhosa viagem por partir tarde, que poz oito mezes no caminho, porque chegou a Lisboa em Outubro. Foi bem recebido de ElRey, que lhe estranhou as dilacões, porque deixou de dar em Bardela; mas despachou-o com quatrocentos mil reis de juro.

Foi este Fidalgo filho de João Fernandes Cabral, Alcaide mór de Belmonte, e Senhor de dous, ou tres lugares á roda. Sua mãe se chamava D. Joanna de Castro, (que foi a primeira Camareira mór que a Rainha D. Leonor teve, quando logo casou com ElRey D. Manoel, porque era huma Dona de tantas partes, e merecimentos, que por

esta razão foi eleita pera aquelle cargo.) Foi Jorge Cabral casado com huma filha de hum Cavalleiro muito honrado, chamado João Fialho Borges, que se chamava D. Lucrecia, e em mancebo se namorou della por ser muito formosa; e parece que houve entre ambos alguns penhores, por onde ElRey D. João depois o obrigou a casar com ella, porque parece que se arrependia. E quando foi pera a India despachado com a fortaleza de Baçaim, a levou consigo, e em sua companhia juntamente foi hum irmão seu della, chamado Christovão Borges, que casou em Goa, e teve huma filha, chamada D. Maria Borges, que depois casou com Ayres Falcão. Dentre ambos nascêram muitos filhos, que são vivos. Não teve Jorge Cabral mais que huma filha, que casou com hum seu primo com irmão, filho de Fernão de Alvarez Cabral, irmão mais velho de Jorge Cabral, e por morte de ambos herdaram ambas as casas.

Foi Jorge Cabral homem bem feito, de boa estatura, muito bom Cavalleiro, de muita verdade, de bom conselho, liberal, e sobre tudo bom Christão. Foi tão amigo dos bons Cavalleiros, e do serviço de ElRey, que estranhando-lhe o Viso-Rey D. Affonso de Noronha (quando logo chegou a Cochim) as muitas mercês que fizera aos ho-

mens , lhe respondo : » Bem parece , Se-
 » nhor , que não vistes ainda pelear os da
 » India ; como os verdes , então me desculpa-
 » reis. » Foi tão desinteressado , que nunca
 se lhe achou que tachar ; e tanto , que lan-
 çando-se humas trovas em Goa , em que pra-
 guejavam de todos os Officiaes , nelle não
 se fallou , nem tocáram , sendo os Governadores da India os primeiros a que os homens não perdoam cousa alguma , notando-lhes ainda cousas que nunca fizeram. O tempo do seu governo foi notado por hum dos melhores da India ; e tanto , que andando Antonio Moniz Barreto , sendo Governador , passeando na casa , onde os retratos de todos os Viso-Reys , e Governadores , que governáram a India estam , disse pera alguns Fidalgos que alli se acháram , apontando pera o de Jorge Cabral : » Este Caldeireiro foi » muito bom Governador. » Chamou-lhe assim , porque era de Belmonte , donde são os Caldeireiros.

CAPITULO III.

Do que aconteceu a Luiz Figueira no Estreito do mar Roxo: e de como encontrou o Turco Cafár com as suas galeotas: e de como de desconfiado investio a Capitania: e de como foi morto, e o seu navio tomado.

PArtido Luiz Figueira de Goa, (como no Capitulo passado dissemos,) foi atravessando aquelle Golfo, até haver vista de Monte de Felix de longe da costa de Arabia, e foi demandar o Estreito por onde entrou, e andou por elle tomando falla das galés; e chegando ás Ilhas Aparcelladas, (que são logo da banda de dentro,) tomou huma gelva, que lhe deo por novas, que o Cafár andava por aquella paragem com sinco galeotas. Luiz Figueira surgio nellas, e deixou-se alli ficar, e por lhe faltar agua a mandou fazer por Inofre do Soveral, que era grande homem daquelle Estreito, que a foi tomar da outra banda do Abexim, que era sete leguas donde elle ficava, porque alli he o mais estreito. E havendo sinco, ou seis dias que alli estava Luiz Figueira, veio o Cafár demandallo com as suas sinco galeotas, (porque algumas gelvas lhe deram rebate dos nossos navios.) E havendo vista del-

delles , mandou huma galeota que rodeasse a Ilha pela outra banda , porque se lhe não fossem os nossos navios por lá , e elle os foi demandar , afastando-se das restingas que alli havia. Luiz Figueira tanto que vio as galeotas , chamou a si os navios , que tambem eram quatro , e disse a seus Capitães :

» Senhores , este he o dia , em que podemos mostrar o esforço , e valor Portuguez , e ganharmos huma muito grande honra : »
 » commettamos aquelle inimigo , que eu confio em Deos que nos ha de dar vitoria »
 » delle. »

E pondo-se logo em armas sem esperar resposta , tomou o remo na mão , e foi demandar as galeotas ; e como homem que andava desconfiado , endireitou com a de Cafár , que vinha diante ; e dando-lhe huma furriada de arcabuzaria , e de artilheria , a investio pela prôa , e os que hiam no espórão do navio se lançaram dentro , e destes ficaram dous soldados dependurados dos remos , e com trabalho se subíram á galeota , onde ficaram pelejando com muito valor , (porque a fusta da pancada que deo tornou a recuar , e ficou hum pouco afastada.) Luiz Figueira mandou apertar o remo , e tornou a pôr a prôa na galeota , e logo se baldeou dentro com os seus soldados , achando os outros que da primeira pancada tinham en-

trado, pelejando com todos os Turcos valorosamente. Luiz Figueira como homem que desejava de se restituir da quebra da outra jornada, com aquelle ímpeto com que entrou, levou os Turcos até o meio da galeota, onde se ateou huma asperissima batalha, em que elle pelejou muito bem. Os outros navios puzeram-se de fóra ás bombardadas, e espingardadas, descuidando-se de irem ajudar o seu Capitão mór. As outras tres galeotas dos Turcos se foram chegando pera os nossos ás bombardadas, e espingardadas, de que deram huma em hum pé a João da Costa Peleja. A este tempo viram os nossos cahir Luiz Figueira de huma espingardada, de que logo morreo, tendo feito taes cousas, que os Turcos ficáram pasmados, e o Cafár disse aos soldados que alli ficáram cativos, (segundo elles depois que os resgatáram disseram,) » que se Luiz Figueira não morrêra da espingardada, sem dúvida elle ficára rendido. »

Morto Luiz Figueira, nos seus soldados houve pouco que fazer; porque os que ficáram vivos, logo se rendêram, sendo já mortos dez, ou doze, ficando tambem a sua fuzta em poder dos Turcos. O Cafár tambem ficou ferido de huma ruim espingardada por hum braço, e perdeu mais de quarenta dos seus. Os outros navios da companhia de Luiz

Fi-

Figueira , tanto que víram o seu Capitão mór rendido , e morto , se foram affastando , e deram á véla com o Ponente rijo ; e foram fugindo pera fóra do Estreito. As galeotas dos Turcos os foram seguindo : Gaspar Nunes tanto que sahio do Estreito tornou a voltar pera a outra banda do Abexim , e foi demandar Maçuá ; e tendo vergonha de ir á India , por ver matar o seu Capitão mór , deitou a artilheria no mar , e com os seus soldados se foi por terra pera o Preste João , e no Mosteiro de Baroá acháram o Barnagais , que os recebeu bem , e os encaminhou pera o seu Rey : estes todos morreram por lá.

Inofre do Soveral , que estava fazendo aguada da outra banda , ouvindo bombardadas , levou-se , e tomou o remo pera se ir pera o seu Capitão mór ; e indo demandando a Ilha , deo com a galeota que o Cafár mandou pela outra banda , como atrás dissemos , e foi já tão perto que não pode voltar. E tomando depressa as armas , endireitou com a galeota , e poz-lhe a prôa , tendo de bordo a bordo huma tão aspera , e acceza batalha , que foi espanto. Os Portuguezes fizeram cousas tão notaveis , que nos faltão palavras pera o encarecer ; basta que depois de muitas horas abordadas se affastáram tão destroçados ambos , que se não ou-

Conto. Tom. III. P. II.

Q N I M P R E N S A
N A C I O N A L

fáram a commetter outra vez , e deram á véla cada hum pera sua parte , com mais de ametade da gente morta , e todos os mais muito mal feridos. Inofre do Soveral foi voltando pera fóra do Estreito , e foi seguindo seu caminho. As galeotas que vinham apôs os mais navios os foram entrando , principalmente huma dellas , que era muito veleira , e ligeira ; e como o vento era rijo , e os Turcos forçáram a véla , quiz Deos que lhe arrebastasse , e ficasse anhiota , com o que os nossos tiveram tempo de fugir , e os Turcos tornáram em busca do seu Capitão. Inofre de Soveral encontrou depois os mais navios , e todos juntos se fizeram na volta de Goa. No caminho encontráram huma náó , que hia de Dio pera Meca com cartaz ; e demandando-a , lhe atirárão a amainar , o que ella fez por ir com seguro ; e entrando os nossos nella , mostrando-lhe o cartaz , o sumirão , e a roubárão. Com estas avalias chegáram a Goa no fim de Abril ; e sabendo o Viso-Rey o que era passado , mandou prender os Capitães , e pelos não affrontar com outro negocio , lhes veio o Procurador de ElRey com Libello , que roubárão a náó que levava cartaz ; ao que vieram com suas contraditas , dizendo , que levava cousas de fezás , e assim o provárão , com o que ficaram livres , mas desacreditados.

CAPITULO IV.

De como os Turcos tomáram a fortaleza de Catifa: e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha mandou D. Antão de Noronha com huma grossa Armada pera a tornar a cobrar: e dos mais Capitães que despachou pera fóra: e de como D. Diogo de Noronha se perdeu no rio de Mazagão: e do que lhe aconteceu até vir a Goa.

DEpois que o Turco se vio senhor de Baçorá, desejou logo de o ser de todo aquelle Estreito Persico, de huma, e de outra banda, até se vizinhar com a Ilha de Ormuz, que lhe não sahia do pensamento, pelo grosso trato, e commercio que nella concorria de todas as partes do Oriente, e pera isso tinha mandado ao Baxá de Baçorá, que trabalhasse por tomar Catifa, e Barem, e que mettesse dentro grandes guarnições. O Baxá este verão atrás de sincoenta, querendo pôr as mãos a este negocio, carteu-se com alguns Arabios de dentro de Catifa, e com promessas os rendeo, e assentáram que fosse com huma Armada, e os cercasse, que elles lhe entregariam a fortaleza. Com isto ajuntando muitas embarcações, se embarcou com muita gente, e surgio sobre Catifa, a que poz cerco da banda do

mar. Estava por Capitão nella Moradebeque com trezentos, ou quatrocentos Arabios. Este, ou que fosse avisado, ou que suspeitasse que alguns dos seus estavam peitados dos Turcos, quiz segurar sua vida, largando a fortaleza, e se recolheu pera o certão. Desta feita ficáram os Turcos senhores della, e a reformarão; e guarnecerão de artilheria. Estas novas chegaram a Ormuz, que puzeram a todos em grande confusão pela ruim vizinhança dos Turcos. ElRey o sentio muito pela perda de huma fortaleza tão importante, e se vio com o Capitão D. Alvaro de Noronha, e despediram logo recado ao Viso-Rey pera que mandasse acudir a estas cousas, porque poderia aquelle negocio vir a ser de grande damno.

Estas cartas chegaram ao Viso-Rey depois de ser em Goa, e juntamente com ellas vieram Embaixadores de ElRey de Baçorá, que andava no certão fazendo guerra aos Turcos, que lhe tinham tomado o seu Reyno, que estava concertado com os Senhores Gizares, que viviam naquellas Ilhas, que estam na garganta do Eufrates, grandes inimigos dos Turcos. Por estes Embaixadores mandava o Rey de Baçorá pedir ao Viso-Rey, que o quizesse favorecer com huma Armada, que não fizesse mais que pôr-se sobre aquelle porto, porque elle ficava

em campo com todos os Reys Arabios seus visinhos com trinta mil homens pera tornarem a cobrar aquella Cidade, e lançarem os Turcos fóra; e que elle se offerecia dar a ElRey de Portugal a fortaleza de sobre a barra, e ametade dos rendimentos da Alfandega.

Vistas as cartas pelo Viso-Rey, e ouvidos os Embaixadores, vendo a importancia do negocio, ajuntou os Fidalgos, e Capitães a conselho, e lhes propoz o caso, e leo as cartas, e disse o que ElRey de Bagorá lhe pedia, e promettia. Discutida antre todos a materia, assentáram » que era muito necessario » fario mandar-se logo huma Armada, e poder, » para tornar a tomar aquella fortaleza, » assim por ser de ElRey de Ormuz, como » para tirar os Turcos de tão perto da » nossa fortaleza, e para entenderem que todas » as vezes que metterem pé em alguma » parte daquellas, os podiam lançar fóra; » e que o mesmo Capitão que fosse áquella » empreza, depois de acabada, passasse a Bagorá, » e favorecesse aquelle Rey até tornar a cobrar seu Reyno, porque tambem era » negocio de muita importancia a fortaleza, » e Alfandega que offerecia, para o que se » mandasse logo hum Veador da Fazenda; » para dar ordem ás suas cousas. » Assentado isto, nomeou o Viso-Rey para esta jor-

nada D. Antão de Noronha, seu sobrinho, com mil e duzentos homens, sete galeões, e doze navios de remo; e logo mandou dar muita pressa a esta Armada, e pagar gente, que então havia muita.

E em quanto se negociava, quiz prover nas cousas de Maluco, por lhe chegarem cartas de Bernaldim de Sousa, e de ElRey de Ternate, em que lhe davam conta das cousas daquella fortaleza, e ElRey lhe pedia encarecidamente que a provesse de outro Capitão, porque elle não havia de consentir Jordão de Freitas, por ser seu inimigo mortal; e que não cumpria ao serviço de ElRey de Portugal haver divisões, e odios antre elle, e os Capitães daquella fortaleza. Vendo o Viso-Rey as cartas, praticando aquelle negocio com os Fidalgos velhos, assentáram » que ElRey pedia justiça, » é razão, e que o satisfizessem naquelle particular, e que se dêsse a Jordão de Freitas » outra cousa. » Com isto determinou o Viso-Rey de mandar outro Capitão, e elego pera isso D. Garcia de Menezes, filho do Craveiro, que com elle tinha vindo do Reyno. Esta eleição fez, porque era hum Fidalgo de muita arte, e de muito aviso, e letrado, agraduado em Canones, porque o tinha o pai mandado aprender letras pera o fazer Clerigo; e vindo dos estudos á Corte, se na-

morou de huma Dama, filha de hum Fidalgo muito honrado, com que foi achado; e receando-se tanto do pai d'elle, como do della, se embarcou escondidamente pera a India na náó do Viso-Rey, que folgou de lhe dar esta Capitania, pera que tirasse della vinte mil cruzados, e se tornasse pera o Reyno a casar com ella, que ficava recolhida em hum Mosteiro. Ordenou-lhe o Viso-Rey hum galeão com muitos provimentos, e munições, e passou Provisões pera Jordão de Freitas se embarcar pera a India, e lhe deo carta de guia pera qualquer Capitão que estivesse na fortaleza lha entregar.

Prestes a Armada de D. Antão de Noronha, lançou-a o Viso-Rey fóra o primeiro de Abril. Os Capitães que hiam nella são os seguintes: elle no galeão S. Lourenço, João Fernandes de Vasconcellos, Manoel de Vasconcellos, Martim Affonso de Mello Hombrinhos, Pedro Affonso de Avelar, Antonio Lopes de Oliveira, o Licenciado Jeronymo Rodrigues, que hia por Veador da Fazenda, todos estes em galeões, e caravelas; os Capitães das fustas eram, Dom Jeronymo de Castello-branco, Diogo Pereira, João Serrão, Antonio Henriques, Gonçalo de Moraes de Sousa, Martim Barbudó, Antonio de Betancor, João Coelho, Ruy Lopes, Pedralvarez, Gonçalo Pires, e

outros. Dada á véla foram seguindo sua jornada, a que logo tornaremos.

Partida esta Armada o fez tambem o galeão de Maluco, e juntamente despachou o Viso-Rey a Gil Fernandes de Carvalho (irmão de Ruy de Sousa de Carvalho, que os Mouros matáram sendo Capitão de Tange-re) pera ir a Quedá com hum galeão a fazer aquella viagem, que era de muito proveito; e despachou Gonçalo Vaz de Tavora em huma náó pera Bengala. Nisto se gastou todo o mez de Abril; e na entrada de Maio lhe vieram cartas de D. Diogo de Noronha o Corcós, em que lhe pedia embarcações pera se recolher, porque se perdéra no rio de Mazagão, e estava em terra cercado de Mouros. Este Fidalgo foi por Capitão da náó Flor de la mar da companhia do Viso-Rey, e ficou em Moçambique por chegar alli tarde, (como atrás dissemos no Cap. I. deste IX. Liv.,) e em Março deo á véla pera vir invernar á India, e no caminho achou muitas calmarias, pelo que gastou até o derradeiro dia do mez de Abril; e em Maio vindo demandar a costa da India, foi o seu Piloto varar com a náó no rio de Mazagão, trinta e oito leguas de Goa: e tirando fóra o batel, e esquife, desembarcou com toda a gente na boca daquelle rio, e em hum morro da banda do Sul, que

fica sobre a agua, se fortificou com pipas, e madeira, e se guarneceo da artillieria que tirou da não, e desembarcou o cofre do cabedal, e muita fazenda outra. E despedio recado ao Capitão de Chaul, e ao Viso-Rey que o soccorressem, porque acudiam os Mouros de Carapatão, Ceitapor, Dabul, e de outras partes com a cubiça da preza, e que ficavam sobre elle mais de cinco mil. A Cidade, e Capitão de Chaul tiveram as cartas em tres dias, porque era mais perto, e logo despediram doze navios cheios de muita, e boa gente, que chegarã a Mazagão, com o que os nossos ficãram desaffogados, e os Mouros se recolhêram. D. Diogo de Noronha não se quiz embarcar até vir recado do Viso-Rey, que em lhe dando as cartas, no mesino dia despedio João Peixoto por Capitão mór de quatro navios, e por terra mandou Gaspar Pires de Matos com quarenta piães, e huma grande somma de servidores, e bois, pera trazerem o fato por terra, e escreveu a D. Diogo de Noronha, que se fosse por mar, e mandasse a gente com Gaspar Pires de Matos.

Chegado este recado, se embarcou Dom Diogo de Noronha com as pessoas que escolheo nos navios de João Peixoto; e da mais gente, que sería perto de quatrocentos homens, fez hum muito arrezoado esqua-

drão, ordenando-lhe seus Capitães, e os mandou por terra em companhia de Gaspar Pires de Matos. E D. Diogo de Noronha como lhia por mar, poz poucos dias até Goa, e depois chegaram os que foram por terra, e passaram todo aquelle caminho sem lhes acontecer defastre, affronta, nem enfadamento algum; porque o Viso-Rey tinha mandado cartas do Tanadar de Pondá pera todos aquelles Tanadares por onde elles haviam de passar. Com a chegada desta gente se cerrou o inverno.

C A P I T U L O V.

Da liga que ElRey de Viantana convocou contra a fortaleza de Malaca: e da dissimulação com que mandou visitar o Capitão D. Pedro da Silva da Gama.

Succedêram tantas cousas juntas em hum mesmo tempo, que não foi possível continuar com ellas por não fazer confusão; e por esta razão guardamos todas as mais que eram de mais longe pera este lugar, e continuaremos agora com as de Malaca. Na nossa quarta Década, no Cap. III. do Liv. II. temos dado conta de como Pero Mascarenhas lançou fóra da Ilha de Bintão a ElRey Soltão Halaudim, filho do Soltão Mahamede, a quem Affonso de Albuquerque tomou

Malaca. Este Soltão Halaudim se passou pera Viantana, donde D. Estevão da Gama, sendo Capitão de Malaca, tambem o lançou fóra pela ruim visinhança que fazia: e nas pazes que lhe fez, o obrigou a se passar pera Muar, onde estaria sem fazer forte algum; e alli se aposentou em hum lugar chamado Tangór, onde viveo tres, ou quatro annos. E descuidando-se os Capitães de Malaca d'elle, se passou pera o rio de Jor, que está pegado á ponta de Viantana, por ser hum porto mui accommodado pera o que pertendia, (que era trazer a elle o trato de Malaca, e fazer com suas Armadas entrar nelle todas as náos, e juncos que fossem pera a nossa fortaleza, de toda a costa de Jaoá, Sião, Camboja, Borneo, e outras, o que fez sem de Malaca lhe irem á mão.) Com isto engrossou tanto, que lhe vieram desejos de tornar a cobrar seu Reyno, e a Cidade de Malaca, e lançar della os Portuguezes por ter cabedal pera as despezas. Com este pensamento começou a fazer prestes suas gentes, e Armadas, não fiando de pessoa alguma aquelle negocio por os nossos se não aperceberem, antes lançou fama, que fazia aquellas preparações pera contra o Achém. Pera isto se carteceu com ElRey de Perú, Pão, Marruás, e outros seus visinhos, que folgáram de entrar naquella liga, e mandou

convidar pera ella a Rainha de Japorá na costa de Jaoá com quem tinha razão, commettendo-lhe seus partidos, e facilitando-lhe a jornada, pelo descuido com que os Portuguezes estavam, e pela falta que de tudo tinham.

Convocada esta liga, fizeram todos os della suas juntas, e lançaram suas Armadas ao mar, negociando artilheria, munições, e mantimentos. Contra esta guerra foi sempre Laximena, que não podia ElRey deixar de lhe dar conta disto, porque era seu Capitão geral, e como era velho, e sezu-do, e sabia o pouco fruto que daquella jornada se havia de tirar, estando hum dia com ElRey só, lhe disse:

» Nas cousas desta guerra, ainda que V.
 » A. me não peça conselho, não hei de dei-
 » xar de vos dizer o que entendo, pela obri-
 » gação de bom vassallo. Não sei, Senhor,
 » se vos vem bem provardes tantas vezes vos-
 » sa fortuna com os Portuguezes; porque
 » pela experiencia que todos temos delles,
 » bem se sabe que ninguem póde levar del-
 » les a melhor. Vós tendes feito pazes com
 » D. Estevão da Gama, Capitão que foi da-
 » quella fortaleza, irmão do que hoje está
 » nella, a quem quereis fazer guerra, que
 » por duas razões não podeis quebrar. A pri-
 » meira, e principal he, pelo grande per-

» juro que commettereis contra Mafamede ;
 » e pela authoridade , e fé Real , que os
 » Reys são tão obrigados a guardar. A fe-
 » gunda he , porque da parte dos Portugue-
 » zes não ha occasião alguma de escandalo ,
 » antes sempre se mostráram amigos ; e tan-
 » to , que soffrêram cousas de que bem pu-
 » déram lançar mão. Da amizade destes ho-
 » mens vos resultão dous proveitos : hum do
 » trato , e commercio ; e o outro do favor ,
 » e ajuda nos trabalhos : por isso , Senhor ,
 » vede o que fazeis , não queirais por hum
 » pequeno appetite arriscar tantas vczes a
 » honra , e a vida. »

ElRey como estava com paixão , e odio ,
 lhe respondeo : » Que elle tinha considera-
 » das bem aquellas cousas , e deitadas suas
 » contas , e que não hia contra sua fé , e
 » obrigação em querer ganhar aquella Ci-
 » dade , que directamente era sua , e fora de
 » seus avós ; e que elle esperava em Mafa-
 » mede de a ganhar daquella vez. » Lacxi-
 » mena se calou , e mandou fazer prestes a Ar-
 » mada , e na entrada de Junho a poz toda
 » no mar. ElRey se embarcou com sinco , ou
 » seis mil homens escolhidos , e no mar espe-
 » rou os Reys da liga , que se foram ajuntar
 » com elle , formando-se huma Armada de
 » mais de duzentos navios , em que entravam
 » mais de quarenta juncos da Rainha de Ja-

porá, cujo Capitão mór era hum Jáo muito valente homem, chamado Sangue de Pate, que trazia quatro, ou finco mil homens de peleja.

Partidos todos do porto de Jor, foram furgir na ponta de Bancallis, que he na costa de Camatra defronte do Cabo Rechado, no mais estreito de todo aquelle mar, porque de huma parte haverá perto de seis leguas. Surtos alli, mandou ElRey de Viantana chamar Lacximena, e lhe disse » que » fosse a Malaca a modo de visitar o Capitão de sua parte, e que a voltas disso notasse o modo da fortaleza, e que gente tinha, e se havia atoardas desta Armada. » Lacximena lhe disse » que elle fora a Malaca jurar as pazes com D. Estevão da Gama, e que não era razão que tornasse lá com recado de enganos; que mandasse elle seu filho a isso, e que se em Malaca houvesse alguma suspeita daquella junta, podia ser que o Capitão o reprezasse, e que com isso lhe ficaria occasião pera quebrar as pazes. » Pareceo a ElRey bem aquelle conselho, e despedio logo o filho de Lacximena, que era moço, em algumas lancharas muito bem acompanhado.

Chegados estes navios ao porto de Malaca, mandou o filho de Lacximena lançar hum criado seu em terra, que foi levado ao

Capitão, e lhe disse » que o filho de Lac-
 » ximena ficava no porto, que lhe trazia hu-
 » ma embaixada de ElRey de Viantana, que
 » lhe pedia licença pera desembarcar. » Dom
 Pedro da Silva da Gama mandou chamar
 os casados, e pessoas principaes pera lhes
 dar conta daquelle negocio, como fez.

Antonio Fernandes de Ilher, que entre
 elles era o mais antigo, e rico, tomou a
 mão a fallar, e disse » que aquella visitaçãõ
 » não trazia proposito algum, e que lhe pa-
 » recia invenção de ElRey, que era falso,
 » e máo; que a Armada que fazia em Jor-
 » lhe não cheirava bem, que devia de lançar
 » mão do filho de Lacximena, porque pela
 » ventura se restringisse ElRey de seu máo
 » proposito, se o tivesse; e quando todavia
 » fosse com elle ávante, era muito bom tel-
 » lo na fortaleza pera com elle fazer todos
 » os bons partidos que quizesse; porque seu
 » pai havia de trabalhar com ElRey pera ha-
 » ver o filho, » e alguns outros foram do
 mesmo parecer; mas D. Pedro da Silva lhes
 disse, » que fosse a embaixada quão suspei-
 » tosa quizesse, que tivesse ElRey quão ruins
 » propositos houvesse, que já que aquelle ho-
 » mem vinha com nome de Embaixador, que
 » lhe havia de fazer honras, e gazalhados,
 » e que se havia de tornar livremente; por-
 » que não era elle homem que havia de vio-

» lar, e quebrar aquella boa, e antiga liber-
 » dade dos Embaixadores.» Com isto lhe
 mandou licença pera vir a elle, e o man-
 dou receber por todos os honrados da terra.
 Desembarcado o filho de Laximena, foi le-
 vado ao Capitão, que o esperou em sala
 paraentada, e com grande magestade.

O Embaixador depois dos primeiros cum-
 primentos, e palavras de visitação, deo ao
 Capitão huma carta de ElRey de poucas pa-
 lavras, em que lhe dizia » que elle hia com
 » huma boa Armada contra o Achém seu ini-
 » migo, e que não quiz passar sem mandar
 » saber de sua faude; que lhe pedia muito
 » lhe mandasse Luiz de Almeida, e outro
 » Capitão de outro navio (a que não achá-
 » mos o nome) pera o acompanharem naquel-
 » la jornada.» A voltas disto lhe deo muito em
 segredo outra carta de seu pai Laximena,
 em que lhe dizia:

» Que ElRey seu Senhor ficava em Ba-
 » callis com huma grossa Armada, e muitos
 » Reys visinhos em seu favor; que a fama
 » que lançava de ir contra o Achém era
 » falsa, porque elle vinha sobre aquella for-
 » taleza muito contra seu parecer, e vonta-
 » de; que os Capitães que lhe mandava pe-
 » dir os não désse, porque a sua tenção era
 » tirar-lhe navios, e gente daquella fortale-
 » za pera o enfraquecer; que lhe manda-

» va seu filho, que fizesse delle o que quizesse. »

D. Pedro da Silva da Gama vendo a carta de Laximena, guardou-a muito em segredo, e respondeo ao Embaixador com palavras geraes, e escreveu a ElRey outra carta breve de dissimulações, e cumprimentos sem lhe fallar á propósito nas mais cousas; e ao filho de Laximena deo muitas peças, e brincos pera elle, e pera seu pai, a quem escreveu huma carta muito honrosa, e de muitas obrigações, e com isto o despedio.

C A P I T U L O VI.

De como os Reys da liga desembarcaram em Malaca, e gaubaram as povoações de fóra, e queimaram as náos que estavam no porto: e do que fez o Capitão Dom Pedro da Silva da Gama.

Chegado o filho de Laximena a ElRey, lhe deo conta do que passára com o Capitão de Malaca, e que não sentira alteração alguma na terra, nem suspeitas de guerra, e que poderia haver na fortaleza quatrocentos homens Portuguezes, e que no porto estavam duas náos grandes. Com esta informação assentaram os inimigos de irem amanhecer sobre Malaca, e lançarem logo gente em terra pera ganharem o recheio das

povoações de fóra ; e assim se fizeram á vé-
la, e no quarto d'alva chegaram á vista de
Malaca, e o Rey de Viantana, que levava
a Armada ligeira, foi demandar as náos que
estavam na Ilha, (huma dellas era de Luiz
Mendes de Vasconcellos, parente de Dom
Pedro da Silva, e a outra de hum Antonio
Fernandes, morador em S. Thomé,) em que
lançou tanto fogo, que as abrazou ; e remet-
tendo com a terra da banda de Ilher, e o
Sangue de Pate, Capitão da Rainha de Ja-
porá dos de Malaca desta banda, que he a
do Norte, que he a povoação dos naturaes,
de que he Governador o Tumugão, e o Ban-
dará de todos os Chelis, que são mercado-
res de toda aquella costa de Choromandel.

Aqui nesta parte desembarcou o Sangue
de Pate, e commetteo logo as tranqueiras,
porque a povoação he toda cerrada. Os na-
turaes sentiram os inimigos ; e tomando as
armas, se puzeram em defensão, pelejando
muito valorosamente, governando-os o Tu-
mugão, e o Bandará, com muito animo,
e esforço. ElRey de Viantana, que desem-
barcou na parte de Ilher, que he a do Sul,
foi commetter a povoação, que era de pes-
cadores, e tambem achou muito grande re-
sistencia. Em ambas as povoações se pele-
java com muito valor, (foi isto dia do Apos-
tolo S. Barnabé, que cahé aos onze dias de

Junho.) O Capitão D. Pedro da Silva da Gama, tanto que sentio o reboiço, e soube da gente que hia fugindo pera a fortaleza, que os inimigos andavam em terra, acudio com toda a gente á porta da fortaleza, e como foi manhã despedio Luiz Mendes de Vasconcellos com cem soldados a favorecer os Chelis, e moradores da povoação antiga de Malaca, porque alli estavam todos os mantimentos, e fazendas da terra. Luiz Mendes chegou á povoação, onde a briga andava mui acceza, e a começou a defender, e a pelejar muito bem; mas como os Jáos eram muitos, e muito determinados, a entráram por algumas partes, com morte, e damno dos naturaes. Os nossos vendo a cousa perdida, ajuntáram a si o Tumugão, e o Bandará com sua gente, e fazendo-se em hum corpo se foram recolhendo pera a fortaleza, dando guarda ás mulheres, e meninos, que se vinham recolhendo, carregadas de suas joias, e cousas manuaes que puderam salvar. Foram os nossos tendo o encontro aos inimigos, em quem com a arcabuzaria fizeram assás de damno. Durou isto até mais de meio dia, ficando os inimigos senhores da povoação com todo o seu recheio, e muitos mantimentos que se não puderam recolher, por não haver tempo pera isso; o que foi muito grande per-

da , e houvera de pôr aquella fortaleza em grande risco pela falta que delles houve , como adiante se verá.

Aqui nos cabe lembrar o descuido com que neste negocio se vive nas fortalezas da India , onde os Capitães dormem seu sono descansado , como se estiveram em Alentejo , não lhes lembrando que vivem antre inimigos , que deseão de beber o sangue Portuguez ; e todas as vezes que virem qualquer occasião pera o mostrarem , a não hão de perder. Disto tem a culpa hum mal entendido zelo , que se quer mostrar no serviço do Rey , com lhe atalharem despezas pera accrescentarem na fazenda , pondo só os olhos em respeitos particulares , e não nos damnos que disso se podem seguir , que são tão grandes , que á falta de provimentos se perdêram já duas tão importantes fortalezas , como foram as de Chale , e Ternate , de que em seu lugar daremos razão. E se havemos de fallar verdade , como temos por obrigação , pelo juramento de nosso cargo , e pela experiencia que da India temos de quarenta annos , affirmamos , e dizemos , que depois que na India entrou esta linguagem de accrescentar na fazenda do Rey , se foi tudo diminuindo ; porque não lia cousa que mais accrescente nesta fazenda , que recolhem-se nos armazens de cada fortaleza dous

mil canóns de arroz, pera estarem em deposito, pera o tempo da necessidade, e depois no novo vendellos, e com o dinheiro comprar outros tantos, e sempre ElRey fica ganhando. E se disserem que as defordens dos Capitães são grandes, e que metteráõ a mão em tudo o que quizerem neste negocio, pera isso tem o Rey justiça pera castigar rigorosamente quem tocar nos mantimentos do deposito, porque estes he necessario sejam tão inviolaveis, que se não toque nelles se não no tempo da guerra, ou necessidade urgente.

E tornando á nossa ordem. Os inimigos ficáram senhores das povoações de fóra, o Rey de Viantana da de Ilher, onde logo começou a fazer huma forte tranqueira, e os Jáos daquella parte de Malaca, onde também se fortificáram, e assentáram sua artilheria pera baterem a nossa fortaleza. D. Pedro da Silva não faltou em cousa alguma, antes como Capitão esforçado, e prudente começou a dar ordem ás cousas necessarias pera a defensão daquella fortaleza, provendo os baluartes, e guaritas de Capitães, e soldados. E porque da parte do mar estava aberto, mandou correr com huma estacada da ponte pera baixo, e alguns juncos que estavam no porto, que os inimigos não queimáram., por estarem defronte da fortaleza,

mandou recolher pera dentro do rio , pera o que alevantáram a ponte , que era de taboado levadilla , e todos mandou pôr naquella face da fortaleza , e povoação que corre pelo rio affima , bem chegados á terra pera ficarem defendendo aquella parte , e poz nelles alguma gente pera isso. E a cerca da Cidade , que era muito grande , mandou renovar por algumas partes , e reformar as guaritas , que proveo de soldados. He esta cerca de taipa á antiga , e pela banda de dentro tem huma tranqueira de madeira entulhada até á taipa , de feição que deixava hum andaimo de quatro passos pera serviço da gente , e á roda della tem muitas guaritas , a fóra os baluartes ; o que tudo o Capitão proveo , e repairou inuito bem. E vendo que os inimigos plantavão suas estancias , como homens que determinavam de estar devagar , despedio huma embarcação ligeira , em que mandou hum homem de recado com huma carta geral pera ir por toda aquella costa de Quedá , Tanaçarim , Pegú até Bengala , a dar recado a todos os Portuguezes que alli estivessem com navios , pera que o soccorressem com gente , e mantimentos ; e juntamente despedio outra embarcação , em que mandou hum Amo de hum Cheli , homem honrado , pera ir a Patane a dar aviso aos navios que haviam de vir de Sião ,

Camboja , e de todas aquellas partes pera Malaca , pera que não fossem cahir nas mãos dos inimigos. Das jornadas destes dous adiante trataremos.

CAPITULO VII.

De como os inimigos começaram a bater a fortaleza : e de como chegou a ella Dom Garcia de Menezes : e de huma sabida que fez aos inimigos , em que o matáram.

TAnto que os inimigos se fortificáram , logo começaram a bater a nossa fortaleza , de huma , e da outra parte com grande terror , e della tambem os serviam arreadamente , trazendo D. Pedro da Silva grande vigilancia em tudo , vendo , notando , e provendo as cousas que eram necessarias , não quietando de dia , nem dormindo de noite , porque os inimigos lhe não davam vagar pera cousa alguma destas ; porque começaram a dar assaltos mui apressados , e amiudados , de que as mais das vezes sahiam bem escalavrados . Poucos dias depois de sua chegada apparecco a caravela , em que vinha D. Garcia de Menezes , filho do Craveiro , que deixámos partido de Goa pera Malaca , no Cap. IV. do Liv. IX. Em a vendo os inimigos , despedio El Rey de Viantana Laximena com quarenta , ou sin-

coenta lancharas , pera a irem commetter , como fizeram.

D. Garcia de Menezes tanto que vio aquella Armada , que se conhecco fer de inimigos , mandou embandeirar a caravela toda , e negociar a artilheria , e posto em armas com todos os seus assim á véla foi caminhando até chegar á Armada do inimigo. Lacximena rodeou a caravela , e começou a esbombardear soberbamente , chiegando-se a ella quanto pode , por ver se a podia investir ; mas a caravela que levava muita , e muito boa artilheria , a começou a desparar pera todas as partes , empregando suas cargas muito á sua vontade ; porque como hia á véla com vento fresco , governava pera onde queria. Lacximena trabalhou tudo o que pode por abordar a caravela , mas nunca pôde ; porque como hia á véla , receava de pôr a proa nella , por se não espedaçar , e foi de fóra esbombardeando-a , e mettendo-lhe muitos pelouros dentro com que lhe ferio muita gente. D. Garcia de Menezes mostrou nesta briga bem , que as letras não desbotam a lança , porque acudio com tanto animo , e prudencia , como se todos os annos que gastou nos estudos , os despendêra na milicia , fazendo melhor o officio de Capitão , que de Letrado. E quiz sua boa fortuna que acertasse da sua caravela com hum

camelo na lanchara de Lacximena , que a fez em pedaços , e a elle , a hum filho seu ; que estavam ambos , e outros dizem que tambem a hum genro ; pagando este maldito Mouro por mão de Portuguezes neste tempo o que devia no tempo de hum filho do Conde Almirante á morte do valoroso Capitão D. Paulo da Gama , e de outros Fidalgos , e Cavalleiros , (como temos dito no Cap. XI. do Liv. VIII. da quarta Decada.)

Tanto que os Malaios víram morto seu Capitão mór , logo se foram recolhendo perra Malaca , e a caravela apòs elles sempre ás bombardadas , até deitar ferro defronte de Malaca. D. Pedro da Silva esteve vendo a briga de cima da fortaleza , não sabendo que caravela aquella podia ser ; mas todavia notou que vinha nella Capitão de brio , pela confiança com que se embandeirou , e pelo procedimento que lhe via. E deitando hum balão muito esquipado , mandou saber que caravela era , quando já vio ir os inimigos em desbarato. O balão chegou a bordo , e sabendo da caravela , e quem vinha nella , tornou a voltar com recado ao Capitão , que ficou muito alvoroçado com aquellas novas.

D. Garcia de Menezes tanto que furgio ; deixando Gemez Barreto (que vinha com elle por Capitão do mar de Malaca) na ca-

ravela , desembarcou com poucos , que o acompanharam , e achou D. Pedro da Silva da Gama , que o aguardava na praia , onde o recebeu com muitas honras , e lhe deo gazalhado em terra , no lugar em que elle quiz , que foi na parte do jogo da bola ; porque alli era a estancia do Capitão , onde dormia , e dava meza a muitos homens pobres. E porque era a monção em que cada dia se esperavam navios da India , ordenou o Capitão com D. Garcia de Menezes , que ficasse Gemez Barreto na caravela com quarenta homens , pera ir favorecer as náos que viessem demandar aquelle porto , porque estava certo sahirem os inimigos a commettellas. E mandando-lhe metter mais duas esperas de metal , a proveo tambem de munições em abastança. Gemez Barreto se deixou ficar na caravela com grande vigia , e com a amarra sempre guarnecida ao cabrestante. Dahi a poucos dias houveram vista de hum náó , que era de hum Francisco Mendes , e vinha de Cochim carregada de fazendas. ElRey de Viantana mandou logo as suas lancharas pera que a fossem commetter.

Gemez Barreto em vendo a náó , levou a amarra , e soltou as vélas todas , e metteo-se no meio da Armada dos inimigos , e a foi servindo de bombardadas por todas as partes. O Capitão da náó vendo aquella Ar-

mada que vinha atirando tantas bombardadas, logo conheceo que era de inimigos, e não a ousando esperar, voltou em outro bordo. Gemez Barreto tanto que a vio voltar, amainou, e içou a véla da gavia tres, ou quatro vezes, fazendo-lhe final com isso pera que esperasse; mas elle como lia aviado, e com grande medo, não entendeu o final, antes lhe pareceo que aquella caravela era tambem dos inimigos, que a teriam tomada, porque todos vinham envoltos, e a caravela no meio. Francisco Mendes não curando de cousa alguma, foi seu caminho até que lhe anoiteceo, e a Armada se recolhio, e Gemez Barreto se tornou a pôr no seu posto.

Este Francisco Mendes se foi pela costa affima com vento prospero, e passou por Pegú, e foi tomar o porto grande, e em huma daquellas Ilhas se perdeu, salvando-se a gente toda. Os inimigos foram continuando o cerco de ambas as partes, dando muitos, e apressados combates, e assaltos, com que os nossos andavam mui quebrantados; mas de todos foram rebatidos, e escalavrados pelo esforço do Capitão, e de todos os mais, que neste cerco fizeram maravilhas. Os Jáos trouxeram huma peça de artilheria das suas estancias, e a puzeram de frente da ponte, e por cima della vareja-

vam a Cidade dentro, e faziam nella muito damno.

D. Garcia de Menezes, que era Fidalgo orgulhoso, e desejava de se assinalar, pediu licença a D. Pedro da Silva pera ir tomar aquella peça, que lhe elle deo; e fazendo-se prestes com cem homens, e com elle Pero Vaz Guedes, (de quem no primeiro cerco de Dio de Antonio da Silveira temos dado razão, no Cap. X. do Liv. III. da quinta Decada,) e outros Fidalgos, e Cavalleiros que se lhe offereceram pera isso. E sendo o quarto d'alva quasi rendido, sahiram os nossos pela ponte, e deram na estancia que os Jáos alli tinham em guarda da peça, tão de supito, que os não sentiram, senão quando já os cortavam, e foi de feição, que os mais dos que a guardavam ficaram alli espedaçados, e dando cabos á peça de artilheria, a foram trazendo com grande alvoroço.

O Sangue de Pate, Capitão dos Jáos, teve logo rebate daquelle negocio pelos que escaparam fugindo; e sahindo das estancias com dous mil homens, deo nos nossos que tinham já a peça de artilheria no lugar em que hoje está a Alfandega, e com aquella furia começaram os soldados de D. Garcia a se desmandar, e recolher pera a ponte. Mas D. Garcia de Menezes, que era Fidalgo de

grande animo, posto junto da bombardarda, e com elle Pero Vaz Guedes, e alguns poucos que os quizeram acompanhar, fizeram rosto aos inimigos, e traváram com elles huma muito aspera batalha, sem se quererem recolher com verem a multidão dos inimigos; porque antes quizeram morrer, que largar a bombardarda que tinham tomado. Mas como o número era tão desigual, apertáram tanto com os nossos, que os fizeram recolher; mas não a D. Garcia de Menezes, nem a Pero Vaz Guedes, que sobre a bombardarda morrêram, sem se serem mudar della hum passo: acabando aqui estes dous esforçados Cavalleiros, com deixarem primeiro antre os inimigos muito grandes sinaes de seu esforço. Foi aqui tambem morto Antonio Ferreira, muito bom Cavalleiro, que foi Camareiro do Conde da Castanheira.

Desbaratados os nossos, e entrando pela ponte, foi tão grande o medo, e a desordem, que cahíram ao mar muitos, e se affogáram alguns. Custou esta sahida trinta homens, antre os que morrêram na batalha, e os affogados. D. Pedro da Silva vendo o desbarato, sahio com cem homens até á ponte, e recolheo os que vinham fugindo; e sabendo da morte daquelles dous Fidalgos, em estremo o sentio, assim por suas pessoas, como pela mingua, e falta que lhes haviam de

fazer, porque estava em tempo, que havia mister homens, e mais taes como aquelles. E recolhendo-se com esta mágoa, foi proseguindo na defensão da fortaleza com muito cuidado. E porque os assaltos foram muito continuos, e miudos, e que a historia não soffre particularizar, passaremos por elles, e não daremos razão, senão das cousas principaes, porque temos muitas que nos chamam, e tocão por nós.

C A P I T U L O VIII.

Do que aconteceu ao homem que levou o recado do cerco de Malaca: e de como Gil Fernandes de Carvalho, que estava em Quedá se fez prestes pera a ir soccorrer: e como este recado chegou ao porto grande, e dos soccorros que se ajuntaram: e das cousas que succedêram em Malaca neste cerco.

PArtido o homem que D. Pedro da Silva da Gama mandou com as novas do cerco, foi correndo a costa; e chegando ao rio de Quedá, (que he sessenta leguas de Malaca,) achou alli Gil Fernandes de Carvalho com o seu galeão carregado de pimenta. E mostrando-lhe a carta geral de Dom Pedro da Silva, e dando-lhe informação do trabalho em que Malaca estava, passou ávan-

te, e em sua companhia hum Pero Tavares, Capitão de hum navio seu que alli estava: este pera entrar em Pegú a dar recado a Jorge de Mello o Punho, e o outro pera passar ao porto grande, onde estava Gonçalo Vaz de Tavora, a quem Gil Fernandes de Carvalho escreveo, que se viesse ajuntar com elle, pera todos juntos commetterem a Armada dos inimigos, e a desbaratarem. Pero Tavares chegou a Pegú, e achou Jorge de Mello prezo; porque vindo aquelle Rey do negocio de Sião, (como adiante diremos na setima Decada,) achou alevantado hum Capitão seu, chamado Xemido, e lhe tinha tomado a Cidade de Pegú; e indo ElRey contra elle, o houve ás mãos, e o matou; e porque achou culpado Jorge de Mello em favorecer o alevantado, e lhe dar munições, o prendeo, e corrêra muito risco, se se alli não achára Diogo Soares de Mello, que depois o pedio a ElRey que lho deo.

Pero Tavares não achando alli alguem a quem dar recado, passou ávante, e chegou ao porto de Arração, pera dar as cartas a Gonçalo Vaz de Tavora, que achou morto, porque havia poucos dias que dera hum batalha aos Mogos, em que foi morto com outros Portuguezes; mas achou em seu lugar hum João Henriques, da obrigação do Viso-Rey D. Affonso de Noronha,

e dando-lhe as cartas; e vendo elle a necessidade em que Malaca estava, se embarcou logo no galeão em que tinha ido Gonçalo Vaz de Tavora; e carregando huma náo de mercadores que estava no porto, de arroz, e outros mantimentos, partio pera Malaca, indo com elles Pero Tavares na sua fusta; e deixallos-hemos em sua viagem até seu tempo.

Gil Fernandes de Carvalho tanto que teve recado, deixando a sua náo que estava á carga com alguns Portuguezes pera sua guarda, se embarcou em huma formosa galeota com quarenta Portuguezes, e tomou o caminho de Malaca, em que os deixaremos, por continuarmos com o que neste tempo succedeo naquella fortaleza.

Os inimigos foram continuando as baterias, e assaltos apressadamente, e puzeram os nossos em estado, que muitas vezes se víram desconfiados, porque lhes começou a faltar o mantimento, e já coníam cousas nojentas, e aborrecíveis, com o que começáram a morrer muitos dos mesquinhos, e os escravos a se passarem pera os inimigos. E sendo já no mez de Julho, apparecêram duas náos, que vinham de Cochim carregadas de fazendas, huma de Alvaro da Gama, que estava por Capitão em Cochim, em que vinha Luiz Martins, e a outra de hum

hum Antão Martins o surdo, que era casado com a mãe de Dona Maria da Cunha, filha do Governador Nuno da Cunha. Os inimigos tanto que as víram lhes sahiram com sua Armada; mas Genez Barreto, que sempre estava á lerta, deo á vela após ella, e no meio de todas as embarcações hia esbombardeando a huma, e a outra parte, desapparelhando algumas, e matando-lhe dentro muita gente: desta maneira chegou ás náos, e voltou com ellas, vindo-lhes os inimigos por poppa atirando-lhes muitas bombardas, e recebendo elles outras que lhes faziam maior damno; assim foram até surgirem defronte da fortaleza. Os nossos ficaram muito alvoroçados com este soccorro, porque alguns mantimentos lhes levaram as náos com que se remediaram. D. Pedro da Silva vendo que a falta delles hia por diante, e que não tinha esperanças de lhe virem de Jaoá, deo busca nas casas, e recolheo tudo o que achou, e o metteo em armazens, e dalli se repartia com muita ordem pelos Portuguezes; e todavia pela falta que cada vez era maior, se lhes estreitava a ração, e cresciam os trabalhos; porque os inimigos amiudavão os assaltos, com o que traziam os nossos tão inquietos, que não dormiam, nem repousavão, e por sima disso andavam todos tão fracos de fome.

Conto. Tom. III. P. II.

S

N

que

P R E N S A

NACIONAL

que já não havia nelles mais que os animos.

Poucos dias depois de chegarem estas náos, apparecêram outras duas que vinham da banda do Estreito de Sincapura; huma dellas era a náos de Bernaldim de Soufa, que vinha de Maluco, de que era Capitão Manoel de Figueiredo; e a outra era hum galeão que vinha de Timór carregado de Sandalo, de que era senhorio, e Capitão Braz Roballo, Cavalleiro honrado, e casado com huma Guiomar de Aguiar, mãe de Dom Vasco da Gama, filho de D. Estevão da Gama. Estas náos tanto que appareceram, logo os Malaios se embarcaram na sua Armada, e as foram commetter, e Gemez Barreto tambem em as vendo as foi buscar, e recolher, e indo sempre pelejando com a Armada inimiga, e tornando-se a recolher com as náos tambem pelejando, e foram surgir no porto, onde já apparecia huma arrezoadá frota nossa. Na náos de Bernaldim de Soufa vinha Christovão de Sá, que D. Pedro da Silva recebeo bem, por ser hum Fidalgo muito bom homem, e bom Cavalleiro.

Neste tempo estavam as cousas em estado, que se passavam muitos escravos dos Portuguezes pera a banda dos Jáos, porque como hiam pescar quasi todos ao mar, na frontaria da fortaleza, e na banda de fóra

na boca do rio era a agua tão pouca, que quasi dava pela cinta a huma pessoa: os escravos que queriam fugir, não faziam mais que lançar-se á agua, e passarem-se á outra banda, onde os Jáos os recolhiam. Disto andava o Capitão muito enfadado, e de não ter alguma espia que lhe dissesse a verdade do que os inimigos determinavam.

Como isto se praticava na fortaleza, e o Capitão tiuha encommendado a todos os Portuguezes, que trabalhassem por tomar alguma espia, foi-se hum escravo (Cafre de nação) a seu Senhor, e lhe pediu huma espada curta, porque se queria arriscar a tomar hum Jáo. O Senhor duvidoso se seria aquillo querer-lhe elle fugir, como cada dia faziam os outros, esteve pera lha não dar; mas cuidando depois que se elle tinha vontade de fugir, que tanto o faria com espada, como sem ella, quiz fazer do ladrão fiel, (como lá dizem,) e buscando huma espada curta lha deo. O Cafre se foi á borda do mar com a espada nua na mão, e se metteo pela agua com ella escondida debaixo, e começou a passar manso, e devagar pera a outra banda, e antes de chegar a ella acudiram os Jáos, como costumavam, e metteo-se hum pela agua pera dar a mão ao Cafre; o Cafre pegando-lhe tambem com a esquerda pelo braço que lhe dava, e alevantar-

tou a direita que levava por baixo da agua, e deo tão façanhoso golpe com a espada por hum hombro ao Jáo, que quasi o esçalou, e puxando por elle, o foi levando a rasto pela agua. O Senhor do Cafre, que estava destoutra banda com alguns amigos, em vendo aquelle negocio, começaram a jogar com sua espingardaria, porque acudiam já muitos Jáos ao outro. O Cafre chegou a terra com o Jáo ferrado, e o levou ao Capitão que estava na Armada, que o estimou muito, e abraçando o Cafre, o forrou logo. E tomando o Jáo a huma parte, lhe mandou fazer perguntas, e a tudo lhe respondeo verdade, dizendo: » Que estavam todos os da liga prestes pera darem hum grande assalto á fortaleza, com o que esperavam de a tomar, e que sería o dia da Lua nova, porque esperavam pera depois de fazerem suas ceremonias commetterem o assalto; pera o que tinham feito mais de sincoenta escadas, e outros petrechos, e máquinas pera encostarem aos muros.»

Tanto que o Capitão soube do Mouro tudo o que quiz, mandou-o entregar aos rapazes, que o espedaçaram. Isto se espalhou logo pela fortaleza, e começou a haver rostinhos, e desconfianças. O Capitão tratou de se fortificar por todas as partes, porque por todas havia de ser commettido.

Ha-

Havia na fortaleza hum soldado , homem de mais de quarenta annos , a que não achámos o nome , (pelos descuidos de que tantas vezes nos queixamos ,) que devia de ter andado por Italia , ou Alemanha , e tinha prática das cousas da milicia , porque parece que militára por lá alguns annos. Este homem agazalhava-se á porta da fortaleza , junto de huma bombardá , que dalli jogava por cima da ponte , e tinha feito huma tenda de palha , em que se recolhia com suas armas só , sem conversar com alguém , nem ser conhecido : era hum homemzarrão de muita pessoa , tinha huma mui formosa barba castanha , que lhe dava por meio dos peitos. Vendo este homem o trabalho em que o Capitão andava de se repairar , e fortificar , pelo que lhe tinha dito o Jáo , se foi hum dia a elle , e tomando-o á parte lhe disse » que mandasse tirar os mastos a todos » aquelles juncos que estavam no rio , e os » puzesse por cima dos navios , pera o tempo » do assalto , depois de estarem as escadas » encostadas ao muro , os deixarem cahir de » cima , e que isso bastaria pera desbaratar » os inimigos ; mas que havia isto de ser em » tanto segredo , que não soubesse pessoa viva » o que determinava , porque se não precau- » tassem os inimigos , » (que logo eram avi- » sados de tudo pelos que fugiam.) Pareceo-
 N
 he

Ihe ao Capitão aquelle conselho muito bem, e logo mandou tirar os mastos aos juncos, e os mandou pôr ao pé dos muros, assim estendidos ao comprido; e porque não abrangeião pera cercar tudo á roda, mandou desmanchar casas sobradadas, e tirar-lhes as vigas pera isso. E como teve tudo cheio á roda, ordenou por cima dos muros aparelhos pera as alarem assina quando fosse tempo. Os casados, e muitos outros que viam aquelle trabalho, sem saberem o fundamento disto, praguejavam, e diziam, que aquillo era andar areado, e que de medo já não sabia o que fazia; o que elle ouvia, e callava, como prudente, sezudo, e experimentado, porque esta he a obrigação do bom Capitão em taes tempos.

Algumas cousas muito notaveis aconteceram neste tempo, de que contaremos algumas. Alevantando-se hum dia o Capitão de huma cadeira que tinha na ramada, pera ir roldar, se assentou nella hum foão Cabral, (que era o senhor do Cafre que tomou o Jáo,) e disse: Quero agora ser Capitão; e pondo a perna por cima do braço da cadeira, veio huma bombardada dos inimigos, e o tomou por ella, que logo o matou.

Estando hum homem commungando, virando-se o Padre pera lhe lançar a benção, depois de ter recebido o Senhor, entrou pela

la porta da Igreja hum pelouro daquella peça que D. Garcia quiz defender, e sobre que morreo, e deo nas costas ao homem, e o fez em pedaços; pelo que o Capitão mandou logo fazer huma tranqueira muito forte defronte da porta da Igreja. O Condestable da fortaleza estando apontando huma espera, que estava á porta de nossa Senhora do Monte, veio hum pelouro de huma bombardá, que o tomou pela testa, e o matou logo.

CAPITULO IX.

Do grande assalto que os Mouros deram á fortaleza, de que sabiram desbaratados: e do que os inimigos determináram em damno da fortaleza: e de outro grande conselho que deo o mesmo homem contra o intento dos inimigos; pelo que se levantáram os Malaíos do cerco, e ficáram os Jãos: e de como Gil Fernandes de Carvalho chegou a Malaca, e deo batalha aos inimigos em que os desbaratou.

FOi-se o Capitão fazendo prestes pera o assalto que esperava, tendo guarnecidos os baluartes, e guaritas de muitas munições, e de homens de recado, o que tudo preparou, e fez até doze dias do mez de Agosto, em que crá a Lua nova. E tanto que

ao pôr do Sol appareceo , começaram os Mouros em suas estancias a fazer grandes festas , tangeres , gritas , e a atirar sua artilleria. D. Pedro da Silva , que estava já prestes , e preparado , se foi ás estancias , e mandou com muita brevidade alar affima os mastos , e traves que estavam ao pé do muro , o que se fez muito prestes , porque estavam já aparelhos , e polés guarnecidas pera isso. Subidos ao muro os puzeram por cima das paredes , e o Capitão que até então não tinha dito o pera que aquillo era , disse aos Capitães dos baluartes , e guaritas » que tanto que os inimigos encostassem as escadas ás paredes , e subissem , dêssem de mão aos mastos , e os deixassem cahir sobre elles. »

Os Mouros toda a noite passaram em festas , e tangeres ; e como foi o quarto d'alva , abaláram de seus exercitos com grandes gritas , e alaridos , levando mais de sincoenta escadas mui grandes sobre suas rodas , e diante dellas mantas mui grossas , e fortes pera emparo dos que as hiam rolando ; e com humia confusão rustica , e barbara arremetêram com os muros os Malaios da banda de Ilher , e os foram cingindo á roda , e encostáram nelles suas escadas , por onde começaram a subir. Os nossos que estavam á lerta os deixáram chegar bem á sua vontade , e como víram as escadas cheias , deram

de mão aos mastos , que foram com hum terremoto espantoso cahindo sobre as escadas , que logo fizeram em pedaços , e a todos os que por ellas subiam , e a muitos dos que estavam em baixo , e apòs os mastos foram logo muitas panelas de polvora , que se desfizeram sobre aquelle cardume de inimigos.

O Rey de Viantana , e os mais da liga vendo aquelle damno , pasmados se foram recolhendo , ficando-lhes ao pé dos muros mais de seiscientos feitos pedaços , e abraçados. Os Jáos ao mesmo tempo commetteram tambem pela banda do mar , e entraram huma somma delles em huma daquellas casas de madeira , que estavam armadas da banda de fóra da tranqueira , que o Capitão mandou fazer naquella parte , que de maré vasia ficam em secco , e na enchente todas mettidas na agua. Entrados estes nas casas , deram com huma mulher velha Maliaia , e lhe perguntáram pelo caminho que havia pera o monte , onde estava a Ermida da Madre de Deos , (porque estava assentado antre elles , que se apoderassem delle pera dalli ficarem sobre a fortaleza , porque aquelle monte lhe he padrasto ,) a velha lhes disse , que lhes mostraria o caminho ; e sahindo-se pera fóra , ferrolhou a porta sobre si , e foi dar rebate ao Capitão deste caso. Dom

Pedro da Silva tinha encommendado aquella parte do mar a Christovão de Sá, que ao tempo que os inimigos accommettêram, os mandou varejar com a artilheria, com que lhe matou muitos. E acudindo áquella parte, disse a Christovão de Sá, e a outros Cavalleiros, que com elle estavam, que acudissem ás casas, onde os Mouros estavam mettidos, e elle foi roldar as estancias, onde ouvia grandes gritas. Os nossos tanto que souberam estarem Mouros nas casas, se foram huns poucos a elles, e subindo-se em cima dos telhados os destelháram, e com as espingardas não faziam senão derribar nelles. Os Mouros tanto que víram os nossos em cima, e não tinham por onde sahir, e eram muitos, andavam pela casa correndo de hum parte pera a outra, porque os nossos lhes não pudessem tomar bem o ponto; mas todavia elles sempre os acertavam, e derribavam, e com aquella furia puzeram os hombros a hum porta, que arrombaram, e varáram a hum baranda. Os nossos se passaram a ella pelos telhados, e a destelháram, e como era mais baixa, chegavam-lhes os Mouros com as lanças affima, e os tratáram mal; mas elles pedindo panellas de polvora, deram com ellas antre elles, e abrazáram muitos, e outros se lançáram das varandas abaixo em terra, que era maré va-

fia,

fia, onde foram tambem a mór parte mortos á espingarda. Durou esta briga até huma hora, ou duas do dia, em que os inimigos se acabáram de desbaratar de todo, e se recolhêram ás suas estancias bem escavados.

Vendo os Reys da liga o damno que tinham recebido naquelle cerco, ajuntando-se todos a conselho, assentáram » que se não » alevantassem de sobre a fortaleza sem a to- » marem, e que pera isso se deixassem estar » muito devagar, e que esperassem pela mon- » ção em que os juncos da Jaoa haviam de » vir com mantimentos pera Malaca; que » os recolhessem, e se apercebessem pera to- » do aquelle anno, e que os Portuguezes lhe » não ficaria outro remedio senão entrega- » rem-se, porque como lhes faltassem os man- » timentos da Jaoa, não havia outra parte » donde os pudessem esperar; que elles ti- » nham o mar, e a terra por si, que se dei- » xassem estar sem se arriscarem em assaltos, » que os Portuguezes lhes não escapariam » das mãos.» Com esta resolução se fortificá- ram de novo, e se puzeram em ordem de ficarem alli todo o verão. O Capitão foi logo avisado disto, e houve-se por perdido; porque vio que aquelle ardil dos inimigos era diabolico, e que se perseverassem nelle, forçado se havia de perder, porque como

lhe faltassem mantimentos não havia reparo algum, e elle estava já tão falto de tudo, que se comiam coufas immundas, como cães, gatos, ratos, e ainda quando se podiam haver.

Andando com isto muito affombrado, cuidando no que faria, permittio Deos inspirar naquelle soldado, que dissemos no Capitulo atrás deste IX. Liv., que deo o ardil dos mastos sobre as ameias dos muros, que deixáram cahir sobre as escadas, lhe deo outro novo ardil.

Este soldado vendo o Capitão daquella maneira, se foi a elle, e em segredo lhe disse » que despedisse aquellas náos que estavam no porto, com fama que mandava dar » em Jor, Pão, Perá, Marruas, e por toda aquella costa, e que forçado os inimigos haviam de acudir a suas terras, porque que lhas não destruisssem, e que fossiem esperar os juncos da Jaoa nos Estreitos; e que alli resgatassem os mantimentos com roupas, e os tornassem a mandar. » Soou-lhe tão bem ao Capitão aquillo, que houve que o Espirito Santo fallava pela boca daquelle soldado, e logo mandou chamar Luiz Martins, Capitão da náo de Alvaro da Gamma, e Braz Robalo, Capitão do seu galeão, e Antonio Nunes tambem Capitão da sua náo, e na ramada lhes disse publicamente

te » que se fossem todos juntos por aquella
 » costa , e que dêssem nos lugares de Vian-
 » tana , de Perú , Pão , Marruas , e todos os
 » mais , e que puzessem tudo a ferro , e a
 » fogo sem perdoarem a cousa viva ; » e man-
 dou embarcar nas náos muitas roupas , das
 que os Jáos vam bulcar a Malaca , e man-
 dou armar duas fustas pera irem com elles.
 Estes Capitães se foram logo embarcar , e
 o Capitão D. Pedro da Silva lhes deo hum
 regimento cerrado , e no sobreescrito de fó-
 ra lhe dizia » que abrissem aquelle , tanto que
 » fossem fóra dos Estreitos , e que fizessem
 » o que nelle lhes mandava » e embarcados
 todos deram ás vélas.

Como estas cousas passáram publicamente ,
 logo o Rey de Jor foi dellas avisado , porque
 trazia na fortaleza grandes intelligencias ; e
 vendo ir aquella Armada , receando elle , e
 todos os mais Reys que com elle estavam , que
 lhes destruissem suas Cidades , e portos , logo
 no mesmo dia se embarcáram pera lhes irem
 soccorrer. Os Jáos que estavam da banda de
 Malaca , tanto que souberam serem os Mala-
 ios idos , sem lhes darem conta de cousa al-
 guma , determináram de proseguir no cerco ,
 e tomarem aquella Cidade , e pera isso se
 passáram ametade pera a banda de Ilher , on-
 de os Malaaios estavam , pera de mais perto
 baterem , e commetterem a Cidade.

Ao outro dia depois que isto passou, chegou Gil Fernandes de Carvalho ao porto de Malaca com a sua galeota muito embandeirada, e desembarcando em terra, sahio D. Pedro da Silva ao receber á praia, e com grandes honras, e alvoroço de todos foi recolhido dentro, e logo lhe deo conta de todo o passado, e de como os Malaaios o dia d'antes se recolhêram. Gil Fernandes de Carvalho disse a D. Pedro da Silva, » que » pois vinha, e tinha chegado a tão bom » tempo, que lhe dèsse licença pera de ma- » drugada sahir aos Jáos, porque esperava em » Deos de os desbaratar, e de se acabarem a- » quelles trabalhos, porque elle não se po- » dia alli deter muito.» D. Pedro da Silva lhe disse, que lhe parecia muito bem; e logo Gil Fernandes de Carvalho se começou a fazer prestes pera de madrugada dar nelles, ajuntando duzentos homens, em que entravam todos os Fidalgos, e Cavalleiros que alli havia. De todos estes fez tres Capitães, elle que havia de levar a dianteira, Christovão de Sá, e Gemez Barreto. E tanto que foi o quarto d'alva, sahio Gil Fernandes de Carvalho da fortaleza, ficando D. Pedro da Silva á porta com toda a mais gente, e remettendo com as estancias dos inimigos, que estavam descuidados, deram nelles com tamanhos estrondos, que primei-

ro que foubessem o que era, tinham os nossos mortos mais de cento. E baralhando-se todos, fizeram os nossos tão grande estrago nos Jãos, que foi espanto. O Sangue de Pate, Capitão geral do exercito, acudio com hum Rey daquelles da Jaoa, e com todo o poder remettêram com os nossos, e os detiveram, mas não que perdessem as tranqueiras que tinham cavalgadas. Aqui deram huma lançada a Gil Fernandes de Carvalho por debaixo de hum braço, de que cahio no chão com a força, mas logo se poz em pé animando os seus. E quiz sua boa fortuna que encontrasse com hum Senhor, ou Rey daquelles da Jaoa; e remettendo com elle, o tomou com huma estocada em descuberto pelos peitos, de que deo logo com elle morto em terra, e lhe tomou a espada, e hum cris guarnecido de ouro.

Aqui derribáram o Alferes da bandeira de Gil Fernandes de Carvalho, e hum Jorge Borges acudio com muita pressa, e a tomou, e se poz em cima da tranqueira com ella. Os Jãos tanto que víram cahido aquelle seu Capitão, desamparando tudo se foram acolhendo pera o mar, e com a pressa se deitáram a elle pera se salvarem nos juncos. Os nossos vendo a vitoria clara, foram seguindo os inimigos, matando, e ferindo nelles sem piedade; e houve muitos solda-

dos, que de encarniçados de matar nelles, com aquella furia com que hiam, se lançáram com elles ao mar, e dentro na agua matáram muitos. D. Pedro da Silva vendo o desbarato dos inimigos, sahio fóra com toda a gente, e ainda muitos de sua companhia chegáram aos derradeiros, em que tambem prováram a mão.

Foi esta destruição muito notavel, porque se perdêram mais de dous mil Jáos, assim na terra, como no mar. D. Pedro da Silva recebeu Gil Fernandes de Carvalho com muita honra, dizendo-lhe muitas palavras de louvores seus, e de todos. Ficáram as estancias dos inimigos com toda a sua artilheria, munições, mantimentos, e mais cousas que D. Pedro da Silva mandou recolher na fortaleza, e nas estancias se poz logo fogo, em que se todas consumíram. E pera esta vitoria ser de mór louvor de Deos, e gofuto de todos, succedeo aquelle dia dar huma tormenta tão grande, que os mais dos juncos dos Jáos foram cassando pera a terra, onde encalhárão muitos, e se perdêram com muita artilheria que traziam, que foi recolhida dos nostros. Gil Fernandes de Carvalho vendo aquella mercê de Deos, se embarcou na sua galeota, e levou consigo os batéis dos galeões mui bem concertados, e dando nos juncos, fez nelles huma grande def-

destruição. Os que pudéram dar á véla foram-se acolhendo pera Jaoa , onde chegaram com mais da metade da Armada , e da gente perdida.

As náos que foram esperar os juncos de Jaoa aos Estreitos , recolheram a si todos os que vieram , e com elles resgataram todos os mantimentos que traziam , a troco de roupas ; e carregados delles se tornáram pera Malaca , com o que a vitoria se acabou de arrematar , porque já tinham que comer. Mas como os gostos da vida não vem sem ser aguados com seu amorgoz , não se lograram os nossos muito desta vitoria ; porque tanto que a fortaleza ficou descercada , começaram os nossos a beber do poço da Bathocina , em que os Jáos tinham lançado tão fina peçonha , que logo em bebendo começaram todos a adoecer , e a morrer , ficando o ar tão inficionado , que em dando o Sol na cabeça a huma pessoa alli cahia logo , e assim se enterravam cada dia doze , e quinze Portuguezes , e como doentes de peste os levavam pelas ruas arrastos , até hum quintal do Hospital onde os sepultavam juntos. Morrêram deste mal mais de duzentos Portuguezes , e muita gente da terra , do que todos andavam pasinados. D. Pedro da Silva entendeu bem o mal donde procedia , e mandou logo vasar o poço , e alimparlo , e

defendeu que todo aquelle anno se não bebesse delle. Gil Fernandes de Carvalho como vio o feito acabado, despedio-se do Capitão, e se foi pera Quedá, onde tinha a sua náu.

D. Pedro da Silva vendo-se desapressado despedio a caravela, em que tinha vindo D. Garcia de Menezes, pera Maluco, e deo a Capitania a Genez Barreto, e mandou nella muitas roupas, e provimentos pera aquella fortaleza. Esta caravela se fez á véla por todo o Agosto, e chegou a Ternate em Novembro passado.

C A P I T U L O X.

Do que aconteceu na jornada a D. Rodrigo de Menezes, até chegar a Maluco: e das differenças que Bernaldim de Sousa teve com Christovão de Sá sobre aquella Capitania: e de como Bernaldim de Sousa fez cercar a fortaleza de Geilolo: e do que lhe aconteceu na desembarcação.

PArtido D. Rodrigo de Menezes de Goa o Abril passado de cincoenta com a sua Armada, como atrás dissemos no Cap. V. do Liv. VIII., foi seguindo sua derrota até Malaca; alli achou novas que não havia Castelhanos em Maluco, e por esta razão se desfez a Armada, ficando alli ambas as ca-

ravelas. D. Rodrigo partio pera Maluco com
 o seu galeão, e o de D. João Coutinho, e
 a não de Bernaldim de Sousa, e chegou á
 quella fortaleza este Outubro passado, e sur-
 giram em Talangame, onde Bernaldim de
 Sousa estava com a sua não. D. João Cou-
 tinho lhe deo hum masto de cartas que le-
 vava do Governador pera elle, e dentro
 achou huma carta, em que lhe dizia: » Que
 » em qualquer parte que aquella o tomaste,
 » se tornasse pera Maluco, sendo certa a nova
 » da Armada Castellhana, e que tornasse a
 » tomar posse daquella fortaleza, conforme
 » huma Patente que tambem lhe mandava, »
 e com ella lhe mandou hum Alvará pera
 alevantar a menagem a Christovão de Sá,
 que estava por Capitão. Bernaldim de Sou-
 sa, posto que lhe não dera cousa alguma ir-
 se pera a India, todavia estimou muito a
 quella successão, assim porque em quatro
 annos que alli tinha estado, em nenhum del-
 les se colhêra novidade do cravo, por dar
 muito pouco, e aquelle se esperava que des-
 se muito, e acabar a sua não, e carregalla;
 como por lhe ficar tempo pera ir tomar a
 fortaleza de Geilolo, porque andava descon-
 fiado da murmuração que corria antre os ho-
 mens, porque diziam publicamente, que el-
 le quebrára a paz com aquelle Rey, e que
 se hia pera a India, deixando-os em guer-
 ras,

ras, e em trabalhos. Ao outro dia se foi á fortaleza, e achou Christovão de Sá á porta da banda de fóra, (estava elle avisado da particula da Patente que dizia, que sendo as novas da Armada Castelhana certas, ficasse outra vez por Capitão naquella fortaleza; e que Christovão de Sá se fosse pera a India.) E mostrando-lhe a carta, disse Christovão de Sá » que não havia novas de Castelhanos, » pelo que não podia entregar aquella fortaleza: que a tenção do Governador era » se houvesse naquellas Ilhas Armada Castelhana, ou nova certa della; porque se assim não fora, não lhe puzera na Patente » clausula, nem condição alguma. » E baralhando-se o negocio em gritos, e porfias de má feição, disse Christovão de Sá » que » o que se podia fazer por justiça, não se » havia de levar por paixões; que elle re- » mettia aquelle negocio ao Ouvidor da fortaleza, e ao Alcaide mór, e que o julgassem elles. » Bernaldim de Sousa lhe respondeu, que ninguem havia de ser juiz de sua honra. Com isto ficou a cousa em ruins termos, e peiores esperanças, porque da parte de Christovão de Sá pendia a justiça, e da de Bernaldim de Sousa a authoridade, e muita posse que tinha de gente, e amigos. E como os homens são todos afeiçoados a novidades, nesta revolta se apartou

hum soldado de Bernaldim de Sousa dissimuladamente, e se poz em pé no postigo da fortaleza, que só estava aberta, (porque todos estavam da banda de fóra occupados nas contendias) e logo se foram pera aquelle outros dez, ou doze soldados, e tomáram a porta da fortaleza sem os dous da contenda o verem, nem saberein. Bernaldim de Sousa como não queria levar aquelle negocio por justiça, senão por força, disse a Christovão de Sá » que se determinasse, » que elle havia de fazer o que o Governador lhe mandava. » Christovão de Sá, que era bom Fidalgo, vendo a Bernaldim de Sousa tão colerico, e desfarrezoado, disse: » Ora » seja Senhor como quizerdes, e ficai na fortaleza, que eu me quero ir pera a India.» Bernaldim de Sousa o abraçou, ficando grandes amigos, e logo alli lhe entregou a fortaleza, e elle deo a menagem della nas mãos de Lopo Mendes Botelho Feitor, e Alcaide mór, como o Governador mandava na sua Patente.

Destas cousas ficou D. Rodrigo de Menezes muito tomado de Christovão de Sá, por se ter aconselhado com elle sobre aquella materia, e elle lhe ter dito o que havia de fazer, porque estava apostado ao favorecer, assim por ser da parte da justiça, como por não ser muito amigo de Bernaldim de Sousa.

Concluido isto , determinou Bernaldim de Sousa de fazer a jornada contra Geilolo ; porque se deixasse alli aquella fortaleza , daria muito trabalho á nossa , e pera isso tratou com ElRey de Ternate , e lhe pedio que o acompanhasse nella , e elle lhe disse que o faria com muito gosto. E tambem escreveu ao Rey de Bachão , que se quizesse achar com elles. Bernaldim de Sousa preparou logo as cousas necessarias , e eiegeo a gente que havia de levar , que foram cento e oitenta Portuguezes , que estavam sãos ; e os poucos mais que havia , que não passavam de dez , deixou na fortaleza com o Alcaide mór ; e mandou fazer muitos cestões , e escadas , e carretas pera as peças de artilheria que havia de levar.

Tendo tudo negociado , se começou a embarcar , elle na sua náó nova , D. João Coutinho no seu galeão , D. Rodrigo de Menezes na sua caravela , e Manoel Boto em outra que estava na mesma fortaleza , que cheia de munições , e petrechos de guerra , e de mantimentos ; Balthazar Veloso , Capitão mór do mar ; Christovão de Sá ; e Diogo de Freitas , cada hum em sua corocora.

Embarcados todos deram á véla , e por acharem os tempos contrarios , mandou Bernaldim de Sousa dar toas aos galeões pelas corocoras , e puzeram dez , ou doze dias no

caminho, e a vespera do Natal passado sur-
 giram na barra de Geilolo; e salváram a
 fortaleza, que senão enxergava de fóra por
 causa do grande, e espesso arvoredado que ha-
 via antre ella, e o mar. Alli se deixou estar
 até á primeira Oitava, que chegou ElRey
 de Ternate, e com elle o Principe de Ba-
 chão, que era seu genro, com huma mui-
 to arrezoadada Armada de corocoras, em que
 vieram perto de sinco mil homens de peleja.
 O Capitão os recebeo mui bem, e ElRey
 de Ternate lhe mostrou huma carta, que o
 de Geilolo lhe mandou ao caminho, em que
 lhe dizia » que se devia de lembrar como
 » ambos eram de huma lei, e do muito, e
 » mui chegado parentesco que antre elles ha-
 » via pera não favorecer os Portuguezes con-
 » tra elle; que lhe fazia a saber, que tinha
 » consigo muitos Cavalleiros, muita artilhe-
 » ria, mantimentos, munições, e duzentos
 » Tarabos; » (são estes huma nação de gente
 daquella Ilha, mui temidos de todos; por-
 que como andam sempre pelos matos, e são
 mui ligeiros, e no saltar os caminhos; hoje
 se vem aqui, e dalli a dous ou tres dias
 dalli a vinte leguas, tem feito crer aos da-
 quellas Ilhas, que se fazem invisiveis, e que
 se escondem, e apparecem quando querem;
 pelo que são tão temidos, que só de os ou-
 virem nomear fogem muitos. Bernaldim de

Souza vio a carta , e disse a ElRey » que
 » respondesse o que quizesse , e que quanto
 » ás roncás , que lhe mandasse dizer que fol-
 » gava muito de estar tão bem apercebido ;
 » que elle tambem levava muita gente , ar-
 » tilheria , e munições ; e que lhe fazia a fa-
 » ber , que se não havia de apartar de sobre
 » aquella fortaleza , sem a deixar pósta por
 » terra , e de mandar os seus Tabaros pera
 » as galés da India , e que lhe pezava por
 » serem tão poucos. » ElRey de Ternate as-
 sim lho escreveo , e lhe disse : » Que as obri-
 » gações que tinha aos Portuguezes passavam
 » por todos os parentescos ; que lhe acon-
 » selhava , que devia de fazer pazes com o
 » Capitão , e conceder-lhe tudo o que elle
 » pedisse , e que não quizesse experimentar a
 » furia dos Portuguezes. »

Vendo o Geilolo esta carta , e o desen-
 gano do Rey de Ternate , mandou metter
 dentro na fortaleza todas as fazendas dos
 seus , de ouro , prata , peças , pera os obri-
 gar a pelejarem sobre o seu. E elle tambem
 metteo seus thesouros publicamente , por mos-
 trar aos seus quão pouco arreceava os Por-
 tuguezes ; mas de noite os tornou a tirar
 em tanto segredo , que o não souberam se-
 não aquelles servidores que lhos leváram ,
 e elle foi com elles , e os enterrou em hu-
 ma parte secreta , e a mesma noite matou

os coitados que lhos acarretáram pelo não descobrirem.

A derradeira Oitava desembarcou Bernaldim de Sousa no lugar, em que o fez Fernão de Sousa de Tavora, na maneira seguinte. D. Rodrigo de Menezes, e Balthazar Velloso na dianteira com sessenta Portuguezes, e com elles Cachil Guzarate com dous mil Ternatezes, e logo Bernaldim de Sousa com a bandeira de Christo, e as peças de artilheria de campo, com todos os mais Portuguezes, e na retaguarda ElRey de Ternate, e o Principe de Bachão seu genro com o resto do exercito. Nesta ordem foram caminhando pelos matos com guias, sem acharem quem lho impedisse, e assim chegaram á vista da fortaleza. E porque não havia outra parte em que assentar o campo senão em hum outeiro, que estava hum tiro de berço della, mandou o Capitão arrazallo todo, o que se fez com muita gente de ElRey de Ternate, e gastáram nisto todo o dia até á tarde (porque foram alli amanhecer.) Já sobre a tarde despedio o Capitão a Manoel Poto com alguma gente pera ir á Armada buscar mantimentos, e algumas peças de artilheria mais, e outras cousas que eram necessarias, ficando os do exercito dormindo aquella noite no outeiro que arrazáram, sempre armados, e com grandes vigias.

ElRey de Geilolo tanto que foi noite, lançou nos matos que ficavam perto do arraial alguma gente de espingardas, que toda a noite inquietaram os nossos, sem saberem donde lhes vinha o mal por ser escuro; e foi a cousa de feição, que os fizeram estar sempre em pé, desparando tambem a sua arcabuzaria em roda do arraial a montão. O Capitão, tanto que amanheceo, quiz mandar Balthazar Veloso com huma companhia de soldados pera dar guarda a Manoel Boto, que havia de vir da Armada com as couças que foi buscar; mas ElRey de Ternate o tirou disso, com lhe dizer, que o caminho estava seguro. Estando o Capitão já fóra disso, moveo-lhe Deos supitamente o coração, porque os nossos se não perdessem, e mandou com muita pressa abalar Balthazar Veloso, o que elle fez com tanta, que lhe ficaram alguns homens dos que havia de levar, e indo a meio caminho deo nelie o Principe de Geilolo com quatrocentos dos seus principaes, porque pareceu teve aviso que se esperava por Manoel Boto, e estava lançado em cillada naquelles matos. Balthazar Veloso, que era homem de setenta annos com hum animo de vinte e cinco, ajuntou os seus, que seriam perto de vinte, á fóra alguns escravos, e Ternatezes, e cerrando-se todos, pondo-se elle na dianteira

teira, e Henrique de Lima detrás, remet-
têram com os inimigos, nomeando-se mui-
to alto, (como he costume antre aquellas
gentes,) e começáram huma formosa bata-
lha, em que Balthazar Veloso, Henrique de
Lima, e outros sete, cu oito companheiros
fizeram cousas, em que mostráram bem o
valor Portuguez. Os Ternatezes, e ainda al-
guns Portuguezes, se foram recolhendo, e
pondo em salvo; mas os que ficáram fize-
ram tamanho estrago nos inimigos, que com
morte de mais de cento, puzeram os mais
em fugida, ficando os nossos senhores do
campo, e sem se derramar sangue algum
Portuguez. Dalli foram buscar Manoel Bo-
to, que logo encontráram, e o acompanhá-
ram até o arraial, onde se festejou a vito-
ria com muitos tiros, e instrumentos de ale-
gria.

C A P I T U L O X I.

*Do sitio, e fortificação da fortaleza de
Geilolo, e de como os nossos a batêram:
e das cousas que succedêram no cerco: e
dos ardis de que ElRey de Tidore usou
pera ver se deixavam os nossos o cerco.*

A Fortaleza de Geilolo era de pedra, e
terra solta, muito larga, e forte, ti-
nha naquella frontaria dous formosos baluar-
tes, era de forma triangular, e de hum an-

gulo corria huma cortina até fechãr em hum castello Roqueiro, grande, e forte, que tinha outros dous baluartes. Da banda que fica pera o mar, que era mais baixa, tinha da banda de fóra do muro outro baluarte, que ficava sobre hum esteiro, e de longo del-le estava a Cidade estendida, e elle defendia a entrada do esteiro. Tinha assim a fortaleza, como o castello em roda huma formosa cava toda estrepada por dentro, e por fóra de estrepes de Bambus machos mettidos no chão ao marrão, e depois agudos, huns altos, outros baixos, ao revéz huns dos outros, e tão bastos, que não podia passar hum gato sem se eccravar nelles, quanto mais hum homem. Tinha ElRey dentro mil e duzentos homens escolhidos, em que entravam cem espingardeiros, e á roda pelos da fortaleza, e castello, dezoito berços de metal, e de ferro. Postos os nossos naquelle lugar do outeiro que desfizeram, começãram-se a fortificar com cestões, que se fizeram muitos, porque os matos eram todos de Bambus, e fizeram seus vallos, e trincheiras, em que plantãram a artilheria, no que gastãram dous dias. ElRey de Ternate, e o Principe seu genro ficãram naquelle lugar que se desfez, e o Capitão mais abaixo ao sopé. E hum pouco affastado em hum outeiro, que ficava padrasto á fortaleza, fez

Dom Rodrigo de Menezes sua estancia com os seus soldados.

Assentados todos, e posto tudo em ordem, começaram a bater a fortaleza de todas as estancias com grande furia, mas não fizeram mais que derribarem-lhe alguns altos, que logo eram repairados. Bernaldim de Sousa ficou enfadado, porque das estancias não se descubria bem a fortaleza pelo muito arvoredado que tinha derredor, e mandou armar outros cestões, com que se foi chegando mais á fortaleza, deixando ficar El Rey no lugar em que estava. E depois que fez a sua estancia mais perto, subio-se a hum alto que estava hum pouco affastado pera notar bem a fortaleza, levando consigo Cachil Guzarate, e Cachil Paio, Regedor de Ternate, e alguns Portuguezes. E estando notando a fortaleza, tanto que della os víram, descarregaram a montão alguns berços, e espingardas, com que lhe feriram algumas pessoas, Cachil Paio de hum pelouro de berço, e de espingardadas Balthazar Veloso, e Fernão Machado. Era este homem hum muito bom Cavalleiro, e na companhia de Manoel Boto tinha pejejado muito bem, e do dia que o feriram a hum mez morreo, estando já são da espingarda. Esta morte profetizou elle o dia da des-
embarcação, porque em pondo os pés na

terra , olhou pera alguns companheiros , e disse : » Nesta jornada me hão de matar. » E por não parecer que era medo , saltou , e bailou , e depois rezou o Officio dos Finados por sua alma , e até á hora que morreo , sempre andou tão alegre que alegrava a todos , e assim foi muito sentido. O Capitão se recolheo muito enfadado de lhe ferirem aquelles homens , e de não achar hum bom sitio pera assentar o exercito , nem de poder haver alguma espia , tendo mandado a isso alguns aventureiros.

Apartando-se hum dia Gabriel Rebello com dous companheiros , foi-se chegando á fortaleza , e notou a huma parte hum lugar muito accommodado , assim pera o arraial , como pera a bateria , e o foi dizer ao Capitão , que o foi ver com alguns que escolheo , e assentáram que alli estariam melhor , e logo mudáram pera aquella parte o arraial , fazendo-lhe seus vallos , e trincheiras , sobre que assentáram huma espora , hum salvage , quatro camelletes , e alguns falcões , com que começáram a bater a fortaleza.

ElRey de Ternate vendo que o Capitão insistia no cerco , como era Mouro , e parente do outro ; andava já arrependido da jornada , porque sempre lhe pareceo que o Capitão se enfadasse logo , e que se tornasse , como fez Fernão de Sousa de Tavora ;

e indo-se ao Capitão, lhe disse: » Que to-
 » dos aquelles trabalhos eram em vão, que
 » aquella fortaleza não se podia tomar co-
 » mo elle cuidava, porque tinha muita gen-
 » te, muita espingardaria, e muitos manti-
 » mentos; que devia de se recolher, e não
 » perder o tempo. » O mesmo lhe disse Chri-
 stovão de Sá, e outras pessoas que tambem
 estavam enfadadas, e que pela ventura o ti-
 nham praticado com ElRey. O Capitão lhe
 disse » que já que se abalára, havia de le-
 » var aquelle negocio ávante, e que Deos
 » o ajudaria. » ElRey tornou a repetir as dif-
 ficuldades que havia, e se lhe offereceo pe-
 ra fazer a guerra com os seus de fóra, e ir
 dar em todas as aldêas de Geilolo, e as des-
 truir, em lhe trazer mantimentos; o que lhe
 o Capitão não acceitou. Naquelles dias, em
 que se batia a fortaleza, deram alguns dos
 nossos com gente de ElRey de Ternate em
 algumas aldêas visinhas, em que fizeram bem
 de damno. A bateria se foi continuando,
 mas com pouco damno da fortaleza, de que
 o Capitão andava desconfiado, e quizera com-
 mettella por assalto, mas não vio pera isso
 a gente que lhe era necessaria; e cuidando
 consigo no que faria, determinou de cer-
 car a fortaleza em roda, pera totalmente
 lhe tolher os mantimentos, sobre o que não
 tomou parecer com pessoa alguma.

mandou abrir huma cava do arraial pera a fortaleza ao comprido, e na ponta della ordenou huma tranqueira muito forte, que ficava quasi abordada aos muros, e pera ella se passou D. Rodrigo de Menezes com trinta homens; mas como ficava mais baixo que a fortaleza, de cima dos muros lhe feriram muita gente de espingardadas.

São os Geilolos tão certos, e destros nellas, que estando aqui os nossos á bateria com os do muro, vio hum Geilolo hum Ternate estar por huma seteira apontando nelle huma espingarda; e levando a sua ao rosto com muita pressa, desparou no Ternate pelo buraco da seteira, e lhe metteo o pelouro pela boca dentro, quebrando-lhe dous dentes; e o pelouro, que devia de ir fraco, se deteve dentro na boca, em outros quatro que o Ternate tinha nella pera mais presteza, e abaixando-se, lhe cahiram os cinco pelouros no chão, sem receber outro dafino. D. Rodrigo mandou dizer ao Capitão, » que a tranqueira ficava tão descuberta ao muro, que lhe tinham ferido os mais dos companheiros sem lhes elle poder valer. » O Capitão o mandou recolher, do que o Rey de Geilolo mostrou grande alvoroço, e fez grandes algazarras dos muros.

A bateria se foi continuando contra vontade de todos, e geralmente murmuravam do

do Capitão, dizendo, que proseguia aquelle cerco por dilatar o tempo pera carregar a sua náó de cravo, e partir pera a India só, e ficarem os mais galeões da viagem. Outros, que o Capitão não ousava de dar o assalto, sem quem a fortaleza se não podia tomar. Bernardo de Sousa, e D. João Coutinho lhe fizeram alguns requerimentos, dizendo-lhe, » que a monção se lia gastando, e que pelo que todos diziam, aquella fortaleza se não podia tomar com tão pouca gente; que devia de se recolher primeiro, que lhe acontecesse algum desgosto.» Disto lhe deo a elle muito pouco, e mandou proseguir a bateria, e continuar na obra das cavas pera rodear a fortaleza, que lhe não pudesse entrar cousa alguma, pera os tomar á fome. Assim foi cortando as cavas de noite, que de dia não podia ser; porque lho impedia a arcabuzaria da fortaleza, até cercar á roda, com sinco tranqueiras que mandou fazer fronteiras aos baluartes dos inimigos, em que plantou peças de artilheria.

No começo desta obra sempre houve desconfianças em todos os do exercito, que não seria de effeito algum; mas depois que víram a traça que levava, e que todavia era de muita importancia, todos ajudavam a obra com muito gosto. De sima dos muros

bem sentiam o trabalho, e toda a noite faziam grandes fogos pera descobrirem o campo, não cessando a sua arcabuzaria de laborar, com que fizeram algum damno, e feriram muitos no exercito. O Rey de Tidoré era avisado todos os dias por cartas do de Geilolo, do estado em que as cousas estavam, e assim o foi das estancias que os nossos tinham feito á roda da fortaleza; e entendendo o muito risco em que estava, temendo-se que tanto que tomasse aquella fortaleza, o faria tambem á sua, aconselhado do Rey de Geilolo, amanheceo hum dia naquelle porto com huma Armada, e surtiu junto dos galeões, e despedio logo Cachil Manavari seu irmão a visitar o Capitão, e ElRey de Ternate. Bernaldim de Sousa o recebeu muito bem, e ouviu, e respondeo á visitaçãõ. Vendo elle aquelle modo de fortificaçãõ do exercito, ficou pasmado, (porque aquillo não se usava por aquellas partes,) e perguntando como se chamavam aquelles fortes, disseram-lhe que bestiaes, e dando á cabeça disse: » Bestião, bestião baf-ta pera tudo. »

E quando visitou ElRey de Ternate, lhe disse em segredo: » Que ElRey seu irmão » lhe mandava pedir, que trabalhasse muito » por estorvar aquelle negocio. » O que antre elles se passou sobre isto, ninguem o soube.

Despedido o Tidore se foi. pera sua Armada, e ElRey tornou a dar á véla pera seu Reyno; mas como hia cioso daquelle negocio, e ElRey de Geilolo tornou a puxar por elle, pera que trabalhasse com que se levantasse aquelle cerco, tornou a voltar pera Geilolo, e surgio affastado da Armada, e tornou a mandar o mesmo irmão a visitar a Bernaldim de Sousa. Elle entendendo o despropósito de tanta visitaçãõ, lhe mandou dizer, » que senão vinham a mais que » a visitallo, que lho tinha em mercê; mas » que se vinha a ajudar ElRey de Geilolo, » que lho dissesse, pera mandar recado á Armada que o deixasse entrar na fortaleza, » porque quantos mais estivessem dentro, tanto mór gosto teria da vitoria.» Com este recado se despedio o Embaixador, deixando dito a alguns Ternatezes, como em segredo, » que ElRey seu irmão vinha queimar a nossa fortaleza, e a náõ do Capitão que estava á carga.» Isto disse, porque bem sabia que logo os Ternatezes o haviam de dizer, pera que em o Capitão o sabendo, levantasse o cerco, e acudisse lá. Esta nova chegou ao Capitão, a que respondeo muito seguro: » Que lhe dava muito pouco de lhe queimarem a sua náõ, porque » por interesse algum não havia de deixar o » serviço de ElRey, e que se lhe tomassem

» a fortaleza , que a todo o tempo a torna-
 » ria a ganhar ; » e foi proseguindo na obra
 das cavas , e dos fortes. Quando ElRey de
 Geilolo vio que todavia o Capitão hia ávan-
 te com aquelle negocio , tratou de homiziar
 o Rey de Ternate , e o Principe de Bachão
 com o Capitão , e teve tal modo , que por
 via de Ternatezes do exercito , com quem
 tinha intelligencias secretas , lançou fama que
 o Rey de Geilolo estava concertado com o
 Principe de Bachão , e que lhe dava huma
 filha em casamento. Isto inquietou ElRey de
 Ternate , porque o tinha desposado com
 huma filha sua ; mas o Capitão acudio a is-
 to , affirmando a ElRey , que tudo aquillo
 eram ardís , e invenções do Geilolo , pera
 semear zizania entre elles ; com o que se
 elle quietou algum tanto. ElRey de Tido-
 re , como não quietava , tornou a voltar com
 a sua Armada , com determinação de ver se
 podia tomar hum dos nossos galeões , do que
 o Capitão foi avisado primeiro que elle che-
 gasse , e mandou a D. Rodrigo de Mene-
 zes , que se fosse pera a Armada , e não
 deixasse chegar a ella ElRey de Tidore. Che-
 gando ElRey á vista , lhe sahio D. Rodri-
 go de Menezes em hum batél muito bem
 concertado , e quatro corocoras , em que
 hia Cachil Ayo , meio irmão de Cachil Gu-
 zarate , mancebo mui esforçado : vindo

ElRey aquella determinação, voltou pera Tadore, e não curou de mais invenções.

C A P I T U L O XII.

De como Bernaldim de Sousa tomou hum poço de agua, de que os cercados bebiam: e de como por falta della se entregaram a partido.

Continuando-se a bateria, e a obra das cavas, e fortes, adoeceo ElRey de Ternate, e se foi curar a seu Reyno, e deixou em seu lugar a Cachil Guzarate, que era mui arrogante, e muito temido de todos os Malucos. Desta ida de ElRey houve grandes murmurações, e desconfianças, o que tudo soffreo, e atalhou Bernaldim ds Sousa com muita prudencia, e brandura, não deixando de profeguir na obra, e em mandar dar affaltos. Huma noite foi Gabriel Rabello com dez companheiros, e chegou a queimar humas casas, e certas embarcações que estavam varadas ao longo do muro. Os inimigos de cima d'elle sentiram os nossos, e não ousarão a lhe sahir, cuidando fosse alguma cillada pera os fazerem acudir alli, e commetterem-nos por outra parte, e de cima atiraram muitos tiros, com que fizeram affastar os nossos, ficando huma só casa por queimar, de quinze, ou vinte que eram; mas

hum Tristão Gomes, mestiço da terra, deitou de longe huma bomba de fogo, que acertou de cahir sobre a casa, que logo ardeu toda, e com a claridade enxergáram os nossos toda a povoação, que estava edificada sobre o esteiro, que de aguas vivas se cubria todo, e passava ao secco pera a outra parte da cerca.

Esta povoação não foi vista até então dos nossos; e recolhendo-se dalli, deram conta ao Capitão do que viram, e do modo da povoação, o que elle estimou muito saber. E logo despedio o Capitão inór do mar com sincoenta soldados, e quinhentos Ternatezes, pera que se fossem metter no esteiro, e désses guarda a certas pessoas, que haviam de ir com lanças de fogo queimar a povoação, e as embarcações que estavam varadas. E indo esta gente demandar o esteiro, deram todos na vaza, em que estiveram perdidos; e alguns que passaram adjante, sem guardarem ordem alguma, nem esperarem pelos mais, chegaram á Cidade, em que começaram a pôr o fogo com tamanhas gritas, que os moradores que estavam dormindo saltáram desatinados fóra das camas, e foram fugindo pera a fortaleza, sem verem de que, (mas pareceo-lhes pelos alaridos, e gritas que todo o poder dos nossos dava nelles.) Com isto chegaram os mais, e de-

ram fogo á Cidade, e a todas as embarcações, que eram muitas, que ardêram soberbissimamente.

Feito isto, se puzeram todos em hum tezo ás espingardadas com os do muro, que estavam vendo aquella destruição. El Rey de Geilolo acudio ao alvoroço ao muro; e vendo arder toda a Cidade, deitou fóra Cachil Quebuba, seu sobrinho, e genro, com quinhentos homens; e vendo os nossos, se puzeram com elles ás espingardadas; e quiz Deos que acertasse huma no Cachil Quebuba, de que cahio morto logo. E assim mesmo hum Caciz seu, e outros alguns. Durou esta briga muito grande espaço, com grande estrondo, e çuentura, assim da artilheria, como da força do Sol, e do fogo que andava na Cidade, que como era de madeira, e bambuz, fazia hum terremoto, e labaredas, que parecia hum diluvio de fogo. Os Geilolos vendo o seu Principe morto, e o damno que tinham recebido, se foram recolhendo, e o mesmo fizeram os nossos, levando tres feridos, dous soldados Portuguezes, e Cachil Bocaide, irmão de Cachil Guzarate, que foi por Capitão dos Ternatezes.

Esta vitoria festejou o Capitão muito. Acháram-se neste feito Bernardo de Sousa, Vasco de Freitas, Gabriel Rabello, Henri-

que de Lima, Gaspar de Morim; todos Fidalgos, e Cavalleiros mui honrados.

Depois deste bom successo poucos dias, andando o Capitão continuando na obra, foi avisado, que da outra banda da fortaleza havia huns poços de agua doce, de que os de dentro bebiam, e que na fortaleza não havia outra agua; e que se lha tomassem, não lhes ficava remedio algum de que se valessem. E pondo em conselho, isto foi contrariado dos mais, dizendo » que aquillo ha » via mister muito vagar, e muito tempo, » e que todos andavam já mortos, e cansados, e elle Capitão doente, (porque havia » dias que andava achacoso,) que o bom seria commetter-se a fortaleza á escala vista, » e concluir aquelle negocio, porque já todos não podiam mais. » Bernaldim de Sousa dissimulou, dando-lhes a entender que aceitava o conselho; e mandou com muita pressa fazer alguns cestões muito grandes, e ajuntar alguns madeiros, e taboado, e tendo tudo prestes mandou a Bernardo de Sousa, que se fossem pera a Armada, e que com D. Rodrigo de Menezes, que lá estava nas corocoras, puzessem aquelles cestões sobre os poços, e formassem logo hum forte em que se recolhessem todos, e afeitassem alguns falcões.

Dando este recado a D. Rodrigo de Me-

nezes, foi logo demandar aquella parte, e desembarcando em terra achou muito grande resistencia, porque foi com poucos a notar o sitio; e naquelle jogo lhe feriram Bernardo de Sousa de huma espingardada pela cabeça muito grande, de que não perigou, e foi-lhes forçado recolherem-se, pelejando todos muito valorosamente com os inimigos. Era isto sobre tarde; e no quarto da modorra tornou D. Rodrigo de Menezes a desembarcar com todos os seus soldados; e os marinheiros das corocoras levavam os cestões, e madeira, e Cacil Ayo com os Ternatezes de sua companhia pera o ajudar naquella obra. E não achando resistencia, chegaram aos poços, e armáram sobre elles os cestões, que logo se mandáram encher de terra.

Feito isto, corrêram com huma tranqueira de madeira muito forte, em que se recolhêram com algumas peças de artilheria, munições, e mantimentos pera alguns dias. Tanto que amanheceo, que os inimigos víram de cima do muro os poços tomados, logo perdêram o animo, e alevantáram bandeira de paz, bradando rijamente por ella. No mesmo tempo entrava pelo Estreito dentro Christovão de Sá com hum batél, e hum ma manchua pera dar na Cidade, e chegou a tempo que os nossos estavam á falla com os da fortaleza sobre pazes; e quiz a des-

aventura, e o descuido Portuguez, que levasssem na quilha do batél huma gamela de polvora aberta, em que cahio huma faisca de fogo, e ateou com tanta força, que arebentou a mór parte do batél, e queimou cinco soldados, de que morrêram tres. Christovão de Sá, que lha na manchua, vendo o desfastre, deo toa ao batél, e se tornou pera a náó, e sem fallar com Bernaldim de Sousa, se foi na manchua pera Ternate. Os Geilolos tanto que víram o desfastre do batél, dissimuláram por então com o que pediam; mas como á falta de agua não ha reparo, nem remedio, ao outro dia, que eram dezoito de Março, appareceo a porta da fortaleza aberta, e ElRey com Cachil Tidore seu tio, e o Caciz maior a ella, e mandou bradar alto ao arraial, lhe mandassem hum Portuguez, que queria fallar com elle cousas que importavam. Dando-se o recado ao Capitão, mandou lá hum Luiz de Pavia, que ElRey recebeu bem, e com elle praticou sobre pazes, querendo logo alli conceder todos os partidos, que elle levava já do Capitão por apontamentos, sobre o que debêram hum espaço grande, e por fim não concluíram em cousa alguma, porque os Ternatezes tiveram maneira com que mandáram advertir aos do conselho de ElRey, que não lhe consentissem fallar em pazes, até

até vir ElRey de Ternate ; o que elles fizeram. E mandou ElRey dizer ao Capitão , » que mandasse chamar ElRey de Ternate » pera concluir em todas as pazes , e em quanto elle tardava ficassem em treguas , e lhes » dêssem agua pera beberem. » Isto lhe concedeo o Capitão , despedindo logo huma corocora muito ligeira a Ternate com recado a ElRey , ficando correndo em treguas ; e hiam ao arraial alguns Geilolos tão fracos , e debilitados de não comerem , nem beberem , que houveram os nossos compaixão delles , e os Ternatezes os proviam com o que podiam , e logo se hiam aos poços (que nunca D. Rodrigo de Menezes largou) a faltar de agua. ElRey de Ternate tanto que teve recado se metteo em huma corocora muito subtil , e chegou ao exercito Quinta Feira de Endoenças , e no mesmo dia o mandou o Rey de Geilolo visitar por Cachil Timo , homem de grande authoridade antre elles , e com elle outro Mandarim principal. ElRey estava com o Capitão , e os receberam muito humanamente ; e depois das visitas tratáram sobre pazes , que se concluíram com as condições seguintes :

» Que Catabruno deixaria o titulo de » Rey , e tomaria o de Sangage , que he como Governador , e que ficaria vassallo de » ElRey de Portugal , com duas mil folhas

» de olla, que são de palmeira, pera se cubrir
 » a fortaleza, e quinhentos fardos de Sagú,
 » que he a farinha de páo que lá se come,
 » de pareas cada anno.

» Que se sahiria da fortaleza elle, e os
 » seus com as suas pessoas sómente; e que
 » tudo o que estivesse nella havia de ficar por
 » despojos dos vencedores. E que a fortale-
 » za se havia logo de derribar por terra, e
 » que nunca mais faria outra.»

Destas condições se fez huma pauta pe-
 ra os Embaixadores levarem a ElRey, e os
 despediram com muitas honras. Chegados á
 fortaleza deram a ElRey conta de tudo o
 que era passado, e lhe apresentáram os Ca-
 pitulos das pazes, e sem os querer ver, ves-
 tio huma cabaia de veludo pardo, (que era
 a mesma que Tristão de Taide lhe mandou
 pera o dia que se levantou por Rey,) e
 com alguns poucos dos seus se foi ao ar-
 raial. O Capitão, e ElRey o sahiram a re-
 ceber. Elle chegando a elles, disse contra o
 Capitão: » Com esta cabaia me levantáram
 » os Portuguezes por Rey, e com ella me
 » tornam a desapossar.» ElRey, e o Capi-
 tão o abraçáram com grandes honras, di-
 zendo-lhe o Capitão, » que se consolasse,
 » que aquelles eram os frutos da guerra: que
 » elle ficava com seu Estado inteiro, que os
 » titulos eram vaidades do Mundo.» E af-

sentando-se todos tres em cadeiras , confir-
máram os Capitulos das pazes , e as juráram
a seu modo , ficando alli aquella noite El-
Rey de Geilolo.

C A P I T U L O XIII.

*De como o Capitão entrou na fortaleza de
Geilolo , e das cruezas que se nella fize-
ram : e de como se derribou : e das
mais cousas que succedêram.*

AO outro dia , que foram vinte e sete
de Março , sahio o Capitão do arra-
ial com ambos os Reys , e toda a gente em
armas , e entráram na fortaleza. A gente de
guerra tanto que se vio dentro , sem darem
pelo Capitão , começáram a matar , e a ca-
tivar quantos Geilolos acháram , entrando
pelas casas , roubando-as , usando cruezas
aborrecidas ao nome Portuguez. O Capitão
pedio a ElRey de Ternate que fosse acudir
áquillo ; e quando chegou , achou já mais de
trinta mortos , e de duzentos cativos , e não
pode fazer cousa alguma naquelle negocio ,
porque os Portuguezes deram por elle mui
pouco. O Capitão como hia enfermo , dei-
tou-se em hum baileo junto da porta da tor-
re . em que estavam as mulhieres , e filhas de
ElRey , e junto delle se assentáram ambos os
Reys em hum caixão. Os Geilolos que es-

capavam das mãos dos nossos, vinham fugindo pera onde estava o seu Rey, pedindo-lhe que lhes valesse; ao que elle com os olhos humidos respondia, que lhes valessem elles; e com ver aquellas deshumanidades, e ouvir os prantos, e gritos dos vassallos, estava tão seguro, que respondia a tudo o que o Capitão fallava com elle, muito attento, e a proposito, sem fazer mais movimento, que de quando em quando acudir com hum lenço a enxugar os olhos. Os Portuguezes, e os Ternatezes andavam pela fortaleza roubando, e escalandando as casas, de que os Ternatezes leváram a substancia, e melhor de tudo, assim por serem mais, como por saberem as casas de mais importancia. O Capitão disse a ElRey de Geilolo, que mandasse tirar as mulheres da torre, porque se havia de ir buscar. Isto sentio elle muito, porque lhe pareceo que lhe ficassem alli sem serem vistas, nem esbulhadas de pessoa alguma; e levantando-se, as foi tirar com grande mágoa, e dor de seu coração, e as levou fóra da fortaleza, mandando-as ElRey de Ternate, e o Capitão acompanhar, porque lhes não fizessem alguma descortezia.

Salido o Geilolo pera fóra com ellas, as levou ao campo, e as poz ao pé de humas arvores: O Capitão mandou buscar aquelle

le baluarte , cuidando que se achasse nelle o thesouro de ElRey , (que elle tinha guardado em outra parte ,) mas acháram outras muitas cousas , que foram saqueadas , e roubadas. Aquella noite ficáram todos na fortaleza. Ao outro dia (porque se hia o Capitão achando mal) entregou a fortaleza a ElRey de Ternate ; e deixando com elle os Portuguezes pera a desmancharem , se embarcou em corocoras ligeiras , e se foi curar a Ternate. Aquella noite que foi sabba-do de Pascoa , puzeram os nossos fogo á fortaleza por muitas partes , que começou a arder bravissimamente. Durou este cerco tres mezes com muito trabalho , Sol , frio , sede , e alguma fome : posto que pera a gente da terra foi grande remedio o das frutas do mato. Morrêram dezoito Portuguezes , e dos inimigos perto de trezentos.

São estes Geilolos os mais esforçados homens , e mais pera o trabalho que todos os daquellas Ilhas , o que mostráram bem naquelle cerco ; porque quando os nossos entráram naquella fortaleza , não lhe acháram nella cousa alguma de comer , nem beber ; e havia tres , ou quatro dias que não comiam , e havia tres , ou quatro dias que não bebiam , e acháram os nossos as casas , e as ruas cheias de mortos , que cada hora cahiam de fome , sem nunca se quererem entregar ; antes diziam , que morressem todos

assim, e daquella maneira trabalhavam, pe-
lejavam, e se repairavam. A nova desta vi-
toria foi má de crer por todas aquellas Ilhas,
por onde logo correo, porque haviam por
impossivel poder-se tomar aquella fortaleza.
E assim era, que se não fora a fome, nada
a pudéra render.

Durou o sacco da fortaleza alguns dias,
e se acháram muitas fazendas, e ouro, de
que ElRey de Ternate levou o melhor qui-
nhão. E depois de tudo escalado, e a for-
taleza queimada por muitas partes, se embar-
cáram todos pera Ternate. Bernaldim de Sou-
fa depois de se achar bem de sua enfermi-
dade, que lhe durou alguns dias, se tornou
a embarcar pera Geilolo pera acabar de der-
ribar a fortaleza, e quietar as cousas daquel-
le Reyno, e foi ElRey de Ternate com el-
le, e todos os Portuguezes, tirando Dom
Rodrigo de Menezes, que por estar quebra-
do com elle se deixou ficar.

Chegados a Geilolo, o Capitão mandou
acabar de derribar a fortaleza, e acháram
nella muitas covas abertas, de que tiráram
muita fazenda. Catabruno, que já se chama
Sangage, des daquelle dia que sahio da for-
taleza com as mulheres, nunca mais tornou
a ella, em quanto os nossos alli estiveram,
e fez huma povoação naquelle lugar, onde
se deixou ficar. E sabendo que o Capitão
era

era chegado, não se havendo ainda por seguro, se foi mais pera o certão com suas mulheres, ficando alli na povoação dous irmãos seus, chamados Cachiil Liacá, e Cachiil Timou, com suas familias, que foram dar a obediencia ao Capitão. E sabendo elle que o Sangage era ido da povoação, ficou enfadado, por haver que se não fiara delle, e rogou a seus irmãos que o fossem buscar, e lhe pedissem muito que o viesse ver, e mandou com elles Gabriel Rabello com alguns companheiros, e lhes deo por regimento, que tivessem com elle muitas palavras de cumprimentos, e o persuadissem a vir vello; e quando o não pudessem mover, o notificassem por alevantado, e lhe apregoassem de novo guerra.

Partidos estes homens, acháram o Sangage meia legua pelo certão, com humas cascas feitas sobre huma pequena ribeira, que atravessava por junto de humas fontes de agua quente, que estava muito fraco, e debilitado. Os irmãos, e Gabriel Rabello falláram com elle, e lhe deram o recado do Capitão, rogando-lhe todos muito que o quizesse ir ver. Elle se desculpou com dizer, » que já não era gente, que o deixassem com » sua fortuna, que queria morrer por aquelles matos, e que se não tratasse mais del- » le; que fizessem conta que era acabado. »

Gabriel Rabello apertou muito com o Sangage, pera que fosse ver o Capitão, e que elle ficaria alli em refens, e que lhe cortasse a cabeça, se delle, nem dos seus recebesse elle, nem cousa sua algum aggravo. E não o podendo mover, quebrou diante delle huma folha de huma arvore em sinal de roturá da paz, (como antre elles se costuma,) e se despediram delle, movidos de compaixão do miseravel estado em que oviam. Aquellas escusas que o Sangage deo pera não ir ver o Capitão, foram, porque não se atrevo a ver o rosto a ElRey de Ternate, porque havia que delle lhe nascêra todo o seu mal.

Sabendo o Capitão o que passáram com elle, quizera logo mandar gente contra elle; mas ElRey de Ternate lhe pedio » que não fizesse obra por aquelle só recado; » que lhe mandasse fazer outra notificação, » que pela ventura se moveria, porque os » trabalhos em que se víra lhe não deixavam entender quanto lhe aquillo importava. » Com isto despedio o Capitão os mesmos Embaixadores, por quem lhe mandou pedir, » que se sujeitasse á razão, e que elle lhe faria todos os favores que fossem justos, e que não quizesse perder seu Estado. » Chegados áquelle lugar já o não acháram, porque se tinha mettido por elles

ses matos como desesperado, pelo que se tornáram.

A Catabruno poucos dias depois disto lhe morreo a sua principal mulher, que elle muito sentio, e houve que a fortuna o perseguia em tudo; mas com todos estes trabalhos não lhe sahia d'alma o grande odio que tinha a ElRey de Ternate, e andava cuidando modos de vingança; e offerecendo-lhe o demonio hum, o accitou, e foi, que se fizesse Christão, e que assim lhe abria o tempo occasiões pera se satisfazer del- le por mãos dos mesmos Portuguezes, cren- do que aquillo que outros buscam pera remedio de sua salvação, lhe fosse a elle instrumento de sua vingança.

Assentado nisto, despedio Embaixadores ao Capitão, por quem lhe mandou pedir hum Padre' pera o bautizar. O Capitão lhe mandou hum da Companhia, chamado João de Beira, e com elle Balthazar Veloso. Chegados ao Sangage, que acháram mal, tratou o Padre com elle sobre as cousas de nossa Fé, e o começou a catequizar, e o obrigou a deitar fóra as mulheres por o mandar assim a nossa Lei. Isto lhe foi a elle tão aspero, que disse ao Padre, » que tudo fa- » ria, senão aquillo por então, que depois » pouco, e pouco se iria desobrigando del- » las, e casando-as; porque d'outra manei-

» ra se logo as despedisse, scandalizaria os
 » parentes. » Vendo o Padre que não queria
 começar logo a fazer execução, o não quiz
 bautizar, e se tornou pera a fortaleza, que
 se hia acabando de derribar. O Catabruno
 dahi a poucos dias morreo miseravelmente,
 ficando-lhe tres filhos. O mais velho, cha-
 mado Cachil Guzarate, que trazia sua pro-
 pria irmã por manceba, tanto que o pai
 faleceo foi logo a dar obediencia a Bernal-
 din de Sousa, e a pedir-lhe a confirmação
 do Estado do pai. Elle o recebeo bem, e
 lho confirmou com o titulo de Sangage, com
 as pareas que estavam postas a seu pai. E
 porque levava a irmã consigo, e o Rey de
 Ternate a desejava, disse ao Capitão que o
 obrigasse a deitalla fóra, o que o Capitão
 fez; mas como elle lhe estava affeçoado,
 lhe pedio que lha deixasse ter, que elle se
 faria Christão; o que o Capitão lhe estra-
 nhou mais, e lha fez lançar fóra, e El Rey
 de Ternate a tomou pera si. O Capitão tan-
 to que acabou de derribar a fortaleza se tor-
 nou pera Ternate. Neste estado deixaremos
 estas cousas até tornar a ellas.

CAPITULO XIV.

Do que aconteceu a D. Antão de Noronha na jornada de Catifa : e de como bateo aquella fortaleza , e os Turcos a despejaram : e do desastre que alli aconteceu aos nossos.

PArtido D. Antão de Noronha de Goa , como atrás dissemos no IV. Cap. deste IX. Liv. , foi seguindo sua derrota até Ormuz , onde foi muito bem recebido do Capitão daquella fortaleza. E vendo-se ambos com ElRey sobre o negocio da fortaleza de Catifa , assentáram , que ElRey dêsse tres mil homens pera a jornada , e que fosse com elles o Guazil Rax Xarrafo , e Mirmaxet , a quem ElRey logo mandou negociar , e preparar terradas , e outras embarcações pera os levar. Em quanto se isto negociava despedio D. Antão de Noronha Manoel de Vasconcellos por Capitão mór de doze navios ligeiros , com regimento que se fosse lançar sobre Catifa , pera defender que os Turcos não fossem soccorridos de Baçorá.

Estes navios chegaram a Catifa em poucos dias , e surgiram sobre aquelle porto , onde se deixáram estar até chegar D. Antão de Noronha , que foram dous mezes , chegando-se todos os dias nas marés cheias á

praia a darem sua bateria á fortaleza , defendendo-lhes de feição os soccorros por mar , que lhes não entrou dentro cousa alguma , com o que os puzeram em muito grandes necessidades. D. Antão de Noronha ficou em Ormuz dando aviaimento ás cousas necessarias , mandando preparar algumas peças de bater , muitas mantas , escadas , e todos os mantimentos , e munições que pode.

Tendo tudo prestes , deo á véla pera Catiſa , levando huma muito grande Armada , e toda a gente Portugueza , tirando a da obrigação da fortaleza. Isto era já fim de Julho , e tendo bom tempo , foi em poucos dias surgir sobre aquelle porto , onde achou os navios de Manoel de Vasconcellos , de quem soube o estado em que a fortaleza estava , e do aperto em que a tinham posto. Dom Antão de Noronha deo ordem pera a desembarcação , que havia de ser ao outro dia ; e fazendo alardo da gente que levava , achou mil e cem Portuguezes , e tres mil Parſeos , e Aramuzanos debaixo da bandeira de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz , e de Mirmaxet Guazil do Magostão , em que havia muitos Mires , e Capitães do Reyno de Ormuz. E commettendo a dianteira a Manoel de Vasconcellos , passou toda a gente da Armada aos navios pequenos , e aos batéis dos galções.

Tendo tudo prestes, commettêram a terra com a maré cheia, onde pojarão os navios de Manoel de Vasconcellos, e os nossos saltáram logo em terra, onde acháram alguns Turcos de cavallo, que sahíram a lhe defender a desembarcação, com quem tiveram huma arzezoada escaramuça, levando os nossos os Turcos de arrancada até os metterem dentro na fortaleza. O Capitão mór se poz em terra com toda a gente com suas bandeiras desenroladas; os Portuguezes em hum esquadrão, e os Parseos em outro. E chegando-se bem á fortaleza, assentáram seu campo perto huns dos outros, e logo lhe mandáram fazer suas cavas, vallos, e trincheiras, em que gastáram aquelle dia, e noite, tudo por ordem, e traça do Capitão Francez, (de quem já démos conta, no desbarato de D. Jorge de Castro em Ceilão, no Cap. VII. do Liv. VIII.,) que ElRey D. João tinha mandado á India, por ser homem que tinha muita noticia, e exercicio da milicia, que nesta jornada fez o officio de Mestre do Campo, e de Sargento mór. Depois de feitas as estancias plantou nellas sinco peças de bater com seus reparios, e mantas muito fortes. Etendo tudo negociado, começou a dar sua bateria á fortaleza com tanta furia, e força, que lhe fizeram algumas ruinas, e lhe derribáram todos os

altos. Os Turcos que eram quatrocentos os que estavam na fortaleza, vendo a furia da bateria, e os muros rotos por muitas partes, entendendo que se haviam de perder, havendo seu conselho, assentaram de se recolherem de noite, e largarem a fortaleza de Catifa; e assim havendo oito dias que os batiam, sendo no quarto da modorra, se foram sahindo por huma porta falsa, que hia pera o certão, em tanto silencio, que não foram sentidos senão já nos derradeiros, que foram vistos de tres soldados de Pedro Afonso de Avelar, que tinha a estancia pera aquella parte, que se chamavam Martim Casco de Evora, Balthazar de Goes, natural de Ceita, e Pero Machado. Estes estando vigiando fóra dos vallos, sentiram rumor pera aquella parte, e víram que os Turcos se hiam recolhendo; e vendo ficar os derradeiros, remettêram a elles com muito animo, e matáram hum, e feriram alguns que foram fugindo apòs os mais que hiam já muito alongados. Os tres companheiros sentindo a fortaleza despejada, entráram dentro, e subiram sobre o baluarte fronteiro á estancia do Capitão, e começaram a appellidar *Portugal*, ao que se levantou D. Antão de Noronha muito alvoroçado; e perguntando o que era, lho disseram, porque os do muro se tinham já dado a conhecer, chamando

do pelos companheiros da sua estancia. Isto poz grande alvoroço em todo o exercito.

D. Antão de Noronha mandou pôr todos em armas , e aguardou pela manhã ; e tanto que ella esclareceo , foi caminhando perra a fortaleza , onde entrou , (que os tres soldados tinham já abertas as portas ,) e foi a pressa dos nossos tanta , que houve homens que entráram por grandes aberturas , que a nossa artilheria tinha feito no muro ; e hum Lourenço Feio da Ilha da Madeira , que ha pouco morreo , nos disse que fora hum delles. Entrando D. Antão de Noronha na fortaleza , (em que se não achãram senão algumas peças de artilheria pequenas , munições , e pouca roupa que não pudéram levar ,) chamou o Guazil Rax Xarrafo , e lhe disse , » que aquella fortaleza era de El-Rey de Ormuz , que alli lha entregava livre , e desembargada ; que tomasse posse della , e a proveesse. » O Guazil lhe disse , » que não se atrevia a defendella , porque » tanto que elle se partisse , haviam os Turcos de tornar sobre ella , e que daria novo trabalho a Ormuz em a soccorrer. » Dom Antão de Noronha vendo aquelle negocio , poz em conselho com os Capitães o que faria nelle , e assentou-se , que se derribasse aquella fortaleza , porque os inimigos a não tornassem a senhorear , e a fazer fortes nella.

Concluido isto , mandou D. Antão de Noronha , que se minassem os baluartes pera arrebentarem ; o que deo a cargo a hum Mestre das obras que comsigo levou. Este homem andando abrindo as minas , foi dar em humas necessarias de abobada , que estavam em o recanto de hum baluarte , e meteo nella certos barrís de polvora , e por fóra lhe fez seus repairos de pedra , e gueche muito fortes , deixando-lhe lugar pera se lhe dar fogo. Em quanto se corria com a obra das minas , se deixou D. Antão de Noronha ficar á sombra de hum baluarte com a principal gente da Armada.

E chegando Manoel de Vasconcellos a elle , lhe disse que fosse ver a sua mina que já estava acabada , (porque aquella obra repartio o Capitão pelos Fidalgos pera se acabar mais depressa.) D. Antão se foi com elle , acompanhado dos mais dos que alli estavam ; e quiz sua boa ventura , e a mofina dos que alli ficáram , que em se elle apertando , cahisse huma faisca de fogo , que andava pelas casas da fortaleza , na mina das necessarias , que estavam junto do baluarte , em que D. Antão de Noronha estava , e dando em baixo na polvora solta que estava derredor dos barrís , e tomando fogo , arrebentou a necessaria , e o baluarte ; e cahindo sobre os que ficáram á sombra d'elle , enter-

rou quarenta Portuguezes , e escalavrou outros muitos.

Dos mortos conhecidos foram , hum filho de Pedro Affonso de Avelar ; Pero Coelho de Castro ; Balthazar do Amaral , filho do Doutor Francisco do Amaral , Corregedor da Corte ; Gonçalo de Moraes de Sousa ; Francisco Botelho , filho do Meirinho da Inquisição do Reino , e outros muitos Cavalleiros muito honrados. D. Antão de Noronha acudio áquella parte ; e vendo a desventura , (posto que por hum muito pequeno espaço escapára della ,) sentio o caso tanto , que lhe corrêram as lagrimas pelos olhos. Vendo-o assim Mir Maxet , Guazil do Magostão , chegou-se a elle , e lhe disse :

» Senhor , isto são casos da guerra , não
 » vos entristeçais assim ; lembre-vos que os
 » Turcos estam muito perto , e que em fazendo esta desventura podem voltar em
 » companhia dos Arabios , » que os favoreceriam , de que era Xequê hum valente Mou-
 » ro , chamado Bemjabre. D. Antão de Noronha pareceo-lhe bem a lembrança de Mir
 » Maxet , e mandou dar fogo ás minas , que
 » deram com todos os baluartes , e muros por
 » esses arcs , e logo se recolheo ao arraial ,
 » onde passou aquelle dia , e noite com grandes vigias. Ao outro dia foi avisado , que

os Turcos eram recolhidos, e que o Xequé Bemjabre estava com oitocentos homens de cavallo dalli a meia legua, vendo se lhe dava o tempo occasião pera fazer algum salto. D. Antão de Noronha informado que não havia mais gente, e do modo de como estavam os Arabios alojados, ordenou de dar nelles, tendo-o em segredo, porque os mesmos Mouros de Ormuz os não mandassem avisar. E dando recado a certos Capitães pera que estivessem prestes com sua gente, tanto que o quarto d'alva entrou, despedio Pedro Affonso de Avelar com perto de duzentos e sincoenta homens, os mais delles de espingardas, pera que fossem dar no Bemjabre. E sahindo os nossos do exercito em muita boa ordem, foram com espias buscar os Arabios; mas elles que traziam mui grandes vigias sobre os nossos, sentiram o tropel que hia, e deixando o seu arraial, se foram acolhendo a unha de cavallo. Os nossos chegaram ao lugar em que elles estavam, e achiaram algumas tendas pobres, e outras cousas poucas. E porque não levavam ordem pera mais, se recolhêram ao exercito, sem lhes acontecer defastre algum.

CAPITULO XV.

De como D. Antão de Noronha foi ter a Baçorá, e entrou o rio Eufrates, e tomou huma fortaleza aos Turcos: e do ardid de que o Baxá usou pera a nossa Armada se recolher.

DEpois da fortaleza de Catifa ser posta por terra, e arrazada, não havendo ali mais que fazer, determinou D. Antão de Noronha passar a Baçorá, como levava por regimento, pera favorecer aquelle Rey, que esperava por elle pera com os da sua liga commetter aquella fortaleza. E embarcando-se, despedio os navios de alto bordo pera Ormuz, e nelles o Guazil de Ormuz, e o de Magostão, com suas companhias, passando a gente toda a dezoito fustas. E dando á véla, foram entrando pera o fundo daquelle Estreito. E huma noite lhes deo huma tormenta, com que se apartáram nove navios, que se desapparelháram. D. Antão de Noronha com os outros nove foi seu caminho até chegar á boca do rio Eufrates, onde se deixou estar esperando pelos outros navios. Dalli despedio huns Arabios da companhia do Embaixador de ElRey de Baçorá (que foram a Goa) com cartas assim pera ElRey, como pera os Senhores Gizares,

em que lhes dava conta de sua chegada, e que ficava esperando por recado seu pera saber o modo, e ordem que havia de ter no commetter aquella fortaleza.

Partidas estas cartas, havendo sete dias que alli estava, chegaram os outros nove navios de sua conserva, com que entrou pelo rio Eufrates, e chegou a huma Ilha que faz logo dentro, chamada Mouzique. Aqui estava hum castello Roqueiro pequeno com alguns Turcos, que tanto que víram a nossa Armada o despejaram. O Capitão mór mandou gente a terra, que entrou dentro, e o achou vazio: aqui ficou esperando por recado de ElRey de Baçorá, e dos Gizares. O Baxá de Baçorá, que era Alybaxá, tanto que soube da Armada Portugueza, entendendo que havia de ter intelligencias com os Gizares, e Arabios do certão, teve tal industria, que tomou todos os caminhos, por onde se podiam cartear, e quiz a desventura que houvesse ás mãos as cartas que Dom Antão de Noronha lhes escrevia; e como o Mouro era sagaz, e prudente, fez humas cartas falsas em nome do Rey de Baçorá, e dos Gizares, escritas pera elle mesmo Alybaxá, em que lhe diziam:

» Que elles eram Mouros, e vassallos do
 » Turco, e que não era razão que favore-
 » cessem Christãos contra outros de sua sei-

» ta; que elles queriam fazer aquelle servi-
 » ço ao Turco, que era entregarem-lhe a
 » Armada Portugueza toda, como já lhe ti-
 » nham promettido por outras cartas, e que
 » pera final disso lhes mandavam aquella car-
 » ta, que o Capitão mór Portuguez lhe man-
 » dára; que estivesse prestes, porque elles lhos
 » entregariam todos nas mãos.»

Estas cartas falsas que o Baxá fez em se-
 gredo, mandou ler em público diante de mui-
 tas pessoas, em que entravam dous mance-
 bos, hum Venezeano, e outro Neapolita-
 no, que elle trazia cativos, e de industria
 lhes metteo nas mãos a carta de D. Antão de
 Noronha, pera que a vissem, ainda que es-
 tava em Parseo, mas asistada do seu final
 ordinario. E tomou alli logo conselho com
 todos sobre o modo que teria naquelle ne-
 gocio. Depois disto passado, a poucos dias
 mandou tirar os ferros aos dous Italianos,
 e lhes deo azo pera que fugissem, (outros
 dizem que elle mesmo lhes disse, que os li-
 bertava, e que se fossem pera onde quizes-
 sem;) mas como quer que fosse, estando a
 Armada furta em Mouzique da outra ban-
 da, a que communmente chamam de Per-
 sia, sendo na verdade de Susia, a que os
 Mouros chamam Susistan, (que he o mes-
 mo que Provincia de Susia,) ouviram hu-
 ma noite chamar da terra, que os mandaf-

fem recolher, que eram huns Christãos furdidos. D. Antão de Noronha receando que aquillo fosse algum engano, lhes mandou brádar que se mettessem dentro na agua até amanhecer, e que assim não seriam sentidos. D. Jeronymo de Castello-branco, que estava mais perto da terra, arriando a amarra, chegou-se a ella, e recolheo os dous mancebos sem D. Antão de Noronha o saber, e de madrugada os levou ao seu navio. O Capitão mór os recebeu bem, e elles lhe disseram » que eram Christãos, e que o Baxá os » libertára, e que houveram por melhor par- » tido recolherem-se á sua Armada, que irem » por terra. » O Capitão perguntando-lhes por novas de Baçorá, lhe disse hum delles: » Vê, Capitão, o que fazes, e quem vens soc- » correr, porque estás trahido, vendido, e » enganado: porque saberás que os Gizares » se tem carteadado com o Baxá pera te en- » tregarem com toda esta Armada, porque » a carta que lhe escrevestes, elles lha man- » daram com outras de engano que tinham » usado contigo, e que por servirem o Tur- » co, elles dariam ordem pera vos tomarem » todos ás mãos. » D. Antão de Noronha ficou sobressaltado daquelle negocio, e houve que podia ser, porque Mouros tudo tenta- riam contra Christãos. E perguntando aos mancebos se víram elles a sua carta, e final, lhe

lhes differam que sim ; e mandando chamar todos os Capitães á sua fusta , lhes deo conta daquelle negocio , e se se daria credito áquelles homens , ou se sería aquillo invenção do Baxá pera os fazer tornar.

Estando debatendo todos sobre isto , Lourenço Vaz Pegado , que hia por soldado de D. Antão de Noronha , estava debaixo do baileo da fusta (em que todos os do conselho estavam) ouvindo o que se tratava , disse alto : » Que máo sería mostrar-se-lhes o » sinal do Capitão mór aos Italianos , pera ver » se o conhecem , e se he semelhante ao da » carta que víram ? » Foi isto ouvido em sima , onde se fazia o conselho , e não souo mal a todos ; e pera mais se certificarem se assináram todos aquelles Capitães em huma folha de papel , e D. Antão de Noronha antre elles ; e chamados os mancebos lhes deram a folha de papel cheia de seus sinais , pera que lhes mostrassem o sinal da carta que lá víram. E correndo ambos os olhos deram no de D. Antão , e differam , que como aquelle era o sinal que elles víram na carta , porque era de huma letra Latina muito boa. Com isto se certificáram todos ser verdade o que elles diziam , e que os Gizaes lhes tinham armado traição , e assentáram que se recolhessem pera Ormuz , como logo fizeram.

Chégados áquella fortaleza , mandou Dom Antão de Noronha varar os navios , e concertallos , e fez pagas aos soldados , e lhe mandou dar mezas. Pouco depois disto chegou hum mercador Mouro , que passou por Baçorá , por quem aquelle Baxá mandou dizer a D. Antão de Noronha , que lhe pezára muito de se elle recolher tão depressa , porque desejava de o ter por hospede , ganhando-se ao mercador Mouro do estratagemma , de que usou com os Portuguezes na invenção da carta.

C A P I T U L O XVI.

Da guerra que o Madune tornou a fazer ao Rey da Cota: e de como matáram este Rey por desastre: e da Armada que este anno de sincoenta e hum partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Sousa: e de como o Viso-Rey Dom Affonso de Noronha partio pera Ceilão.

A Trás no Cap. VII. do Liv. VIII. de-amos conta , como o Madune Rey de Ceitavaca em Ceilão , depois de se ver desbaratado por D. Jorge de Castro , se reconciliára com o irmão Rey da Cota , forçado da necessidade ; mas como o odio que lhe tinha era entranhavel , dissimulou em quanto foi verão. E tanto que o inverno entrou , ajun-

tando seus exercitos , abalou contra o irmão
 pera o acabar de destruir , (por ser tempo ,
 em que não podia ser soccorrido da Índia.)
 ElRey da Cota tanto que teve aviso disto ,
 ajuntando suas gentes , mandou seu genro
 Tribuly Pandar , e em sua companhia Gas-
 par de Azevedo , Feitor , e Alcaide mór ,
 com todos os Portuguezes , que seriam per-
 to de cento , pera que fossem ter o encon-
 tro ao Madune , que já lhe entrava por seu
 Reyno. O Tribuly Pandar foi buscar o Ma-
 dune , que andava fazendo grandes estragos ,
 e teve com elle alguns recontros , em que
 lhe matou alguma gente , e o fez recolher
 pera a outra banda do rio de Calane , on-
 de assentou seu exercito , ficando Tribuly Pan-
 dar com o seu da outra parte.

ElRey da Cota sabendo estar alli o pai ,
 sahio de Cota , e se foi ao exercito pera o
 ver , e quiz a desaventura que estando os
 Portuguezes em huma varanda muito gran-
 de comendo , chegasse a huma fresta da ban-
 da de fóra pera os ver ; e estando nella , lhe
 deram huma espingardada pela cabeça , de
 que logo cahio morto , sem se saber donde
 sahira , e acudindo todos á revolta , achá-
 ram o Rey morto ; e recolhendo-o o Tri-
 buly , se foi com elle pera Cota. Alevan-
 tado o exercito , depois de lhe fazerem suas
 exequias , puzeram o Principe Dramabella

na cadeira Real, e o levantáram por Rey, dando-lhe os Grandes a obediencia a seu modo, sendo seu pai o primeiro, e depois o Alcaide mór, e todos os Grandes do Reyno, o que se fez no mesmo dia sem festas, nem apparato.

O Madune tanto que soube da morte do irmão, se foi com seu exercito ao lugar de Balegale, huma legua da Cidade da Cota, e dalli mandou requerer aos Grandes da Cota, que lhe fossem dar a obediencia, como a seu Rey, porque pertencia a elle aquelle Reyno por direito. Os Grandes lhe mandáram dizer, » que elles tinham Rey, e Principe herdeiro de direito, a quem já tinham » dado obediencia; e que em seu serviço, e » em defensão de seu Reyno haviam todos » de morrer. » Com esta resposta se foi o Madune chegando mais á Cidade, e assentou seu exercito á vista della, ficando-lhe no meio huma alagôa. Vendo o Tribuly Pandar aquelle atrevimento, ajuntou a gente que pode, e com elle os Portuguezes, e sahio a Madune, e travou com elle huma aspera batalha, em que os nossos leváram a dianteira, e fizeram taes cousas, que arrancáram do campo os inimigos com perda de muita gente, e o Madune se foi pera hum lugar chamado Canabol, ficando o Tribuly correndo com a guerra, e com o governo, por

fer o Rey seu neto muito moço. ElRey ficou na Cota fazendo as exequias a seu avô, cuja morte muitos annos se suspeitou vir-lhe dos Portuguezes peitados do Madure, até que falecendo hum Antonio de Barcellos, dalli a bem de annos, disse á hora de sua morte » que por aquelle estado em que estava, que elle fora o que matára a ElRey » da Cota por puro defastre, atirando a hum ma pomba, e que se não suspeitasse outra » cousa, porque aquella era a verdade. » Ao tempo do falecimento deste homem se achou presente hum Chingalá, Christão, e muito antigo, de que nós soubemos isto, e elle o disse ao Rey seu neto. Folgamos de averiguar esta verdade por homem natural daquella Ilha, pela ruim opinião que se tinha dos Portuguezes nesta materia.

Estas novas se mandáram logo em Agosto ao Viso-Rey, que vendo quão necessario era acudir áquellas cousas, mandou negociar a Armada com muita pressa, porque lhe era forçado partir em Setembro, e poz logo toda a Armada no mar, e começou a pagar á gente.

Sendo dez deste mez, surgíram na barra de Goa cinco náos, de oito que tinham partido do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Sousa. Os mais Capitães eram Francisco Lopes de Sousa, que trazia

a Capitanía de Maluco, Jacome de Mello, Lopo de Soufa, e Micer Bernardo. Das outras tres náos que faltavam, eram Capitães D. Jorge de Menezes Baroche, que ficou invernando em Moçambique, Ayres Moniz Barreto, que foi tomar Ormuz, e D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, que foi tomar Cochim, como adiante diremos.

Este Fidalgo andando em requerimento foi despachado com tres annos da Capitanía de Dio, de que se elle aggravou; e querendo-o ElRey satisfazer a requerimento de huma sua irmã, Dama da Rainha D. Catharina, lhe deo mais outros tres annos, com que estava despachado Francisco de Soufa Tavares apôs elle, que os largou a ElRey, e os traspassou em D. Diogo de Almeida, pela Capitanía mór das náos do Reyno, que lhe ElRey deo; e quando lhe passou disto portaria, já D. Diogo de Almeida estava embarcado. E dizem, que quando ElRey deo o despacho a sua irmã, dissera: Não cuidei que vosso irmão era tão cubiçoso, já estará satisfeito. E mandando ella a seu irmão á náo a portaria, e escrevendo-lhe o que passára com ElRey, tomado elle do que ElRey dissera, (porque havia que por si merecia muito mais,) tornou a mandar a portaria a ElRey, e escreveo-lhe huma carta, em que lhe dizia: » Que nunca no seu fer-

»viço lhe entrára respeito algum, nem cu-
 »biça, que sem aquella mercê elle o iria
 »servir á India.» ElRey se houve por de-
 servido de D. Diogo lhe enjeitar suas mer-
 cês; e porque as náos hiam já á véla, dei-
 xou de o mandar desembarcar; mas man-
 dou-o riscar de seus livros, e o anno seguin-
 te escreveu ao Viso-Rey D. Affonso de No-
 ronha, que se não servisse delle em cousa al-
 guma, como adiante diremos.

Com a chegada das náos deo o Viso-
 Rey pressa á sua embarcação; e entregando
 a India ao Capitão da Cidade, e com elle
 por Deputados o Ouvidor Geral, Veador da
 Fazenda, e outros, (porque o Bispo hia em
 sua companhia a visitar,) se embarcou, e deo
 á véla em fim de Setembro. Levava o Viso-
 Rey dez galeões, oito caravelas, e galés,
 e perto de sincoenta navios de remo, antre
 galeotas, fustas, e catures. Os Capitães que
 nesta Armada o acompanháram, são os se-
 guintes.

D. Fernando de Menezes seu filho, Dom
 Antonio de Noronha filho do Viso-Rey Dom
 Garcia de Noronha, Eytor de Mello, Dio-
 go Alvarez Telles, Bastião de Sá, Francis-
 co de Mello Pereira, D. João Henriques,
 Martim Affonso de Miranda, Pero Barre-
 to, Vasco da Cunha, Gonçalo Pereira Mar-
 ramaque, Affonso Pereira de Lacerda, Dio-

go de Sousa, Diogo de Miranda Henriques, Diogo de Mello Coutinho, Antonio de Noronha, Jorge Pereira Coutinho, Fernão de Castanhoso, Nicoláo de Sousa, Alvaro de Lemos, Manoel do Canto, Pero Vaz de Matos, João da Rocha, Mathias de Trinchel, Luiz Mergulhão, Pero Salgado Alferes do Viso-Rey, e seu Veador, Simão Botelho Veador da Fazenda, André de Mendanha Ouvidor Geral, Manoel da Cunha, e outros Fidalgos, e Cavalleiros. Nesta Armada foram tres mil homens, gente mui lustrosa. O Viso-Rey deixou dado ordem ás náos que haviam de partir pera o Reyno; e do galeão S. João, que se estava concertando em Goa, que ficou do anno passado, deo a Capitania a Manoel de Sousa de Sepulveda, pera se ir nelle com sua mulher, e casa pera o Reyno. E como foi tempo, partiram as náos pera Cochim tomar a carga. O Viso-Rey foi seguindo sua derrota até Cochim, onde de passagem deo despacho a algumas cousas; e partindo dalli, dobrou o cabo do Camorim, e atravessou a Ceilão, aonde chegou em breves dias.

CAPITULO XVII.

De como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha desembarcou em Columbo, e se vio com o Rey da Cota : e do concerto que ambos fizeram contra o Madune : e de como o desbarataram, e tomaram a Cidade de Ceitavaca.

SUrto o Viso-Rey com toda sua Armada no porto de Columbo, ao outro dia desembarcou, e ElRey, e Gaspar de Azevedo Alcaide mór lhe fizeram hum muito grande recebimento; porque por alguns navios de remo que foram diante, tiveram aviso de sua vinda, e logo o foram esperar a Columbo, levando ElRey consigo seu pai, e os principaes de sua Corte. O Viso-Rey se aposentou na feitoria, e logo despedio seu filho D. Fernando de Menezes com quinhentos homens pera se ir metter na Cidade da Cota, pera que tomasse os passos della, porque ninguem sahisse pera fóra; o que D. Fernando fez, pondo hum Capitão com cem homens em guarda das casas de ElRey, pera que se não bulisse em cousa alguma, fazendo-se estas prevenções, que escandalizaram a muitos; porque parecia que hiam mais a conquistar Rey amigo, que a inimigo. O Viso-Rey depois que em Columbo

deu ordem a algumas cousas, se partio pera a Cota com todo o poder, e depois de se aposentar, lançou mão dos Modeliares principaes, e dos criados, e mais antigos da casa de ElRey, sem elle lhe poder ir á mão, e começou a inquirir dos thesouros dos antigos Reys, porque se presumia que eram muito grandes; e porque não pode tirar cousa alguma delles, mandou metter alguns Modeliares a tormento, e não sabemos com que direito, e justiça; e foi nisto tão demasiado, e levou isto por tão ruins termos, que escandalizados todos dos tormentos que vieram dar a alguns, começaram-se a despejar poucos, e poucos, e naquelles dias se passaram ao Madure mais de seiscentos dos principaes. Vendo o Viso-Rey que lhe não descubriam cousa alguma, mandou buscar as casas de ElRey, devaçando-lhe seu recolhimento, e lhe tomou todo o dinheiro de ouro, em que entravam quinhentos e sessenta Portuguezes de ouro velho, prata, joias, pedraria, e só o dinheiro montava mais de cem mil pardãos; o que tudo se carregou sobre Simão Botelho, Veador da Fazenda, em hum livro separado, que anda nos Contos da Fazenda de Goa, onde vimos estas cousas. Depois de tomarem a este pobre Rey tudo o que lhe acháram, tratou o Viso-Rey com elle, e com seu Pay Tribuly Pandar

sobre os negocios do Madune, e se concertaram desta maneira.

» Que o Viso-Rey, e elles ambos iriam
 » contra o Madune, e que se não alevantariam de sobre elle até o haver ás mãos, e
 » o destruirem de todo, porque mais lhe não
 » pudesse dar trabalho, e que lhe dariam duzentos mil pardãos pera as despezas da
 » quella jornada, cento logo, e outros cento depois, » de que se passou hum Conhecimento, que se encarregou sobre o Feitor da Armada Manoel Colaço, e depois sobre o Feitor de Cochim, e delle por entrega ao Recebor dos restes, onde o nós fomos ver, e não declara a divida de que he, senão dizer sómente de vellos, sem declarar o tempo em que era obrigado aos pagar, o que devia de estar no proprio que não achamos. Assim mais se concertou o Viso-Rey com o Rey da Cota, que todas as prezas que se tomassem em Ceitavaca se partiriam pelo meio, ametade pera ElRey de Portugal, e a outra pera o da Cota.

Feitos, e afinados estes concertos, se começaram a preparar pera a jornada contra o Madune, dando ElRey da Cota logo ao Viso-Rey oitenta mil pardãos á conta dos cem mil que era obrigado a lhe dar logo; que ainda pera lhe dar estes, vendeo joias, e outras cousas do serviço de sua pessoa, e

casa, que comsigo trazia, e por isso as salvou. E logo se puzeram em campo El Rey, e seu pai com quatro mil homens, e o Viso-Rey com perto de tres mil Portuguezes. Antes que partisse chegou D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, com sincoenta soldados, que o Viso-Rey recebeu muito bem.

Este Fidalgo, como dissemos no Capitulo passado, partio aquelle anno do Reyno por Capitão da náó Espadarte, da companhia de Diogo Lopes de Soufa; e tendo ruim tempo, passou por fóra da Ilha de São Lourenço, e com muitos trabalhos, e riscos foi tomar Cochim, de quinze de Outubro por diante; e sabendo ser o Viso-Rey em Ceilão, fretou logo huma fusta, e ajuntou sincoenta soldados da sua náó, e se partio em sua busca, e achou-o na Cota já no campo.

Prestes todas as cousas pera a jornada, o Viso-Rey começou a marchar em muita boa ordem, levando a dianteira D. Fernando de Menezes seu filho, com todos os Fidalgos mancebos, que logo se passaram pera elle. O Madune tanto que teve aviso da chegada do Viso-Rey, fortificou suas tranqueiras, e guarnecco-as de muita gente, e munições, e elle ficou de fóra com tres mil homens recolhidos pera acudir onde fosse necessario.

Os nossos chegaram á primeira tranqueira ;
 commettendo-a por todas as partes ; e posto
 que acháram muito grande resistencia , foi en-
 trada com mortes de muitos dos inimigos ;
 e passando adiante , tomáram as outras duas
 tranqueiras , que foram defendidas muito
 bem , mas entradas dos nossos com muito
 grande valor. E passando pera a Cidade de
 Ceitavaca , foram os da dianteira tendo al-
 guns recontros com o Madunc , em que o
 desbaratáram de todo , e elle com cem ho-
 mens foi fugindo pera humas ferras muito
 fortes , chamadas Darnagale. O Viso-Rey
 entrou na Cidade de Ceitavaca sem resisten-
 cia , e se aposentou nos Paços do Madunc ,
 e ElRey da Cota junto ao Pagode , e man-
 dou logo pôr guardas nas entradas da Cida-
 de , que foi logo saqueada , assim dos nos-
 sos , como dos de ElRey da Cota , e se
 acháram nella muitas prezas. O Viso-Rey
 mandou cavar os Paços de ElRey todos , pe-
 ra ver se achava os thesouros , que não achou,
 e o mesmo fez ao Pagode grande que alli
 estava , em que se acháram muitos idolos de
 ouro , e prata , grandes , e pequenos , can-
 dieiros , bategas , campainhas , e outras cou-
 sas , todas de ouro do serviço do Pagode ,
 e algumas peças de pedraria , que tudo se
 carregou sobre o Veador da Fazenda Simão
 Botelho : todas estas peças vam por adições

fem avaliações, e por isto não estimamos o que valeriam. Tudo isto o Viso-Rey recolheo, fem dar ametade ao Rey da Cota, como estava contratado, a fóra o que se fonegou, e escondeo, que só Deos sabe o que sería.

ElRey da Cota mandou lançar espias ao Madune; e sabendo que se recolhêra ás fer-
ras de Darnagale com poucos, pedio ao Vi-
so-Rey quinhentos homens pera irem com
Tribuly Pandar seu pai dar nelle, e havello
ás mãos; porque se dissimulasse com aquel-
le, em virando as costas logo se havia de
tornar a refazer, e dar novos trabalhos áquel-
la Ilha, e ao Estado da India. O Viso-Rey
lhe disse que lhe parecia bem, e com isso
lhe pedio os vinte mil pardãos, que lhe fi-
cára devendo do resto dos cem mil. E co-
mo ElRey estava pobre, e pera os oitenta
mil que deo, vendeo ainda cousas do ser-
viço de sua pessoa, como atrás dissemos,
não pode ajuntar o dinheiro, nem teve don-
de, e dissimulando o Viso-Rey com aquel-
le negocio, disse: Que era já tarde, e que
» lhe era necessario ir despachar as náos que
» haviam de ir pera o Reyno; » e deixando
Ceitavaca, se foi pera Columbo, pera dar or-
dem a algumas cousas daquella Ilha primei-
ro que se partisse.

CAPITULO XVIII.

De como D. Antão de Noronha veio de Ormuz, e foi por Capitão mór ao Malavar, e do que lhe aconteceu: e das cousas em que o Viso-Rey proveo em Ceilão: e de como foi a Cochim, e deo no Chembe: e do que alli lhe succedeo.

NO Cap. XV. do IX. Livro deixámos D. Antão de Noronha invernando em Ormuz, depois daquelle successo de Catifa, e Barém. E porque levava por regimento, que se fosse logo pera Goa tanto que entrasse o verão, o fez assim, e em Setembro se embarcou, e foi tomar Mascate, onde se deteve alguns dias. Fazendo-se dalli á véla, não achando contrastes no caminho, foi tomar Goa quasi no fim de Outubro. Surgindo na barra, foi o Veador da Fazenda ter com elle, e lhe deo hum regimento, que alli deixou o Viso-Rey, em que lhe mandava, que tanto que chegasse de Ormuz, se partisse logo com a mesma Armada pera o Malavar, por não ficar aquella costa desamparada, em quanto elle estivesse em Ceilão.

Com este regimento se fez D. Antão de Noronha prestes, e provendo-lhe o Veador da Fazenda a Armada, deixando os galeões, se passou a huma galé, e com todas as ca-

ravelas de sua companhia , que eram tres , ou quatro , e os navios de remo , se fez logo á véla pera o Malavar , e foi surgir com toda a Armada na barra de Calecut pera defender a navegação aos Mouros. Dalli fez toda a guerra que pode ao Çamorim , mandando-lhe dar em inuitas povoações que lhe os nossos abrazáram , e queimáram. E deixallo-hemos assim agora por tornarmos a continuar com o Viso-Rey , que já deixámos em Columbo.

Alli deo ordem ás cousas daquella Ilha , assentando deixar quatrocentos homens de guarnição na Cidade da Cota pera segurança della , e nomeou por Capitão mór daquela Ilha , e da Armada que alli deixava , a D. João Henriques , e lhe ordenou dez navios de remo , de que eram Capitães Dom Duarte Deça , Jorge Pereira Coutinho , Diogo de Miranda Henriques , Fernão de Castanhoso , Antonio de Noronha , Ruy de Brito , Nicoláo de Sousa , João Coelho de Figueiró , e Manoel Colaço por Feitor da Armada. Deixou por regimento a D. João Henriques , que residisse na Cidade da Cota , nomeando-lhe por Ouvidor pera correr com a justiça a Rafael Corvinel , e o cargo de Alcaide mór da Ilha proveo em Fernão de Carvalho , que havia de residir na Cidade de Columbo , assentado por conselho de todos

os Capitães, que se cercasse toda á roda o mais depressa que pudesse ser, deixando logo pera isso officiaes. E assim tanto que o Viso-Rey se embarcou, se puzeram logo as mãos á obra, e se começou a cercar detai-
 pas, de que ainda hoje a mór parte está em pé. O Viso-Rey foi dando pressa a estas cou-
 las pera se embarcar, e parece que deter-
 minava de levar consigo Tribuly Pandar pai de ElRey, do que elle foi avisado; e fur-
 tando-lhe logo o corpo, se recolheo pera
 huns matos, que estão huma legua da Co-
 ta, de que o Viso-Rey ficou muito enfada-
 do, mas dissimulou, e apertou com ElRey
 que se fizesse Christão por algumas vezes,
 de que se elle escusou com lhe dizer » que
 » por então lhe não convinha mudar lei, por-
 » que como havia pouco que reinava, e seu
 » tio o Madune trazia o pensamento occu-
 » pado em lhe tomar o Reyno, ser-lhe-hia
 » hum mui grande alvitre, pera induzir a
 » seus vassallos, que se fossem pera elle, o
 » que sería causa de se perder aquelle Rey-
 » no; mas que lhe daria hum Principe seu
 » primo com irmão pera o levar pera Goa,
 » e que lá o fizesse Christão, » e logo lho en-
 tregou, que o Viso-Rey mandou agazalhar
 no seu galeão, e em Goa o fez Christão
 com grande solemnidade; e quando se foi
 pera o Reyno, o levou consigo; e ElRey o
 man-

mandou entregar aos Padres da Companhia pera o doutrinarem, dando-lhe seiscentos mil reis pera despeza de sua casa.

Andou este Principe (que se chamava Dom João) na Corte muitos annos, e El-Rey lhe fazia honras, e lhe dava cadeira como aos Condes, quando com elle fallava. Depois o mandou pera a India com os mesmos seiscentos mil reis de tença, e na Cidade de Goa casou com huma mulher Portugueza, filha de hum Cavalleiro honrado, que ainda vive, e o Principe de Ceilão (que assim se intitidou sempre) faleceo, e jaz enterrado em S. Francisco de Goa. Démos conta brevemente deste Principe, pelo não fazermos depois por pedaços.

E tornando a nosso fio: o Viso-Rey não se queria ir dalli sem lhe darem os vinte mil pardãos que lhe ficáram devendo, com reclamar o Tribuly Pandar, que nada lhe devia, porque lhe não cumprio os contratos que com elle fizera, de perleguir o Madune até o matarem, ou haverem ás mãos. E vendo o Tribuly fugido, prendeo o Camareiro mór de El-Rey, que era todo o seu governo, e o mandou pera hum galeão da Armada, dizendo-lhe, » que o não havia de soltar até » lhe pagar os vinte mil pardãos. » Vendo-se o Camareiro mór tão apertado, mandou pedir dinheiro a amigos, e parentes; mas não

não achou quem lho emprestasse, e mandou vender hum cinto de ouro que trazia, e algumas peças suas, que montáram cinco mil pardãos, que mandou ao Viso-Rey com hum Conhecimento, em que se obrigava a pagar os quinze mil por todo aquelle anno. Com isto o mandou soltar o Viso-Rey, e se embarcou, deixando o Conhecimento do Camareiro mór a D. João Henriques pera arrecadar delle aquelles quinze mil pardãos. E assim antre algumas cousas que lhe deixou por regimento, a que mais lhe encareceo foi, lhe prendesse o Tribuly Pandar, e lho mandasse pera Goa.

Despedido de todos deo á véla pera Cochim, adiantando-se seu filho D. Fernando de Menezes em navios ligeiros, porque hia mal disposto, porque em poucos dias chegou a Cochim. Estas novas chegaram logo a D. Antão de Noronha, que estava sobre Calecut; e ainda lhe affirmáram que hia aggravado do pai, com tenção de se embarcar pera o Reyno. Isto sentio D. Antão de Noronha tanto, que logo se embarcou em hum Catur muito ligeiro, pera ir remediar aquellas cousas, deixando a Armada toda entregue a Manoel de Vasconcellos, e no navio levou consigo Christovão de Miranda, irmão de Martim Affonso de Miranda, e Pedro Alvares de Nobrega, por

muito doentes, pera se curarem em Cochim. Chegou D. Antão de Noronha a Cochim aquelle dia, e achou a D. Fernando de Menezes doenté de camaras, e esteve com elle aquella noite toda; o que passáram antre ambos não se foubé, e logo pela manhã se despedio d'elle pera se tornar. Sahindo pela barra fóra, houve vista da Armada do Viso-Rey, que vinha demandando a barra, e foi-o demandar, e com elle tornou pera Cochim. O Viso-Rey o deteve, porque tinha necessidade de seu conselho pera certas cousas.

Desembarcado o Viso-Rey, achou as náos do Reyno tomando a carga muito devagar, sendo já perto do Natal, porque não corria pimenta, que o Principe do Chembe, que logo se tornou a alevantar com o socorro do Çamorim, lha impedia, e trazia por aquelles rios muitas manchuas, que faziam grandes damnos, e guerras nas terras de ElRey de Cochim, e defendiam a navegação aos mercadores, que traziam pimenta pera o pezo. E tomando parecer sobre o que faria, se assentou que era necessário darem hum grande castigo áquelle Principe, e destruiillo de todo, porque de outra maneira ficaria tão soberbo, que não poderia o Estado com elle. Com esta determinação se embarcou o Viso-Rey, levando consigo o Capitão de Cochim com todos os casados,

e toda a mais gente que estava pera se ir pera o Reyno, (que era muita,) e foram em sua companhia, além dos Fidalgos, e Capitães que nomeámos de sua Armada, Diogo Lopes de Sousa, Capitão mór das náos do Reyno; D. Antão de Noronha; Manoel de Sousa de Sepulveda; D. Diogo de Almeida; filho do Contador mór; Francisco Lopes de Sousa; e Lopo de Sousa. Embarcou-se o Viso-Rey em todos os navios de remo, e a gente que não coube nelles, foram em tones, e em outras embarcações pequenas. Hiam nesta jornada perto de quatro mil homens Portuguezes, a fóra os Christãos de Cochim.

Chegado o Viso-Rey a Chembe, ordenou a sua gente, e repartio-a por bandeiras, e huma madrugada desembarcou em terra com todo o poder. Os Principes Malavares da conjuração estavam com mais de trinta mil homens em campo, e deitaram alguns Capitães pera defenderem a desembarcação aos nossos, que logo foram desbaratados da dianteira. Postos os nossos em terra, foram marchando pera a Cidade; e sahindo-lhes os Principes, traváram com os nossos huma muito arriscada, e muito cruel batalha. E porque as particularidades, que os Portuguezes fizeram nella foram muitas, não he possível poder contar o que cada hum fez em particular, o deixaremos; sómente

ma diremos, que foi esta batalha mui perigosa, em que os nossos Portuguezes mostraram bem seu valor, e esforço; porque com os grandes estragões que fizeram nos inimigos, os desbarataram de feição, que os fizeram voltar, mas não sem grande custo dos nossos; porque na força da briga deram huma espingardada a D. Antão de Noronha em huma perna por cima do artelho, que lha quebrou toda, de que cahio logo no chão; mas foi levantado, e recolhido por homens de sua obrigação, que o assentaram sobre huma rodela, e aos hombros o tiraram da batalha. Mataram dos primeiros Dom Antonio Pereira, irmão de D. Martinho Pereira, (que sendo Veador da Fazenda, governou Portugal em tempo de ElRey Dom Sebastião,) Manoel da Cunha, irmão de Tristão da Cunha o segundo, João da Silva de Menezes, filho de Pero da Silva de Evora, e hum filho de Manoel Mergulhão, manchado bom cavalleiro, a fóra perto de trinta sem nome.

Desbaratados os inimigos, foram os nossos seguindo-os, assolando, e destruindo-lhes todas as povoações, e Pagodes, e cortando-lhes todos os palmares, e fazendas, não deixando cousa em pé: foi tal o castigo, que se houve o Viso-Rey por satisfeito. E deixando nos tios alguns navios pera guarda

da delles, e pera fazerem correr a pimenta, se recolheo a Cochim, e começou a escrever pera o Reyno, e dar muita pressa ás náos da carreira, que pela pouca pimenta que houve, não pudéram levar mais que ametade da carga ordinaria; mas de todas as mais fazendas muita quantidade.

O Viso-Rey mandou D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que fosse tomar posse da Armada de D. Antão de Noronha, por elle ficar muito mal da sua perna, de que ficou aleijado. Depois de escrever pera o Reyno, e dar despacho a todas as náos, (tirando o galeão S. João, em que Manoel de Sousa de Sepulveda hia por Capitão, por estar carregando em Coullão,) as fez á véla por todo Janeiro deste anno de 1552 em que entramos, e elle se embarcou, e se foi pera Goa. O Galeão S. João chegou de Coullão com quatro mil quintaes de pimenta; e no porto de Cochim tomou mais tres mil, por não haver mais, carregando doze mil; mas levou tantas fazendas outras, que se affirmam, que depois que a India se descubrio até então, não partio náo tão rica; e se fez á véla a tres de Fevereiro, levando perto de duzentos Portuguezes, e mais de trezentos escravos. Hiam embarcados neste galeão muitos Fidalgos, e Cavalleiros, de que adian-

te diremos os nomes, quando contarmos a defaistrada perdição, e desaventura desta jornada.

C A P I T U L O XIX.

De como D. Fernando de Menezes filho do Viso-Rey foi invernar a Cochim: e de como Francisco Lopes de Sousa foi entrar na Capitania de Maluco: e das cousas que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha ordenou ácerca do cravo: e do que succedeo em Ceilão.

CHegado o Viso-Rey a Goa, começou logo a entender em muitas cousas, e mui necessarias, principalmente sobre as da guerra do Rei da Pimenta, que ficava em aberto, a que lhe era necessario acudir, porque pera o anno seguinte não faltasse pimenta pera a carga das náos. E assentou-se em conselho, que mandasse invernar a Cochim seu filho D. Fernando de Menezes com quinhentos homens, e vinte navios pera andarem por aquelles rios. A isto começou o Viso-Rey a pôr as mãos, mandando negociar os navios, e pagar a gente, e no fim de Março despedio seu filho D. Fernando de Menezes, a quem deo os seus poderes, e largo regimento do que havia de fazer. E mandou a D. Antonio de Noronha, que estava por Capitão mór do Malayar, que se

recolhesse a invernar a Goa, como fez. Dom Fernando de Menezes chegou a Cochim, e se passou logo aos rios da pimenta, por onde andou todo o inverno, fazendo guerra aos Reys da liga, e favorecendo aos mercadores que traziam a pimenta a Cochim.

E porque esta jornada toda foi de assaltos mui amiudados, e de pouca substancia, passaremos por elles, porque temos outras muitas cousas mais importantes de que dar razão. O Viso-Rey depois de despedir seu filho, despachou Francisco Lopes de Sousa pera ir entrar na fortaleza de Maluco, e a Diogo de Sousa, que era provido daquella viagem, a quem deo hum galeão muito formoso, aonde tambem se havia de embarcar Francisco Lopes de Sousa. E porque tinha por regimento de ElRey, que removeesse os contratos que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha tinha feitos sobre o cravo, fez com Diogo de Sousa outros de novo. E porque não démos em outra parte razão destes contratos em que fallamos, o faremos aqui.

Depois que Antonio de Brito descobrio as Ilhas de Maluco, (como nas Decadas de João de Barros se diz, e nós o tornámos a referir,) mandou ElRey D. Manoel, e seu filho D. João depois, que nenhuma pessoa pudesse comprar cravo em todas aquellas Ilhas, senão seus Feitores; reservando, co-

mo minas, pera si aquelle contrato, e commercio. E porque a Ilha de Ternate, onde estava a nossa fortaleza, era já povoada de Portuguezes casados, que senão tivessem algum quinhão no commercio do cravo, não tinham pera que viver naquellas Ilhas, escrevêram sempre aos Governadores passados, que usassem com elles de alguma equidade, senão que se iriam viver onde tivessem mais remedio. Tanto puxáram por isto, até que o Viso-Rey D. Garcia de Noronha fez com elles o contrato seguinte.

» Que toda a pessoa pudesse comprar, e
 » tratar livremente naquellas Ilhas de Malu-
 » co todo o cravo que quizesse, e que o pu-
 » desse embarcar pera a India nos galeões da
 » carreira; com condição, que de todo o
 » que embarcassem, dariam a El Rey a ter-
 » ça parte, posto debaixo da verga sem que-
 » bras; e que por cada bar lhe pagaria El-
 » Rey tres pardãos, que era o preço por
 » que o elle costumava a comprar; e que
 » de frete (a que chamam Choques) pagariam
 » de dez bares, tres, » como mais declara-
 » damente nas outras Decadas temos dito.

Este contrato assim pera El Rey, como pera os homens era então bom; mas como a cubiça nunca se farta, vindo a gostar todos do proveito que do cravo tinham, não se contentando com o que directamente lhe

vinha, inventou a malicia humana hum ar-
dil, pera elles ficarem com tudo, e ElRey
com nada, fazendo muitas despezas com
aquella fortaleza, e com os galeões, que
todos os annos mandava a ella com provi-
mentos; e foi este.

Que o cravo que os Capitães, e Offi-
ciaes, e mais pessoas embarcavam em seus
gazalhados, sem ser carregado no livro da
náo, por ser forro (pelas liberdades, e li-
cenças) este era todo limpo, e de cabeça
muito escolhido antre todo; e o outro que
se mettia debaixo das cubertas, carregado no
livro da náo, de que ElRey havia a ter-
ça parte, era o çujo, todo madre, e bas-
tão, que valia as tres partes menos. No que
ElRey começou a sentir tamanho engano,
e tantas perdas, que deo por regimento ao
Viso-Rey D. Affonso de Noronha, que ne-
nhuma pessoa embarcasse, nem comprasse
em Maluco cravo algum, senão limpo, e
de cabeça; e que se dêsse aos mercadores
mais a cinco pardãos por bar, além do que
lhe a elle vinha de seus terços, pela que-
bra que em o alimpar tinham. Sobre o que
o Viso-Rey passou hum Alvará pera se pre-
goar em Maluco, que mandou por D. Gar-
cia de Menezes, (que o anno atrás passado
despachou com a Capitania daquella fortala-
za, e por morrer na guerra de Malaca, fi-

cou a Genez Barreto, Capitão da sua cavala.) E porque ainda com tudo isto não faltavam modos de furtarem a ElRey, (a quem nunca luzia aquelle commercio, e por ante as mãos se lhe sumia quasi tudo,) querendo o Viso-Rey que todavia houvesse El-Rey os proveitos daquellas Ilhas, pois as despezas eram todas suas, contratou-se com Diogo de Sousa por esta maneira: » Que pe-
 » los terços, e choques que pertenciam a
 » ElRey de todo o cravo que trouxesse no
 » seu galeão, dêsse quatrocentos e sincoenta
 » bares, s. duzentos e sincoenta bares liqui-
 » dos pera ElRey, e os duzentos pera as
 » pessoas que tivessem liberdades por Provi-
 » sões do Viso-Rey; e que na dita conta não
 » entrariam os bares que viessem nos gaza-
 » lhados d'elle Capitão, e dos Officiaes do
 » galeão, nem do Patrão mór, e outros que
 » elles tirariam forros.» Nesta companhia despachou o Viso-Rey a D. Alvaro de Taíde da Gama, filho do Conde Almirante, que descobriu a India, por Capitão mór do mar de Malaca, e de todas aquellas partes com grandes poderes; porque como elle entrava na Capitania de Malaca apôs D. Pedro da Silva da Gama seu irmão, que lá estava, quiz ir diante hum anno que ainda lhe faltava, por se tirar de gastos, e despezas. Despachados estes Capitães, deram á vela em

Abril, e foram seguindo seu caminho, em que os deixaremos até seu tempo, por contarmos o que neste succedeo em Ceilão, por não fazermos Capitulo per si.

Partido o Viso-Rey de Ceilão, tratou D. João Henriques de prender Tribuly Pandar, pai de ElRey, como lhe deixou por regimento o Viso-Rey; o que sabido por ElRey, metteo a mão nisso, e pedio-lhe, » que não bulisse com seu pai, que dissimulasse com elle por então, porque era necessário tornarem-se a ajuntar pera contra » o Madune, que estava já em Ceitavaca reformado, e com grande poder. » Pareceo-lhe a D. João bem o que lhe ElRey pedia, e lhe deo seguro pera o pai se vir pera a Cota, pera se concertarem sobre a guerra, que se havia de fazer ao Madune. ElRey o escreveo ao pai, e o mandou chamar. Esteve o Tribuly nas sete Corlas, onde reinava hum seu primo com irmão, com que tinha concertado casar ElRey seu filho com huma irmã do primo, pera assim ficarem todos liados contra o Madune. Sabendo isto o Capitão D. João Henriques, estimou-o muito, e concertou-se com o Principe das Corlas, que partisse elle com o Principe das Corlas, com todo o poder contra o Madune, e que elle com ElRey seu filho, e o seu Camareiro mór iriam pela via de Calane, e que

assim lhes não poderia escapar. Feitos estes concertos, começando-se a preparar pera a jornada huns, e outros, adoeceo D. João Henriques de huma enfermidade grave de que falecco ao primeiro de Maio. Succedeo-lhe Diogo de Mello Coutinho, ou por regimento que se achou, ou por eleição, que isto não pudemos averiguar bem, que ficou continuando com suas obrigações, fazendo ao Madune toda a guerra que pode, não tratando da liga que estava feita contra elle com o Tribuly Pandar, e o Principe das Corlas; antes determinou de prender Tribuly Pandar, como o Viso-Rey tinha deixado por regimento, e assim o prendeo como adiante se verá.

C A P I T U L O XX.

De como Bernaldim de Sousa foi contra El-Rey de Tidore, e lhe fez derribar a fortaleza: e das desavenças que teve com D. Rodrigo de Menezes: e das cousas, que mais succedêram até se embarcar pera a India.

DEpois de Bernaldim de Sousa dar fim ás cousas de Geilolo, como temos dito no Cap. XIII. do IX. Liv. quiz tambem fazello ás de Tidore, porque estava muito pejado com a fortaleza que aquelle Rey tinha

nha feito , pelo que determinou de lha ir
 derribar , tanto que convalecesse , e o tem-
 po lhe offercesse alguma boa occasião pe-
 ra isso , que lhe não tardou muito , que foi
 partir-se aquelle Rey com a sua Armada pe-
 ra as Ilhas dos Cellebes ás prezas , deixan-
 do a sua Ilha encomendada a ElRey de
 Ternate seu genro , e cunhado. Tanto que
 o Capitão foi avisado de sua ida , mandou
 chamar ElRey , tendo consigo todos os Ca-
 pitães , e Cavalleiros principaes que havia
 naquella Ilha , e lhe disse : » Que pera El-
 » Rey de Portugal ser de todo servido era
 » muito necessario desfinanchar-se a fortaleza
 » de Tidore , porque se ficava em pé , indo-
 » se elle daquella terra , ficava a vitoria que
 » tinham havido de Geilolo imperfeita ; por-
 » que estava muito entendido , que aquelle
 » Rey tratava com aquella fortaleza alguma
 » novidade ; porque se elle era amigo do Es-
 » tado , e do serviço de ElRey de Portugal ,
 » não tinha de que se recear , nem pera que
 » se fortificar ; e se pelo contrario , não era
 » razão que se lhe dissimulasse com aquelle
 » negocio , porque depois quando se lhe qui-
 » zesse acudir , poderia ser que não pudesse.
 » E que agora que aquelle Rey era fóra
 » se poderia aquillo fazer muito bem ; que
 » lhe pedia lhe dêssem nisto seus pareceres.»
 A isto tomou a mão ElRey , e lhe disse ,
 » que

» que não parecia cousa licita entrar nin-
 » guem na casa alheia, em quanto o dono
 » da pousada não estava nella, irem-lha de-
 » vassar, que aquelle Rey era servidor de
 » ElRey de Portugal, e que faria o que
 » cumprisse a seu serviço; que o deixassem
 » tornar, que elle lhe faria derribar a for-
 » taleza, sem se metter outro cabedal.» Ven-
 do o Capitão ElRey tão arzeado, penho-
 rou-o pela palavra, dando-lhe a entender,
 que pelo servir esperava até elle vir.

Vindo dahi a alguns dias o Rey de Ti-
 dore da sua jornada, se embarcou logo Ber-
 naldim de Sousa em corocoras, e levou com-
 sigo ElRey, e D. Rodrigo de Menezes, e
 D. João Coutinho, e outros Capitães em co-
 rocoras, e nos batéis dos galeões, e foi sur-
 gir sobre o porto de Tidore. Vendo ElRey
 aquella Armada, e sabendo estar alli o Ca-
 pitão, o mandou logo visitar por dous ir-
 mãos seus bém acompanhados, e a dar-lhe
 os parabens de sua vinda, e que se mandava
 delle alguma cousa, que estava prestes pera
 fazer tudo, como servidor que era de El-
 Rey de Portugal. Bernaldim de Sousa lhe
 mandou dizer » que não vinha a mais que
 » a visitallo, e saber delle se mandava em
 » que o servisse. E que pois elle se mostrá-
 » ra sempre tanto servidor de ElRey de Por-
 » tugal, que lhe pedia, que mandasse derri-

» bar aquella fortaleza que tinha feito , pera
 » mostrar que o que dizia não era fingido ;
 » que se se temia de alguem , que os Capi-
 » tães que ElRey tinha na fortaleza de Ter-
 » nate o defenderiam de todo o Mundo ,
 » como o seu Rey lhes mandava ; que aquil-
 » lo era mostrar desconfianças da amizade ,
 » e fidelidade dos Portuguezes. » ElRey de
 Tidore tornou a mandar dizer ao Capitão ,
 » que elle estava prestes pera fazer tudo o
 » que fosse serviço de ElRey de Portugal ;
 » mas que aquella fortaleza não havia que
 » lhe prejudicava em cousa alguma , porque
 » elle a não fizera senão por amor dos Reys
 » seus visinhos , se alguma hora tivesse con-
 » tendas com elles ; e que por cima de tudo
 » estava prestes pera fazer o que fosse justo. »

O Capitão não ficou contente da respos-
 ta , e pediu a ElRey de Ternate que se
 fosse ver com ElRey seu genro , e que o
 persuadisse a derribar a fortaleza , pois sob-
 re sua palavra esperára pera ter com elle
 aquelles cumprimentos. ElRey assim o fez ,
 e em tres dias que duráram estas dilacões ,
 foi a terra algumas vezes , e se vio com a-
 quelle Rey , persuadindo-o a fazer o que
 lhe pedia o Capitão , dando-lhe muitas ra-
 zões pera isso. E por fim de todas as prá-
 ticas lhe disse o Rey de Tidore » que elle
 » tinha vontade de o satisfazer ; mas que dei-

» xava de o fazer , por receios que tinha de
 » dous sobrinhos seus , filhos de seu irmão
 » Cachil Rade , que eram de contrario pa-
 » recer , e que lhe tinham dito que tal não
 » haviam de consentir , porque aquella for-
 » taleza fora feita por seu pai , e que elles
 » a queriam sustentar ; que se lançasse elle de
 » fóra de aquelle negocio. E que além dis-
 » so , sería muito grande affronta entregarem-
 » na sem primeiro pelejarem , como fizeram
 » os Geilolos. »

Esta resposta deo ElRey ao Capitão , que
 o tornou a mandar persuadir a derribar a-
 quella fortaleza : que se não regesse pelos so-
 brinhos naquelle negocio , porque aquillo
 cheirava a tyrannia , e que parecia pertenc-
 derem alevantarem-se contra elle , e por is-
 so queriam ter aquella força em pé pera seu
 recolhimento. E a voltas destas razões , e ou-
 tras lhe mandou fazer requerimentos , e a-
 meças , e logo mandou lançar pregão , que
 nenhuma pessoa sahisse a terra sob pena de
 morte , porque até então hiam os soldados
 á Cidade , e ElRey de Tidore se mandára
 queixar de alguns desmanchos que elles fa-
 ziam. Ao que lhe mandou dizer » que se os
 » lá achasse que os mataffe , e que tambem
 » defendesse aos Tidores , que não viessem
 » á praia , por não travarem desgostos com
 » os Portuguezes , porque se os visse nella ,

» tambem os havia de mandar matar. » Isto foi ardil de Bernaldim de Soufa, porque os poços donde bebiam os da Cidade estavam na praia, e por aquella maneira lhe queria defender a agua, porque outros poços que na Ilha havia, estavam mui longe. Sobre estes pregões não deixáram de sahir a terra alguns soldados. E dizendo ao Capitão que andavam alguns na praia, se metteo em huma embarcação pequena com grande paixão; e chegando á praia, vio nella D. Rodrigo de Menezes, e chegando perto delle, lhe disse alto:

» Ah senhor D. Rodrigo de Menezes, contra o meu pregão sahis em terra, tendo mais obrigação de o guardar que todos, pera exemplo? Embarcai-vos logo.» D. Rodrigo de Menezes como não andava muito gostoso delle, lhe respondeo » que logo se embarcaria: accrescentando mais, » como? Os homens não hão de fazer seus feitos? » Bernaldim de Soufa que se hia já affastando, ouvindo-o, lhe respondeo: Fazei-os, e seja pera vós. Ouvindo isto Dom Rodrigo, respondeo com o consoante. E encontrando o Capitão ao Ouvidor lhe disse, » que se fosse tomar a menagem a D. Rodrigo de Menezes, pera que não sahisse da sua embarcação, » que D. Rodrigo lhe não quiz dar, nem deixar assinar no Termo,

que o Ouvidor disso fez , a Christovão de Sousa , e Antonio de Lacerda , que estavam presentes. Isto foi dizer o Ouvidor ao Capitão , que voltou logo , tomando huma espada , e huma rodela que lhe levava hum pagem , e chegou a Christovão de Sousa , e Antonio de Lacerda , e lhes fez assinar o Termo , e se foi á corocora de D. Rodrigo pera o prender , e elle se lhe poz armado a bordo , dizendo-lhe » que não entrasse no seu navio , que era tão bom Fidalgo como elle , e que o não quizesse enxovalhar ; » mas todavia remettendo Bernaldim de Sousa , lhe disse hum Affonso Figueira que com elle hia : » Tende-vos , Senhor , ide-vos armar , e fazei o que vos cumprir , e não vos aconteça hum desastre. » Bernaldim de Sousa se tornou á sua corocora a armar , e disse a Gabriel Rabello , que estava nella , que se fosse com huma corocora pôr em huma calheta do arrecife , e a Balthazar Veloso em outra , pera que D. Rodrigo se não pudesse sahir pera fóra.

D. Rodrigo de Menezes tanto que Bernaldim de Sousa voltou pera a sua corocora , se metteo em hum parão , e se foi sahindo do arrecife , e disse aos seus soldados que o seguissem na corocora. Balthazar Veloso vendo ir assim D. Rodrigo , bráudou pela lingua aos marinheiros , que se lançassem ao

ao mar, como fizeram, ficando D. Rodrigo de Menezes só no paráo. No mesmo tempo á revolta que havia, perguntou ElRey de Ternate que era? e dizendo-lhe que Dom Rodrigo de Menezes não queria obedecer ao Capitão, lançou-se a huma corocora, e poz ao remo filhos, e parentes, e foi remando com grande furia pera onde hia Dom Rodrigo de Menezes, dizendo: » Contra o » Capitão de ElRey meu Senhor? » e vendo que D. Rodrigo endireitava pera a terra, lhe brádou: » Ah Senhor D. Rodrigo, » mettei-vos aqui comigo, » e foi-lhe tomando a dianteira; porque receou que se fosse a terra, se passasse ao Rey de Tidore, e desmanchasse tudo o que estava feito, (porque tinha aquella tarde assentado com elle, que derribasse a fortaleza, do que Bernaldim de Sousa não tinha ainda recado.) Dom Rodrigo de Menezes vendo ElRey perto, mandou chegar a corocora, e se metteo com elle, e ao mesmo tempo chegou o Capitão; e receando alguma desventura, lhe brádou ElRey que não chegasse, que elle tomava D. Rodrigo sobre si. Bernaldim de Sousa se deteve, e tornou a voltar, e D. Rodrigo se foi metter na sua embarcação, sem fahir mais a terra.

ElRey de Ternate se tornou pera terra, e acabou com ElRey seu genro que se vis-

fe na praia com Bernaldim de Soufa , como fez a mesma tarde , indo com o Capitão , D. João Coutinho , e outros dous , ou tres Capitães. E chegando a terra o abraçou ElRey , e lhe prometteo de derribar a fortaleza , pois elle tinha nella pejo : o Capitão lhe fez grandes cumprimentos , e logo indireitando pera a fortaleza , o que ElRey quiz estorvar , porque receava que houvesse alguma revolta antre os sobrinhos , contra cuja vontade consentia no que o Capitão queria ; e assim o disse a Bernaldim de Soufa : mas elle parecendo-lhe que com aquella confiança os obrigaria , e seguraria , foi seu caminho sempre no meio de ambos os Reys , e subio assim da fortaleza , e avio , e notou , e logo se tornou a sahir , e com os Reys se assentou fóra , e alli concluíram as pazes de novo , e assentáram que ao outro dia fosse Balthazar Veloso derribar algumas pedras , em começo do concerto , e que ElRey a derribaria depois toda : com isto se despedíram com grandes cortezias , e cumprimentos.

Ao outro dia desembarcou o Capitão com ElRey de Ternate , e ElRey de Tidore os esperou na praia , e todos se assentáram á sombra de humas arvores. Dalli despedíram Cachil Munerai , irmão de ElRey de Tidore , e com elle Francisco Carvalho , e Ma-

noel Carvalho, mercadores que residiam em Tidore, pera que fossem dizer aos que estavam na fortaleza, que se não alvoraçassem com cousa alguma; e apôs elles mandou Balthazar Veloso com huma somma de pedreiros pera irem derribar algumas pedras da fortaleza. Cachil Munerai subio assima só, e tornou a descer mui apressado, dizendo, » que em cima estavam todos postos em armas, e que ameaçavam a quantos lá fuisse. » Com isto voltáram todos, e encontrando Balthazar Veloso lhe deram conta daquillo; e tornando-se pera o Capitão, lhe disseram o que víra Cachil Munerai. O Capitão enfadado, disse a Balthazar Veloso: » Se quer vós, credes isso? ora tornai lá, e mantem-vos. » Balthazar Veloso virou com muito animo, e entrou na fortaleza, que achou despejada, (porque tudo eram invenções de Cachil Munerai, pera ver se podia impedir aquelle negocio,) e pondo as mãos á obra, derribou do alto dos muros algumas pedras, e tornou-se pera o Capitão.

Feito isto, despedio-se Bernaldim de Sousa de ElRey, e se tornou pera Ternate, muito amigo com o Rey de Tidore, e Dom Rodrigo de Menezes se passou pera Talangame, por ser avisado que tratava o Capitão de o prender. Ao outro dia soube Ber-

naldim de Sousa que era ido, e por esta razão se embarcou em algumas corocoras, e se foi a Talangame, e do mar mandou o Ouvidor que fosse prender D. Rodrigo de Menezes; mas elle como se temia, vendo chegar aquellas corocoras, logo entendeu o que era, e se começou a pôr em armas com determinação de se defender, o que os amigos que com elle estavam lhe estorvaram, dizendo-lhe, » que se perderia de todo; antes se sahisse de casa pera hum mato que » alli estava perto, e que furtasse o corpo á » paixão do Capitão, porque pela ventura » logo lhe passaria.» Elle o fez assim, sahindo-se de casa á vista do Ouvidor, e de Balthazar Veloso, que dissimuláram. E chegando a sua casa, e não o achando se tornáram ao Capitão, que desembarcou, e se foi assentar á sua porta, e lhe mandou fazer inventario da fazenda que se lhe achou, e fez recolher os aparelhos da caravela, que alli se estava concertando, porque determinava de lha tirar. D. Rodrigo de Menezes foi avisado que o Capitão lhe devassava a sua casa; e havendo-o por grande affronta, quiz ir dar nelle, mas foi impedido pelos mesmos amigos, dizendo-lhe que tinha varada a sua caravela, e que não tinha onde se recolher, fazendo algum desfarranjo; com o que sobreesteve. Bernaldim de Sousa de-

pois que fez o inventario , e depositou o que achou , em mão de pessoa abonada , se tornou pera a fortaleza , e no caminho encontrou ElRey , que acudia por não haver algum desfaste , e voltou com o Capitão , que logo procedeo judicialmente com Dom Rodrigo de Menezes , e á sua reveria o sentenceou em alguns annos de degredo , o que fez apressadamente , porque esperava por Capitão.

E vindo a monção de se repartirem os galeões pera a India , se embarcou D. João Coutinho na entrada do mez de Fevereiro passado , e com elle D. Rodrigo de Menezes , e juntamente se fizeram á véla ; e a náó de que era Capitão Christovão de Sousa , Capitão daquellas viagens , que havia dous annos que estava alli esperando pela monção de cravo ; e assim a caravela , de que era Capitão Manoel Boto , que todos foram carregados , porque foi a novidade do cravo grande. Ficou Bernaldim de Sousa muito enfadado de lhe tardar recado da India , e despedio duas corocoras , em que hia Rafael Carvalho , pera que fosse a Banda a saber se havia algum recado da India , e elle ficou entendendo em derribar a fortaleza de Tidore , o que acabou com muito trabalho. Rafael Carvalho chegou a Amboino , e achou naquelle porto Genez Barreto na caravela

de Dom Garcia de Menezes, que D. Pedro da Silva da Gama, Capitão de Malaca, tinha despedido com provimentos, como atrás diffemos no Cap. IX. do Liv. IX., e voltou em companhia de Gemez Barreto.

Chegados a Ternate, festejou Bernaldim de Sousa muito as novas da vitoria, que D. Pedro da Silva da Gama houve dos inimigos; e vendo as cartas do Viso-Rey, soube por ellas como ElRey lhe tinha feito mercê da Capitania de Ormuz, em que logo entrava, escrevendo-lhe que se fosse, e entregasse a fortaleza a D. Garcia de Menezes; e vendo que faltava D. Garcia de Menezes, e que sem dúvida acharia em Malaca Francisco Lopes de Sousa seu primo, (que já o anno passado ficára no Reyno despachado com aquella Capitania pera se embarcar,) não quiz mais esperar alli, e entregou a fortaleza a Balthazar Velofo, velho de setenta annos, e casado com humia meia irmã de ElRey, e despedindo-se d'elle se embarcou em algumas corocoras, e se foi a Amboino, aonde ainda estavam os navios de Dom João Coutinho, e os mais que tinham partido de Ternate, e embarcou-se na caravela com Manoel Boto, onde esteve até ser monção, sem desembarcar em terra, por se não encontrar com D. Rodrigo de Menezes, porque se ficou temendo d'elle. Vindo a mon-

ção, se partíram todos pera Malaca, onde Bernaldim de Sousa achou já seu primo Francisco Lopes de Sousa, que hia entrar na Capitania de Maluco, que elle festejou muito, e em Malaca ficaram até a monção.

C A P I T U L O XXI.

Do que aconteceu ás náos que partíram pera o Reyno: e da desaventurada perdição do galeão S. João na costa da Cafraria.

PArtidas as náos de Cochim, foram seguindo sua viagem; e as quatro dellas posto que acháram temporaes, foram a Portugal: das outras duas, S. Jeronymo, de que era Capitão Lopo de Sousa, desappareceo no caminho, sem se saber, nem se suspeitar até hoje aonde. O galeão S. João, de que era Capitão Manoel de Sousa de Sepulveda, foi haver vista da terra do Cabo de Boa Esperança, em trinta e dous grãos, com vento bonança, e do longo delle foi correndo até o cabo das Agulhas, tão chegados á costa, que sempre foram com o prumo na mão. Aos doze dias de Março se acháram Nordeste Sudueste, com o Cabo de Boa Esperança, vinte e cinco leguas ao mar delle. O dia que elles cuidavam que passariam o Cabo á outra banda, se lhe mudou

o vento a Oeste, e a Oesnoroste, e começou-se a toldar o Ceo com tamanhas carancas, e fuzís, que logo mostráram sinacda ira de Deos. E como era perto da noite, e o vento vinha já carregando, foram arribando, porque não tinham mais vélas, que as que levavam envergadas, e ainda estas tão velhas, que isso foi causa de sua perdição; porque em as remediar, e cozer (pelas muitas vezes que se lhe rompêram) gastáram muito tempo, e perdêram muito caminho; e assim foram arribando com pouca véla, e tornáram a defandar cento e trinta leguas, até que o vento tornou a Nordeste tão furioso, que os fez outra vez voltar pera o Sul, com os mares que vinham do Ponente, e com os que o Levante vinha alevantando, ficáram tão cruzados, e soberbos, que o galeão com ser o maior navio que andava na carreira, os não podia sofrer, e pelos bordos ambos se hia alagando; e assim quasi perdidos, e com as bombas nas mãos foram correndo tres dias, vendo-se cada hora de todo perdidos, e alagados. No cabo do quarto lhe encalmou o vento, e ficou o mar tão grosso, e trabalhou o galeão tanto, que lhe quebráram tres machos do leme, em que entravam dous do pollegar, que são os mais necessarios, e que mais sustentam o leme; o que ninguem

foube fenão o carpinteiro , que por ordem do Mestre (que era hum Christovão Fernandes , velho muito honrado) o não disse a pessoa alguma , por não defacoraçoarem os homens.

Estando com este trabalho , tornou a faltar o vento a Leste , e tornando-lhe a virar a poppa , lançando-lhe o leme á banda , não lhe acudio a náó , antes foi aguçando de ló , e como o vento era rijo , levou-lhe o papafigo da verga grande , com o que acudiram os Officiaes tomar o da prôa , porque o não perdessem , e antes quizeram ficar de mar em través , que sem alguma véla. E em a tomando se atravessou o galeão , a que deram tres mares tão grossos , que com os balanços rebentáram todos os aparelhos , e costeiras do mastro grande da banda de bom-bordo , ficando-lhe só tres. E porque o mar os comia tropeava tanto , que não havia homem que se pudesse ter em pé pera acudir ás cousas necessarias ; assentáram que se cortasse o mastro , porque lhe abria o galeão , e assim o começaram a fazer , e em lhe dando as primeiras machadadas o víram arre-bentar por cima das polés das coroas ; e como se fora huma cousa muito leve , deo o vento com elle ao mar com todo aquelle pezo da gavea , e mastareo , e acudindo á enfarcia lha cortáram , porque com as pan-

cadas lhe não abrisse o galeão. Vendo-se sem
 mastro, no pedaço que ficou, armáram hum
 mastereo de huma entena, com suas arrea-
 taduras, e guarnecêram huma verga, e da
 véla velha com alguns pedaços de outras
 fizeram huma que envergáram, e deram a
 ella, mas o galeão por falta dos machos do
 leme não lhe quiz governar, e acudíram
 ás escotas, com que se ajudavam, e foram
 assim piedosamente correndo. O vento foi
 crescendo, e a náó foi mettendo de ló, até
 se pôr toda á corda, e o vento lhe tornou
 a levar a véla grande, e a da gavea, fican-
 do-lhe o galeão todo atravessado, com ta-
 manhos balanços, que perdeu de todo o le-
 me, ficando-lhes os machos mettidos nas fe-
 meas. E não bastando estes trabalhos, (por-
 que parecia que estava tudo conjurado con-
 tra elles,) começou o galeão a abrir algu-
 mas aguas com o que o porão se começou
 a encher.

E porque de todo se não perdessem, acu-
 díram ao mastro grande pera o cortarem,
 porque os não abrisse; mas tirou-os desse
 trabalho hum mar que lhe deo, que foi tal,
 que lho cortou pelos amborctes, como hum
 pepino, e deo com elle ao mar pela prôa,
 e da pancada que deo no goroupés, lho lan-
 çou fóra da carlinga, e lho metteo por den-
 tro na náó quasi todo; e assim ficaram sem

leme, sem mastro, e sem vélas, e o galeão lançado no bordo da terra, de que poderiam estar quinze até vinte leguas; e acudindo os Officiaes, e todos os mais com muita diligencia, repartidas as coulas começaram a fazer hum leme, e guarnecer huma entena pera mastro grande, e a fazer vélas das roupas dos mercadores, que levavam na náó, no que gastáram dez dias; e depois de tudo acabado mettêram o leme, e dando as vélas não quiz a náó governar, porque lhe ficou o leme estreito, e curto.

A este tempo houveram vista da terra, (porque naquelle dia que estiveram atravessados, os foram as correntes, e os ventos rolando pera ella;) era isto a dezoito de Junho. Vendo-se Manoel de Sousa de Sepulveda tão perto da terra, tomou parecer com os Officiaes sobre o que fariam, e assentáram que já não havia outro remedio senão vararem, e tratar de salvar as vidas, e que fossem assim até dez braças, onde surgiriam, e no batél se poria toda a gente em terra. Determinado isto, lançáram huma manchua ao mar, em que mandáram alguns marinheiros de recado, pera irem ver a terra, e notarem onde haveria bom desembarcadouro, o que elles fizeram, e a náó foi rolando pera a terra com quinze palmos de agua no porão. E indo assim menos de legua de ter-

ra, tornou a manchua, e differam os marinheiros, que defronte tinham huma formosa praia, onde só podiam desembarcar, porque tudo o mais eram rochias, e penedias asperissimas, e que não havia materia alguma de salvação. E como deixáram a praia marcada pela agulha, foram governando o melhor que pudéram pera ella, e chegaram até sete braças de fundo, onde surgiram, e logo botáram o batél ao mar, e botáram outra ancora a terra já com o vento mais bonança, e estariam della dous tiros de béstia. Manoel de Soufa de Sepulveda tomou conselho com todos sobre o que seria melhor, e assentáram que se puzessem em terra, e que se fortificassem, e que das cousas da não fizessem hum caravelão, em que se pudessem ir pera Cofala, ou Moçambique, ou mandarem recado pera os virem buscar; e que se puzesse cobro nas armas, e alguma roupa preta, que era o com que haviam de resgatar o que houvessem mister.

Assentado isto, puzeram em cima as armas, e todos os mantimentos, polvora, e roupas, e logo se embarcou Manoel de Soufa no batél com sua mulher, e filhos, e perto de trinta pessoas principaes, em que entravam Pantaleão de Sá, Tristão de Soufa, Amador de Soufa, Diogo Mendes Dourado de Setuval, Balthazar de Siqueira, e outros,

tros , e com algumas espingardas , e armas se puzeram em terra , e tornou o batel a desembarcar os mais , e o mesmo fez a manchua ; e assim fizeram tres , ou quatro caminhos , e em hum delles se alagou a manchua , e se affogáram alguns homens , em que entrou hum filho de Bernardo Rodrigues. O Mestre , e Piloto estiveram sempre na náó até se desembarcar tudo , e acertou de quebrar a amarra do mar , havendo já tres dias que estavam furtos , pelo que se embarcáram no batel já com tanto trabalho , por vir crescendo o vento , que chegou a terra feito pedaços , ficando na náó perto de quinhentas pessoas , em que entravam duzentos Portuguezes com o Contramestre , e Guardião.

Vendo-se os da náó sem batel , largáram a amarra do mar , e foram alando pela da terra , até assentar a náó no fundo ; e como deo nelle , logo se abriu em duas partes , e dahi a menos de huma hora se abriu toda , vindo toda a caixaria affima. Os da náó se lançáram ás caixas , e taboas , e das pancadas , e affogados morrêram quarenta Portuguezes , e seicenta escravos , e todos os mais foram a terra com muitas feridas dos páos , e pré-gos , e a náó em menos de duas horas se desfez toda de feição , que não foi a terra ter taboa , nem páo , que passasse de huma braça.

CAPITULO XXII.

Do que fez Manoel de Sousa de Sepulveda depois de estar em terra : e do que lhe aconteceu no caminho : e da muita piedosa , e lastimosa morte de sua mulher , e filhos : e de como elle se metteo pelo mato , onde desapareceo.

Postos todos em terra , vendo Manoel de Sousa perdidas as esperanças de poder fazer o caravelão , por não haver de que , porque o mar desiroçou a náó , como dissemos , assentou por conselho de todos irem buscar o rio de Lourenço Marques , onde todos os annos vinham navios de Moçambique ao resgate do marfim. E porque havia muitos feridos , e doentes , entranquillou-se pera esperar até todos saírem , porque alli tinham agua , e mantimentos que da náó salváram. E havendo tres dias que alli estavam , lhes apparecêram nove Cafres em cima de hum monte , onde estiveram duas horas , e se tornáram sem poderem haver falla delles. E parecendo bem a Manoel de Sousa , se fosse descobrir se havia alguma povoação perto , e se achavam alguns mantimentos , despedio a isso hum mulato marheiro com hum Cafre pera fallar a lingua. Estes andáram pela terra dous dias ,

fem acharem mais que humas cascas palhasas despovoadas, porque parece que os moradores dellas fugiram de medo dos nossos.

Depois disto lhes appareceram sete Cafres sobre aquelloutro, que traziam huma vacca preza; e acenando os nossos, descêram abaixo, e Manoel de Sousa se apartou com quatro homens pera lhes ir fallar, e para os segurar, como fez, de feição, que os trouxe até o arraial; e mostrando-lhes prégos, folgaram de os ver; e pondo-se a preço com a vacca, appareceram no outro outros cinco Cafres, que fallaram a estes pela lingua; e em os estes ouvindo, largando tudo, e tomando a sua vacca, se foram recolhendo.

Manoel de Sousa de Sepulveda, posto que tinha necessidade, a deixou levar, porque os não quiz escandalizar. Alli estiveram dez dias, em que a gente convaleceo; e vendo-os Manoel de Sousa saos, e em estado que podiam caminhar, lhes fez huma breve exhortação, em que os animou aos trabalhos, lembrando-lhes a mercê que Deos lhes fizera em os não affogar no mar, e que elle que os puzera em terra, teria cuidado delles; pedindo-lhes muito a todos que o não desamparassem, nem deixassem só, posto que elle não pudesse caminhar tanto por causa de sua mulher, e filhos: o que todos lhe promettêram, e assentáram, que cami-

nhassem sempre de longo da praia, porque era melhor caminho; e assim se começaram a pôr na ordem seguinte.

Manoel de Sousa de Sepulveda com sua mulher, e filhos, e oitenta Portuguezes, e cem escravos na vanguarda, e na dianteira delle o Mestre, e Piloto, com todos os homens do mar, com huma bandeira, e hum Crucifixo erguido. Na retaguarda Pantaleão de Sá, com todos os mais Portuguezes, e escravos, que seriam perto de duzentas pessoas. Nesta ordem se apartaram daquelle lugar em que deram, que estava em trinta e hum grãos do Sul aos sete dias de Julho. E começaram a caminhar, indo D. Leonor em hum andor ás costas dos Cafres, e andaram todo aquelle mez com muito trabalho, que em todos aquelles dias não comêram mais que arroz, e algumas frutas do mato, que acharem cousas que resgatar, e hiam tão fracos, que de não poderem andar ficaram por esses matos dez, ou doze pessoas; e no fim deste mez não tinham andado pela costa mais que trinta leguas, (passando de cento as que rodeáram, por causa dos rios, e de outros inconvenientes.) Este dia deram rebate a Manoel de Sousa de Sepulveda, que lhe ficava atrás perto de meia legua hum filho seu bastardo, de idade de dez annos, que caminhava ás costas de hum Cafre, que assim el-

le, como o menino cahíam no chão de fra-
cos da fome. Manoel de Sousa de Sepulve-
da se deteve, e prometteo quinhentos cru-
zados a quem lho fosse buscar, o que nin-
guem quiz fazer por ser já noite, e haverem
medo das alimarias bravas, que por todo
aquelle caminho acháram. Isto sentio aquel-
le Fidalgo tanto, que esteve pera endoude-
cer; e encommendando-o a Deos, foi seguin-
do seu caminho, aonde tambem lhe ficou
Antonio de Sampaio, sobrinho de Lopo Vaz
de Sampaio, e cinco, ou seis Portuguezes
outros, e alguns escravos; e assim todos os
dias daqui por diante lhe ficavam duas, e
tres pessoas de não poderem comfigo, que
logo eram comidas dos tigres; e pera ficar
se apartavam dos que caminhavam com tão
grandes lastimas, que não havia coração;
que se não internecesse, e que não sentisse
mais aquillo, que os trabalhos em que to-
dos se viam, que eram bem grandes.

Neste caminho pelejáram algumas vezes
com Cafres, que sahíram aos saltar, a quem
sempre fizeram affastar bem escandalizados;
e em hum assalto que foi apertado, matáram
com huma azagaia Diogo Mendes Doura-
do, que sempre nas brigas se apresentava di-
ante de todos, fazendo maravilhas. E como
a fortuna nunca começa por pouco, não fal-
tou genero de tormento que estes perdidos

não passassem; porque quando achavam frutas nos matos, ou caranguejos, e peixe nas praias que o mar lançava fóra, que elles comiam por banquete, faltava-lhes a agua, que he mal sem reparo; e acontecco vender-lhe hum quartilho della por dez cruzados. E porque a cubiça dos homens até no extremo não deixa de fazer seu officio, não faltáram alguns que se mettiam pelo certão arriscados a todo o perigo a buscar agua pera venderem, e assim em hum caldeirão, que levava quatro canadas, (porque não levavam outra vazilha maior,) faziam cem cruzados; e Manoel de Souza de Sepulveda lho comprava, e por sua mão repartia a agua igualmente, não tomando pera si mais, antes da sua razão partia com dous filhinhos de peito, que lhes levavam escravos, e escravas.

E porque nunca faltassem aventureiros que fossem buscar esta agua, não lhes punha preço, senão o que elles queriam. Desta maneira, e com estes trabalhos, e outros (que nossa historia não soffre particularizar) caminháram dous mezes e meio, até se metterem pelo certão, porque totalmente pelo caminho da praia lhes hia faltando tudo, e chegou o extremo a comerem alimarias que achavam mortas pelos matos, e houve pessoas que se sustentáram com pós de ossos torrados, de que faziam algum bolo, e al-

gumas papas. E chegou a coufa a se comprar huma pelle de cabra feca por quinze cruzados, que se lançou de molho, e se comeo.

No cabo de tres mezes chegarãrã á terra de hum Rey, chamado Oinhaca, que vivia já perto do rio do Espirito Santo, que era hum homem grande, bem affombrado, velho, com huma veneranda barba toda branca, e por ter algum parecer com o Governador Garcia de Sá, lhe puzeram o seu nome Lourenço Marques, e Antonio Caldeira, que foram os primeiros Portuguezes que por aquella paragem andáram; e assim era homem de muita boa condição, e amigo dos Portuguezes. Este Rey sabendo dos que vinham perdidos, os foi buscar, e agazalhou na sua povoação; e sabendo a determinação de Manoel de Sousa de Sepulveda, que era passar ávante, lhe pediu que o não fizesse, e se deixasse ficar até vir o navio do resgate de Moçambique, onde se poderia ir, e que entre tanto lhe daria tudo o que na sua terra houvesse, e que não tratasse doutra coufa, porque se passasse dali, havia de ser roubado, e maltratado de hum Rey que vivia adiante, chamado Ofumo, que era máo homem. Manoel de Sousa lhe agradeceo o conselho; mas disse-lhe, que forçado havia de passar, porque se não atrevia a esperar alli hum anno.

Vendo ElRey sua determinação, lhe pediu se detivesse alli alguns dias, e que lhe dêsse alguma gente pera irem com alguns Capitães seus a darem em hum visinho que lhe fazia guerra. Manoel de Soufa de Sepulveda lhe disse, que o faria pelo servir, e pediu a Pantaleão de Sá que fosse naquella jornada, e lhe deo vinte homens. Foram estes longe em companhia dos Cafres, e deram na povoação do inimigo, e lha queimaram, e destruíram, e tomáram todo o gado, com que se recolhêram. Isto estimou muito aquelle Rey, e partio com os nossos das prezas: nisto se detiveram cinco dias; e passados elles, se despediram do Rey, que os foi acompanhando, e foram caminhando com determinação de rodearem a barra de Lourenço Marques, e passarem os rios por cima, o que foi sua perdição. Aquelle dia chegaram a hum rio, que se chamava Belygannc, que entra na barra de Lourenço Marques, aonde entram outros tres chamados Anzate, Ofumo, e Manhiça, como melhor se verá na descripção que fazemos de toda esta Cafraria na decima Decada.

Chegados os nossos áquelle rio, pediram a ElRey que lhes mandasse dar algumas almadias que alli havia, o que elle fez, e Manoel de Soufa lhe pediu que se fosse, e que os deixasse passar á sua vontade. Os nossos

passáram á outra banda, e foram caminhandoo cinco dias, em que andáram vinte leguas, até chegarem ao rio de Anzate já de noite, e se agazalháram em hum areal, onde não havia agua, e aquella noite se houverão de perder de sede, ao que acudio Manoel de Sousa de Sepulveda, e mandou buscar agua que lhe ficava atrás hum bom espaço, e por caldeirão della que lhe trouxeram deo cem cruzados. Ao outro dia lhe chegáram tres almadiás que vinham da outra banda, e os negros dellas disseram, que havia poucos dias que dalli partíra o navio de resgate pera Moçambique. Nestas almadiás passáram os nossos pera a outra banda, e já Manoel de Sousa hia tão maltratado do miolo, das vigias, e trabalhos, que indo na almadiá com sua mulher, e filhos, lhe deo huma mania, e arrancou pera os Cafres que remavam, dizendo: » Ah perros, aonde me le- » vais? » Os negros com o medo se lançáram ao mar, e Dona Leonor se lançou com elle, dizendo-lhe: » Tá, Senhor, que he isto? este he o vosso siso, e prudencia? » Manoel de Sousa de Sepulveda tornou sobre si, e quietou-se.

He muito pera considerar, que não sei que espirito lhe dizia, que o levavam a parte, em que havia de ver morrer sua mulher, e filhos ao desamparo, e que esperava por

elle o mais desaventurado, e miseravel genero de morte que se podia imaginar. Passados á outra banda, achou-se Manoel de Sousa de Sepulveda muito mal do miolo, e da cabeça, a que lhe acudiram com toa-lhas quentes, que sua mulher lhe punha com muitas lagrimas; porque mais a cortou ver seu marido daquella maneira, que todos os trabalhos que até então tinha passado.

Pósto da outra banda, foram caminhando guiados de alguns Cafres da terra, que se offerecêram aos levar onde estava o seu Rey. Já neste tempo não havia mais de cento e vinte pessoas, e Dona Leonor tão formosa, tão mimosa, e delicada, caminhava a pé descalça, ajudando a levar os filhos, ora ella, ora algumas escravas que ainda lhe ficáram, com tanto soffrimento, e com tanta prudencia, que ella era a que consolava, e animava a todos, sendo com elles igual nos trabalhos das fomes, das sedes, e dos cansaços. Desta maneira chegaram á terra do Rey, que se chamava Ofumo; e antes de entrarem na sua povoação acháram hum recado seu, em que lhes mandava » que se » agazalhassem fóra ao pé de humas arvores » que lhes mostráram, e que alli lhes dariam » tudo o de que tivessem necessidade; » e assim se agazalháram todos naquelle lugar, aonde lhes começaram a correr mantimen-

tos, que lhes refgatavam por pregos; e alli se detiveram cinco dias: e como Manoel de Sousa hia com melancolias, e quasi alienado, já se não governavam por elle, sem embargo de sempre lhe darem razão de tudo. Elle, a quem já os trabalhos levavam em estado, que não estava pera mais, determinou de não passar dalli, e esperar até vir o navio do trato; e pera isso se foi ver com o Rey, e lhe pediu »lhes mandasse »dar casas pera se aposentarem na sua povoação:» ElRey lhes disse que sim, »mas »que toda aquella gente não podia estar »alli junta, por causa dos poucos mantimentos que havia na terra; que ficasse elle na »aldêa com as pessoas que quizesse, e que »todos os mais se partissem pelos lugares »vizinhos, aonde lhes mandaria dar casas, »e mantimentos; mas que era necessario (pera os seus se fiarem delles, onde quer que »estivessem, pera que não cuidassem que »eram ladrões) mandar-lhe entregar todas »as armas, e que elle as mandaria guardar »em huma casa pera lhas tornarem a entregar, quando viesse o navio de Moçambique. » Manoel de Sousa lhe respondeo que o faria, (porque o tinha por amigo dos Portuguezes, pois com elles tinha commercio;) e ajuntando os seus, lhes disse:

» Que elle já não podia continuar mais

» os trabalhos do caminho , por causa de
 » sua mulher , e filhos , que pois elle estava
 » em parte aonde todos os annos vinha na-
 » vio de Moçambique , mais seguro lhe era
 » esperar alli por elle , que tornar a novos
 » trabalhos , pera que já sua mulher não es-
 » tava ; que elle estava resolutto em se dei-
 » xar ficar alli ; e se Deos fosse servido , e
 » tivesse determinado que acabasse alli com
 » toda sua familia , que elle era muito con-
 » tente : e que os que quizessem passar adian-
 » te , o podiam fazer ; e que lhes pedia , que
 » se Deos os levasse a terra de Portuguezes ,
 » trabalhassem porque lhe mandassem logo al-
 » guma embarcação em que se fosse ; e que
 » os que quizessem ficar com elle , o podiam
 » fazer ; mas que era necessario entregarem
 » as armas a ElRey pera se segurar delles ;
 » porque já que se mettiã em seu poder ,
 » era necessario mostrarem-lhe confiança , ao
 » menos pera que os seus não cuidassem que
 » lhe podiam fazer mal os nossos , e que af-
 » sim remediavam tanta desáventura , quan-
 » ta lhes estava pela prôa , se quizessem pas-
 » sar dalli . »

Alguns foram de parecer que se entre-
 gassem as armas , mas outros não , e destes
 foi Dona Leonor , que disse a seu marido ,
 » que nas armas estava todo o seu remedio ,
 » que lhe pedia por amor de Deos que tal

« não fizesse. » Mas como Manoel de Sousa de Sepulveda não hia já em si, tomou as armas, em que entravam quatro espingardas, e as entregou ao Rey, do que elle teve pouca culpa, porque já não sabia o que fazia, e toda foi dos que lhe consentiram entregallas. Repartio El Rey os Portuguezes pelos seus Ancofes, que são como Capitães das povoações, pera que os levassem consigo, ficando Manoel de Sousa de Sepulveda com sua mulher, e filhos, e perto de vinte pessoas na povoação do Rey. Os Ancofes tanto que lhes entregaram os Portuguezes sem armas, antes de chegarem a suas povoações, os despiram, e roubaram sem lhes deixarem cousa alguma, e sobre isso lhes deram muita infinita pancada, e os lançaram fóra das aldêas. Tanto que os mais Portuguezes se apartaram, logo o Rey fez o mesmo a Manoel de Sousa de Sepulveda, (porque esta foi sua tenção de lhe tirar as armas,) e lhes tomou tudo o que levavam: que se afirma, que só naquella companhia havia mais de cem mil cruzados de pedraria, e joias; e não lhes tocando nas pessoas, lhes disse: « Que se fossem logo fóra de sua povoação, que lhes não queria fazer mais mal. » (Isto acabou de endoudecer Manoel de Sousa de Sepulveda, em que sua mulher trazia os olhos;) e tomando-o pela mão, lhe

disse » que se fosse logo fóra da sua povoação, porque aquillo eram castigos de Deos, » e que fosse elle louvado com tudo; » e tomando hum dos filhinhos no collo, dando o outro ás escravas, começou a caminhar pera fóra, levando o marido pela mão, com tanto soffrimento, e paciencia que espantou a todos. Hia com elle Duarte Fernandes, Contramestre do galeão, com os mais que com elle ficáram na aldêa, e o Piloto André Vaz, que nunca os quiz deixar. Os outros roubados, e espancados, em que entrava Pantaleão de Sá, e os mais Fidalgos, e Cavalleiros, depois de lançados fóra das aldêas, tornáram-se a ajuntar a paragens, e assim fizeram hum corpo de noventa pessoas; mas como hiam sem armas, e sem cousa alguma, com que pudessem resgatar o que haviam de comer, e sobre tudo já tão fracos, e debilitados do caminho, que escassamente podiam consigo; aborrecidos da vida, se foram mettendo por esses matos, tomando desvairados caminhos, comendo das frutas bravas, e raizes das hervas, fazendo conta com Deos, e com suas almas, como homens que hiam em estado, que cada dia ficavam por esses caminhos mortos de fome.

Manoel de Sousa de Sepulveda com os da sua companhia foi seguindo o caminho do rio de Manheça, com determinação de

se deixarem ficar nelle ; se aquelle Rey lho consentisse ; e indo assim , tornáram os Cafres dar nelles , e isso que ficou sobre os corpos foi roubado , deixando-os nús ; e Dona Leonor , quando os Cafres a quizeram despir , o não quiz consentir , antes ás bofetadas , e ás dentadas como leoa magoada se defendia , porque antes queria que a matassem , que despirem-na. Manoel de Sousa de Sepulveda vendo sua amada esposa naquelle estado , e os filhinhos no chão chorando , parece que a mágoa , e dor lhe re-fuscitou o entendimento , (como acontece á candea que se quer apagar , dar antes disso maior claridade ,) e tornando sobre si mais algum tanto , se chegou á mulher ; e tomando-a sobre seus braços , lhe disse : » Senhora , deixai-vos despir , e lembre-vos que todos nascemos nús ; e pois disto he Deos servido , sede vós contente , que elle haverá por bem , que seja isto em penitencia de nossos peccados ; » com isto se deixou despir , não lhe deixando aquelles brutos deshumanos cousa alguma com que se pudesse cubrir. Vendo-se ella núa , assentou-se no chão , e espalhou os seus formosissimos , e compridos cabellos por diante , com o rosto todo baixo , porque a pudessem cubrir , e assim com as mãos fez huma cova na arêa , onde se metteo até á cinta , sem mais se que-

rer alevantar dalli. Os homens da companhia vendo Dona Leonor, foram-se affastando de mágoa, e vergonha. Vendo ella a André Vaz o Piloto que virava as costas pera se ir, chamou por elle, e lhe disse:

» Bem vedes, Piloto, como estamos, e que
 » já não podemos passar daqui, onde pare-
 » ce tem Deos ordenado que eu, e meus fi-
 » lhos acabemos por meus peccados, hi-vos
 » muito embora, fazei por vos salvar, e en-
 » commendai-nos a Deos; e se fordes á In-
 » dia, e a Portugal em algum tempo, di-
 » zei como nos deixastes a Manoel de Sou-
 » sa, e a mim com meus filhos.» André Vaz
 internecido de mágoa daquelle piedoso es-
 pectaculo, virou as costas, sem responder
 nada, mas todo banhado em lagrimas, e
 foi continuando seu caminho após os ou-
 tros, que hiam já diante. Manoel de Sou-
 sa com todos aquelles infortunios, e mágoas
 não se esqueceo da necessidade da mulher,
 e dos tenros meninos que estavam choran-
 do com fome; foi-se aos matos a buscar al-
 guma cousa pera lhes dar, e quando tornou
 com algumas frutas bravas, achou já hum
 dos meninos morto, e Dona Leonor como
 pasmada com os olhos nelle, e com o ou-
 tro no collo. Elle pondo os olhos fitos nel-
 la, e no menino morto, ficou assim hum pe-
 queno espaço sem fallar **N** cousa alguma: pas-
 ia-

fado elle fez huma cova na arêa, e por sua mão o enterrou, lançando-lhe a derradeira benção.

Feito isto, tornou-se ao mato a buscar mais frutas pera a mulher, e pera o outro menino, e quando tornou achou ambos fallecidos, e cinco escravas suas sobre os corpos com grandes gritos, e prantos: vendo Manoel de Sousa de Sepulveda aquella desaventura, apartou dalli as escravas, e assentou-se perto da mulher, com o rosto sobre huma mão, e os olhos nella, e assim esteve espaço de meia hora, sem chorar, nem dizer palavra. Passado aquelle termo, levantou-se, e começou a fazer huma cova com ajuda das escravas, (sempre sem fallar cousa alguma,) e tomando a mulher nos braços, chegando o seu rosto ao della hum pouco, a deitou na cova com o filho; e depois de a cubrir, sem dizer cousa alguma ás moças, se tornou a metter pelo mato, onde desappareceo, sem mais se saber delle, e sempre se presumio que os tigres o comeram.

As escravas tanto que se elle apartou, tomáram seu caminho com grande pressa até encontrarem a outra companhia do Piloto, e destas passáram á India tres, que contáram a morte de Dona Leonor, e filhos, porque só ellas a víram. Era isto no mez de



Agosto , em que havia seis mezes que haviam partido. Os da companhia que hiam diante com Pantaleão de Sá , e da de Manoel de Soufa de Sepulveda , que seguíram o Piloto André Vaz , se foram mettendo por esse certão , por onde morrêram de fome , e com tantos trabalhos , que só oito Portuguezes escapáram , em que entravam Pantaleão de Sá , Tristão de Soufa , Balthazar de Siqueira , Manoel de Castro , feitor da náó , e o Piloto André Vaz , e quatorze escravos , que deram com os Cafres mais domesticos , que lhes davam alguma pouquidade , principalmente a Pantaleão de Sá , que se fingio chocarreiro , e chegava ás portas dos Cafres balhando , e fazendo momos , e todos lhe davam por isso algum milho. E andando espalhados pelas aldêas , sem esperança de poderem ir á India , quiz Deos que fosse hum pangaio , (em que hia hum parente de Diogo de Mesquita , que estava por Capitão em Moçambique) ao cabo das correntes ao rio de Juhambane a resgatar marfim , e dos Cafres que vinham do certão ao resgate , souberam como pela terra dentro andavam Portuguezes perdidos ; pelo que o Capitão do pangaio mandou algumas pessoas de recado com contas , e outras cousas pera os ir resgatar se estivessem cativos.

Estes homens foram dar com elles , e

foi o seu alvoroço tamanho, de verem homens conhecidos, e de saberem que tinham navio perto, que de prazer perdêram a memoria de todos os trabalhos passados, e assim se foram pera onde estava o pangaio, resgatando pelos caminhos todas as cousas de que tinham necessidade abastadamente. Chegando a Juhambane foram muito festejados do Capitão do pangaio, (que nos parece que era hum foão Salgado,) que os agasalhou, vestio, e curou muito bem, dando-lhes tudo o de que tinham necessidade: dali os levou a Moçambique, aonde chegaram a vinte e cinco de Maio de cincoenta e tres.

O Capitão Diogo de Mesquita os foi buscar á praia, e levou consigo Pantaleão de Sá, e Tristão de Sousa; e os mais repartio por casas de casados ricos, onde lhes deram todo o necessario, e Dona Luiza mulher de Diogo de Mesquita curou muito bem os seus hospedes, como se foram seus irmãos; e dando-lhes Diogo de Mesquita todo o dinheiro que quizeram, se partiram pera a India. Depois correo o tempo de feição, que por morte de Diogo de Mesquita veio Pantaleão de Sá a casar com sua mulher, e assim esteve duas vezes por Capitão de Moçambique.



DECADA SEXTA.

LIVRO X.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como o Turco mandou huma Armada de vinte e cinco galés, de que era General Pirbec, pera Baçorá: e do que aconteceu a algumas galés com os nossos navios naquella Estreito.

TANTO que o Turco soube que a Armada Portugueza, em que D. Antão de Noronha foi, (como dissemos no Cap. IV. do IX. Liv.) entrou naquella Estreito de Baçorá, pera favorecer os Arabios, e Gizares, e que sem dúvida lhe tomára aquella Cidade, se não fora o ardil de que o Baxá usou, receando-se que viesse a perder aquella fortaleza, e que os Portuguezes mettessem pé nella, o que seria em descredito,

e detrimento de seu Estado , e sobre tudo ficaria perdendo as esperanças de se fazer Senhor de todo aquelle Estreito Persico , porque lhe ficariam fechando aquella garganta do rio Eufrates , por onde suas Armadas forçado haviam de sahir pera fóra ,) determinou de prover nisso , e segurar aquella fortaleza , e mandou com muita pressa negociar vinte e cinco galés das que estavam em Suez , e elegeo pera Capitão , e General desta jornada Pirbec , hum grande coflairo , homem muito determinado , e lhe deo por regimento , que fizesse em Alexandria , e outros portos mil e duzentos homens , e que se mettesse nas galés , e se fosse a Baçorá , onde acharia regimento do que havia de fazer ; e que por nenhum caso tomasse Mascate , nem Ormuz , nem tocasse em cousa alguma dos Portuguezes , e que trabalhasse muito por passar a Baçorá , sem ser visto delles.

Despedido Pirbec se passou a Suez , e gastou todo este inverno passado em reformar as galés , e em as apparellhar. O Turco tanto que o despedio , mandou humia instrução ao Baxá de Baçorá , em que lhe mandava , que tivesse prestes quinze mil homens , e muitas terradas , e em outras embarcações , e que como Pirbec chegasse com as galés , fosse pôr cerco á fortaleza de Or-

muç, e não se levantasse della sem a tomar. Pirbec tanto que teve as galés negociadas as poz no mar pera partir em Julho. Estas novas corrêram logo pelo Estreito, e chegáram a Ormuz já em Maio, tempo em que não podiam avisar o Viso-Rey, nem se sabia mais certeza, que aquillo que andava geralmente na boca dos estrangeiros. Pelo que querendo-se D. Alvaro de Noronha, Capitão daquella fortaleza, certificar da verdade, despedio hum navio ligeiro, de que fez Capitão Fernão Dias Cesar, soldado velho, e muito bom cavalleiro, (que já andava em trajos de mercador, e tinha de seu porto de vinte mil cruzados,) e deo-lhe por regimento, que se fosse á costa de Xael, e que esperasse os navios que haviam de vir de Meca pera Caxém, Camphar, e todos os mais portos, e que soubesse a certeza das galés, e quantas eram, e se sabiam pera onde se negociavam.

Partido Fernão Dias Cesar, foi-se pôr naquella paragem, e houve falla de algumas embarcações, e lhe affirmáram ficarem vinte e cinco galés em Suez já no mar, e que corria fama geralmente que se hiam metter em Baçorá. Com estas novas se recolheu em Julho, e as deo a D. Alvaro de Noronha. E sabendo a certeza, mandou logo recolher todos os mantimentos, ^{N.S.} agua, e

lenha, madeira, taboado, e outras muitas cousas pera dentro da fortaleza. E despedio logo dous navios ligeiros, em que mandou Simão da Costa, e Miguel Colaço, e lhes deo pór regimento, que se fossem pôr no cabo de Rosalgate, até que se acabasse o mez de Agosto, que era a monção em que vem de Meca pera aquelle Estreito; e que havendo vista das galés, sendo mais de vinte, Simão da Costa se fizesse na volta da India, e fosse dar as novas ao Viso-Rey, e que Miguel Colaço voltasse pera Ormuz, e fosse dando aviso a todas aquellas povoações de Coriate, Calayate, Mascate, e outras pera estarem negociadas, e sobre aviso.

Partidos estes navios, se foram pôr no cabo de Rosalgate, aonde se deixáram estar com grande vigia. E sendo na entrada de Agosto, houveram vista de cinco galés, que Pirbec tinha mandado diante, em que vinha hum seu filho, que vinha descobrindo se havia na boca do Estreito alguns navios Portuguezes. Simão da Costa tanto que vio as vélas, e se affirmou serem galés, se foi sahindo pera o mar, pera descobrir se havia mais que aquellas; e não vendo mais, tornou-se pera dentro, porque não pode soffrer o vento Ponente, que era muito rijo. Miguel Colaço tanto que vio as galés, vol-

tou de longo da costa , e foi dando aviso a todas as povoações.

Estava em Maícate por Capitão hum João de Lisboa, que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha tinha mandado alli fazer hum forte, por lho mandar ElRey assim no seu regimento, por segurar os Portuguezes, que sempre estavam naquella povoação. Este João de Lisboa tinha começado este forte na cabeça da serra de Bacalá, que fica sobre a barra, e havia tres mezes que trabalhava nelle, e o tinha ainda imperfeito. Tanto que lhe deram as novas das galés, logo embarcou sua mulher em huma terrada, e outras de Portuguezes que alli havia, e mandou com ellas Bartholomeu Dias de Moraes, e Apollinario Mendes por velhos, pera que se fossem pera Ormuz; e João de Lisboa com sessenta Portuguezes que alli havia, se recolheo assim ao forte, e metteo dentro todos os mantimentos, lenha, agua, e munições que tinha, e fortificou-se o melhor que pode. O filho de Pirbec no tempo que Simão da Costa voltou pera a terra, houve vista delle; e mettendo o bastardo, o foi seguin-do; e como o vento era rijo, e os mares grandes, e a fusta pequena, hia-se afogando de feição, que chegou a galé do filho de Pirbec a ella, e por desejar de tomar a todos vivos, não quiz metter a fusta

no fundo , e se foi desviando de maneira , que lhe ficou debaixo dos remos. E havendo-se todos por perdidos , o bombardeiro , e hum soldado que hiam de prôa , lançáram as mãos aos remos pera se salvarem na galé , porque antes queriam ficar cativos que affogarem-se. Simão da Costa , que era homem muito esperto , não descorçoou , antes encommendando-se a nossa Senhora do Rosario , vendo que a galé se hia desviando da fusta , e que lhe hia ficando a gilavento , esforçando os marinheiros , foi preparando a véla , que lhe ficou abatida , e mettendo de ló tudo o que pode , foi deixando a galé a balravento , ficando-lhe dependurados nos remos o soldado , e o bombardeiro , que os Turcos recolhêram.

Vendo o filho de Pirbec que por seu descuido se lhe hia aquella fusta , que bolinava mais que elle , a foi seguindo , atirando-lhe bombardadas. Simão da Costa foi animando os marinheiros , deitando-lhes dinheiro na coxia pera mais os obrigar , e foi forçando a véla da fusta tudo o que pode , tirando pera balravento , de feição , que conhecidamente lhe ficava já a galé , que sempre o perseguio até anoitecer , que perdeu a fusta da vista. Simão da Costa vendo-se desapressado , tanto que escureceo , mudou o rumo , e se foi passando á costa de Persia,

e de longo della foi tomar Ormuz, onde deo as novas das sinco galés, que causáram tamanho alvoroço em todos, que se começou a despejar a Cidade: a gente miuda pera a banda do Magostão, e a principal, e mais rica pera a Ilha de Queixome, que está perto de Ormuz. ElRey, e Guazil se recolhêram pera a fortaleza com suas mulheres, e riquezas, e D. Alvaro de Noronha Capitão della se recolheo dentro com todos os Portuguezes, e se começou a fortificar o melhor que pode. E fazendo alardo de toda a gente, achou perto de novecentos homens, porque estavam mais de trezentos da não Caranja do Reyno, de que era Capitão Ayres Moniz, que foi tomar Ormuz por não ter tempo pera passar á India, como temos dito atrás no Cap. XVI. do IX. Liv. Antre toda esta gente tinha D. Alvaro de Noronha na fortaleza mais de mil espingardas, e muitas munições, e armas.

CAPITULO II.

De como Pirbec passou pera Mascate: e como o Feitor de Calayate partio com recado pera Goa: e de como os Turcos desembarcaram em Mascate: e do cerco que puzeram á fortaleza: e de como os de dentro se lhe entregaram a partido.

TAnto que o filho de Pirbec perdeu Simão da Costa de vista, tornou a voltar, e quando amanhecco achou-se á vista da outra costa de Arabia avante de Mascate; pelo que lhe foi forçado tornar em busca do pai, como fez. E quiz a desaventura, que tanto ávante como o lugar de Alfação, encontrasse a terrada em que vinham as mulheres de João de Lisboa, e as outras, e tomando-as comfigo, a Bartholomeu Dias, e a Apollinario Mendes, mandou metter a banco da sua galé, e com esta preza chegou a Mascate, onde já achou seu pai; porque Pirbec como vinha muito atrás com a Armada toda, quando entrou o Estreito não achou novas das galés em que tinha mandado o filho, nem sabia o que lhe tinha acontecido com as nossas fustas; e parecendo-lhe que o acharia em Mascate, foi de longo da costa pera o buscar, e passando por Calayate, onde estava hum Estevão Gomes por Fei-

tor , tanto que vio passar as galés , como era muito determinado , e valente homem , se metteo em hum tarranquim muito pequeno , e deo á véla pera ir avisar ao Viso-Rey , e de sua jornada adiante daremos razão.

Pirbec tanto que achou o filho , alvorçado com a preza , entrou pela barra de Mascate dentro ; e sem embargo de saber como os Portuguezes estavam fortificados , desembarcou em terra sem achar resistencia , e saqueou a povoação , que estava despejada , aonde ainda achou muitas fazendas , que se não pudéram recolher. E deseioso de levar os Portuguezes ao Turco de presente , tratou de os cercar , e haver ás mãos , pera o que mandou desembarcar algumas peças de artilheria , e querendo-as passar assim , não pudéram levar mais que hum cão , por ser o caminho tão ingreme , que com muito trabalho subiam por elle os homens. Subida esta peça assim , se poz elle com todos os Turcos em cima de hum tezo , que ficava padrao ao forte , e alli se fortificou , e plantou seus bestiaes , e se cercou de vallos , e tranqueiras muito fortes. Dalli começou a dar sua bateria , e accommetter os nossos por muitos assaltos ; e como o forte ficava muito descuberto ás suas estancias , mettiam-lhes dentro todos os pelouros , com que lhe feriam muitos ; mas tambem os nossos os es-

can-

candalizavam mui bem. Durou isto dezoito dias continuos, em que os Portuguezes se defendêram com muito valor; mas como não estavam muito providos, nem cuidáram que os Turcos se detivessem alli tanto tempo, começou-lhes a faltar a agua, e mantimentos, e esses poucos que havia se hiam repartindo com grande provisão, porque lhes abrangesse mais alguns dias. O Pirbec vendo os Portuguezes tão determinados, defenganado de os entrar por força, e que o tempo se lhe hia gastando, determinou de os apalpar com os partidos que quizessem, e assim lhes mandou bradar por hum João da Barca Portuguez arrenegado, que trazia comfigo. E vindo á falla com os de dentro, lhes disse: » Que Pirbec mandava dizer ao Capitão, que se lhe désse licença mandaria fallar com elle hum homem sobre cousas que importavam muito. » O João de Lisboa tomando parecer com todos sobre o que faria, assentou-se que se ouvisse; e dando-lhe recado, foi o mesmo João da Barca, e disse ao Capitão: » Que o Baxá lhe pedia que não quizesse ir por diante com sua teima, que bem sabia as necessidades em que estavam; que se entregassem a elle, que lhes daria as vidas a todos, e embarcações pera se passarem á India. » Com isto lhe disse mais o arrenegado João da Barca

muitas cousas das grandezas, e liberalidades de Pirbec, affirmando-lhe que lhe havia de cumprir o que lhe promettia, e que se não quizesse acceitar seus partidos, soubesse em certo, que se não havia de alevantar de sobre aquelle forte sem o entrar, e que não havia de dar a vida a hum só.

Depois do Capitão o ouvir o mandou deter, e poz em conselho aquelle negocio, apontando as difficuldades que havia, e a falta de tudo. E debatido antre todos, assentáram » que fosse o Capitão João de Lisboa com hum Padre da Companhia que » alli estava a se verem com Pirbec, e a concluir com elle os partidos; e que o que » elles concluíssem, elles o haviam por feito.» Com isto se foram ambos em companhia do arrenegado João da Barca ao Baxá, que os recebeo mui bem. E assentados todos, mostrando-lhes o Baxá grande benevolencia, lhes disse: » Que elle não queria naquelle negocio maior honra, que saber o Turco tomar elle huma fortaleza aos Portuguezes: » que ás pessoas de todos os que dentro estavam lhes segurava as vidas, e liberdades, pera que se pudessem ir pera onde » quizessem.» Nisto se espraizou tanto, que acceitou João de Lisboa os partidos, e o Baxá lhe passou hum largo salvo conduto em nome do Turco, com que João de Lisboa

boa mandou dizer a todos os que estavam no forte, que se fossem logo pera elle, como fizeram. E como o Baxá os teve consigo, quebrando-lhes a palavra, (como todos os Turcos fazem,) os metteo a todos a banco nas galés, e mandou embarcar a artilheria do forte, e toda a fazenda que dentro tinham recolhida, que era muita. Feito isto se embarcou, deixando o forte vazio.

As pessoas principaes, que alli foram captivos com João de Lisboa, foram André, e Diogo Feyo, ambos irmãos naturaes da Ilha da Madeira, que depois foram casados, e Cidadãos de Goa, Bastião Criado de Abreu, que depois foi Capitão de Tarapór, e Maym, Manoel Castellão, Antonio Lopes de Oliveira, Diogo Luiz, Manoel Dias, Antonio Pinto, e outros casados, e Cavalleiros nobres, e honrados.

C A P I T U L O III.

De como a Armada dos Turcos chegou a Ormuz: e do cerco que puzeram á fortaleza: e do que aconteceu em todo o discurso d'elle.

PArtido o Baxá Pirbec de Mascate, em poucos dias foi ter a Ormuz, e appareceu a Armada hum dia de grande cerração;

e foi demandar da outra banda de Chaurú, onde poz logo toda a gente em terra. O Capitão D. Alvaro de Noronha, posto que andava doente de quartans, sahio fóra da fortaleza com seiscentos homens, deixando os mais em guarda della, e posto em muito boa ordem foi esperar os Turcos no campo, e chegou até á Cruz de fóra da Cidade, donde mandou espiar os inimigos, e soube estarem todos póstos em terra. E tomando parecer sobre o que faria, assentáram, que se recolhessem pera a fortaleza, até verem o que determinavam os inimigos, como logo fizeram. D. Alvaro de Noronha todo aquelle dia, e noite passou com grandes vigias sobre os Turcos, e proveo nas náos que estavam no porto, que eram quarenta, porque lhas não tomassem, e com muita brevidade as mandou despejar, e atracar á fortaleza debaixo do baluarte, as mais dellas desemmastreadas, e a náo Caranja do Reyno, que era muito grande, mandou que a chegassem tudo o que pudessem, como os Officiaes fizeram, lançando-lhe por baixo do leme grossos viradouros, e amarrados á fortaleza, porque a não pudessem levar, e dentro nella mandou Ayres Moniz Barreto (que era seu Capitão) metter o seu Mestre (que era o Rachachona) affanado em seu officio, e com elle todos os Grumetes, e o Con-

def-

destrabre com os bombardeiros, pera terem a artilheria sempre preparada.

D. Alvaro de Noronha depois de prover nas náos, o fez tambem na defensão da fortaleza, por esta maneira. No baluarte Santo André poz por Capitão D. Francisco de Almeida, filho de D. Pedro de Almeida de Evora, e lhe deo duzentos e quarenta homens. No baluarte Sant-Iago, que cahe sobre o jogo da bola, poz Gonçalo Guedes de Reboredo, cavalleiro muito esforçado, com cento e trinta soldados. O baluarte da varanda tomou o Capitão pera si com cem homens de sua obrigação. E no muro que corre deste baluarte pera o de Santo André, poz Ayres Moniz Barreto com sincoenta homens. E no outro panno, que corre pera o de Sant-Iago, poz Manoel de Sousa, de alcunha o Fino macho, irmão de Fernão de Sousa de Castello-branco, com trinta homens. Da banda do mar poz Antonio Correa, cavalleiro honrado, casado, rico, (que casou sua filha com D. Antonio de Noronha, que depois foi Capitão de Cochim, em quem muitas vezes havemos defallar,) e lhe deo sessenta homens. No baluarte do meio estava o Alcaide mór, que era hum foão Homem da obrigação do Conde de Vimioso, com quarenta homens. No meio da torre da menagem sobre os armazens estava

Couto. Tom. III. P. II.

Dd N I M P R E N S A
N A C I O N A L

ElRey com sua mulher, e filhos, e o Guazil, e Miraberús, Justiça mór do Reyno, com suas familias. A outra soldadesca que não coube nas estancias, ficou de fóra com alguns sobre roldas, que o Capitão ordenou pera acudirem aonde fosse necessario. O Pirbec dormio aquella noite em terra, e ao outro dia mandou desembarcar a artilheria com que determinava bater a fortaleza, e aquella foi marchando até se pôr á vista della, assentando o exercito naquella parte onde esteve a Alfandega velha, e se começou logo a fortificar com muita madeira, que acháram na Cidade, pedra, e terra, que tudo acháram á mão. Ao outro dia plantáram seus bestiaes, e trincheiras na fórma seguinte.

Na ponta da Alfandega velha puzeram hum bestião com tres peças grossas, de quarenta arrateis de pelouro de ferro coado. Desta estancia corria huma tranqueira forte atravessando o terreiro da fortaleza, e de frente das casas do Capitão fizeram outro bestião, em que puzeram outras cinco peças grossas, humas de pelouros de ferro, outros de pedra. Daqui foi correndo a tranqueira até á fronteira da fortaleza, em que fizeram hum angulo mui forte, por causa da bateria, e dalli foi correndo a tranqueira até o mar com tres bestiaes mais, com cinco peças grossas cada hum, ficando a frontaria da

fortaleza cercada de mar a mar; e em cima dos terrados das casas de ElRey se puzeram duas peças grossas, porque se descubria dahi a fortaleza toda mui bem. Plantadas estas estancias na fórma que dissemos, começaram os Turcos a bater a fortaleza de todas as partes, com muita furia, e braveza, e com a mesma lhe respondêram della; e como os muros eram de gueche, os pelouros de pedra das peças grossas ficavam mettidos no muro, e encaixados de maneira, (meios dentro, e meios fóra,) que ainda que os puzeram de industria, não se fizera a mór compasso, e alli ficavam, onde até hoje estão.

O Capitão desejou de avisar o Viso-Rey, e mandou negociar huma fusta, que estava varada ao pé da fortaleza, e despedio nella Pero Fernandes de Carvalho, que á noite dos quatro dias do cerco se affastou da fortaleza, e se foi a remo, até se pôr da outra banda do Magostão, e dalli foi correndo a costa até o Cabo de Jasques, donde tomou o caminho ordinario. E porque esta fusta poderia correr algum perigo, dahi a outros dous dias despedio outra, em que mandou hum morador de Ormuz, chamado Cosmo Alvares, que tomou a mesma derrota. Os Turcos foram continuando sua bateria, sem fazerem damno algum á for-

talcaza , recebendo elles della muitos ; porque o Condestabre , que era natural de Navarra , era tão grande official , que muitas vezes lhe mettia os pelouros pelas bocas das suas bombardas , com que lhas fazia arre-bentar , e muitas lhes matáram muita gente , e lhes desfez os bestiaes , que elles logo reformáram , mas com muito trabalho. Os soldados Portuguezes , que na India são muito soltos , e affoutos , enfadados de estarem encurralados , bradavam publicamente por batalha , requerendo ao Capitão que lhes mandasse abrir as portas , que elles queriam ir ganhar as estancias dos inimigos , e tomar-lhes toda sua artilheria. O Capitão os moderou com muita brandura , affirmando-lhes » que como fosse tempo o faria , mas que » por então não lhes convinha , porque não » tinha informação alguma da cópia dos inimigos ; porque se se haviam de julgar pelo número das galés , o menos haviam de » ser mais de tres mil homens ; que se quiessem , porque tratava de ver se podia haver alguma espia ás mãos ; e que como se » certificasse da verdade , elle lhes faria a to-dos a vontade. » Disto se não satisfizeram os soldados , e andavam quasi como amotinados , e ainda os azedavam mais os Turcos , porque tanto que se acabava a bateria , de noite lhes diziam do arraial muitas

cousas, que lhes soavam mal, chamando-lhes
 » cocorins, que quer dizer gallinhas, e que
 » não prestavam pera cousa alguma; que es-
 » tavam em expoeirados » com outras cou-
 » sas a este som; mas os soldados se desem-
 » pulhavam, dizendo-lhes, » que fallavam el-
 » les, porque o seu Capitão lhes não dava
 » licença pera os irem lá buscar, porque se
 » lha a elles deram, houveram de achar leões,
 » e não gallinhas; mas que tempo viria, em
 » que lho mostrariam.» Com isto, e por es-
 ta causa murmuravam do Capitão publica-
 mente; mas D. Alvaro de Noronha, como
 aquella fortaleza era a mais importante de
 todas as da India, porque com ella tinham
 os Reys de Portugal posto hum grande freio
 á insolencia do Turco, queria-se segurar,
 porque não tinha certeza do que hia no ex-
 ercito; e como andava de quartans, entriste-
 cião-no aquellas cousas, e melancolizavão-
 no mais.

Gonçalo Guedes de Reboredo, Capitão
 do baluarte Sant-Iago, vendo quanto o Ca-
 pitão desejava haver ás mãos huma espia,
 se lhe offereceo pera lha ir tomar, e elle
 lhe acceitou o offerecimento, e mandou fa-
 zer prestes pera de noite com cem homens.
 Pera esta sahida se lhe offerecêram todos os
 Fidalgos, e Cavalleiros honrados, que na
 fortaleza havia, a que o Capitão não quiz

dar licença. Prestes todos no quarto da mo-dorra , estando já o postigo da fortaleza aberto pera sahirem pera fóra ; ou que receasse D. Alvaro de Noronha algum desastre , ou que suspeitasse que eram sentidos , tornou a mandar recolher Gonçalo Guedes , do que todos os que com elle hiam ficáram muito tristes.

A bateria se foi continuando ; mas vendo Pirbec o pouco damno que fazia á fortaleza , determinou de se levantar ; e primeiro que o fizesse , virou a artilheria pera as náos , e todo hum dia as bateo , descarregando nellas aquella tempestade , e trouxa da de pelouros , de que os mais embaçáram na náo do Reyno , que lhe ficava mais em bateria ; mas della tambem o visitáram com huma formosa salva , com que lhe matáram alguns , trabalhando o seu Mestre com todos os marinheiros muito bem , porque com muita presteza acudíram a tapar alguns rombos que lhe fizeram.

CAPITULO IV.

De como os Turcos alevantaram o cerco: e dos recados que passaram antre Pirbec, e o Capitão: e de como os inimigos saquearam a Ilha de Queixome.

AO outro dia depois que isto passou, mandou Pirbec embarcar a artilheria, e aquella noite que se havia de recolher, chegou á falla com os da fortaleza hum foão Baliciro, bombardeiro de Mascate, que tambem foi cativo, e disse, » que dissessem ao » Capitão, que bem podia mandar resgatar » toda a gente de Mascate, que alli estava » cativa, porque Pirbec lhe queria fazer esse » serviço; » dizendo-lhes a voltas disto muitos louvores do Baxá, engrandecendo-o muito com palavras, que lhe faziam dizer. O Capitão então soube o successo de Mascate, porque até então não tivera novas algumas, do que ficou muito triste. E porque não sabia o que era passado naquelle negocio, nem o modo de como cativaram os de Mascate, não quiz que se respondesse cousa alguma ao Baliciro. Vendo o Baxá que lhe não fallavam a proposito, mandou salvar a fortaleza pera se embarcar, e della lhe responderam com outra tamanha, que espantou aos inimigos, porque durou mais de duas

horas sem cessar, porque nunca os Turcos cuidáram que dentro naquella fortaleza havia tanto cabedal; e logo se começaram a embarcar, havendo vinte dias que tinham cercados os nossos, e ao recolher se metteram pela Cidade a roubar com tamanha desordeun, que quaesquer trezentos homens que nelles dêram os desbaratáram de todo.

Depois dos Turcos destruirem, e arrazarem a Cidade se embarcáram, e se affastáram de largo. Dalli despedio o Pirbec huma bateria de huma galé, que chegou perto da fortaleza, e capeou com huma bandeira branca; e chegados á falla com os do baluarte de sobre o jogo da bola, disseram della, » que traziam hum recado do Baxá » pera o Capitão; » elle lhe mandou abrir, e desembarcou hum Comitre Italiano, e com elle Bartholomeu Rodrigues de Moraes, e Apollinario Mendes, e a mulher de João de Lisboa, e o soldado, e o bombardeiro da fusta de Simão da Costa, (como dissemos, que ficáram dependurados nos remos da galé do filho de Pirbec,) e levados todos ao Capitão, lhe disse o Comitre, » que » o Baxá lhe fazia serviço daquelles homens, » e mulher, e de hum rico arco, e coldre » que levava na mão; e que se quizessem » resgatar toda a gente de Mascate, que elle esperaria por isso. » O Capitão depois que

que ovio o Comitre o mandou metter no tronco, com todas as pessoas que com elle vinham, até os marinheiros da barquinha, e alli os teve dous dias; ao terceiro os mandou levar diante de si, e os vestio de escarlata a todos, e disse ao Comitre, » que tornasse a levar a mulher de João de Lisboa, » e Bartholomeu Rodrigues de Moraes, e » Apollinario Mendes, e que dissesse ao Baxá, que elle não resgatava homens Portuguezes tão fracos, que assim se entregaram, sem primeiro serem espedaçados, e » que aquella mulher a tornassem a entregar a seu marido, porque até nella queria executar a culpa delle. E que o soldado, e » bombardeiro da fusta de Simão da Costa tomava, porque não tinham culpa, por » cujo resgate lhe mandava aquellas peças, » dando-lhe logo huma formosa bacia, e » jarro de prata dourados de bestiaes, e com » isso tambem hum rico arcabuz, e huma » formosa espada, e rodela; e que dissesse » ao Baxá, que aquelles eram os presentes » com que os Capitães de ElRey de Portugal agazalhavam os vassallos do Turco.» Com isto os mandou embarcar, sem lhe dar cousa alguma dos prantos, e lagrimas daquela pobre mulher, e dos dous velhos.

Chegados á galé, e dado o recado ao Baxá, mandou, tanto que foi noite, lançar na

Ilha pelo mesmo Comitre a mulher de João de Lisboa, e os dous velhos; e levando-se, prepassou por huma náó de hum Portuguez, que ficou da outra banda despejada, e dando-lhe toa, a levou comsigo, e se passou á Ilha de Queixome; porque foi avisado que todo o recheio da Cidade de Ormuz estava nella. E desembarcando sem resistencia alguma, a entrou, e saqueou, e encheo as galés de riquezas, porque havia nella mais de trinta mercadores, de quarenta, trinta, e vinte mil cruzados, em que entrava hum Judeo Hespanhol, chamado Salamão, que tinha de seu oitenta mil cruzados em ouro, perolas, pedraria, e outras fazendas, que tudo lhe tomáram, e o cativáram com sua mulher, e familia. E da gente que estava na Ilha, que eram perto de vinte mil pessoas, cativáram os Turcos as que quizeram, fazendo grandes cruexas, e deshumanidades.

Está esta Ilha de Queixome affastada da de Ormuz pera a costa de Arabia duas leguas; será de trinta de comprido, e de duas; e em partes de tres de largo: começa em hum lugar chamado Laphta, e acaba em outro que se chama Cirimião, que he a ponta mais de dentro. Os Turcos andáram nella muitos dias, porque a corrêram toda, e depois de fartos, e cheios se embarcáram, e se foram pera Baçorá. A mulher de João

de Lisboa , e os dous velhos foram ter á fortaleza. O Capitão tinha mandado alguns terranquins , ligeiros a vigiar os Turcos ; e trazendo-lhe novas que já eram recolhidos pera Baçorá , se foi ElRey , e o Guazil pera a Cidade , que acháram destruida , e assolada , e logo começou a correr a gente que estava da outra banda , e se tornou a povoar , e reformar.

CAPITULO V.

Do recado que chegou a Goa das galés : e de como D. Diogo de Noronha o Corcós , e D. Antonio de Noronha partiram pera Ormuz em duas fustas : e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha se preparou pera ir em pessoa ao soccorro : e da falla que fez na Camara de Goa , pedindo-lhes ajuda , e emprestimo.

E Stevão Gomes , Feitor de Calayate , que atrás deixámos partido pera Goa em o terranquim , foi atravessando aquelle grande Golfo até haver vista da terra de Baçaim , e entrando dentro , deo recado á Cidade ; e depois de tomar agua , e mantimentos , partido pera Goa. Causou em Baçaim grande alvoroço a nova dos Turcos , e se começaram a fazer algumas pessoas prestes pera irem de soccorro a Ormuz ; e primeiro que to-

dos foi Antonio de Sá o Rume, (hum Fidalgo, em que muitas vezes temos fallado nestas nossas Decadas.) Este se embarcou em hum catur ligeiro com vinte soldados, e ao outro dia se fez á véla, ferrolhando no mar todos os marinheiros em cadeias, que logo pera isso levou em segredo; porque determinava de passar por antre as galés dos Rumes, e não queria que com o medo se lançassem ao mar. Etanta pressa se deo no caminho, que em vinte dias foi tomar Ormuz, andando ainda os Turcos na Ilha de Queixome, e o Capitão o recebeu com muitas honras. Estevão Gomes chegou a Goa por fim de Agosto, cousa que foi espantosa aos homens, em huma tão pequena embarcação atravessar em tempo tão forte hum tão grande, e perigoso golfão.

Chegado este homem a Goa se foi ver com o Viso-Rey, e lhe deo as novas da Armada dos Turcos, e de quantas galés eram, porque as contou elle muito de vagar. O Viso-Rey posto que lhe causou aquillo alguma alteração, todavia logo determinou de acudir áquelle negocio em pessoa, e mandou chamar os Fidalgos, e Capitães do conselho, a quem deo conta do que passava, e lhes declarou, que sua tenção era embarcar-se logo, pedindo-lhes que se fizessem prestes pera o acompanharem. Todos lho louvaram

muito , e se lhes offerecêram com muito gosto.

Salidos dalli , logo D. Diogo de Noronha o Corcôs , e seu primo D. Antonio de Noronha , irmão de D. Alvaro de Noronha , Capitão de Ormuz , foram tomar cada hum seu navio de remo , e ajuntando parentes , e amigos , embarcando-se cada hum com cincoenta soldados , e ao outro dia se fizeram á véla pera Ormuz , e foram seguindo seu caminho , em que os deixaremos até tornar a elles.

As novas se espalháram logo pela Cidade , a que acudíram todos , velhos , e moços a se offerecerem ao Viso-Rey , sendo dos primeiros os Cidadãos , que sempre nas semelhantes necessidades servíram ElRey com as fazendas , e pessoas. O Viso-Rey se foi á ribeira das Armadas , e com muita pressa mandou preparar os galeões , caravelas , galés , e fustas ; e como na ribeira havia ainda mais de quinhentos homens do mar , repartindo-se por todas as embarcações , as foram preparando sem confusão , nem estorvo de huns , e outros , pela boa ordem que naquelle negocio houve.

A primeira cousa que o Viso-Rey fez , foi despedir dous navios ligeiros , hum pera ir pelas fortalezas do Norte com cartas ás Cidades , e a pessoas particulares , em que

lhes representava a necessidade presente, pedindo-lhes ajuda de gente, e navios. O outro navio, de que era Capitão Fernão Farto, bom cavalleiro, e grande homem do mar pera ir a Ormuz com cartas pera o Capitão, em que lhe affirmava ficar no mar pera o ir soccorrer, e que apôs este chegaria. O Viso-Rey ficou dando pressa ás cousas, mandando ajuntar mantimentos, e ordenar munições, e todas as mais cousas necessarias pera a jornada. E porque o Estado estava falto de dinheiro, se quiz valer da Cidade, como sempre os Governadores, e Viso-Reys fizeram; e estando os Vereadores em Camara, se foi a ella, acompanhado dos Capitães, e Fidalgos velhos, e assentado em seu lugar lhes fez esta falla:

» A natureza universal mãi de todas as
 » cousas tem posto os homens em tanta obri-
 » gação, que por ella, e pela conservar,
 » muitas vezes se offerecêram a grandes pe-
 » rigos, e acabáram cousas, que quasi pare-
 » ciam impossiveis pera se poderem commet-
 » ter. E ainda por esta razão chamamos ge-
 » ralmente á terra onde nascemos nossa na-
 » tureza, porque parece que allí nos obri-
 » gou a ser mais inclinados com particular
 » affeição; e da creação que nella recebe-
 » mos, vem muitas vezes alcançarmos sau-
 » de em nossas enfermidades, por proprio

» beneficio da natureza; mas eu verdadeira-
 » mente tenho por muito certo ser a pro-
 » pria natureza dos Portuguezes, mostrarem
 » sua opinião, e lealdade no serviço do seu
 » Rey, e Senhor; como muitas vezes se
 » vio por experiencia dos mui grandes fei-
 » tos que nos Reynos de Portugal, e nas
 » partes de Africa, e nestas da India, com
 » muito valor, e esforço fizeram, e acabá-
 » ram, havendo muitas, e mui assinaladas
 » vitorias com muito menos gente, e desi-
 » gual poder dos inimigos. E por isso pra-
 » ticando os Castelhanos no damno que re-
 » cebêram na batalha real com grande es-
 » panto, pela desigualdade dos poderes, e
 » gente, disse ElRey de Castella que não se
 » espantassem, que impossivel era desbara-
 » tar-se hum pai de dez mil filhos, que tal
 » era ElRey de Portugal dos Portuguezes,
 » e elles do seu Rey. E que ElRey meu Se-
 » nhor mais propriamente tenha este nome de
 » pai de seus vassallos, claro parece pelas
 » muitas honras, e grandes mercês que con-
 » tinuamente delle recebemos, e pelo amor,
 » e boa vontade com que nos trata. E por
 » esta razão, pela confiança que sei que el-
 » le tem de vós, e eu em seu nome sempre
 » depois que a esta terra vini, tenho por
 » mui certo que todos estais alegres, e ufa-
 » nos de em nosso tempo succederem cou-

» fas, em que fazendo grandes, e affinala-
 » dos serviços a Deos, e S. A. possais mos-
 » trar o amor, e lealdade, a que vossa na-
 » tureza vos inclina, e traz obrigados; e
 » que na India sejam feitos muitos serviços
 » de grande qualidade, e merecimento, ne-
 » nhum se póde igualar a este pela qualidade
 » do negocio, e da parte em que espero em
 » nosso Senhor se faça. Porque Dio, e ou-
 » tras fortalezas podem-se chamar membros
 » particulares da India; mas Ormuz (a que
 » he necessario soccorrer, por estar em peri-
 » go, segundo tenho sabido, e com Arma-
 » da de Turcos sobre elle) he corpo de que
 » todos os membros recebem substancia, e
 » se sustentem; porque além da renda que S. A.
 » nelle tem, a mór parte da desta Cidade
 » della lhe vem; nem a India se pudéra suf-
 » tentar sem a contratação de Ormuz.

» Donde se infere, que o Estado da In-
 » dia todo pende da defensão, e segurança
 » daquella fortaleza; e por os Turcos terem
 » sabido por experiencia não poderem por
 » outra parte fazer damno na India, (pelo
 » muito que recebêram, quando a ella vic-
 » ram,) determinam pôr todas suas forças
 » na tomada, e destruição de Ormuz, a que
 » com grande presteza, e muito poder he
 » necessario acudir, e soccorrer. E pois es-
 » ta Cidade, e os moradores della tão bem

» tem servido , e mostrado sua lealdade em
 » todos os perigos , e necessidades passadas ;
 » nesta que he mui differente , e de muito
 » maior qualidade , e obrigação , não se es-
 » pera que o façam menos , nem com me-
 » nos vontade , e mais tendo-me por vosso
 » Capitão , que tão obrigado sou , assim por
 » mim , como pelos de que descendo , a
 » morrer pelo serviço de meu Rey , e Se-
 » nhor , e principalmente pelo de S. A. de
 » quem tantas honras , e mercês tenho rece-
 » bido , o que assim mesmo farei por seus
 » vassallos , e particularmente pelos desta Ci-
 » dade , pela vontade , e amor que delles
 » tenho conhecido.

» Pelo que além de vos notificar as no-
 » vas que tenho , (que he como digo esta-
 » rem os Turcos sobre Ormuz com grossa
 » Armada , e os perigos que disso podem
 » recrefcer ,) vos peço que pera seu soccor-
 » ro me queirais ajudar com emprestar a S.
 » A. sincoenta mil pardãos pera me fazer
 » prestes , e os repartais antre todos de ma-
 » neira , que se possam haver sem escanda-
 » lo , e cada hum folgue de emprestar aquil-
 » lo , que boamente lhe couber á sua parte ,
 » pois he pera tanto serviço de Deos , e de
 » S. A. , e pera segurança desta terra , e de
 » vossas mulheres , e filhos : pera o que es-
 » pero que vos não falte o favor e ajuda

Couto. Tom. III. P. II.

Ec

N e ajuda
 N de

» de nosso Senhor, em quem todos cremos,
 » e devemos confiar, que nos dará vitória
 » pera gloria, e louvor de seu santo Nome.
 » E o dinheiro vos será tornado por Diogo
 » Soares, contratador das terras firmes, que
 » disso fará obrigação; e nos quarteis deste
 » anno de seu arrendamento, que ora en-
 » tra, vo-los irá pagando; e eu darei pera
 » isso as Provisões que vos forem necessa-
 » rias, pera que com effeito sejais pagos.
 » Além disso o saberá S. A. por minhas car-
 » tas, pera que com honras, e mercês vos
 » satisfaza; e eu em seu nome ficarei na mes-
 » ma obrigação pera sempre. »

Acabada a falla alevantou-se o Vereador mais velho, e em nome de todos lhe respondeu: » Que bem viam quão necessa-
 » rio era acudir-se áquella necessidade, por-
 » que a fortaleza de Ormuz era a chave de
 » toda a India, e cabeça daquelle commer-
 » cio da Persia, e Arabia, titulo de que os
 » Reys de Portugal tanto se jactavam: que
 » toda a Cidade em geral, e cada hum dos
 » seus Cidadãos por si estavam muito pres-
 » tes pera servirem o seu Rey com suas pes-
 » soas, fazendas, navios, fustas, dinheiro,
 » e com tudo o mais que pudessem; porque
 » posto que em todas as necessidades passa-
 » das sempre assim o fizeram, que na pre-
 » sente, que era sobre todas, e mais em ne-

» gocio de Turcos, inimigos do nome Chri-
 » stão, não havia quem se pudesse escusar;
 » antes agora com dobradas forças, e dese-
 » jos se offerciam com tudo o que a fortu-
 » na lhes deo, e que estavam pezarosos de
 » não ser a posse conforme aos desejos que
 » todos tinham.» O Viso-Rey lhe deo os
 agradecimentos, assim da parte de ElRey,
 como da sua. Os Vereadores começaram lo-
 go a tirar pelo povo, e não sem alguma
 desordem, e ajuntáram vinte mil pardãos,
 que leváram ao Viso-Rey, com que se co-
 meçou a negociar, e lançar a Armada ao
 mar.

CAPITULO VI.

*Da Armada que este anno de sincoenta e
 dous partio do Reyno, de que era Capitão
 mór Fernão Soares de Albergaria: e de co-
 mo o Viso-Rey D. Affonso de Noronha se
 embarcou pera Ormuz: e das novas que
 no caminho teve das galés serem recolhi-
 das: e de como despedio D. Antão de Noro-
 nha com humia grossa Armada pera aquella
 fortaleza: e de como mandou Francisco
 Barreto com poderes de Governador a Co-
 chim a fazer a carga das ndos do Reyno.*

A Ndando o Viso-Rey dando pressa á sua
 embarcação, sendo oito de Setembro,
 chegaram á barra de Goa tres náos, de seis
 Ee ii

que este Abril passado de cincoenta e dous tinham partido do Reyno, de que era Capitão mór Fernão Soares de Albergaria, que vinha na náó S. Boaventura. Os outrós Capitães que com elle chegaram, foram, Francisco da Cunha, na náó S. Pedro; Braz da Silva de Santarem em S. Filippe. As tres náós que faltavam eram a Barrileira, de que era Capitão D. Jorge de Menezes Barroche; e Sant-Iago, em que vinha Antonio Dias de Figueiredo, que ambos ficáram invernando em Moçambique. Da outra náó, que era o Zambuco, vinha por Capitão Antonio Moniz Barreto, despachado com a fortaleza de Baçaim; e vindo demandar a costa da India, foi varar no rio de Scita-pór, trinta leguas de Goa, e a gente toda se salvou em terra com a mór parte da fazenda. Estas náós trouxeram novas como o Principe D. João ficava casado com a Princesa D. Joanna, filha do Imperador Carlos V., que era sua prima com irmã, sendo elle de idade de dezeseis annos. Estas novas festejou o Viso-Rey muito.

Com a chegada destas náós se começou o Viso-Rey a embarcar, dando despacho a muitos negocios, porque hia arriscado a não poder tornar senão em Março. E porque lhe tinham chegado novas da morte de D. João Henriques, Capitão de Ceilão, des-

pachou pera aquella fortaleza D. Duarte De-
 ça; e assim o fez tambem ás náos de Mala-
 ca, em que mandou o Licenciado Francis-
 co Alvares pera ir tomar residencia a Dom
 Pedro da Silva da Gama, e pera fazer ou-
 tras cousas que convinham ao serviço de El-
 Rey.

Nestas náos se embarcou o Padre Mes-
 tre Francisco, da Companhia de Jesus, que
 hia pera passar á Provincia da China, a cujo
 Rey levava hum rico presente, que El Rey
 de Portugal lhe mandava, pera por meio
 d'elle ver se se podia dilatar naquella grande
 região a Fé de Christo; e aquelle anno lhe
 tinham vindo Breves, que o Summo Ponti-
 fice lhe mandava de Nuncio Apostolico da
 India.

Despachadas estas cousas, se embarcou
 o Viso-Rey no fim de Outubro, e deo á
 véla com huma Armada de mais de oitenta
 navios, em que havia mais de trinta gros-
 sos. Os Fidalgos, e Capitães que nesta jor-
 nada o acompanháram, são os seguintes:
 D. Fernando de Menezes, filho do Viso-
 Rey, D. Antão de Noronha seu sobrinho,
 D. Diogo de Sousa, Gonçalo Pereira Mar-
 ramaque, D. João de Almeida, Alvaro de
 Mendouça, Pero Botelho, Heytor de Mel-
 lo Pereira, D. Martinho da Cunha, e Dom
 Lopo da Cunha, ambos irmãos de D. Pe-
 dro

dro da Cunha , Capitão mór das galés do Reyno , Pero de Taíde Inferno , Fernão de Castanhoso , Fidalgo Castelhana , Cavalleiro da Ordem de Sant-Iago , Diogo Alvares Telles , Bastião de Sá , Affonso Pereira de Lacerda , Miguel Rodrigues Coutinho , de alcunha Fios seccos , Francisco de Mello Pereira , Jorge de Mendoga , Antonio Moniz Barreto , Martim Affonso de Miranda , Pero Barreto Rolim , Antonio Pessoa , Vasco da Cunha , Antonio de Sousa Coutinho o coxo , D. Pedro de Sousa , João Fernandes de Vasconcellos , D. Philippe de Castro , e outros muitos Fidalgos , e Cavalleiros , que logo adiante nomearemos.

Dada á véla foram sua derrota com ventos Levantes prosperos , e em poucos dias foram tomar Dio. Alli achou o Viso-Rey hum navio ligeiro , que vinha de Ormuz , com cartas de D. Alvaro de Noronha , em que lhe fazia a saber serem as galés recolhidas pera Baçorá , e lhe dava muito miuda conta de todas as cousas acontecidas , assim em Mascate , como em Ormuz. O Viso-Rey sentio muito o negocio de Mascate. Logo se espalharam as novas das galés serem idas , o que todos sentiram muito , porque hiam alvoroçados pera provarem a mão com elles. O Viso-Rey mandou chamar os Capitães velhos , e lhes mostrou a carta , e

poz em conselho o que faria naquelle negocio. Vistas por todos aquellas cousas, asentáram, que pois os Turcos eram recolhidos, que mandasse huma boa Armada pera andar no Estreito de Ormuz, e pera no inverno se recolher áquella fortaleza pela segurar, e que o Viso-Rey se tornasse pera Goa.

Com esta resolução despedio o Viso-Rey logo seu sobrinho D. Antão de Noronha, com doze navios grossos, e vinte ligeiros. Dos grandes eram Capitães (a fóra D. Antão de Noronha, que hia no Galeão S. Lourenço) Gonçalo Pereira Marramaque no galeão Camorim, Fernão de Castanho em S. Pedro, Belchior Botelho no de S. Thomé, D. João de Almeida no de Santa Cruz, Francisco da Costa, Alvaro de Mendoga, Pero Botelho, D. Manoel Mascarenhas, Luiz Alvares da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, e D. Jeronymo de Castello-branco em caravelas. Nas fustas hiam D. Diogo de Taíde, Jorge Pereira Coutinho, Diogo de Mendoga, João de Mello de Brito, Duarte Paym de Mello, Vicente de França, Gil de Goes, João Alvares Pereira, João de Siqueira, Gomes Ferreira, e Pero Ferreira seu irmão, Vicente de Sousa, Antonio de Betancor, Diogo Pereira, Gonçalo de Moraes de Sousa, João Serrão, Martim Bar-

budo, Ruy Lopes, Antão de Seixas, Ruy Fernandes, e outros. O Viso-Rey deo por regimento a D. Antão, que andasse no Estreito até Abril, e que se recolhesse a Ormuz, e que tomasse entrega da fortaleza, porque acabava D. Alvaro de Noronha seu tempo, e que entregasse a Armada a Dom Diogo de Noronha, que lá estava pera andar nella até Outubro, e que se recolhesse a Goa.

Despedida esta Armada, voltou o Viso-Rey pera Baçaim, aonde lhe chegaram novas de Cochim, que os Reys de Diamper, e Pimenta continuavam na guerra contra o de Cochim, e que deixava de correr a pimenta pera as náos.

Vendo o Viso-Rey quão necessario era acudir áquellas cousas, elegeo a Francisco Barreto, que acabára de ser Capitão de Baçaim, (a quem succedeo Francisco de Sá de Menezes, dos oculos,) e lhe deo todos os seus poderes, assim na Justiça, como na Fazenda, com titulo de Governador, pera em quanto estivesse em Cochim correndo com a carga das náos. Francisco Barreto se partio logo, e levou vinte navios ligeiros, e de sua jornada adiante daremos razão. Esta eleição foi muito estranhada de alguns Fidalgos, que falláram nella em público, principalmente D. Diogo de Almeida, filho do

Contador mór, e Francisco de Sá, dos ocu-
 los, e outros, que cuidavam merecer melhor
 aquelle lugar. O Viso-Rey ficou em Baçaim
 dando despacho a muitas cousas, e esperan-
 do pelas segundas novas de Ormuz. E ha-
 vendo perto de hum mez que alli estava,
 vieram novas de Pero Lopes de Sousa, Ca-
 pitão de Dio, que era falecido, que o Vi-
 so-Rey tinha deixado enfermo; e por não
 haver provídos, commetteo o Viso-Rey com
 ella a D. Diogo de Almeida, que a accei-
 tou, dizendo » que agora que o serviço de
 » ElRey tinha delle necessidade, acceitava
 » a serventia da fortaleza, de que elle enjei-
 » tára seis annos; porque soubesse ElRey
 » que o não fazia por cubiçoso, que bem se
 » via que hia a servir, e não a fazer pro-
 » veito.

C A P I T U L O VII.

*De como Diogo de Mello, Capitão de Cei-
 lão, prendeo Tribuly Pandar pai de El-
 Rey: e das cousas que neste tempo acon-
 tecêram em Malaca no principio da Ca-
 pitania de D. Alvaro de Taide.*

Succedêram tantas cousas juntas neste mes-
 mo tempo, que não foi possível poder
 continuar com ellas por sua ordem, porque
 as mais importantes, e substanciaes lhes oc-
 cupáram o lugar; e assim daremos a estas

hum pequeno de vago, pera continuarmos com as que succedêram na entrada deste verão, assim em Ceilão, como em Malaca; e por isso continuaremos com ellas juntas, cousa de que sempre fugimos, porque trabalhámos muito pelas separar, e contar per si pera se acharem divididas quando se buscarem. Mas aqui não guardaremos agora esta ordem, porque he assim necessário. E continuando com as cousas de Ceilão, falecido D. João Henriques, depois de estarem concertados com Tribuly Pandar, e com ElRey seu filho pera irem contra o Madune, succedeo Diogo de Mello Coutinho, (como atrás fica dito no Capitulo XIX. do Liv. IX. desta sexta Decada,) que tanto que tomou posse da fortaleza, achando nas instrucções que o Viso-Rey deixou a D. João Henriques, que prendesse o Tribuly, tratou de o fazer, sem dar conta a pessoa alguma. E vendo-se com ElRey, lhe pedio, e requereo » que mandasse vir seu pai a Cota, porque » tinha que fallar com elles ambos cousas » que cumpriam ao serviço de ElRey de Portugal. » ElRey havendo que Diogo de Mello não bulliria com elle, mandou chamar o pai, que veio logo a Cota. Diogo de Mello tanto que soube ser chegado, estando em Columbo, se foi lá, e em casa de ElRey o prendeo, sem ElRey bullir comsigo, e o

levou pera Columbo , e o metteo em huma torre , que servia de guardar a polvora , e lhe lançou huma forte adoba de ferro .

A mulher de Tribuly , mãe de ElRey , tanto que vio o marido prezo solicitou a mór parte da gente da Cota , e se sahio della , e se foi pera o lugar de Reigão , donde tratou de sua soltura ; e havendo tres dias que isto tinha succedido , chegou D. Duarte Deça , que hia por Capitão , e logo tomou posse de Columbo . ElRey se foi ver com elle , e lhe pedio que soltasse seu pai , o que elle não quiz fazer , antes lhe estreitou a prisão : e assim o deixaremos até seu tempo , por continuarmos com as cousas de Malaca .

O Abril passado , como fica dito no Cap. XIX. do IX. Liv. , deixámos embarcado pera aquella fortaleza D. Alvaro de Taíde , porque nella succedia a seu irmão D. Pedro da Silva , que tinha ainda hum anno por servir , e quiz D. Alvaro de Taíde anticipar-se tanto , e ir esperar lá aquelle tempo , por se tirar das despezas de Goa , e o Viso-Rey lhe passou Provisões de Capitão mór do mar de Malaca , e de todas aquellas partes ; e segundo nos parece , que o isentou nas cousas da Armada da jurdição de seu irmão .

Chegado elle áquella fortaleza foi bem recebido do irmão , e dos moradores , que logo no Julho seguinte dia da Visitação o

elegêram por Provedor da Misericordia. E como D. Pedro da Silva estava mal quisto de todos, e D. Alvaro de Taide lhe hia succeder, começáram os moradores a continuar com elle, e grangeallo. Tomado D. Pedro da Silva disto, e de outras cousas que com isso succedêram, quebrou com o irmão, e chegáram a se desordenarem, e a descomporem hum com o outro; e D. Pedro da Silva clamava, e dizia » que seu irmão com » capa de misericordia lhe hia roubar a sua » fortaleza.» Assim, que estando na mór rotura que podia ser, em fim de Outubro chegáram as náos da India, em que hia o Licenciado Francisco Alvares tomar a residencia de D. Pedro da Silva, com que logo começou a correr.

O Padre Mestre Francisco, da Companhia, estava concertado com Diogo Pereira para vir da Sunda, aonde estava a o tomar áquella Cidade pera o levar á China. Diogo Pereira como foi tempo veio esperar seu recado ao Estreito de Sincapura, onde o Padre lhe escreveu que esperava por elle. Com este recado se foi a Malaca, e surgiu naquelle porto, e o Padre começou a embarcar o seu fato pera se partirem. D. Alvaro de Taide, ou porque tivesse algum escandalo de Diogo Pereira, ou porque quizesse dar os proveitos daquella viagem a hum

homem de sua obrigação , mandou-lhe dizer , que não havia de ir na sua náó áquella viagem , porque cumpria assim ao serviço de ElRey. Diogo Pereira como a náó era sua , e viera alli só a tomar o Padre Mestre Francisco , allegou de seu direito , sem lhe valer cousa alguma , nem lhe poder ser bom o Licenciado Francisco Alvares , porque aquellas cousas eram no mar , aonde D. Alvaro de Taíde tinha toda a jurdição. A isto acudio o Padre Mestre Francisco , e Bernaldim de Sousa , e outras pessoas ; mas todas não pudéram acabar cousa alguma , sem poderem tirar D. Alvaro de sua teima ; antes metteo na náó hum homem de sua obrigação , chamado Affonso de Rojas , que foi na náó , e Diogo Pereira ficou em terra. Tão escandalizado ficou deste negocio o Padre Mestre Francisco , que ao embarcar no caes sacudio os çapatos , dizendo : » que nem o pó de tão má terra » queria levar consigo. »

D. Pedro da Silva sentio tanto aquelle negocio , por ser feito a hum Religioso daquella sorte , que largou a fortaleza , e a entregou nas mãos do Licenciado Francisco Alvares , dizendo , que não queria mais ser Capitão. E assim ficou Francisco Alvares servindo alguns mezes que lhe faltavam , e depois entregou a Capitania a D. Alvaro

de Taíde. Tanto que este Fidalgo tomou posse da fortaleza, logo mandou tomar os lemes a todas as náos que havia no porto, assim de ElRey, como de partes, dizendo que tinha novas do Achém, sobre o que teve algumas razões com Bernaldim de Sousa, porque lhe não quiz dar o da sua caravela, ficando quebrados, sendo d'antes grandes amigos. Estava alli huma náo que hia pera a Sunda; de que era Capitão Gonçalo Vaz de Carvalho, a quem o Viso-Rey deo aquellas viagens. D. Alvaro de Taíde lhe disse, que eram suas, que o Viso-Rey lhas não podia dar, e que os Capitães de Malaca estavam de posse de as mandar fazer por sua conta; que cumpria ao serviço de ElRey ficar naquella fortaleza, porque esperava por Achens; e mandou metter na náo hum criado seu, chamado foão Pedrofa, e disse a Gonçalo Vaz de Carvalho, que bem podia mandar trazer por sua conta certos bares de pimenta. Gonçalo Vaz vendo aquella femração dissimulou; e sendo tempo em que a náo se havia de partir, mandou metter em segredo dez, ou doze soldados nella, que se escondêram em huma camara, e o dia que se havia de fazer á vela pediu licença a D. Alvaro de Taíde pera ir a ella, e mandar recolher as suas ancoras, e as amarras. D. Alvaro lha deo, e

elle se foi á náó, e levada a ancora, e soltas as vélas sahíram os soldados da camara; e tomáram o criado de D. Alvaro nos braços, e deram com elle em hum balão, e o mandáram pera Malaca. D. Alvaro como soube o caso ficou tão apaixonado, que esteve pera ir até a Sunda apôs a náó; mas Gonçalo Vaz de Carvalho foi fazer sua viagem. Bernaldim de Sousa, como D. Alvaro tinha tomados os lemes a todas as embarcações, e estavam quebrados o Capitão, e elle, mandou dissimuladamente embarcar o seu fato; e o dia em que esperava de se fazer á véla, tendo prestes de noite huma embarcação ligeira, se embarcou nella, e passando pela praia, onde os lemes estavam; dando cabo ao seu, deo com elle no mar, e o levou á caravela, e mettendo-o em seu lugar, deo logo á véla.

Ao outro dia pela manhã deram logo rebate a D. Alvaro, que foi sua paixão tanta, que se foi ao caes, e se embarcou em huma fusta, e foi apôs Bernaldim de Sousa, e chegando a elle, lhe brádou que amainasse. Bernaldim de Sousa lhe disse, » que se recolhesse, e se fosse pera a sua fortaleza, que aquelles feitos eram de mancebo. » Em fim passadas algumas razões, Dom Alvaro se recolheo a Malaca, e mandou fazer hum Termo, em que houve Bernaldim

de Soufa , e todos os que com elle hiam por levantados ; e toda a fazenda que lhe ficou , que era muita , e vinha repartida pe- los galeões de Maluco , tomou , e a julgou por perdida , e a carregou pera ElRey , e a mandou entregue a peísoas abonadas pera na India a darem ao Vifo-Rey. D. Pedro da Silva se embarcou poucos dias depois no galeão Sant-Iago , em que tinha ido ao soccoro de Malaca João Henriques , e D. João Coutinho no seu galeão , e todas as mais náos. E o Licenciado Francisco Alvares tam- bem se embarcou nesta companhia com a re- fidencia de D. Pedro da Silva , e com hu- ma devassa que tirou das cousas de D. Al- varo de Taíde.

D. Pedro da Silva se encontrou no mar com Bernaldim de Soufa , que cuidou que se tomasse do que elle tinha passado com seu irmão ; mas elle hia muito longe disso , por lhe parecerem muito mal aquellas cou- sas , e salvando-se foram juntos até Ceilão , e desembarcáram em Gale , e dalli foram por terra a Columbo , onde se detiveram al- guns dias , indo visitar á prizão Tribuly Pandar , e o consoláram , e se lhe offerecé- ram pera fallarem ao Vifo-Rey em seus ne- gócios ; e depois de tomarem algumas cou- sas necessarias , se embarcáram , e partíram pera Cochim. E porque nos esqueceo de con-

tinuar com D. Rodrigo de Menezes que veio de Maluco, e teve aquellas differenças com Bernaldim de Soufa, o faremos aqui.

Chegados elle, e Bernaldim de Soufa a Malaca, sempre se ficou Bernaldim de Soufa temendo d'elle, porque se houve elle por muito affrontado do modo com que procedo com elle. E ficando assim, em Malaca, sem se encontrarem, veio D. Rodrigo a adoecer de humas febres, e o dia que tomou a purga, foi ella tal, que começou a arder por dentro, e a gritar por agua, dizendo que se lhe abrazavam as entranhas, e com esta angustia morreo logo. Não deixou de suspeitar que Bernaldim de Soufa peitára o Boticario pera lhe dar peçonha, e não faltou quem o escrevesse ao Viso-Rey. Foi este D. Rodrigo filho de D. Antão de Almada, Capitão da Cidade de Lisboa, e estava despachado com a Capitanía de Dio; era bom Fidalgo, e de muito grande opinião, e bom cavalleiro.

CAPITULO VIII.

Das cousas , que acontecêram a Francisco Barreto em Cochim : e de como D. Pedro da Silva , e Bernaldim de Sousa chegaram a Goa : e do que o Viso-Rey Dom Affonso de Noronha fez.

DEixámos atrás no Cap. VI. deste decimo Livro Francisco Barreto partido de Baçaim ; e seguindo sua jornada , tomou Goa , onde se deteve pouco , e passou adiante até Cochim , onde começou a tratar da carga das náos , pera que faltava pimenta ; porque aquelles Principes Malavares do Chembe , e Bardela lhe impediam a passagem , e traziam nos rios suas manchuas , de que andava por Capitão mór hum Malavar , Christão nascido em Cochim , chamado Vasco. Este por saber muito bem aquelles esteiros , como quem se creou nelles , dava-nos mór trabalho , que se fora hum Armada muito poderosa ; porque elle só bastou pera pôr toda a Cidade em revolta , e ainda a Armada de Francisco Barreto , (porque pela falta da pimenta lhe foi necessario acudir aos rios com toda a Armada.) Vasco andava em hum manchua muito ligeira de dous lemes ; e como aquellas Ilhas são muito retalhadas de esteiros , estreitos , e intrincados , elle só sal-

teava os mercadores que vinham com pimenta, e mettia toda a Armada cada hora em affrontas, porque andava no meio della; de esteiro em esteiro, de Ilha em Ilha, sem lhe poderem fazer damno algum. E quando os nossos estavam mais descuidados, dava de supito nos navios, e passava por elles, e lhes deitava muitas panelas de polvora, com que os abrazava, e tratava mal; porque por sua muita ligeireza chegava quando queria, e recolhia-se quando lhe era necessario; sem haver quem lhe pudesse chegar, porque tanto remava pera trás, como pera diante; e como era tão ligeiro, e não dava volta pera fugir por ter dous lemes, não havia cousa que o pudesse alcançar.

Nisto se gastou todo o mez de Dezembro, e Francisco Barreto se recolheu a Cochim, deixando nos rios João Peixoto, Cavalleiro muito honrado; natural de Guimarães, por Capitão mór de dez; ou doze navios, pera ficar favorecendo alguma pimenta, que ainda corria. As náos foram-se carregando com trabalho pela falta que havia de carga; e sendo já alguns dias de Janeiro andados, chegaram os galeões de D. Pedro da Silva, e de Bernaldim de Sousa; e porque faltavam drogas pera a carga, comprou Francisco Barreto a Bernaldim de Sousa pera ElRey, quatrocentos e dezeseis quin-

taes de cravo a treze xerafins o quintal ;
 gujo de páo , e bastão. E tambem tomou a
 outras pessoas o cravo que lhe pareceo , que
 se lhes pagou muito bem. Tomada a carga ,
 deram as náos á véla pera Portugal , e ti-
 veram todas muito boa viagem.

Francisco Barreto mandou recolher os
 navios que trazia nos rios , e se partio pe-
 ra a costa do Malavar , onde andou todo o
 resto do verão , e em Março se foi inver-
 nar a Goa. O Viso-Rey depois que no Nor-
 te deo ordem a muitas cousas , assim em Ba-
 çaim , como em Chaul , e que teve as segun-
 das novas de Ormuz , deo á véla pera Goa ,
 aonde chegou no fim de Fevereiro. Poucos
 dias depois d'elle chegáram os navios com
 D. Pedro da Silva , e Bernaldim de Sousa ,
 e o Licenciado Francisco Alvares ; e apre-
 sentando a residencia de D. Pedro da Silva ,
 se lhe acháram culpas obrigatorias ao pren-
 derem , e o mandáram livrar , e foi conde-
 mnado em alguma cousa.

O Viso-Rey despedio em Fevereiro Pe-
 ro de Taide Inferno com hum galeão , e dez
 navios de remo , com regimento , que fos-
 se ao Estreito de Meca esperar algumas náos
 do Achém , e que se fosse invernar a Or-
 muz , e que entregasse a Armada a D. Dio-
 go de Noronha , que lá acharia. Bernaldim
 de Sousa achou em Goa cartas de ElRey ,
 mui-

muito honrosas, e com ellas huma Patente, em que lhe fazia mercê da Capitania de Ormuz, em que entraria logo, porque não havia provido algum diante d'elle: com a Patente foi logo requerer a posse ao Viso-Rey, que lhe elle não quiz dar, porque tinha por dar residencia; e além disto lhe tinham mandado culpas de Malaca, em que o culpavam na morte de D. Rodrigo de Menezes; e o Viso-Rey lhe disse, » que não » podia entrar na fortaleza sem primeiro dar » residencia, que nas náos que haviam de » partir lha mandaria tirar, e que então o » despacharia. » Não faltáram induzidores que lhe disseram, que o Viso-Rey o entretinha por não mandar tirar daquella fortaleza seu sobrinho D. Antão de Noronha, com outras cousas que bastáram pera quebrar com Viso-Rey, se tivera menos prudencia; mas elle dissimulou tudo, e não se quiz dar por aggravado do Viso-Rey, antes sempre o acompanhou; e assim o Viso-Rey foi tão grande seu amigo, que todos os negocios de importancia praticava primeiro com elle que com os outros Fidalgos, e lhe fazia tudo o que lhe pedia, e dava cargos, e despachos a muitas pessoas por sua ordem.

Era Bernaldim de Sousa muito avisado, facil, e de grande conversação. E tanto, que os mais dos dias Santos, e Domingos

ajuntava quinze, e vinte de cavallo seus vizinhos, e amigos, casados todos, (porque geralmente era muito bem quisto,) e elle com elles vestido de loba azul de chamalote, cingido pela cinta, com hum barrete vermelho na cabeça, (porque os Fidalgos daquelle tempo não punham sua vaidade em capotes, e calças, senão em muitos soldados recolhidos em suas casas,) e com todos de cavallo sahia ao terreiro do Paço, e tanto que o Viso-Rey chegava á janella, acenava-lhe com a mão, e lhe dizia: » Ah » Senhor, sahi cá pera fóra, no campo de » S. Lazaro vos espero; » e voltava com sua companhia pera elle. O Viso-Rey mandava tocar a cavalgar, e com todos os Fidalgos se hia ao campo, e lá lhe sahia Bernaldim de Sousa com os companheiros de emboscadas, e escaramuçavam, e folgavam; e como cançavam, deitavam-se na relva, e conversavam com discursos graves, praticando sobre os negocios da India, e dalli se recolhiam. E esta facilidade dos Viso-Reys daquelle tempo obrigava aos hoinens a muitas cousas.

Era tão pontual, que andando passeando em hum cavallo, que tinha muito formoso, passou por elle hum casado, rico, e grande seu amigo, e lhe disse » se que-
ria vender aquelle cavallo, que lhe faria

» dar muito dinheiro por elle. » Elle lhe re-
spondeo, que não. E virando-se pera ou-
tro Fidalgo, que andava com elle, disse:
» Má terra he a India, parece-vos que em
» Portugal me perguntára ninguem, se que-
» ria vender o meu cavallo em que andasse? »
Trouxemos isto, porque vimos este primor
tão trocado, que os mesmos Fidalgos an-
davam pelas ruas convidando com os seus
cavallos pera lhos comprarem.

O Viso-Rey começou a entrar no des-
pacho das cousas de Malaca, e Maluco, e
mandou o Licenciado Gaspar Jorge, que era
Desembargador, pera ir a Malaca devassar
do caso da morte de D. Rodrigo de Me-
nezes, (porque a residencia de Bernaldim de
Souza das cousas de Maluco já lá era en-
commendada ao Oúvidor,) e pera tirar de-
vassa dos casos de D. Alvaro de Taíde. E
despachou D. Jorge Deça, que era provído
da Capitania da carreira de Maluco, e lhe
deu hum galeão com muitos provimentos
pera aquella fortaleza. E assim despedio al-
guns Capitães com soldados pera irem in-
vernar a Cochim, e a Cranganor. Depois
destes navios partidos pera fóra se cerrou o
inverno.

CAPITULO IX.

De huma Armada de Malavares, que foi á costa da Pescaria, e dos damnos que por ella andou fazendo: e de como Gil Fernandes de Carvalho armou alguns navios á sua custa, e a foi buscar: e de como encontrou esta Armada, e pelejou com ella, e a desbaratou, e tomou.

DEpois de Francisco Barreto ser partido da costa do Malavar pera Goa, que foi em Março, offereceo-se hum Rume, que vivia a soldo do Çamorim, a ir esperar as náos de Bengala, e saquear toda a costa da Pescaria, e as Cidades de Negapatão, e São Thomé, promettendo-lhe humas muito grandes prezas. E como o Çamorim neste negocio do mar nunca entra com cabedal algum, mais que com licença pera quem quizer armar navios o poder fazer, a deo facilmente a este, a quem logo se lhe offerecêram pera esta jornada muitos, e se começaram a negociar de navios, artilheria, munições, e soldados; e em poucos dias se ajuntaram de diferentes portos quatorze navios mui formosos, e mui bem petrechados, e com todos se fez o Rume á véla, indo elle em huma galcota latina grande, e possante; e fazendo-se na volta do Sul, passaram o ca-

bo do Camorim, e correndo a costa da outra banda, chegaram ao porto de Ponicali, aonde estava por Capitão Manoel Rodrigues Coutinho, Fidalgo honrado, que alli tinha sua mulher, e familia, e pera sua guarda tinha hum forte de taipa, que cercava a povoação, que era de Christãos; e assim elle era Capitão de toda aquella costa da Pescaria.

Está esta povoação de Ponicali em huma ponta da terra, que se cortou por huma parte, e ficou em Ilha, (porque era toda cercada de agua.) Chegada esta Armada, lançou logo o Rume em terra perto de quinhentos homens pera irem commetter a povoação. Manoel Rodrigues Coutinho acudio á praia com setenta Portuguezes que alli havia, em que entravam alguns Cavalheiros muito honrados; e com os Christãos da povoação, que acudiram com suas armas, remettêram com os inimigos, e travaram com elles huma formosa batalha, em que os nossos pelejaram mui bem, affinalando-se antre todos hum Antonio Franco de Gusmão, que levava a bandeira, ou guião; porque pondo-se diante de todos, como hum leão endireitou com hum Abexim, que trazia a bandeira do Rume; e liando-se com elle, o tomou, e deo com elle no chão, e o matou ás punhaladas, e tomando-lhe a bandeira, remetteo de novo com

os inimigos, seguindo-o todos os Portuguezes, e de feição apertáram com elles, que os fizeram lançar ao mar. O Rume que estava na prôa da sua galeota, vendo o estrago dos seus, e a sua bandeira perdida, e o pequeno número dos nossos, começou a brádar com os seus, affrontando-os, e espancando-os, fazendo-os lançar outra vez ao mar; e elle com toda a mais gente, que seriam perto de mil e quinhentos por todos, se poz em terra. Os nossos vendo a multidão dos inimigos, desampararam os mais delles ao Capitão, e forani-se recolhendo pera a povoação. Manoel Rodrigues Coutinho ficou com só dezefete companheiros, em que entravam Nuno Pita, Antonio Camelo seu irmão, Estevão de Lemos, e Antonio Franco; mas com estes tão poucos fez rosto aos inimigos, porque a honra não lhes dava lugar pera lhes virarem as costas. Vendo todavia Nuno Pita que aquillo parecia mais temeridade que esforço, chegou-se a elle, e tomando-o por hum braço, lhe disse: » Que » determinais, Senhor? não vedes quão pou- » cos somos? pera que he perdermo-nos em » cousa que não ganhamos honra? recolha- » mo-nos, e ponhamos em cobro vossa mu- » lher, e filhos, que he o que mais impor- » ta. » Manoel Rodrigues Coutinho ouvindo aquillo, foi virando com os companhei-

ros , que nunca o deixáram , e de quando em quando fazendo rosto aos inimigos com as espingardas , com que derribáram alguns , e quiz a desventura que désses huma espingardada a Manoel Rodrigues Coutinho , de que cahio logo ; mas os companheiros o leváram nos braços , e o recolhêram para a povoação , que acháram já despejada ; porque como víram ir os primeiros em desbarato , logo todos se passáram da outra banda do Estreito , que eram terras de Bisne Naique , hum vassallo do Rey de Canará. Manoel Rodrigues Coutinho mandou tambem passar sua mulher , e filhos , e elle com os que o seguíram tambem o fizeram.

Os Mouros entráram na povoação , e a roubáram , e escaláram , tomando toda a fazenda que Manoel Rodrigues Coutinho , e os mais Portuguezes alli tinham , porque não salváram mais que o que leváram sobre si. Os Malavares depois que escaláram , e roubáram tudo , se tornáram a embarcar , e se foram pela costa adiante.

O Bisne Naique da outra banda , tanto que teve rebate daquelle negocio , acudio com sete , ou oito mil homens ; e achando todos os Portuguezes nas suas terras , dando-lhes a cubiça de hum grande resgate , lançou mão de todos , e os prendeo. Manoel Rodrigues Coutinho despedio recados mui

apressados a Cochim, tratando de seu resgate com o Naique, (que porque se resgatassem mais depressa, e melhor, os tratou muito mal, e lhes estreitou as prizões.) Os recados que partíram pera Cochim, foram em poucos dias na Cidade, e se deram ao Capitão.

Estava então naquella Cidade de Cochim Gil Fernandes de Carvalho, que havia pouco era chegado, depois daquelle honroso, e esforçado feito que fez em Malaca em tempo de D. Pedro da Silva, Capitão daquella fortaleza; e havida aquella grande victoria, (como dissemos atrás no Cap. IX. do Liv. IX.,) se tornou pera Quedá a fazer seu negocio; e depois de carregar de pimenta, se foi a Bengala, onde a vendeo, e carregou de outras fazendas com que era chegado.

Correndo as novas por Cochim da Armada Malavar, e do negocio de Ponicale, poz toda aquella Cidade em revoltas, porque bem entendêram que não havia alli de parar o mal. Gil Fernandes de Carvalho se foi logo á Camara, onde estavam os Vereadores, e Capitão, e lhes disse, » que elle » estava muito prestes pera acudir áquelle negocio, porque pera o serviço de Deos, e » de ElRey tinha muito dinheiro, e muita » obrigação, e vontade; que lhe dessem na-

» vios, e artilheria, que elle não tinha; que
 » todos os soldados, e mantimentos elle os
 » embarcaria á sua custa, porque pera aquel-
 » las, e outras semelhantes necessidades que-
 » ria o que tinha.» A Cidade lhe agrade-
 ceo muito aquelle serviço, que queria fa-
 zer a Deos, e a ElRey, e lhe disse: » que
 » lhe dariam quatro navios, e artilheria pe-
 » ra elles.» Gil Fernandes de Carvalho lhos
 aceitou, e logo se foi pôr na praça, onde
 se fazem os leilões, armando meza, e man-
 dando lançar pregões, offerecendo de sua
 casa dez pardãos a cada soldado, que com
 elle se quizesse embarcar: e assim começou a
 pagar a todos os que acudiram, que foram
 cento e setenta; e por outra parte mandou
 comprar todos os mantimentos, e cousas ne-
 cessarias, que se embarcaram logo nos qua-
 tro navios, que a Cidade lhe mandou pôr
 no caes. Gil Fernandes de Carvalho man-
 dou negociar pera sua pessoa huma formo-
 sa galeota, o que tudo se fez em tres dias,
 e se embarcou no fim de Abril.

Dada á véla, foi seguindo sua derrota até
 dobrar o cabo do Camorim, e de longo da
 costa foi na demanda dos parós, e chegou
 a Calecare, onde os inimigos estavam, e co-
 mo hia com vento escaço, não pode do-
 brar a restinga, em que se perdeu Manoel
 de Macedo, (como na quarta Decada no

Cap. XI. do Liv. VII. temos dito.) Hum Capitão de hum navio da sua companhia, que se chamava Lourenço Coelho, natural de Tangere, que hia diante, foi desatentadamente varar por cima da ponta da restinga, onde ficou em secco. O Rume Capitão mór dos Malavares, que estava da outra banda, vendo varar aquelle navio, mandou cinco, ou seis a elle pera o tomarem. Chegáram estes navios, e acháram os nossos mettidos no feu, sem nunca o quererem largar, e abalroando-o por todas as partes, tiveram com elle huma formosa batalha á vista de Gil Fernandes de Carvalho, que lhe não pode soccorrer por ser o vento contrario, e muito rijo. Lourenço Coelho com seus companheiros, posto que estavam em secco com o navio, quando se víram abalroados, puzeram-se em defensão, e fizeram tudo o que o valor Portuguez lhes pedia, sustentando-se em damno dos inimigos muitas horas. Mas como onúmero era tão desigual, e elles não se quizeram render, foram todos mortos á espada, ficando só hum muito atassalhado, que se metteo debaixo do jugo da fusta.

Vencida a batalha por elles, deram os inimigos cabo ao nosso navio, e o tiráram pera fóra, e o leváram á vista de Gil Fernandes de Carvalho, que lhe não pode va-

ler. Gil Fernandes de Carvalho voltou pe-
 ra a Ilha das Lebres, que era perto, onde
 achou hum navio de Portuguezes; e toman-
 do-o comfigo ao outro dia, quiz nosso Se-
 nhor (por ser vespera do seu Triunfo da
 Ascensão, que foi aos quatorze dias do mez
 de Maio) que se mudasse o tempo, e lhe
 ficasse prospero, e dando á véla foi em bus-
 ca dos inimigos. E ao outro dia pela ma-
 nhã, que era de sua gloriosa Ascensão, hou-
 ve vista da Armada inimiga junto do lugar
 de Calecare, e pondo-se em armas, a foi de-
 mandar, e accommetteo com grande deter-
 minação, pondo elle a prôa na galeota do
 Rume, dando-lhe aquella primeira surriada
 com que lhe matáram muitos, e lançando-
 se dentro com os seus, teve huma muito ar-
 riscada batalha, porque o Rume era muito
 cavalleiro, e levava perto de duzentos ho-
 mens na sua galeota. Os outros quatro na-
 vios da nossa companhia tambem abalroá-
 ram cada hum com o seu, e depois de gran-
 des refertas os rendêram, e investíram ou-
 tros. Gil Fernandes de Carvalho depois de
 muitas horas, e de ter feito grande estrago
 nos inimigos, deo com os mais ao mar,
 onde tambem se salvou o Rume, e se foi
 pera a terra que era perto.

Rendida aquella galeota, que era a mais
 importante, se foi metter no meio das ou-

tras, e ás falcoadas desapparelhou duas, e envestio com outras, que logo se lhe despejaram, ficando-lhe os navios nas mãos. Em fim, quando foi sobre a tarde toda a Armada era rendida, e os navios ficáram em poder dos nossos, sem escapar hum só, que até a fusta de Lourenço Coelho foi tomada com o soldado ainda vivo, que se tinha escondido debaixo do jugo.

Alcançada tão grande vitoria, foi-se Gil Fernandes de Carvalho pera a costa de Negapatão, pera onde levou todos os navios, e invernou naquella Cidade. Estas novas correram logo a Cochim, e dahi a Goa, e foram tão estimadas, e festejadas, que lhe fizeram logo cantigas, que se cantavam nas folias, (que então havia muitas, porque tudo o daquelle tempo era alegria, e boas venturas,) e dizia huma: » Gil Fernandes » de Carvalho tomou os parós a quinze de » Maio. »

O Bisme Naique, tanto que soube da grande vitoria que a nossa Armada houve dos Malavares, logo se concertou com Manoel Rodrigues Coutinho no resgate das pessoas de todos, e os largou, ficando-lhe em refens do preço o Padre Henrique Henriques da Companhia, e depois de serem em Punicale, ajuntáram o dinheiro, e o mandáram. Os Parayás (que são os Pescadores do

alijofar daquelle lugar) vendo que Manoel Rodrigues Coutinho ficava muito pobre, lhe deram de serviço hum dia de pescaria, que foram fazer á sua conta; e foi sua ventura tal, que lhe rendeo sete, ou oito mil pardãos. Gil Fernandes de Carvalho tomou nos parós toda a fazenda de Manoel Rodrigues Coutinho, e dós mais Portuguezes, e o que pode salvar das mãos dos soldados, que foram os vestidos, e joias de sua mulher, e algumas peças, que tudo lhe mandou.

C A P I T U L O X.

Do que aconteceu a D. Antão de Noronha na jornada até Ormuz: e do que fez Pirbec tanto que chegou a Bacorá: e do que mais passou D. Antão de Noronha, até entregar a Armada a D. Diogo de Noronha.

PArtido D. Antão de Noronha com a Armada pera Ormuz, (como atrás dissemos no Cap. VI. deste X. Liv.) cursando-lhe sempre bons tempos, chegou áquella fortaleza no fim de Novembro, aonde já havia mais de hum mez que D. Diogo, e D. Antonio de Noronha eram chegados. O Capitão D. Alvaro de Noronha lhe fez grande recebimento, e o povo todo, que ainda estava assombrado das galés. D. Antão de

Noronha despedio logo Gomes de Siqueira, e Luiz de Aguiar (dous grandes Catureiros) pera irem até dentro de Baçorá vigiar as galés, dando-lhes por regimento, que hum lhe trouxesse novas do que achasse, e o outro se deixasse ficar lá até seu recado, ficando D. Antão negociando, e provendo a sua Armada de novo.

Aqui se conta delle huma cousa, que se lhe notou a grande prudencia, e artificio, como elle realmente tinha; e foi esta. Costumavam os Reys de Ormuz, quando chegava algum Capitão mór áquella fortaleza, mandallo visitar com presentes de brincos, e curiosidades, conforme á pessoa, e á Armada que leva; e porque D. Antão de Noronha por ambas aquellas cousas havia que estava no segundo lugar da India, querendo que todos o estimassem nisso, sabendo que El-Rey o havia de mandar visitar com hum presente, quiz que fosse maior que todos os que até então mandára aos Capitães que alli tinham vindo; e pera isso se fiou de hum Letrado que alli estava por Veador da Fazenda, que era de sua obrigação, e grande amigo de El-Rey. Este estando hum dia praticando com El-Rey, lhe deo elle conta do presente que queria mandar a D. Antão de Noronha. O Bacharel lhe disse » que lhe mandasse o maior, e o mais rico que pu-

» desse , que elle faria com D. Antão que
 » lho tornasse depois , porque não queria
 » mais que acreditar-se com os homens ; e
 » que pera segurança disso lhe daria hum af-
 » signado do mesmo D. Antão , e outro seu. »

ElRey o fez assim ; e estando hum dia Dom
 Antão de Noronha com D. Diogo de No-
 ronha , D. Antonio , e todos , ou os mais
 dos Fidalgos , e Cavalleiros de sua Arma-
 da , chegou a visitação de ElRey , e o pre-
 sente , que valia dez , ou doze mil cruza-
 dos , porque era hum fio de perolas riquif-
 simo , algumas peças de ouro , e prata cu-
 riosas , alcatifas grandes , e pequenas , mui
 finas , e outras cousas. Aceitado o presen-
 te em público , tanto que foi noite o tor-
 nou a mandar a ElRey pelo Bacharel , que
 recolheo os assignados , que disto lhe tinha
 passado. Contamos isto , porque he necessa-
 rio pera outras cousas que adiante havemos
 de tocar , e agora os deixaremos por hum
 pouco , porque he necessario continuar com
 o Pirbec.

Partido este Turco de Ormuz com o re-
 cheio que dissemos , foi ter a Baçorá , onde
 se deixou ficar. O Baxá de Baçorá tanto que
 soube que elle desembarcára em Mascate ,
 e Ormuz contra o regimento do Turco , des-
 pedio logo pela posta recado disso a Con-
 stantinopla. Disto foi avisado o Pirbec ; e co-

mo era sagaz , e prudente , tomou todo o recheio de Mascate , e de Ormuz , e Lareca , que montaria mais de hum milhão de ouro , e embarcou tudo em tres galés ligeiras , e ferrolliou nellas todos os Portuguezes que cativou em Mascaté , e partio-se de Baçorá com tenção de se ir a Constantinopla deitar aos pés do Turco com todas aquellas riquezas , pera com isso o abrandar ; porque estava certo que se esperasse recado feu em Baçorá , que lhe havia de mandar cortar a cabeça.

Partido de Baçorá , tomou a derrota de longo da costa de Arabia ; e tanto ávante como Catifa , de noite deo huma das galés em huma restinga , onde se desfez , e espedaçou ; como isto era de noite , e os Portuguezes que hiam afferrollhados não sabiam a terra , receando de se affogarem , se deixáram ficar na galé já desafferrollhados. Pirbec que hia diante achando logo a galé menos , tornou a voltar atrás ; e chegando á restinga , achou a galé quebrada , e toda a gente nella , e deitando barquinhas fóra , mandou recolher todos , e os Portuguezes que foram tão mofinos , que podendo-se salvar em terra , que era perto , se deixáram ficar. Os Turcos recolhêram as mais das cousas da galé , e foram seguindo sua derrota.

Os nossos navios , que andavam vigiando

as galés, tanto que sahíram de Baçorá, logo houveram vista dellas, e deixou-se ficar o Siqueira vigiando-as, indo sempre á sua vista; e o Luiz de Aguiar se foi com recado a Ormuz com a mór pressa que pode; e chegando áquella fortaleza, deo rebate a Dom Antão de Noronha, que logo se embarcou com muita pressa, e com elle D. Diogo, e D. Antonio de Noronha; e ao partir de Ormuz chegou a elles o Siqueira, e lhes disse, que as galés hiam de longo da costa de Arabia pera fóra. D. Antão tornou a voltar apôs ellas; e indo os galeões a meia boroa, e a Armada de remo de longo da costa, e diante de todos o Siqueira, e Aguiar, pera descobrirem todas as enceadas, porque lhe não ficassem atrás. Era isto no mez de Fevereiro, em que cursão os ventos Xamais, que são os Noroestes, que dentro naquelle Estreito são mui tormentosos; e assim teve a Armada tanto trabalho, que esteve perdida com huma tormenta desfeita que lhe deo, com que corrêram com vélas pequenas até defronte de Mascate; e sendo vista a Armada da terra, lhe sahio Fernão Dias Cesar em hum terranquim, e disse a D. Antão de Noronha, que o dia d'antes passáram as duas galés á vista da terra. D. Antão mandou dar todas as vélas, e as foi seguindo, mandando diante os navios de remo pera as emba-

raçarem, se as achassem, e chegou até o cabo de Resolgate sem haver vista dellas. Alli tomou parecer sobre o que faria, e se as seguiria até o Estreito de Meca, e assentou-se, que já não era monção, porque ventavam os Ponentes, e que a Armada não hia apercebida pera isso, mas que fosse esperar as náos de Judá na ribeira de Teve, e as recolhesse, e se fosse com ellas pera Ormuz; e assim o fez, que logo voltou pera aquella ribeira, aonde esteve até todo Abril, e ainda alguns dias de Maio, e recolheu todos os navios. Alli foi ter Pero de Taide Inferno com toda sua Armada, estando Dom Antão de Noronha pera dar á véla.

Este Fidalgo tanto que partio de Goa, foi demandar as portas do Estreito, onde esteve até áquelle tempo, sem lhe acontecer cousa notavel, nem haver vista do Pirbec, porque parece que passou de noite por elle. D. Antão de Noronha tanto que vio a sua Armada, teve com elle cumprimento sobre as bandeitas; e todavia Pero de Taide tirou a sua, e o foi seguindo até Ormuz, aonde D. Antão de Noronha tomou posse da fortaleza, e entregou a Armada a D. Diogo de Noronha o Corcôs. Pero de Taide Inferno achou hum regimento do Viso-Rey, em que lhe mandava entregasse a sua Armada a D. Diogo de Noronha

Corcôs, como logo fez, e se embarcou com elle por seu soldado no galeão S. Lourenço. D. Diogo tanto que tomou posse da Armada a mandou negociar, e reformar, e D. Antão de Noronha lhe fez paga aos soldados, e lhes ordenou mezas, que se lhes deram todo o tempo que alli estiveram. Dom Diogo de Noronha despedio alguns navios ligeiros pera andarem de Ormuz até Baçorá em paragens, pera haverem falla das galés, e lhe mandarem cada dous dias recado do que se lá passava.

C A P I T U L O X I.

De como Francisco Lopes de Sousa chegou a Maluco, e das cousas que fez: e de como faleceo: e das differenças que houve sobre quem succederia naquella Capitania: e das cousas que sobre isso fez o Rey.

DEixámos Francisco Lopes de Sousa o anno passado partido de Malaca pera Maluco; e tendo boa viagem, chegou á fortaleza em Dezembro passado, e Balthazar Velloso lhe entregou a fortaleza, com cujas obrigações começou a correr; e a primeira cousa que fez foi apresentar a ElRey a Provisão do Viso-Rey, que tambem levou, em que mandava, que nenhuma pessoa ven-

desse cravo , nem o comprasse , senão de cabeça , e limpo de páo , e bastão , pelos inconvenientes que atrás dissemos. Este Rey como desejava de se mostrar muito leal a todos os mandados dos Viso-Reys , e Governadores , mandou apregoar a Provisão por todas suas Ilhas ; o que tomáram muito mal todos seus vassallos , assim pela muita perda que recebiam , como pelo muito grande trabalho que se lhes offerencia no alimpar do cravo ; mas ElRey trabalhou tanto nisso , que os quietou , e fez com elles que obedecessem aos mandados do Viso-Rey ; e assim começaram logo a vender o cravo limpo , e a carregar-se no galeão da carreira. Succedeo mais em sua entrada dizerem-lhe os Padres da Companhia , » que era serviço » de Deos mandarem com elles alguns Portuguezes ao lugar de Camafo (que era de » ElRey de Tidore) dividir , e apartar os » Christãos , que alli viviam , dos Mouros , e » Gentios , porque viviam todos misturados , » e muitos Christãos casados com Mouras , » e Gentias , e muitas mulheres Christãs pela mesma maneira ; o que era contra a Lei » de Deos , e grande perturbação daquella » Christandade. » Isto praticou o Capitão com ElRey , e lhe pediu algumas corocoras para mandar áquelle negocio com os Padres. ElRey lhe disse » que aquella obra era ta-

» manha , que se ambos se não achassem em
 » pessoa nella , não se poderia fazer cousa
 » alguma , porque reccava grandes altera-
 » ções , e movimentos ; e que elle estava
 » prestes pera isso. » O Capitão lhe agrade-
 ceo aquelle conselho , e lançou mão dos cum-
 primentos , pedindo-lhe que se fizesse pres-
 tes , o que elle logo fez ; e ambos se em-
 barcáram em suas corocoras , levando o Ca-
 pitão cem Portuguezes , e deixou a fortale-
 za entregue a Gabriel Rabello.

Chegados ao lugar do Toloco , duas le-
 guas de Camafo , deixáram-se ficar ElRey ,
 e o Capitão , e mandáram hum Padre da
 Companhia , e com elle Bastião Velofo , e
 Pero de Ramos com alguns Portuguezes pe-
 ra irem fazer aquella diligencia. Chegados
 estes homens a Camafo , começou o Padre
 a dividir , e apartar os Gentios , e Mouros
 dos Christãos , as mulheres dos maridos , e
 elles dellas ; pais de filhos , e filhos de pais ,
 de maneira , que tal ordem tiveram , que fi-
 cãram os Christãos todos sobre si , e os mais
 em bairros , que pera isso lhes ordenáram ;
 e os que se não quizeram apartar das mu-
 lheres Christãs , e assim mesino as Gentias ,
 ou Mouras , que quizeram viver com seus
 maridos , recebêram a agua do santo Bau-
 tismo.

Feita esta obra sem alteração alguma , se

tornáram pera o Toloco, onde Estava El-Rey, e o Capitão. Vendo El-Rey aquelle negocio, que elle tinha por muito duvidoso, e difficultoso, movido de sua boa inclinação, e natureza, disse ao Padre: » Ora já que vós, Padre, viestes a fazer huma obra tão santa, como foi apartar os Christãos dos Mouros, eu tambem quero que se faça em mim justiça, pois eu vos favoreci pera as fazerdes nos outros. Eu traço ha muitos annos huma mulher Christã por manceba, nunca Deos queira que eu fique com ella; » e mandando-a vir, logo lha entregou. O Capitão, e o Padre pasmáram daquella obra, e lha louváram, e engrandecêram muito, e logo ordenáram casar a mulher, como fizeram, ajudando-a todos com seu quinhão.

El-Rey de Tidore como nunca foi amigo dos Portuguezes, e desejava vellos acabados, e fóra daquellas Ilhas, sabendo que estava o Capitão no Toloco em poder de El-Rey de Ternate, despedio huma corocora muito ligeira com huma carta pera El-Rey, em que lhe dizia: » Que pois tinha em sua mão o Capitão, e os Portuguezes, que lhe sería muito facil matallos, e que depois tomariam a fortaleza, e ficariam livres de sua sujeição. » El-Rey como era bom homem, tornou a despedir a corocora,

ra, e respondeo a ElRey » que o não acon-
 » selhava bem naquelle negocio ; que antes
 » tinham todos obrigação de pouparem as
 » vidas dos Portuguezes, porque depois que
 » elles entráram naquellas Ilhas, foram to-
 » dos os dellas ricos, honrados, e politicos,
 » sendo d'antes pobres, e barbaros. » E pos-
 to que ElRey quiz encubrir isto por não ho-
 miziar aquelle Rey com o Capitão, pelos
 parentescos que com elle tinha, elle o veio
 a saber, e dissimulou com o negocio. Aca-
 bado tudo ao que foram, se recolhêram pe-
 ra Ternate, onde o Capitão adoeceo logo
 de humas febres mortaes, de que ao sete-
 no dia faleceo com grande mágoa de to-
 dos, porque era muito bom Fidalgo. E a-
 brindo-se seu testamento, achou-se nelle no-
 meado por Capitão Christovão de Sá, que
 de Malaca se tornou com elle. Philippe de
 Aguiar, que era Alcaide mór, acudio a re-
 querer a Capitania, conforme ao regimen-
 to, e trazia já consigo alguns soldados, e
 quiz lançar mão das chaves da fortaleza com
 união, estando Francisco Lopes de Sousa
 ainda arquejando. A isto acudio ElRey, e
 o Ouvidor ; e vendo a cousa revolta, to-
 mou a menagem ao Alcaide mór, e o man-
 dou pera a torre ; e lendo o testamento do
 Capitão, entregou a fortaleza a Christovão
 de Sá. Feito isto, tratáram de enterrar o Ca-

pitão, como logo se fez, e lhe fizeram seus Officios com muita solemnidade, a que El-Rey com ser Mouro se achou vestido de dó á Portugueza.

Passado o Officio se assentou El-Rey á porta da fortaleza, onde se ajuntou todo o povo, e mandou soltar o Alcaide mór a seu requerimento pera o ouvir de sua justiça, e elle lhe requereo a posse daquella fortaleza, porque lhe pertencia, conforme á Ordenação do Livro vinte, titulo dos Alcaides móres; e com isto apresentou hum regimento do Governador Nuno da Cunha, em que mandava » que por morte dos Capitães succedessem os Alcaides móres. » Christovão de Sá acudio, dizendo: » Que elle estava já de posse da Capitania por virtude da verba do testamento; e que além disso viera da India provído da Capitania daquella fortaleza por huma Provisão do Governador Garcia de Sá. » Sobre isto debatêram ambos, e começou a haver alvoroço, a que El-Rey acudio, e os apazigou, e por fim de todas as pertençaes se louvaram ambos em El-Rey, do que o Ouvidor fez hum Termo assignado por elles. Acabado isto, fez El-Rey a todos os Portuguezes esta breve falla.

» Ninguem vos póde negar, valorosos Portuguezes, que antes que viesseis a estas Ilhas, eramos todos barbaros, e sem po-

» licia , nem ordem alguma boa de gover-
 » no , e que todo o bom que hoje temos ,
 » de vós o tomámos , e aprendemos , por-
 » que vos governais por razão , e justiça ,
 » por homens doutos , e letrados , que en-
 » direitam as cousas tortas ; pelo que o vos-
 » so governo , e ordem das cousas he tudo
 » santo , e bom , e he razão que todos o si-
 » gamos , e imitemos. E pois assim he , pe-
 » ço-vos que me digais a qual destes direi-
 » tos , que estes dous pertencores allegão
 » por si , hei de obedecer , pera que ElRey
 » de Portugal meu Senhor seja bem servido ,
 » porque vos hei de lançar a culpa do erro ,
 » se o houver , e a elle dareis conta de tu-
 » do , porque eu desejo de acertar em seu
 » serviço.

Acabada a falla , estiveram todos calados
 por hum espaço , e depois sahio de antre
 todos huma voz que dizia : » Eu obedeco
 » a Christovão de Sá , que está já de posse ; »
 a isto differam todos o mesmo. Vendo El-
 Rey aquillo , deo a sentença por elle , e lhe
 tornou de novo a dar posse da fortaleza. Do
 que tudo o Ouvidor fez hum auto assignado
 por ElRey , e por todos , e com isto se quie-
 taram os tumultos.

CAPITULO XII.

Dus cousas que este anno acontecéram em Ceilão: e de como Tribuly Pandar, que estava prezo, se fez Christão, e fugio da prisão: e dos damnos que fez, e de outras cousas.

DEixámos as cousas de Ceilão com a prisão de Tribuly Pandar, pai de ElRey da Cota, e com a chegada de D. Duarte Deça; agora continuaremos com as cousas que este verão succedêram. Entregue Dom Duarte da Capitanía de Ceilão, tratou ElRey com elle sobre a soltura de seu pai, fazendo-lhe muito grandes partidos, e dando-lhe todas as seguranças que quizesse, sem o poder acabar com elle. Corriam com este Principe os Padres de S. Francisco, a quem rogou que o fizessem Christão, porque estava affeiçoado ás cousas da nossa Fé, e porque em ninguem achára humanidade, e caridade senão nelles. Os Padres estimáram aquillo muito, e o catequizáram, e bautizáram, sem darem conta disso ao Capitão, porque receavam de lho impedirem; mas depois de feito, lho fizeram a saber. D. Duarte sentio-o tanto, por se fazer aquillo sem lho communicarem, que logo mandou lançar ao Tribuly hum façanhoso grilhão, e fechallo

a huma corrente, e tirar-lhe a communicacão dos Frades, por cujo meio elle cuidava tivesse algum remedio, e todas as outras consolações que hum prezo podia ter, com o que poz aquelle atribulado Principe em grande desesperação. A mulher, mãe de ElRey, (que, como dissemos, escandalizada da prisão do marido, se tinha passado pera o lugar de Reigão,) como era mulher prudente, e varonil, sendo avisada do máo tratamento que se fazia ao marido, tratou de o tirar dalli por industria, já que não podia ser por força; e tendo prática com algumas pessoas de que se fiou, Portuguezes, que tambem estavam escandalizados daquelles excessos, peitou tanto, e deo tanto, que ordenáram huma mina no quintal dos Padres, onde a prisão respondia, que foi dar no lugar em que Tribuly estava, e por ella o tiráram huma noite, e foi lançado fóra da fortaleza. Ao outro dia, que deram rebate ao Capitão daquelle negocio, acudio a fazer suas diligencias, e prendeo algumas pessoas, contra quem se não provou cousa alguma, e despedio logo recado ao Viso-Rey do que era passado. O Tribuly tanto que se vio fóra da prisão, como levava no coração a mágoa do máo tratamento que lhe fizeram, ajuntando muita gente, que a mulher lhe tinha mandado, se foi pera a banda de Ga-

le, e todas as Igrejas, e Christãos que achou foi pondo a ferro, e a fogo, sem perdoar a cousa alguma; e chegando a Gale, fez o mesmo, e queimou huma formosa não que alli estava já acabada, e no estaleiro, que era de hum Miguel Fernandes; e passando a Reigão, tomou a mulher, e se foi pera o lugar de Pelande, que sería da Cota oito leguas, com tenção de fazer aos Portuguezes toda a guerra que pudesse.

ElRey seu filho tanto que teve aviso de sua fugida, e soube os damnos que fora fazendo, pezou-lhe muito, e lhe mandou pedir » que não quizesse proseguir mais na-
 » quelle negocio, nem lembrar-se do aggra-
 » vo que lhe fizeram; mas que puzesse os
 » olhos no Madune seu inimigo, que fora
 » causa de todos aquelles trabalhos; e que
 » se juntassem todos em seu damno, por-
 » que de outra maneira perder-se-lia aquel-
 » le Reyno; » e isto mesmo praticou com o
 » Capitão, e lhe pediu » que esquecidas as
 » cousas passadas, tratassem das presentes, e
 » que se armassem todos contra o Madune,
 » que estava poderoso, e alterado com aquel-
 » las desavenças; e que soubesse de certo,
 » que se senão acudia a isto muito de pro-
 » posito, que se havia de perder toda aquel-
 » la Ilha, e ficar em poder do Rey inimi-
 » go; e que ElRey de Portugal era o que
 » nif-

» nisso mais perdia, pois era Senhor daquella
 » le Reyno da Cota, e o commercio da-
 » quella canela lhe importava muito.»

D. Duarte Deça considerando todas aquellas cousas, se concertou com ElRey contra o Madune, mettendo na liga o Tribuly Pandar, pera que fosse do lugar de Pelande, onde estava, com a sua gente contra Ceitavaca; e que ElRey mandasse o Camereiro mór com todo o poder, e sincoenta Portuguezes que lhe daria. Estes concertos jurou o Capitão de cumprir sobre hum Misfal, e ElRey lhe deo logo mil cruzados pera ajuda dos gastos dos sincoenta soldados, e começou a negociar as cousas pera a jornada, pondo no campo o Camereiro mór perto de tres mil homens; e quando esperava pelos Portuguezes, que D. Duarte Deça ficou de lhe mandar, faltou-lhe com todos, mandando-lhe dizer: » Que os soldados dos não queriam servir sem paga, que lhe mandasse mais dinheiro pera isso.» ElRey como estava roubado, e despezo, não teve que lhe mandar; mas o Camereiro mór tirou huma arelhana de ouro, que valeria quinhentos cruzados, e lha mandou, pera que pagasse os sincoenta soldados. D. Duarte recebeo a arelhana, e lhe respondeo com vinte soldados que lhe mandou, e por Capitão delles João Coelho. ElRey sentio mui-

Conto. Tom. III. P. II.

Hh

10

N I M P R E N S A
 N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

to faltar-lhe assim D. Duarte Deça com o que tinha jurado; e não deixou de mandar proseguir na empreza, e despédio o Camereiro mór com ordem, que se fosse ver com o Principe das Corlas pera o metter na liga. Partido o Camereiro mór, chegou ao lugar de Madabe, aonde se vio com aquelle Principe, e concertou com elle, que o ajudasse contra o Madune por aquella banda, e lhe deixou quatrocentos homens pera ajuntar com a sua gente. Feito isto, commetteo o Camereiro mór com os Portuguezes as terras do Madune por huma parte, o Principe das Corlas pela outra, e o Tribuly Pandar pela outra de Pelande. Pela parte por onde o Camereiro mór entrou, lhe sahio ao encontro o Capitão geral do Madune, com quem tiveram os nossos alguns recontros, em que o desbarataram. D. Duarte Deça, (ou que o Madune o mandasse peitar em segredo,) sabendo esta conjuração, pera que não favorecesse o Rey da Cota; ou que elle por cubiça do que d'elle esperava se lhe offerecesse, ou como quer que fosse, elles trouxeram antre si intelligentcias, que não foram tão secretas, que o Tribuly Pandar as não viesse a saber, e avisou disso logo ao filho. Vendo ElRey tamanha maldade, como era muito amigo dos Portuguezes, receando-se de alguma traição, mandou recolher

todos com o Camereiro mór. O Tribuly vendo aquella injustiça do Capitão, e como por sima do que jurára se carteava com o Madune, quiz tambem remediar-se, e fannear-se com elle, e assim entráram em concertos, que se vieram a concluir por esta maneira.

» Que o Tribuly Pandar casasse com huma filha do Madune, já viuva, que tinha huma filha; e que esta casasse com seu filho segundo irmão de ElRey; » e disto fizeram seus assentos, que logo se publicáram. ElRey tanto que o soube, sentio-o muito, porque entendeu da malicia do Madune, que todos aquelles concertos eram pera segurar o Tribuly seu pai, pera vir a lhe tomar o Reyno, que era o que elle pertendia. A Rainha velha avó de ElRey, e do Madune, (que era huma Senhora muito grave, e de grande prudencia,) vendo ElRey da Cota desamparado até de seu proprio pai, tomou consigo o Camereiro mór, e se foi ao lugar de Reigão; onde o Tribuly estava; e vendo-se com elle, lhe fez sobre este negocio huma falla muito honrosa, que teve tanta força, que lhe fez remover todos os partidos, que tinha feito com o Madune, tornando a pôr as cousas de seu filho em melhores esperanças; e quiz Deos que acudisse esta Senhora primeiro, que se consuma-

massem os Matrimonios com o Tribuly ; porque se assim não fora , tudo se perdêra.

Declaradas estas cousas , foi D. Duarte Deça desapossado , e em seu lugar succedeo Fernão Carvalho , Alcaide mór de Columbo. ElRey , o Tribuly Pandar seu pai , e o Principe das Corlas (que por ordem da Rainha velha tornáram a jurar nova liga) se fizeram prestes pera proseguirem na guerra , pedindo ajuda de sincoenta soldados a Fernão Carvalho , que lhos offereceo , e elles lhe deram logo quinhentos cruzados pera suas despesas. Postos todos em campo , quando ElRey mandou pedir os soldados ao Capitão , mandou-se-lhe escusar , com dizer , que andavam pela costa de Columbo alguns navios Malavares , e que hia acudir , por lhes não saquearem a terra ; e assim se foi sem lhes mandar soldados , nem dinheiro. Vendo ElRey quanto de mal em peor lhe hia com aquelles Capitães , não delistio da empreza , e mandou proseguir nella. Os conjurados entráram pelas terras do Madune , e lhes desbaratáram seus Capitães muitas vezes , e o chegaram a estado , que mandou pedir misericordia ao irmão , que como era bom homem , a teve delle , e fizeram novas pazes , com se effectuarem os casamentos , que estavam concertados. Neste estado deixamos estas cousas.

CAPITULO XIII.

De como o Turco teve o recado do Baxá de Baçorá, das cousas que Pirbec fez em Mascate, e Ormuz: e de como mandou Moradobec, que lhe tornasse quinze galés ao porto de Moçá: e de como Pirbec chegou á Corte, e o Turco lhe mandou cortar a cabeça: e de como D. Diogo de Noronha se encontrou com Moradobec: e da muito notavel batalha que as galés tiveram com o galeão de Gonçalo Pereira Marramaque.

TAnto que Pirbec chegou a Baçorá, (como atrás dissemos no Cap. X. deste X. Liv. ,) logo o Baxá avisou pela posta o Grão Turco das cousas que fizera em Mascate, e Ormuz, e de como era partido com tres galés; e que ficava na fortaleza de Ormuz huma poderosa Armada de Portuguezes, que acudio a seu soccorro. Com estas cartas lhe chegou tambem recado, que nas portas do Estreito de Meca ficava outra Armada (que era a de Pero de Taide Inferno.) E receando-se o Turco que lhe entrasse até a casa do seu falso Profeta, e que lha destruissem de todo, (porque ficava aquelle Estreito desamparado,) assentou mandar levar quinze galés, das que Pirbec passou a Ba-

gorá , pera o Estreito de Meca , pera sua guarda , e defensão.

Isto soube Moradobec , Capitão que foi de Catifa , que andava na Corte muito desconfiado de largar tão depressa aquella fortaleza a D. Antão de Noronha , como atrás dissemos no Cap. XIV. do Liv. IX. E querendo remediar a quebra que por elle passára , metteo suas valias , pera que lhe dessem aquella jornada , e assim lha concedeo o Turco , e o despedio logo pela posta , dando-lhe por regimento , que se fosse a Baçorá , e que das galés que lá levára Pirbec tomasse quinze , e com ellas se fosse pera o Estreito de Meca , e andasse em guarda del- le ; e que as mais galés ficassem em Baçorá fazendo guerra aos Gizares.

Partido este Moradobec , a menos de hum mez chegou Pirbec a Constantinopla ; porque chegando a Suez com as galés as varrou , e tomou todos os thesouros , e Portuguezes cativos em camellos , e se passou a Alexandria , e dalli por mar a Constantinopla , aonde chegou muito confiado nas riquezas que levava , e com tudo se apresentou aos pés do Turco. Mas como este Senhor , ainda que barbaro , não consente corromper suas leis , nem seus mandados com thesouros , ou privanças , alli logo mandou cortar a cabeça a Pirbec por quebrantador de seus

regimentos, e os Portuguezes mandou metter nas galés a banco, donde a mór parte depois se resgatáram, e vieram á India.

E tornando a Moradobec, deo-se tanta pressa, que chegou a Baçorá no fim de Julho; e negociando quinze galés que lhe melhor parecêram, mettendo-lhe a melhor artilheria, e os melhores soldados de todas ellas, se sahio pera fóra em Agosto. Dom Diogo de Noronha tambem na entrada deste mez se tinha partido de Ormuz com toda a sua Armada, e se foi pôr no cabo de Moçandão; e dalli despedio Gomes de Siqueira, e Luiz de Aguiar com regimento, que fossem até Baçorá a tomar falla das galés, e que hum as ficasse vigiando, e outro lhe trouxesse recado do que achasse dellas.

Chegados estes navios á boca do rio Eufrates, tomáram hum terranquim com alguns Mouros, que lhes disseram como Moradobec ficava no mar com as galés pera sahir pera fóra. Com este recado se partio hum dos navios, e o outro ficou vigiando. Chegado este recado a D. Diogo de Noronha, preparou a sua Armada muito bem, e tornou a mandar o navio pera se ajuntar com o outro, pera lhe trazerem recado como fossem sahidas, e elle se deixou andar do cabo de Moçandão até á Ilha de Angão, aonde as galés forçado haviam de vir de-

mandar. E sendo já fim de Agosto, chegaram as fustas a D. Diogo de Noronha, e lhe disseram, que alli atrás vinham quinze galés; e após este recado começaram de apparecer todos á véla de longo da costa de Persia com vento Ponente. D. Diogo de Noronha estava surto com toda a Armada da banda de Arabia; e em lhe dando o recado, mandou levar ancora, e dar á véla, e foi atravessando á costa de Persia; e chegando a tiro de bombardas das galés, se poz com ellas ás bombardadas, porque não ousou de se chegar mais á terra pera onde as galés hiam mettendo de ló tudo o que pódiam, e desparando tambem sua artilheria; e quiz a desaventura que acertasse hum tiro da coxia no galeão do Capitão mór ao lume da agua, pela banda de gilavento, que o varrou dentro, e começou a fazer tanta agua, que se hia ao fundo. Os Officiaes acudindo abaixo, víram o galeão que se hia alagando, e requerêram ao Capitão mór que voltasse em outro bordo, porque se perdiam. D. Diogo de Noronha o consentio, ainda que contra sua vontade, e os Officiaes viráram no outro bordo, e foram deitando rombos com muita pressa. Era isto ás dez horas do dia, em que o vento começou a calmar, e os galeões ficáram anhotos por esse mar, sem governarem, divididos, e

apartados de feição, que o galeão de Gonçalo Pereira Marramaque ficou da banda de Persia, affastado de toda a mais Armada hum tiro de espora. Moradobec vendo os favores do tempo, tomou as vélas, e foi com todas as galés demandar o galeão de Gonçalo Pereira; e chegando a elle, o rodeáram por todas as partes, e o começaram a bater furiosamente, descarregando nelle huma prolixa tempestade de pelouros; e depois que despendiam todas as cargas, tornavam-se a affastar, e a carregar de novo, e a dar sua bateria por esta ordem. Gonçalo Pereira Marramaque tinha no seu galeão cento e vinte homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros muito nobres, e esforçados; e vendo que as galés o demandavam, puzeram-se em armas, e guarneceram o galeão de suas arrombadas, tomando os Fidalgos a artilheria á sua conta com os bombardeiros; e assim com grande determinação esperáram os inimigos, em quem desparáram tambem sua artilheria, que se empregou de feição, que lhes desaparelháram as mais das galés. Mas como o galeão pelejava a pé quedo (como lá dizem) sem se mover de hum lugar, e as galés por causa do remo se chegavam, e recolhiam cada vez que queriam, puzeram o galeão em estado, que lhe não ficou cousa em que pôr.

os olhos; porque todas as obras de sinia estavam desfeitas em muitas rachas, que feriram todos os do galeão, a mezena toda quebrada, os mastros ambos rachados por muitas partes, e as vergas com as vélas por esse mar. Mas assim estava o piedoso galeão no meio de todas as galés, como hum formoso, e forte baluarte, deitando chaimmas de fogo, e coriscos por todas as partes; e todos os soldados, ainda que feridos de muitas feridas, tão esforçados, e animosos, que desejavam que as galés os commettessem de bordo a bordo, pera satisfazerem nos Turcos o furor com que todos andavam. Gonzalo Pereira Marramaque mostrou este dia os quilates de seu sangue, e esforço, apresentando-se sempre nos lugares mais perigosos, ainda que alli não havia algum que o não fosse, e estivesse, e em tudo era companheiro de todos, assim nos trabalhos, como nas feridas, porque tambem trazia tres muito crueis fréchadas por seu corpo.

D. Diogo de Noronha vendo aquella braveza, e que não podia soccorrer o seu galeão, esbravejava como homem sem si, queixando-se de S. Lourenço, porque lhe não dava vento pera o soccorrer, dizendo-lhe » que era hum mancebo, e que lhe roubava sua honra; » e com esta paixão mandou esquipar todos os bateis dos galeões,

c

e dar-lhes toas, pera ver se podiam chegar alguma cousa, mas tudo era em vão; e despedio todos os navios de remo, pera que fossem favorecer o galeão, no que seus Capitães trabalháram bem, chegando alguns muito perto das galés; mas como ellas tinham rodeado o galeão, não foi possível poderem chegar a elle. Gonçalo Pereira não lhe ficava cousa alguma por fazer, porque tudo corria, e tudo via com os olhos, fazendo bem o officio de Capitão muito animoso, e prudente. O Mestre, e o Piloto, que este dia trabalháram como Elefantes, não se resguardando dos perigos, foram mortos de espingardadas, porque de todas as partes choviam pelouros, e fogo, e nuvens de fréchas sobre o galeão, de que todos os nossos andavam empenados por muitas partes. Em fim, todos pelejáram tanto, que não houve algum que não tivesse inveja aos companheiros que tinha apar de si.

Francisco da Cunha, homem Fidalgo, pecejou sempre com hum falcão com muito valor, e destreza, fazendo tiros tão certos, como se toda a vida usára aquelle officio. E posto que esta batalha era merecedora de se engrandecer com mais alto estylo, e com muitas mais palavras, nós o deixámos de fazer, porque nos falta pera isso tudo; basta que a briga durou até horas de

de vespera , em que a viração começou a ventar , e os galeões se foram chegando. Moradebec tanto que vio ventar o vento , achando-se com todas as galés destroçadas , houve por melhor conselho tornar-se pera Baçorá ; e tomando o remo em punho , se encoistou á costa de Persia , e de longo della tornou a voltar pera dentro , ficando-lhe a náó , que era de João Nunes Homem , que he a que Pirbec tomou em Ormuz , que levavam carregada de artilheria , munições , e mantimentos pera provimento da Armada.

D. Diogo de Noronha chegou ao galeão de Gonçalo Pereira Marramaque , que se não via delle mais que o casco ; e metten-do-se no batel , foi a elle. Gonçalo Pereira o esperou a bordo com todos os seus soldados , banhados em seu proprio sangue , e cheios de polvora , e suor , e empenados de muitas fréchas por todas as partes. Subindo D. Diogo de Noronha affima , foi Gonçalo Pereira Marramaque pera o abraçar , e elle lhe disse : » Affastai-vos , Senhor , pera lá , » que a vós não quero eu abraçar ; nada se » vos deve , porque o que vós fizestes , vos- » so sangue , e honra vos obrigou a isso , e » do ventre de vossa mãe trouxestes essas obri- » gações ; a estes soldados sim , » e abraçou a todos hum e hum , enchendo-se de seu san-

sangue, e de seu suor, dizendo a todos palavras de muitos, e grandes louvores.

As pessoas principaes que aqui se acharam com Gonçalo Pereira Marramaque, são as seguintes: D. Affonso Henriques, Luiz Freire de Andrade, que foi Capitão de Chaul, e sustentou o famoso cerco que o Zamalucó poz áquella fortaleza o anno de setenta e hum; Jorge de Sousa seu tio, André Pereira de Berredo, D. Leoniz Pereira, filho do Conde da Feira, Dom Luiz Pereira, Manoel Furtado Machado, Sebastião Machado, Diogo Nunes Pedroso, Vasco de Reboredo, Leonel Pereira, Francisco da Cunha, Christovão de Araujo Evangelho, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. Dom Diogo de Noronha deixou algumas fustas com Gonçalo Pereira pera o levarem a Ormuz; e elle com a mais Armada foi após as galés, que hiam cozidas com a terra. Os nossos navios ligeiros foram demandar a náo, que lhes hia fugindo, até a vararem na Ilha de Queixome, onde os Turcos se lançaram ao mar pera se salvarem em terra; mas a mór parte delles perecêram á espada, ficando a náo com todo seu recheio em poder dos nossos. D. Diogo de Noronha foi seguindo as galés, que se foram mettendo por entre as Ilhas, e a terra firme, aonde os nossos galeões não podiam chegar, e assim fo-

ram até entrarem pela boca do Estreito de Baçorá, e rio Eufrates dentro, seguindo-as a nossa Armada sete dias continuos até as enfacar. D. Diogo de Noronha tanto que as vio recolhidas, não tendo alli mais que fazer, voltou pera Moçandão, aonde se deixou andar, em quanto duráram os Ponentes; e como se acabáram, se foi pera Ormuz negociar-se pera se partir pera a India, como tinha por regimento.

C A P I T U L O XIV.

Da Armada que este anno de sincoenta e tres partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão de Alvares Cabral: e das cousas em que ElRey mandou prover: e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha partio pera Cochim.

ENtrando o verão, sendo poucos dias de Setembro, chegaram á barra de Goa duas náos do Reyno: huma de que era Capitão D. Jorge de Menezes o Baroche, da companhia de Fernão Soares de Albergaria, que ficou o anno passado invernando em Moçambique; e a outra era a náo S. Bento, em que vinha Fernão de Alvares Cabral, que o Março atrás passado de sincoenta e dous tinha partido do Reyno por Capitão mór de quatro náos, e dellas só esta chegou a Goa.

Das

Das que faltavam eram Capitães, Belchior de Sousa da náó Santa Cruz, que com tempo arribou ao Reyno. D. Paio de Noronha da náó Rosário, que ficou invernando em Moçambique. E Ruy Pereira da Camara, que foi em Novembro tomar Cochim, como adiante diremos. O Viso-Rey recebeu muito bem o Capitão mór, que lhe entregou o sacco das vias, onde achou algumas instrucções de cousas, em que ElRey mandava prover logo, e de algumas daremos razão, porque convem assim á historia.

Achou o Viso-Rey hum Alvará, em que lhe mandava ElRey » que logo, tanto que » aquelle visse, tornasse a ElRey de Ceilão » todo o dinheiro, e joias que lhe tomára; » e que sendo algumas vendidas, se lhe pagassem pela avaliação; » porque se houve ElRey por muito desservido das cousas que o Viso-Rey usou com aquelle Rey, de que o reprehendeo por cartas. O Viso-Rey começou logo a dar execução ao Alvará, e despedio o galeão da carreira de Ceilão, aonde mandou embarcar Affonso Pereira de Lacerda, que proveo da Capitania daquelle Ilha, mandando vir D. Duarte Deça, e por elle mandou áquelle Rey todas as joias, que ainda estavam por vender; e dos mais, que poderiam ser perto de duzentos mil par-dãos, ficou feita declaração na receita de Bel-

chior

NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

chior Botellio (sobre quem tudo estava carregado) pera se lhe ir pagando pouco e pouco; mas de tudo não logrou o pobre Rey vinte mil pardãos, por pedaços, e por peças que lhe mandáram, porque tudo o mais se lhe descontou, parte nas pareas, e a mór quantidade em dadivas, e mercês que fez a Capitães, Alcaides móres, Secretarios, Fidalgos, Officiaes, e criados dos Viso-Reys, e Governadores. E nestas dadivas se cumprio bem aquelle adajo velho, que diz: » Mouro que não podes haver, dá-o por tua alma. » Assim este Rey vendo que não podia arrancar das mãos dos Governadores, que depois succedêram até Mathias de Albuquerque, o que se lhe devia, fazia mercês largas aos que lhas pediam, que se pagavam por intelligencias, que pera isso todos tinham; injustiça muito grande, e muito usada na India, não se pagar aos homens o dinheiro, a fusta, o mantimento, o caïro, e tudo o mais que se toma pera as Armadas, e pagar-se a outros com quem se elles concertão pela terça parte. E deixando esta materia, e outras em que vimos pouca satisfação, e menos emenda, tornemos a nosso fio. Ficou este Rey puxando pelos Governadores, e Viso-Reys pela sua divida, sem nunca lha poder arrancar das mãos, até o anno de sincoenta e oito, que sendo Go-

vernador Francisco Barreto , vendo quanto aquelle Rey apertava com elle , poz aquelle negocio em Relação , depois do Procurador de ElRey vir com hum Libello contra aquelle Rey : pelos Defembargadores foi sentenciado , que não estava ElRey obrigado a lhe pagar cousa alguma , porque muito mais tinha despendido o Estado em Armadas , que lhe mandava de foccorro.

Esta sentença parece que não houve por boa ElRey D. Philippe , depois que succedeo nos Reynos de Portugal , porque no anno de oitenta e cinco passou hum Alvará , assignado pelo Cardial Alberto , Regente do Reyno , em que mandava , » que não se fizesse mais pagamento ás pessoas , a quem aquelle Rey da Cota dêsse suas dividas ; e » que á conta dellas lhe dêssem cada anno o que lhe costumavam a dar de entretenimento , que eram mil pardãos ; » como melhor , e mais largamente declararemos na nossa decima Decada , porque aqui não fazemos mais que referillo , por irem estas cousas todas juntas.

Mandou ElRey tambem outro Alvará , em que mandava , » que prendessem Bernaldim de Souza , e que lhe tomassem toda sua fazenda , porque fora metter ElRey » Aeiro de posse do Reyno de Maluco ; » e segundo nos disseram , que o mandava El-

Rey levar prezo pera o Reyno ; mas estes papeis nem os vimos , nem os achámos. E pera fazer esta execução , mandou ElRey na não com Fernão de Alvares Cabral o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa , porque a não quiz fiar de Pero Soares , irmão de André Soares , que na India servia de Procurador da Coroa ; porque tinha obrigações á casa do Governador de Lisboa , irmão de Bernaldim de Sousa. Esta execução assim crua mandava ElRey fazer , porque lhe escreveo Jordão de Freitas de Maluco , que fora muito contra seu serviço levar Bernaldim de Sousa ElRey Aciro a Maluco , e mettello de posse daquelle Reyno ; porque como todos os desgostos passados antre ElRey D. João , e o Imperador Carlos V. seu cunhado , foram sobre o direito das Ilhas de Maluco , cujas differenças cessáram pelo empenho , de que na quarta Decada no Cap. I. do Liv. VII. fizemos menção , que tanto que os Reys Catholicos tornassem os trezentos e sincoenta mil cruzados , logo se tornaria a contender sobre o mesmo direito , como os povos de Hespanha muitas vezes lhe requerêram. O que não poderia fazer , se Bernaldim de Sousa não mettêra de posse ElRey Aciro , tendo-a elle Jordão de Freitas tomado por ElRey D. João de Portugal , por virtude do testamento de ElRey D. Manoel , que

que morreo em Malaca, porque se ficavam acabando as contendas todas; porque já El-Rey de Portugal, além do direito que allegava da posse, e propriedade, ficava-lhe agora muito melhor pela herança, como verdadeiro herdeiro de El-Rey D. Manoel de Maluco, que o constituiu por esse, por não ter filhos, nem irmãos legitimos. E como isto importava tanto, e El-Rey não tinha outra informação mais que a que lhe mandou Jordão de Freitas, mandava fazer aquella execução em Bernaldim de Sousa; estando elle sem culpa, pois fora por mandado do seu Governador, sobre sentença dada na Relação de Goa, porque julgáram El-Rey Acerto por Rey de Maluco; e pera o metterem de posse d'elle, mandou o Governador Dom João de Castro a Bernaldim de Sousa, como no principio desta sexta Decada no Cap. IV. do Liv. I. fica dito.

O Viso-Rey como estava informado daquelle negocio, e sabia a pouca, ou nenhuma culpa, que Bernaldim de Sousa tinha, o mandou prender, e escrever-lhe a fazenda pera melhor se poder livrar. E vendo que lhe era necessario acudir ás cousas de Cochim, pela guerra que o Rey da Pimenta lhe fazia, começou a se preparar, e a fazer pagamento aos soldados, e a pôr a Armada no mar. E dando despacho a muitas

500 ASIA DE DIOGO DE COUTO

cousas apressadamente, entregando o governo aos Deputados, se embarcou no fim de Novembro, e deo logo á véla com toda a Armada, que era de mais de cem vélas. Os Capitães que o acompanháram nesta jornada, dos que pudemos saber os nomes, são os seguintes.

Seu filho D. Fernando de Menezes, Bastião de Sá, Vasco da Cunha, D. Antonio de Noronha, Francisco de Mello Pereira, e Francisco de Sousa em galés. D. Pedro da Silva da Gama, Antonio Moniz Barreto, Francisco Barreto, D. João de Almeida, filho do Contador mór, e Pero de Taíde Inferno em galeotas latinas. Gil Fernandes de Carvalho, Fernão de Castanhoso, e Belchior Botelho em galeões. Pero Botelho, Alvaro de Mendocha, Manoel Mascarenhas, Luiz Alvares da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, e Affonso Basto em caravelas. O Veador da Fazenda Simão Botelho, Gomes da Silva, Duarte Paes de Mello, Jorge Pereira Coutinho, D. Diogo de Taíde, D. Jeronymo de Castello-branco, Gil de Goes, Gomes Furtado, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros em fustas. O Viso-Rey hia embarcado na galé Reliquias, e com elle Bernaldim de Sousa, que já estava solto pera se livrar, e lhe tinha recebido sua contrariedade, e D. Alvaro de Noronha, filho do

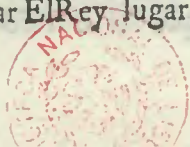
Vi-

Viso-Rey D. Garcia, que tinha já chegado de Ormuz de ser Capitão, e outros muitos Fidalgos velhos, e dada á véla, foram seguindo sua derrota.

C A P I T U L O XV.

De algumas cousas que acontecêram ao Viso-Rey D. Affonso de Noronha até chegar a Cochim: e dos conselhos que tomou sobre dar no Chembe: e de como se assentou darem nas Ilhas alagadas, e de como as destruíram.

Chegando o Viso-Rey a Cananor, chegou a elle huma fusta que vinha de Cochim, que trazia as vias da náó, de que era Capitão Ruy Pereira da Camara, que havia poucos dias que era chegado áquella Cidade. O Viso-Rey as abriu, e achou nellas hum Alvará, em que lhe mandava « que se » não servisse em cousa alguma de D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, » porque o tinha riscado de seus livros, » pelas razões que atrás dissemos no Cap. XVI. do Liv. IX. O Viso-Rey sentio aquillo muito por ser amigo daquelle Fidalgo, e porque tinha elle partes pera puxarem por elle todos os Viso-Reys, e Governadores. E porque não podia remediar aquelle negocio, por lhe não deixar ElRey lugar algum aber-



to pera isso, tratou logo de o mandar tirar da fortaleza de Dio em que estava, porque soubesse El Rey pelas náos o como cumpria seus mandados; e pera isso commettero alguns Fidalgos pera irem tomar posse daquelle fortaleza, pera se D. Diogo vir pera elle; mas nenhum a quiz acceitar, assim por não irem desapossar D. Diogo de Almeida, como por não se embarçarem por dous, ou tres mezes naquelle negocio; porque tinha aquelle anno vindo do Reyno aquella Capitanía a D. Diogo de Noronha o Corcôs, que como chegasse de Ormuz, forçado havia de ir entrar nella. Só D. Jorge de Menezes Baroche a acceitou, o que lhe todos estranháram, porque diziam, » que aquella diligencia havia o Viso-Rey de mandar fazer por hum Desembargador; que aquillo era mais profissão de hum Bacharel, que de hum Fidalgo tão honrado, » e sobre isso lhe fizeram muitas trovas; mas elle por cima de tudo se partio logo em huma fusta muito ligeira, e foi seu caminho em que o deixaremos.

D. Diogo de Noronha o Corcôs chegou a Goá com toda a sua Armada, poucos dias depois do Viso-Rey ser partido; e tomando mantimentos, e agua, deo logo á véla após elle, e o foi tomar na barra de Cochim, porque foi o Viso-Rey fazendo de-

tença em Cananor, e Chalé. O Vifo-Rey o recebeu bem, e a todos os seus Capitães, principalmente a Gonçalo Pereira Marramaque, pela grande vitoria que houve das galés. O Vifo-Rey deixando fóra todos os galeões, e caravelas, entrou pela barra dentro nas galés, e em todos os navios de remo; e passando pela Cidade, que o salvou soberbissimamente, foi aquella noite surgir no castello de cima, aonde foi visitado dos Vereadores, e principaes da Cidade.

Alli teve hum conselho geral, em que se affentou, que desembarcasse no Chembe, e destruisse aquelle Reyno. Com esta resolução foi surgir com toda a Armada defronte do Chembe. Alli teve outro conselho, em que os principaes de Cochim tornáram a revogar o passado, dizendo, » que não era » bem que déssem no Chembe, porque ti- » nam espias, que estava aquelle Rey mui- » to fortificado, e com grande poder, e que » se arriscaria a muito, mas que déssem no » Pagode de Baiqueta, que he na mesma » Ilha, e que o destruissem, e assolassem; » porque era a mór affronta, e damno que » se podia fazer áquelle Rey. »

Com este parecer foi o Vifo-Rey surgir com toda a Armada defronte deste Pagode; e ordenando a desembarcação em terra, se deteve nisso por espaço de tres dias. No ca-

bo

bo delles tornou a haver outro conselho, em que se assentou, « que fossem dar nas » Ilhas alagadas, que eram daquelle Rey, » por ser o mais importante rendimento de » seu Reyno, e de que El Rey se sustentava, » por serem de palmares fertilissimos, que » era toda sua substancia. » Com esta ultima resolução se levou o Viso-Rey, e foi surgir no mar largo defronte de Tecancute, e alli ordenou a desembarcação no modo que havia de ser, que foi por esta maneira.

Que o Viso-Rey com os Capitães, e gente de sua Armada desembarcassem pela banda do Sul; João da Fonseca, Capitão de Cochim, com todos os casados, e gente de El Rey de Cochim pela banda do Norte; pera o que se ordenáram muitos tones, e embarcações pequenas pera entrarem por aquelles esteiros.

Assentado isto, mandou o Viso-Rey a Francisco Barreto, e a Bernaldim de Sousa que fossem cada hum em seu navio ligeiro ver, e notar a parte por onde elle havia de desembarcar, pera verem se tinha algum impedimento. Estes Fidalgos se embarcáram em os navios, e foram ambos juntos demandar o rio; e antes de chegarem a elle algum espaço, acháram o Siqueira Malavar, que era o homem que melhor sabia todas aquellas entradas que todos; e sabendo ao que
hiam,

hiam , chegou-se a Bernaldim de Sousa , e
 lhe disse , « que não hiam bem , porque se
 » entrasse o rio , que nenhum delles havia
 » de tornar , porque estava atravessado de es-
 » tacadas grossas , e que era tão estreito , que
 » não podiam voltar nelle ; e que os inimi-
 » gos de fima das barranceiras os haviam de
 » matar hum , e hum ás fréchadas , e espin-
 » gardadas. » Bernaldim de Sousa lhe respon-
 » deo « que fosse elle dizer aquillo ao Viso-
 » Rey , porque elles não haviam de deixar
 » de ir seu caminho. » O Siqueira voltou pe-
 » ra a galé , e disse ao Viso-Rey « que pera
 » que arriscava aquelles Fidalgos ? que os
 » mandasse recolher , porque hiam perdidos ;
 » que quem havia de entrar o rio , havia de
 » passar ávante , porque não podia tornar a
 » voltar ; que devia de entrar com todo o
 » poder , e ir desembarcar na Cidade , e
 » que perigasse quem perigasse , porque for-
 » çado na entrada havia de haver damno. »
 O Viso-Rey mandou logo capear as fustas
 pera que se tornassem. Bernaldim de Sousa ,
 depois que se apartou delle , chegou-se a
 Francisco Barreto , e lhe perguntou se lia
 confessado ? e com isso lhe contou tudo o
 que passára com o Siqueira. Ouvindo Fran-
 cisco Barreto aquillo , lhe perguntou o que
 fariam ? Já não ha que tomar conselho , lhe
 respondeo Bernaldim de Sousa , senão pas-
 sar

far ávante, e encommendar a Deos; e foi remando. Em quanto estiveram nestas práticas, vio hum pagem de Bernaldim de Soufcapear, e lho disse, e Bernaldim de Soufca pelejou com elle, e lhe disse que se calasse. E passando ávante, lhe atiráram huma bombardada, e apôs ella despedio o Viso-Rey a sua manchua apôs elles. A' bombardada disse Francisco Barreto a Bernaldim de Soufca, que aquillo era chamallos; Bernaldim de Soufca lhe respondeo, que bem podia ser que fosse outra cousa; e foi remando, até que a manchua chegou a elles, e lhes disse que o Viso-Rey os chamava. Com isto voltáram ambos de melhor vontade do que hiam; o que não fizeram ao primeiro final por pura desconfiança.

Recolhidos á galé, mandou o Viso-Rey negociar as fustas todas, e fazer arrombadas pera o outro dia desembarcar. E tanto que rompeo a manhã, abalou o Viso-Rey com todos os navios ligeiros, e seu filho D. Fernando de Menezes, e Francisco Barreto na dianteira, e diante delles o Siqueira, e os mais Capitães Malavares; e chegando ás estacadas, as arrancáram com muito trabalho, e riscó, porque os inimigos de cima dos vallos descarregáram sobre elles nuvens de fréchas, com que feríram muitos dos nossos. Tirado este impedimento;

eu-

entráram os navios todos a fio até chegarem ás Ilhas, em que haviam de desembarcar, onde saltáram D. Fernando de Menezes, e Francisco Barreto com suas bandeiras, o que fizeram a poder de bombardadas, e espingardadas.

Franqueada a desembarcação, chegou o Viso-Rey a terra, e desembarcou com todo o poder, e começou a assolar, e destruir, e pôr a ferro, e a fogo todas aquellas Ilhas daquella parte, matando, e cativando muita gente; e depois de não haver cousa alguma em pé, se tornou a embarcar, e se foi pera a Armada. João da Fonseca, Capitão de Cochim, com a gente de sua companhia desembarcáram pela parte do Norte, e entráram naquelles esteiros, que estavam tambem entupidos com estacadas; e depois de as desfazerem, e arrancarem, saltáram em terra, e mettêram tudo a ferro, e a fogo, matando, e cativando muita gente. Depois que João da Fonseca fez a mór destruição que podia ser, mandou seu filho Antonio de Siqueira com recado ao Viso-Rey do que era passado, que elle estimou muito a victoria que tinha havido, por não perder naquella jornada mais que hum homem; e logo o despedio, mandando dizer a João da Fonseca, que se recolhesse pera elle, como fez.

O Viso-Rey vendo que tinha bem castigado aquelle Rey, e que era necessario acudir á carga das náos, se partio pera Cochim, deixando por aquelles rios Gomes da Silva com doze, ou quinze embarcações ligeiras pera ir continuando na guerra. Neste estado os deixaremos hum pouco, porque he necessario continuarmos com o que neste tempo succedeo em Cambaya.

C A P I T U L O XVI.

Das revoltas que houve no Reyno de Cambaya por morte de Soltão Mahamude: e como D. Diogo de Almeida deo na Cidade de Dio, e a destruiu.

Soltão Mahamude, Rey de Cambaya, era tão máo, e tão cruel, que aborrecia a todos os vassallos. E de muitas brutalidades, que delle se contam, só duas diremos pera prova bastante de sua maldade. Huma dellas he: tinha este barbaro trezentas mulheres de suas portas adentro, de que usava; destas, toda a que emprenhava delle, (porque de outrem não podia ser pelo grande resguardo com que as tinha,) tanto que era de tempo, lhe mandava abrir a barriga, e tirar-lhe o filho, ainda palpitando, recreando-se naquella deshumanidade. A outra he: costumava elle ir muitas vezes

a huns Paços de prazer que tinha fóra da Cidade, em que estava o mais rico, e curioso jardim de quantos lemos de todos os Imperadores do Mundo; porque deixando aguas, fontes, esguichos, tanques, boninas, e hervas fresquissimas, e suaves; todas as arvores de todas as sortes das do Oriente que alli tinha, que eram muitas, todos os seus troncos, dos pés do chão até á rama eram forrados de veludos de cores, de borcados riquissimos, e de outras sedas muito curiosas, que todos os verões as renovavam, porque nos invernos apodreciam a mór parte. Havia neste jardim todas as aves bravas, e domesticas, que se podiam imaginar, e todas as alimarias, porcos, veados, gazellas, e todas as mais que elle costumava amontear. Andando este barbaro hum dia neste jardim á caça com suas mulheres, correndo apôs hum veado, cahio do cavallo, e ficou dependurado por hum pé, levando-o cavallo a rasto hum espaço. Huma daquellas mulheres, que ficou mais perto delle, teve tal acordo, que arrancou de hum alfanque, e cortando o loro do estribo, ficou El-Rey no chão estirado hum pouco, e maltratado, e o cavallo passou por diante. Levantando-se El-Rey, em lugar de pagar á pobre mulher a vida que lhe deo, (porque sem dúvida o cavallo o espedaçára, se ella o não

livrara,) chegando-se a ella, a matou, dizendo, que mulher de tamanho animo, e determinação tambem o poderia hum dia matar.

Deste barbaro cruel se affirmava, que de moço se começou a crear com peçonha; e assim como veio a ser Rey, logo começou a usar de espantosas cruzas, e a temer-se de tudo, e de todos, não se fiando de cousa alguma, (que este he o mór trabalho que todos os tyrannos tem, e a mór vingança que se lhes póde desejar; como se lê de Dionysio de Sicilia, que fallava ás partes de si-ma de hum eirado, e que nunca fazia a barba, por não entregar a garganta nas mãos de algum barbeiro; e affirmão os Escri-tores, que elle mesmo a fazia com tições de fogo.) Assim este tyranno Soltão Mahamu-de não se fiava de pessoa alguma, mais que de hum pagem que lhe tinha a chave da sua agua, que elle creou de menino sempre den-tro na sua camara, donde lhe nunca sahia, que se chamava Borandim. Este ou que fof-se induzido de alguns, ou que o demonio lhe mettesse em cabeça que podia ser Rey, estando o Mahamude dormindo huma noi-te, o matou ás punhaladas, e metteo em segredo no Paço alguns Capitães de sua va-lia. Morto ElRey, mandou Borandim lo-go recado a todos os Capitães principaes, que

que na Corte havia, a chamallos da parte de ElRey; e assim como chegavam, os recolhia pera dentro, e lá os matava, e isto fez a dezefete. Só dous, chamados Mostafá Carman, e Bearcan Abexim, deixou vivos recolhidos em huma camara, porque eram grandes seus amigos, e tratou de os grangear, pera que elles consentissem em sua tyrannia, e o sustentassem nella.

Antre os Capitães que chamáram, foi hum Aimiticão, Gentio de nação, que se tinha feito Mouro. Este como era muito prudente, e prevenido, dando-lhe o recado da parte de ElRey a deshoras, cousa não costumada, parecendo-lhe mal aquelle negocio, se sahio logo fóra da Cidade, e foi-se metter em huma Mesquita. Borandim tanto que amanheceo tomou as insignias reaes, e se poz na cadeira, e mandou chamar Mostafá Carman, e Bearcan, e lhes fez grandes promessas, pera que lhe fizessem a veneração como a seu Rey, o que fez Bearcan Abexim; mas Mostafá Carman dissimulando com o negocio, sahindo-se pera fóra, se poz em hum cavallo muito ligeiro, e se partio pela posta pera Baroche a dar rebate a Madre Maluco, genro de Coge Çofar, que era hum dos Regedores do Reyno.

A morte de ElRey divulgou-se logo pela Cidade, e acudiram todos ao Paço a sabe-

rem

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

tem o que aquillo era. Antre todos estes foi Xavaſcan , Guzarate de nação , Capitão muito animoſo , e de grande poſſe ; e entrando na caſa em que Borandim eſtava , que o vio com as inſignias de Rey , ficou embaraçado. Borandim lhe diſſe , » que lhe fizeſſe a veneração como a ſeu Rey , que elle lhe faria muitas honras , e mercês. » O Xavaſcan , que era homem muito determinado , entendendo que o Rey era morto , embebeo hum arco , e deo com huma ſetta pelos peitos a Borandim , dizendo , » que elle não fazia veneração a hum eſcravo de ElRey » Borandim cahio logo morto ; e indo ſe o Xavaſcan recolhendo , as mulheres de ElRey que eſtavam nas janellas , que cahiam ſobre a caſa em que iſto paſſou , vendo cahir o Borandim , embebeo huma dellas hum arco , e atreveſſou o Xavaſcan por huma eſpadoa com huma ſetta , dando com elle logo morto no chão.

Os criados da caſa de ElRey acudiram ao Paço , e achando-o morto , o enterraram com pompa real em huma meſquita muito rica , e formoſa , que pera iſſo tinha feita ; e o meſmo fizeram os criados dos Capitães , que Borandim tinha mortos , e ao meſmo Borandim , ficando aſſim a couſa aquelle dia , e o outro , ſem ſaberem determinar o que haviam de fazer.

Mostafá Carman, que partio pela posta pera Baroche, deo-se tanta pressa, que chegou aquella noite; e dando as novas a Madre Maluco do que passava, logo ao outro dia ajuntando dez, ou doze mil homens, partíram pela posta pera a Corte; e o mesmo fez Itimitican, que se tinha acolhido pera huma Villa sua pera dalli se pôr em cobro. E assim acudio outro Capitão, chamado Cide Mombareque, que tambem era de grande posse; e cada hum destes tinha dez, ou doze mil homens de sua obrigação.

Estes todos chegaram á Corte juntamente; e entrando nos Paços, souberam tudo o que era passado; e vendo-se sem Rey, compuzeram-se entre si de feição, que repartíram todos os thesouros reaes irrnãmente, ficando todos tres de posse dos Paços, e o Madre Maluco levantou hum arco com hum coldre de fréchas, sobre hum alto do throno Real, e lhe fizeram todos a veneração como a Rey, até se mandar trazer hum moço, que Madre Maluco dizia que era filho do Rey morto, e que se creára em huma aldeia com muito segredo; porque a mãi tanto que se sentio prenhe, temendo-se que ElRey a mataste, como fazia a todas, soube-se encubrir de maneira, que nunca se sentio seu parto, nem emprenhidão; e parindo

do o menino, teve modo com que o deo a quem o levou escondidamente sem se saber, e só Madre Maluco dizia que labia delle; mas outros affirmavam que tal não era, e que o fingia o Madre Maluco filho de El-Rey, pera com aquella capa ficar tyrannizando o Reyno.

Em fim como quer que fosse, elle mandou trazer o moço, que se chamava Hamdoxá, que sería de sete, ou oito annos, que foi havido por filho de El-Rey; e assentado na sua cadeira, e alli venerado por tal de todos os Capitães, ficando em poder de Madre Maluco, como Regedor, e pessoa principal pera o crear como seu Ayo; não tendo o moço eleição de querer em nenhuma cousa, porque tudo governava, e mandava o Ayo absolutamente, sem lhe ninguem ir á mão pela muita posse que tinha.

Divulgadas estas novas por todas as Provincias do Reyno, logo os Governadores dellas lançáram mão de tudo o que tinham, entendendo que o Madre Maluco tratava de tyrannizar o Reyno. Os Capitães que se levantáram, são os seguintes.

Cide Mombareque com as Cidades de Cambayete, Mamadabá, Deolcá, e outras.

Alucan com a Cidade de Damão, e com todas as suas Tanadarias, desde Bolcar até o rio de Agaçaim. Abixcan Abexim com as

terras de Dio, des da serra de Uná até a de Junager, e fez sua residencia na Villa de Novanager, duas leguas de Dio, de cuja Cidade tambem lançou mão, e mandou metter nella hum Capitão Abexim, chamado Cide Elal, e mandou Embaixadores a D. Diogo de Almeida, Capitão daquella fortaleza, a lhe pedir pazes com as condições, que estavam feitas; e que ficasse a Alfandega correndo ametade pera ElRey de Portugal, e a outra pera o Cide Elal, e que teriam ambos seus Officiaes nella, como estava assentado pelo contrato das pazes, que fez D. Garcia de Noronha, e depois Dom Estevão da Gama.

Tartacan se alevantou com a serra de Junager, que era cousa inexpugnabilissima, e com toda a sua Comarca, que se estendia até o Pagode de Jaquete, e mais de vinte leguas pelo certão dentro. Passado Cide Elal á Cidade de Dio, poz logo Officiaes na Alfandega, e renovou a fortaleza velha, que estava sobre hum tezo fóra da Cidade, que foi a antiga de Melique As, e se metteo nella com trezentos homens de guarnição. E como todos os Mouros são por natureza soberbos, e entendêram no seu Capitão inclinação contra os nossos, tanto que se encontravam na sua Cidade, aonde os nossos soldados Portuguezes hiam comprar as cousas

que haviam mister , faziam-lhes affrontas , vexações , e desprezos grandes , que elles soffriam , porque lho tinha assim encommendado o Capitão. Em fim chegou a cousa a tanto , que mandou D. Diogo de Almeida recado ao Cide Elal » pera que proveesse naquillo , e castigasse os seus soldados , porque não viessem a rompimento com os Portuguezes ; porque se lhes tinham soffrido muitas cousas , era por lho elle assim ter mandado , porque desejava de conservar com elle a amizade , e vizinhança ; e que senão proveesse naquillo , que o faria elle com dar licença aos seus pera se satisfazerem de quem os aggravasse. » O Abexim respondeu-lhe bem , e com grandes cumprimentos ; mas todavia os seus não se emendaram , nem deixaram de usar sua soberba. Encontrando os nossos , como os achavam na sua Cidade , de má feição , trocando-lhes os bigodes , e outras roncás semelhantes.

D. Diogo de Almeida , a quem os soldados fizeram queixume , vendo que todo o mais soffrimento ficava em descredito , determinou de castigar os Mouros ; e ajuntando os Portuguezes que havia na fortaleza , que seriam perto de quinhentos , deixando o Alcaide mór em guarda da fortaleza com alguns , deo huma madrugada na Cidade , e commettendo as casas dos Mouros , que

eram conhecidas, (porque nos naturaes não quizeram tocar,) e entrando-as, matáram todos os que acháram sem perdoarem a algum, assolando-lhes, e destruindo-lhes as casas, e roubando-lhes as fazendas, fazendo-lhes tantas deshumanidades, que foi espanto. E como vio que estava satisfeito, se recolheu a seu salvo, sem o Capitão Abexim lhe sahir, nem onsar a bullir consigo; antes mandou recado a D. Diogo de Almeida, pedindo-lhe perdão do passado, e que tornassem a correr em amizades. E desta maneira ficaram os Mouros tão domesticos, que aonde viam hum Portuguez se desviavam. Poucos dias depois disto passado, chegou a Dio D. Jorge Baroche com as Provisões do Viso-Rey, pera lhe D. Diogo de Almeida entregar a fortaleza, o que elle logo fez, e se embarcou no mesmo navio em que Dom Jorge foi, e com os Noroestes rijos veio em oito dias a Cochim, e tomou ainda o Viso-Rey sobre o Chembe.

CAPITULO XVII.

Das pazes que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha fez com o Rey de Chembe : e das náos que partíram pera o Reyno : e de como se perdeu a ndo S. Bento na costa da Cafraria.

R Ecolhido o Viso-Rey em Cochim, começou a dar pressa ás náos do Reyno; e como não eram mais que duas, bastou pera a carga dellas huma pouca de pimenta que havia feita, e outra que veio de Cou-lão, e com as mais drogas as acabou de encher, e carregar. Gomes da Silva, que o Viso-Rey deixou entre aquellas Ilhas, andou por ellas fazendo tanta guerra, cortando, e destruindo seus palmares, e fazendas, e cativando-lhe tanta gente, que poz aquelle Rey em necessidade de mandar pedir pazes ao Viso-Rey; e pera isto lhe despedio seus Embaixadores, que o Viso-Rey ouviu, e começaram a tratar de pazes, que se asentáram na fórmula seguinte.

» Que aquelle Rey deixaria correr por
 » seus rios pimenta pera as náos, e torna-
 » riam a ficar fixas as perfilhações que tinha
 » feito com El Rey de Cochim. E que o Vi-
 » so-Rey lhe largaria as Ilhas alagadas, que
 » tinha tomadas. E lhe soltaria todos os Ca-
 » pitães que na guerra foram prezos.»

Assentado isto, mandou o Viso-Rey recolher Gomes da Silva, e largou logo a gente que estava cativa, e deixou ordem a João da Fonseca, Capitão daquella Cidade, pera ir metter aquelle Rey de posse das Ilhas que lhe tinha tomado, o que elle depois no inverno mandou fazer por seu filho Antonio de Siqueira. O Viso-Rey, porque era já cabo do verão, se recolheu pera Goa, ficando aquelle Rey da pimenta correndo com as pazes com as cautelas, e invenções, com que o costumam fazer todos aquelles Reys Gentios.

As náos do Reyno partíram até quinze de Janeiro deste anno de sincoenta e quatro, e na náo Capitania com Fernão de Alvares Cabral se embarcou D. Alvaro de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que tinha acabado de servir a Capitania de Ormuz. Esta náo se foi perder na costa da Cafraria, antes da aguada de S. Braz, salvando-se a gente della em algumas jangadas, que foram ter a terra; mas a em que havia Fernão de Alvares Cabral, e D. Alvaro de Noronha se virou, e elle com toda a gente de sua obrigação se affogáram. A mais gente que chegou a terra se fez em hum esquadrão, e foram caminhando por ella, e alguns chegaram depois a Moçambique. Contamos esta viagem assim em so-

ma,

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

ma, porque não foubemos as particularidades della.

C A P I T U L O XVIII.

Das cousas, em que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha proveo : e de como mandou seu filho D. Fernando de Menezes com huma Armada ao Estreito : e da sentença que se deo contra D. Alvaro de Talde, Capitão de Malaca : e dos Capitães que foram entrar em suas fortalezas : e do que aconteceu na jornada a D. Francisco de Menezes até chegar a Ormuz.

CHegado o Viso-Rey D. Affonso de Noronha a Goa, a primeira cousa em que entendo, foi em ordenar huma Armada pera seu filho D. Fernando ir ao Estreito de Meca, e de lá ir invernar a Ormuz pera esperar as galés se sahisssem de Baçorá em Agosto, e mandou pagar mil e duzentos homens pera esta jornada ; e tanta pressa lhe deo, que no fim de Fevereiro a teve toda prestes pera dar á véla. Bernaldim de Sousa, que estava despachado pera ir entrar na Capitania de Ormuz, andava pejado de Dom Fernando ir invernar áquella fortaleza, porque por filho do Viso-Rey havia de querer levar poderes sobre tudo ; e como era muito seu amigo, tratou de se desviar de des-

gostos. E vendo-se com elle, lhe disse » que
 » se elle hia a Ormuz com poderes sobre tu-
 » do, que lho dissesse, que se deixaria fi-
 » car, pera ir entrar naquella fortaleza em
 » Outubro, porque era seu servidor, e não
 » queria que houvesse antre elles algum des-
 » gosto sobre jurdição.» D. Fernando lhe
 respondeu: » que elle não levava poderes al-
 » guns na fortaleza, aonde elle era Capitão,
 » mais que os que lhe elle lá dêsse.» Bernal-
 dim de Sousa ficou com isso desalivado.

Posta a Armada na barra, foi o Viso-
 Rey fazella á véla, deitando grandes ben-
 çãos a seu filho, e a todos. Era esta Arma-
 da de seis galeões, seis caravelas, e vinte
 e cinco, ou seis fustas mui bem negociadas.
 Dos galeões eram Capitães D. Fernando de
 Menezes, filho do Viso-Rey do galeão
 S. Matheus; Gomes da Silva, Fidalgo Gal-
 lego, do de Santa Cruz; Gonçalo Falcão
 do de S. Sebastião; D. Alvaro Gonçalves de
 Taíde do de Sant-Iago; D. Alvaro da Sil-
 veira do de S. Lourenço; Balthazar Gomes,
 Feitor da Armada, do galeão S. Thomé,
 em que levava muitas munições, mantimen-
 tos, e outras cousas pera a Armada. Das ca-
 ravelas eram Capitães Nuno Alvares de Cas-
 tro, Antonio de Valadares, D. Manoel Mas-
 carenhas, Jorge de Moura, D. Jeronymo
 de Castello-branco, e D. Fernando de Mon-

royo, Fidalgo Castelhana. Os Capitães das fustas eram D. Duarte de Vasconcellos, Jorge Pereira Coutinho, Francisco de Sousa, Damião de Sousa, Ruy de Castro, Antonio Lopes de Carvalho, João de Mello da Cunha, João Pereira, Diogo de Mendoga de Vasconcellos, João Mendes do Rio, João Teixeira Pinto, Simão da Costa, Simão de Sousa, Alvaro de Castro, Antonio de Almeida, Inofre do Soveral, Gonçalo Guedes, Bastião de Macedo, Antonio de Espindola, Manoel de Siqueira, João Vieira, Belchior Pires, Pedralvares de Cananor, Eytor Nunes, Cosmo Alvares, Francisco Sanches, Gaspar da Barca, e outros. Dada á véla, foram seguindo sua jornada, a que logo tornaremos.

Partida a Armada, entrou logo o Viso-Rey no despacho das cousas que haviam de ir pera fóra, e mandou dar pressa aos feitos que corriam contra Bernaldim de Sousa, pelas culpas que lhe ElRey mandou do Reyno; e contra D. Alvaro de Taide da Gama, Capitão de Malaca; e depois de correrem seus termos, foram conclusos á Relação, e os Desembargadores pronunciaram, » que Bernaldim de Sousa não tinha culpas » nas cousas que lhe puzeram, por quanto » fora por mandado do Governador D. João » de Castro a metter ElRey Aeiro de pos,

» se

» se do Reyno de Maluco , por huma senten-
 » ça que elle disse houvera na mesma Rela-
 » ção de Goa , (de que no principio desta De-
 » cada, no Cap.IV.do Liv.I. fizemos menção,)
 » e que fosse entrar na sua fortaleza , e que
 » se lhe tornasse toda a fazenda que lhe es-
 » tava socrestada. » E no feito de D. Alva-
 » ro de Taíde da Gama , por lhe acharem cul-
 » pas graves , pronunciáram, » que fosse pre-
 » zo pera o Reyno , com os autos de suas
 » culpas ; e que fosse hum Desembargador
 » desapossallo ; e que D. Antonio de Noro-
 » nha , filho do Viso-Rey D. Garcia de No-
 » ronha , fosse entrar na fortaleza de Mala-
 » ca , de que era provido. »

Dadas estas sentenças , ordenou logo o Viso-Rey que fosse o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa a Malaca dar á execução a sentença contra D. Alvaro de Taíde da Gama , e a metter D. Antonio de posse daquella fortaleza ; e no mesmo tempo despachou Jorge de Mendouça pera ir entrar na Capitania de Chaul , e D. Diogo de Noronha na de Dio , e Henrique de Macedo na de Cananor , e D. Duarte Deça na de Maluco , por terem vindo novas da morte de Francisco Lopes de Sousa. E porque todos estes Capitães haviam de dar as menagens de suas fortalezas , ordenou o Viso-Rey , que o fizessem todos juntos em hum

dia ;

dia; e pera aquelle auto (que quiz que fosse feito com grande solemnidade) mandou armar a falla grande com estrado, e docel, e mandou recado a todos os Officiaes da Fazenda, e Justiça, e a todos os Fidalgos, e Capitães pera se acharem aquelle dia presentes, os mais galantes, e bem tratados que pudessem, como fizeram, indo todos os que haviam de dar as menagens, de plumas, e medalhas, só Bernaldim de Sousa não mudou o trajo ordinario, de que se tomou o Viso-Rey muito, havendo que o fizera em desprezo daquelle auto; e os Fidalgos amigos de Bernaldim de Sousa galanteáram com elle sobre isso, e hum delles lhe disse: » que » havia elle de dar alguma hora sinco dapar » dos páos; » ao que lhe elle respondeo: » Ef- » ses Senhores Capitães, que vem dar a me- » nagem, he-lhes necessario virem a este au- » to com seixinhos na boca, que eu já sou » noivo velho. » Em fim o Viso-Rey fez aquelle auto com grande cerimonia, e tomou as menagens a todos, e os despedio, e logo se começaram a embarcar pera suas fortalezas.

E porque as cousas de Dio estavam arruinadas pelas alterações que atrás contámos no Cap. XVI. deste Liv. X., ordenou o Viso-Rey trezentos homens com seus Capitães pera lhes irem dar mezas, que são os se-

guintes. D. João de Almeida, filho do Contador mór; João Lopes Leitão, pagem da lança do Príncipe D. João; Tristão Vaz da Veiga; Philippe Carneiro, sobrinho de Pero de Alcaçova; Fernão de Castanhoso, a fóra outros Fidalgos, que foram invernar áquella fortaleza por amor de D. Diogo de Noronha, e pela guerra que se esperava. O Viso-Rey encommendou a D. Diogo de Noronha, que trabalhasse por tomar a fortaleza aos Mouros, e lançallos fóra da Ilha.

Pera Ormuz pagou o Viso-Rey quinhentos homens, que repartio por quatro, ou cinco navios de mercadores de alto bordo, que haviam de ir em companhia de Bernaldim de Sousa, a quem o Viso-Rey deo hum formoso galeão, de que era Capitão Ruy de Castro, em que hiam embarcados trezentos homens, e lhe deo mais dous navios de remo, com regimento, que como chegasse a Ormuz, entregasse a gente a D. Fernando de Menezes, e o galeão a D. Antão de Noronha pera se vir nelle pera a India. Estes Capitães partiram por todo o mez de Março, e logo se cerrou o inverno de Goa em que não ha que fazer, e por isso continuaremos com D. Fernando de Menezes.

Partida esta Armada de Goa, foi seguindo sua derrota até monte de Felix, aonde se deixou andar esperando pelas náos do Achém,

e

e Cambaya, sobre que teve grandes vigias, e mandou algumas fustas ligeiras, que fossem ás portas do Estreito a tomar falla das galés. Estes navios tomáram algumas gelvas de mercadores, de quem souberam que no porto de Mecca não havia mais que as tres, ou quatro galeotas, de que era Capitão Cafar, que foi com quem Luiz Figueira pelear; e recolhendo-se com este recado, o deram ao Capitão mór. Era já isto entrada de Abril, tempo, em que lhe era necessario recolherem-se a Ormuz, o que fizeram sem acharem cousa alguma.

Dada á véla, foram correndo a costa de Arabia; e chegando á fortaleza de Dofar, furgio com toda a Armada, porque levava D. Fernando por regimento de seu pai, que lançasse della os Fartaquins, que se tornáram a metter dentro. Ao outro dia se passou toda a gente da Armada aos navios de remo, e bateis dos galeões, e caravelas, e commettêram a terra, onde os nossos desembarcáram com trabalho por causa da quebrança dos mares, que alli são muito soberbos. Os Fartaquins sahiram da fortaleza perto de trezentos em cavallos Arabios, e camellos, que pera isso trazem ensinados, e se começaram a baralhar com os primeiros que sahiram em terra, mettendo-se antre elles como brutos, sem temor da morte, deri-

ribando, e ferindo daquelle primeiro encontro dez, ou doze dos nossos, em que entrou João Velho, Capitão de hum navio, Lopo Gonçalves Maracote, e Thomé Figueira, Cavalleiros muito honrados. Os nossos que hiam desembarcando devagar por causa dos mares, vendo os que estavam em terra travados com os inimigos, com aquelle furor se lançaram ao mar pera se acharem com os companheiros naquella envolta. A nossa espingardaria fez grande estrago nos inimigos, e dos primeiros tiros lhes derribaram muitos, huns mortos, e outros feridos, que logo foram recolhidos. Os Fartaquins vendo-se apertados da arcabuzaria, se recolhêram pera a fortaleza, e trataram de se defenderem nella. D. Fernando de Menezes desembarcou em terra com toda a gente, e chamando a si os Capitães, tomou com elles conselho sobre o que faria, e assentaram, que se não commettesse a fortaleza, já que se não podia desembarcar a artilheria pera se bater. Com esta resolução se foram embarcar adiante daquelle posto hum tiro de espera, onde fazia mais remanço pera as embarcações chegarem.

Recolhidos nellas, deram á véla, e foram correndo a costa de Arabia, Curia, Muria, Matraca, Amicieira, e os Palheiros, até dobrarem o cabo de Rosalgate. Dalli fo-

ram

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

ram a Mascate, onde a Armada grossa entrou, e D. Fernando a entregou a Manoel de Vasconcellos, (de que fallámos muitas vezes no cerco de Dio, na quinta Decada no Liv. IV. Cap. I. e VI.,) que foi sogro de Diogo de Mesquita, e de Pantaleão de Sá, que era hum Fidalgo velho de muito bom entendimento, que o Viso-Rey mandou embarcado com seu filho pera o aconselhar em tudo; porque havia de ficar alli com ella governando, e D. Fernando era-lhe necessario passar a Ormuz. E sabendo que Bernaldim de Sousa não era ainda passado ávante, despedio sinco navios de remo a esperallo ao Cabo de Rosalgate, e pera recolherem os navios de mercadores.

Chegados estes navios ao Cabo, veio logo ter com elles Bernaldim de Sousa; e porque o vento era ponteiro, mudou-se aos navios de remo, e foi ter a Mascate, onde achou D. Fernando, que o recbeo bem: dahi a poucos dias chegaram as náos da companhia de Bernaldim de Sousa, e com ellas se partio elle, e D. Fernando pera Ormuz, onde foram muito festejados, e Dom Antão de Noronha entregou a Fortaleza a Bernaldim de Sousa, e tomou posse do seu galeão, que logo mandou pera Mascate a invernar com os outros.

CAPITULO XIX.

De como D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, tomou a fortaleza aos Mouros: e da gente que Abiscan mandou de soccorro: e do recontro, que com ella teve Fernão de Castanboso, em que foi morto com dezeseite soldados: e de como D. Diogo de Noronha acudio, e lançou os Mouros fóra da Ilha.

PArtido D. Diogo de Noronha de Ormuz, chegou a Dio no fim de Abril, e D. Jorge lhe entregou a fortaleza, e se embarcou logo pera a outra Costa. Entregue D. Diogo da fortaleza, tomou informação das cousas da Ilha, e soube como o Cide Elal, Abexim, não deixava de usar de sua natureza, nem nunca sería bom vizinho naquella Ilha por sua soberba; porque os seus esquecidos do castigo, que lhe deo Dom Diogo de Almeida, como dissemos no Cap. XVI. deste Liv. X., não deixavam de asoberbar os officiaes Portuguezes, que estavam na Alfandega, e de se encontrarem com os que hiam á Cidade, fazendo-lhes desprezos, e affrontas, que elles soffriam por lho ter assim mandado o Capitão. E querendo usar do Regimento, que lhe o Viso-Rey deo sobre aquelle negocio, determinou de

Couto. Tom. III. P. I. Li ti-

tirar dalli aquelle vizinho , e desfazer aquella fortaleza ; pera o que se fez prestes , e deo recado aos Capitães , que repartiram munhões pelos soldados , e mandáram fazer escadas pera commetterem a fortaleza á escala vista. Prestes tudo , sahio o Capitão hum tarde a horas de vespervas da fortaleza , aonde deixou só velhos , e mancos ; e mandou que se fechassem as portas , e com seiscentos homens repartidos por suas bandeiras , ao som de muitos tambores , e pifaros atravessou a Cidade , que se lhes despejou toda de medo.

O Cide Elal , tanto que teve rebate de como o Capitão hia , recolheo-se na fortaleza com toda a gente que pode , com determinação de se defender. Os nossos chegaram á fortaleza ; e com grandes estrondos , gritas , e determinação accommetêram , arvorando-lhe logo muitas escadas , por onde começaram a subir , e dos primeiros foi Philippe Carneiro , a que deram hum espingardada por hum perna , de que ficou sempre manquejando , e a Alexandre de Sousa hum fréchada na mão , e outros muitos. Vendo D. Diogo de Noronha que pelas escadas se não podia entrar a fortaleza , mandou trazer muita lenha , e palha , para queimar as portas , e em lhes pondo o fogo , mandou gritar aos de cima por Coge Abrahão Judeo , » que se entregassem , e lhes daria as

» vidas, e que queria mandar fallar com Abiscan; » de cima lhe respondêram, que mandasse embora; e lançaram-lhe huma escada de cordas pera isso. D. Diogo de Noronha mandou subir assima Coge Abraham, que ainda hoje vive, e lhe deo o seu anel de finete pera credito do que disse.

Posto Coge Abraham em cima, disse ao Capitão » que D. Diogo de Noronha lhe mandava dizer, que lhe entregasse a fortaleza, e que deixaria sahir della todos os que lá estavam, salvas suas pessoas; e que » pera penhor de sua palavra, mandava a- » quelle anel de suas armas. » O Abexim tomou parecer com os seus sobre o que faria, e assentáram, que aceitassem os partidos; e em recados, que foram, e vieram sobre isto, se gastou a noite toda, e em amanhecendo abríram as portas, e se sahiram todos da fortaleza sem levarem mais, que suas pessoas, deixando dentro até as armas, e se foram recolhendo livremente pera se passarem á outra banda.

D. Diogo de Noronha, depois dos soldados escalarem a fortaleza, a mandou derribar por muitos trabalhadores, e escravos, que pera isso levava, com muitos picões, e alviões.

E estando nesta obra, lhe deram rebate, que pelo passo do Callado passavam da outra banda muitos Mouros, e que era alli

chegado Abiscan com quatro mil homens para soccorrer a fortaleza, porque logo foi avisado pela posta. D. Diogo de Noronha despedio logo Fernão de Castanhoso, com cento e vinte homens, que partio tão apressadamente, que não esperou por todos os que haviam de ir com elle; e chegando ao campo, deo com mais de trezentos de cavallo, pelo que lhe foi forçado recolher-se. Nesta retirada se lhe desmandáram os seus, e elle se achou com só dezeseite, que sempre o seguiram. E vendo que os inimigos o hiam entrando, se recolheo a hum tezo todo de huma lagea, onde os cavallos não podiam chegar: alli se fizeram os nossos fortes, e com suas espingardas se defendêram valorosamente. Os Mouros vendo-os naquele posto, descendo-se dos cavallos, os rodeáram, e commettêram mui determinadamente. Fernão de Castanhoso com os companheiros pondo as costas huns nos outros, pelejaram mui animosamente, derribando muitos dos inimigos; mas como o número era tão desigual, foram todos mortos ás frêchadas, porque se não atrevêram os Mouros commettellos á espada, pelas façanhas, e cousas que com ella lhes viam fazer.

Mortos estes esforçados Cavalleiros, os inimigos lhes abriram os peitos, e lhes tiráram aquelles grandes, e mui animosos co-

rações, que ainda estavam palpitando, para os levarem de presente a Abiscan; e de todos os que se aqui acolhêram só dous escaparam, que se recolhêram, e escondêram em huma vasa. D. Diogo de Noronha teve rebate de como os da companhia de Fernão de Castanhoso vinham fugindo; e dando-lhe a paixão, tomou o guião de Christo apar de si, e abalou pera o campo com todo o corpo da gente. Luiz Cabral, que era Feitor de Dio, Cavalleiro mui honrado, e esforçado, vendo ir assim D. Diogo cheio de colora, e tendo informação como o campo estava já cheio de inimigos, chegou-se a elle, e o liou, dizendo, » que lhe requeria da parte d'ElRey, que não passasse dali, porque a fortaleza d'ElRey ficava só, » e que poderiam os inimigos ir por outra » parte, e tomarem-na; e ainda que não » tentassem isto, se lhe acontecesse hum desastre, tudo se perderia. » D. Diogo como a paixão o tinha cego, desasindo-se d'elle, lhe disse: » Como eu morrer, acabe-se tudo. » Esta palavra souo mal a muitos, e pezou-lhes de lha ouvirem; e a nós nos affirmáram algumas pessoas muito graves, que se escreveo a ElRey, e que isso fora causa de não succeder nas vias, por não querer ElRey entregar a India nas mãos de hum homem tão arriscado.

D. Diogo de Noronha foi caminhando pera o campo , e despedio Coge Abrahão em hum cavallo muito formoso , pera que fosse ver onde os inimigos estavam , e o que faziam : o Judeo passou adiante , e chegou ao lugar onde Fernão de Castanhoso estava morto com os companheiros ; e passando ávante , descubrio os inimigos , que não seriam mais que aquelles , que pelejaram com Fernão de Castanhoso , que estavam parados , esperando por mais gente , que vinha passando. E voltando , chegou a D. Diogo de Noronha , e lhe disse , que adiante tinha os inimigos. E mandando-lhe que o guiasse , o fez ; e como era Judeo , e prudente , o foi desviando do lugar em que Fernão de Castanhoso estava , de quem o Capitão não sabia novas ; e dissimulando Coge Abrahão , se chegou a elle á orelha , e lhe disse em segredo o que víra ; e D. Diogo lhe disse , » que se calasse , porque os seus se não desbaratassem por si. » E chegando á vista dos inimigos , mandou alguns Capitães que os fossem commetter , o que elles fizeram mui determinadamente ; os inimigos não ousando aos esperar , se foram recolhendo pera o passo , até onde os nossos os seguíram , e os apertáram de maneira , que os fizeram lançar á agoa , e se passáram da outra banda. Abiscan vendo os seus desbaratados , man-

dou atirar aos nossos com algumas bombardas , que trazia acarretadas. Como o campo era todo descuberto , receando D. Diogo que lhe matassem alguns , se foi recolhendo pera a Cidade ; e passando por onde os mortos estavam , os mandou recolher á fortaleza , e dar-lhes honrosas sepulturas ; e não se quiz apartar da fortaleza , que se estava derribando , até ser toda posta por terra. E como teve aquella obra acabada , se recolheo á Cidade , e mandou fechar as portas , e repartio pelo muro (que a cêrca de mar a mar) trezentos homens , e poz pelas guaritas algumas peças pequenas de artilheria pera sua defensão , porque bem entendo que Abiscan havia de commetter a Cidade , como fez ao outro dia ; mas foi-lhe tão bem defendida dos nossos , que o fizeram recolher com muita gente morta.

Passado isto , despedio logo D. Diogo de Noronha Coge Abrahão em hum catur ligeiro , e com elle hum Diogo Fernandes , Castelhanao , e por elle mandou dizer a Madre Maluco , Regedor do Reyno , » que Abiscan se alevantára com aquellas terras ; » e que por lhe parecer que servia nisso a » ElRey de Cambaya , o castigára como traidor , e lhe tomára a fortaleza , e Cidade » de Dio , com toda a Alfandega , mas que » tudo era d'ElRey de Cambaya ; e que o

» entregaria a quem elle mandasse. » Este recado estimou muito Madre Maluco , e mandou os agradecimentos a D. Diogo de Noronha , e lhe escreveu » que Abiscan ficaria na Cidade de Novanager , aonde El-Rey mandava que residisse , e que não entendesse mais com os Portuguezes ; e que lhe deixasse arrecadar a metade da Alfandega , que lhe El-Rey dava , conforme aos contratos das pazes ; » e sobre isto mandou hum largo fornao a Abiscan. D. Diogo de Noronha folgou muito com a resposta de Madre Maluco ; e o Abiscan mandou logo visitar , e a tratar de pazes por lho mandar assim Madre Maluco : e concertaram-se , que corresse a Alfandega como d'antes , e que não fosse mais o recebedor della Cidade Elal , porque fora o alvoroçador de todas as cousas passadas. Abiscan o mandou tirar , e proveo em seu lugar de outro Abexim , chamado Cide Merjão. Neste estado deixamos estas cousas até tornar a ellas.

CAPITULO XX.

De como o Turco mandou outro Capitão , chamado Alecheluby , por lhe levar as galés de Baçorá a Suez : e de como sabio de Baçorá , e se encontrou com a Armada de D. Fernando de Menezes , e lhe tomou seis galés.

R Ecolhido Moradobec pera Baçorá com as galés , fugindo a D. Diogo de Noronha , daquella grande batalha que teve com Gonçalo Pereira Marramaque , logo o Turco teve recado por terra do successo , do que ficou mui enfadado. Andava na Corte hum cossairo , que se chamava Alecheluby , que fora thesoureiro do Cairo , homem muito rico , e válido antre os Baxás. Este em chegando as novas do que succedeo a Moradobec , o começou a vituperar diante dos Baxás , dizendo » que homem , que entre- » gára a fortaleza de Catifa aos Portuguezes sem esperar golpe de espada , não se » lhe houvera de entregar aquelle negocio » nas mãos ; » offerecendo-se aos Baxás pera elle passar aquellas quinze galés a Suez , como o Turco mandava. Os Baxás porque eram seus amigos lhe houveram a jornada , e elle partio pela posta pera Baçorá ; e tomando posse da Armada , começou a nego-

ciar as quinze galés muito bem , pera partir na entrada de Agosto.

D. Fernando de Menezes como entrou o mez de Julho , despedio tres navios , de que eram Capitães Gomes de Siqueira , Luiz de Aguiar , e Battião de Macedo , da obrigação do Conde da Vidigucira , e deo-lhe por regimento , que se fossem pôr na boca do estreito de Baçorá , e vigiassem as galés ; e que das novas que achassem o avisassem por hum delles ; e que sempre os dous ficariam em vigia até as galés sahirem. Estes Capitães se foram pôr na paragem , que lhes mandavam , onde se deixáram estar ; e de algumas terradas que tomáram , souberam como era chegado Alecheluby , e que ficava já com as galés no mar , negociando-as pera sahir pera fóra. Com este aviso partio o Gomes de Siqueira.

Bernaldim de Sousa teve tal maneira , que mandou algumas espias a saber das galés , que se foram em terranquis feitos pescadores , pescando dentro no estreito , e levavam o peixe a vender ás galés , e viam , e notavam tudo sem ninguem se recear delles , e cada dous dias era Bernaldim de Sousa avisado do que se passava.

Alecheluby tendo as galés prestes , sendo já alguns dias de Agosto , sahio com ellas fóra do estreito. Os nossos navios , que

lá andavam , tanto que houveram vista dellas , voltáram pera Ormuz , e deram as novas a D. Fernando de Menezes , que no mesmo dia se embarcou nos navios ligeiros , que tinha prestes , e partio pera Mascate a se metter na sua Armada , e sahir em busca das galés , e em sua companhia foi Dom Antão de Noronha em huma galeota com quarenta soldados , e Fidalgos. Chegando áquelle porto , tomando depressa algumas cousas necessarias , se embarcou nos galeões , e com toda a Armada tornou a voltar em busca das galés.

Bernaldim de Sousa , tanto que se partio D. Fernando de Menezes , armou hum galeão , que alli estava de hum Gomes Farinha , e tres , ou quatro náos de mercatores , e lhes metteo artilheria , e muitas munições , e soldados , e se embarcou no galeão , com tenção de tanto que as galés passassem , ir-se pôr na boca do estreito de Baçorá ; porque se as galés viessem fugindo da Armada de D. Fernando de Menezes , lhes tivesse as portas fechadas , pera senão poderem recolher , e assim não escaparia nenhuma ; e disto avisou a D. Fernando por terranquins muito ligeiros , avisando-o » que se as galés lhe fugissem pela dentro , as seguisse até Baçorá , onde elle estaria , e que assim lhe ficariam as galés.

» lés no meio, e se perderiam todas: » discurso, e ardil de muito grande Capitão.

D. Fernando de Menezes, tanto que sahio de Mascate, foi correndo a costa de Arabia pera dentro em busca das galés, e mandou diante alguns catures ligeiros pera as espiarem: estes chegando ao cabo de Moçandão houveram vista das galés, que eram quinze, e todas vinham em humia ala; e voltando ao Capitão mór, lhe deram recado de como vinham atrás. D. Fernando negociou os seus galeões, e deo ordem no modo de como haviam de commetter as galés; e indo adiante, encontrou-se com ellas, e mandou as fustas, e caravelas por mais ligeiras pera pegarem com ellas, como fizeram, ateando-se antre todos humia formosa batalha de bombardadas.

Alecheluby tanto que vio a nossa Armada, deixou-se ir á véla, e foi arribando pera terra, e despedindo sua artilheria. Dom Antão de Noronha, que hia no seu galeão, metteo-se em humia galeota com muitos Fidalgos, e soldados, e foi demandar o Capitão mór pera se metter com elle, por lhe ter assim escrito o Viso-Rey; e que seu filho não fizesse cousa alguma sem elle. O vento hia refrescando, e as galés arribando pera terra, ficando-lhe o galeão de Gomes da Silva muito perto ás bombardadas

com ellas , e sabia D. Antão que levava pouca gente , porque com a pressa lhe ficaram todos em Ormuz. E receando que lhe acontecesse algum desastre , por estar hum pouco desviado da Armada , pediu aos Fidalgos , que com elle hiam , que se fofsem metter naquelle galeão , que era assim necessario ao serviço d'ElRey ; e tomando o remo , chegou a elle arriscado as galés o commetterem , e deitando-lhe dentro vinte e tantos homens , voltou pera o galeão do Capitão mór , onde se metteo. As galés foram arribando pera terra , e se recolhêram na enxada de Lima , aonde os galeões não podiam chegar. D. Fernando de Menezes vendo-se atalhado , tomou conselho sobre o que faria , porque as galés hiam fazendo sua derrota cozidas com a terra ; e huns diziam huma cousa , outros outra : mas hum Piloto velho , e antigo , que hia na Armada , de quem parece que fallou o Espirito Santo , disse , » que os ventos eram » Oestes , Oes-Suduestes pela prôa , e que os » galeões naquelle bordo per nenhum caso » poderiam surdir avante , nem tomar Mascate : que era de parecer , que se fizessem » na volta da costa da Persia , e que della » na outra volta poderiam tomar Mascate , » (porque elle o anno passado indo em hum » na náó do Capitão de Ormuz pera Ben-

» gala naquella mesma monção , tomára a
 » quella derrota , e que pela outra costa achá-
 » ra os ventos galernos , e fora correndo á
 » vontade ; e que do cabo de Jasques atra-
 » vessára , e fora tomar Mascate muito fol-
 » gadamente.) » Parecendo aquillo bem a to-
 dos , voltáram no outro bordo , e foram fer-
 rar Mascate , deixando o Capitão mór os
 navios mais ligeiros pera vigiarem as galés.

Chegada a Armada áquelle porto , sur-
 gio na bahia , e mandou o Capitão mór fa-
 zer agua , e lenha , e despedio mais navios
 ligeiros a espiar as galés. Nestes dias que
 aqui esteve se notáram dous casos notaveis.
 Hum delles foi : estando a Armada surta na
 bahia , entrou hum dia por ella dentro hum
 monstro marinho , muito maior que huma
 balêa , e da mais estranha feição , que nun-
 ca se vio ; e chegando ao galeão de Dom
 Fernando de Menezes , o rodeou muito de-
 vagar. Os Mouros da terra tendo rebate , se
 embarcáram alguns pescadores em hum gran-
 de , e formoso terranquim , e tomando be-
 tas grossas amarradas humas nas outras , fi-
 zeram hum grande laço , e pondo-lhe suas
 iscas , foi-as o monstro demandar , e dando
 no laço , ficou prezo. Os Mouros tanto que
 o sentíram , foram-lhe largando as betas to-
 das , dando-lhe fugalaça , porque os não met-
 tesse no fundo , levando-os o monstro á toa

pela barra fóra; porque com a força, que era mui grande, foi dando pancadas, e tirando pela terrada, no que se gastáram muitas horas. Cançada aquella alimaria, puzeram-se os Arabios aos remos, e foram remando pera dentro, levando-a apôs si até á ençada de Mocalachina, e lançando os cabos em terra, foram amarrados em parte segura; ajuntando-se muita gente, alaram por elles, e puzeram o monstro á borda da agua, onde o desfizeram pelo não poderem trazer a terra.

A outra cousa que se notou, foi: huma noite antes de pelejarem com as galés, víram correr pelo Ceo hum Cometa desses errantes, muito grande, e fogoso, e se foi desfazer naquella parte, em que depois os nossos tomáram as galés, que durou muito grande espaço. Estando a Armada assim surta, chegaram as fustas que as foram espiar, e disseram ao Capitão mór, que as galés ficavam aos Ilheos de Soar, doze leguas de Mascate. Com estas novas se levou, e mandou embandeirar a Armada, e deo á véla em busca das galés; e aos vinte e cinco dias do mez de Agosto, dia de S. Luiz, Confessor, ás nove horas do dia houveram vista dellas.

O Alecheluby vendo os galeões, cuidou que eram náos de mercadores, porque ti-

nha deixado atrás a Armada com tempos
 tão ruins, que depois que a perdeu de vis-
 ta até alli, poz quinze dias, e pareceo-lhe
 que se tinha tornado pera Ormuz. As galés
 vinham todas a remo de longo da terra a
 fio com o vento pela prôa; e aos Ilheos,
 que estão duas leguas de Mascate, se encon-
 traram na mais formosa, e limpa praia, que
 ha em toda a costa da Arabia. O Capitão
 mór foi cingindo o mar com toda a sua Ar-
 mada, porque as galés lhe não pudessem es-
 capar, e as foi demandando com os navios
 de remo diante, e as caravelas logo apôs
 elles, e os galeões estendidos pelo mar, to-
 dos embandeirados, que era hum formosa
 cousa de ver. O Alecheluby vendo-se encur-
 ralado á terra, e que pera voltar pera trás
 já o não podia fazer, determinou de passar
 a remo, cozido com a terra pelas prôas dos
 nossos navios, e foram forçando o remo pe-
 ra vingarem hum ponta, que alli lançava
 ao mar. D. Fernando de Menezes chegou
 com o seu galeão até dar em oito braças,
 que mandou lançar ferro, e as caravelas fo-
 ram arribando a terra sobre as galés. O Ale-
 cheluby com nove galés as mais ligeiras,
 que lia diante, vingou a ponta primeiro,
 que as nossas caravelas chegassem, e as seis,
 que ficaram mais atrás, não a pudéram pas-
 sar. As caravelas, que eram navios mais pe-

quenos, e ligeiros, foram-se mettendo bem a terra; a de D. Jeronymo de Castello-branco, que hia diante de todos, foi prepassando pelo galeão do Capitão mór. D. Antonio de Castello-branco, irmão de D. Jeronymo, que hia com D. Fernando de Menezes, vendo ir o irmão diante de todos, se poz em cima do capiteo, e bradou pelo irmão, dizendo: » Ah rapaz, vara-me essa caravela: » o D. Jeronymo o fez assim, porque mettendo de ló tudo o que pode, chegou a terra pela prôa das galés: e quiz Deos que neste tempo désse do galeão do Capitão mór huma bombardada em huma galé; que hia diante, com que a atravessou, e as outras foram encalhar nella. Ao mesmo tempo chegou D. Jeronymo de Castello-branco, e atravessou-se antre as galés, pondo a caravela em secco no meio de duas dellas, sobre quem lançou tanto fogo, que as abrazou. D. Manoel Mascarenhas, que hia logo pegado a D. Jeronymo de Castello-branco, chegou ás galés, em que elle estava afferrado, e lançou tanto fogo sobre huma, que a abrazou, e passou adiante, e ferrou em outra. D. Jeronymo lançou-se com quinze, ou vinte soldados em huma das galés em que estava encalhado, e á espada a axorou matando todos os Turcos.

As outras caravelas foram chegando, e

Couto. Tom. III. P. II.

Mma **N** IMPRENSA
Nacional

ferráram cada huma da sua; Antonio de Valadares, e D. Fernando de Monroy, tanto que puzeram as prôas em as galés, logo se baldeáram dentro, e á espada, e rodela tiveram huma aspera batalha com os Turcos; e por fim della matáram muitos, e os mais se lançáram ao mar.

D. Manoel Mascarenhas, depois que axorou huma das galés, das em que D. Jeronymo estava encalhado, foi pôr a prôa n'outra, que tambem rendeo.

D. Jeronymo de Castello-branco, depois que rendeo as suas duas galés, mandou lançar hum virador ao mar, e alando-se por elle, se tirou do secco, e levou as galés consigo; confessando publicamente, que Dom Manoel Mascarenhas rendêra, e abrazára huma dellas, do que a D. Manoel lhe não deo cousa alguma.

Rendidas as seis galés, a gente dellas que se lançou ao mar, foi toda morta pela das nossas fustas, (que se mettêram antre as galés, e a terra,) sem darem vida a pessoa alguma. Alecheluby, que tinha passado a ponta com nove galés, foi-se pôr ao mar da nossa Armada, e esteve olhando a briga; e vendo as galés rendidas, deo á véla, e se fez na volta da outra costa, com tenção de se passar a Cambaya, porque a Constantino-
pla não havia de ir, porque o Turco estava

certo cortar-lhe a cabeça. As nossas caravelas vendô ir as galés, largáram as vélas, e as foram seguindo até a costa da India.

D. Fernando de Menezes com aquella vitoria se recolheo a Mascate pera se curarem alguns feridos que havia, que os Capitães das caravelas passáram ás fustas; e as seis galés mandou reformar, e concertar, e resgatou a chufma das mãos dos soldados, e as mandou benzer pelos Sacerdotes, e lhes poz a todas nomes pera serem conhecidas, e as repartio por Fidalgos Capitães das fustas.

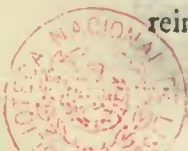
A galé Santa Elena, a Basião de Macedo; Santa Luzia, a Manoel de Siqueira; a Conceição, a Balthazar Monteiro; a Vitoria, a Gomes de Siqueira; Sant-Iago, a Jorge Pereira; e S. Miguel, a Gonçalo Guedes. Tomaram-se nestas galés quarenta e sete peças de artilheria de bronze, em que entravam basiliscos, esperas, e canhões forçados de até quarenta arrateis de pelouro, e outros camelos, e aguias.

D. Fernando de Menezes em quanto provia a Armada, despedio hum navio ligeiro com as novas da vitoria a seu pai; e elle ficou refazendo a Armada. As nossas caravelas, que hiam seguindo as galés, deram-lhe casta até á costa da India; as sete se recolhêram a Surrate, aonde as caravelas de

D. Jeronymo de Castello-branco, de Nuno de Castro, e de D. Manoel Mascarenhas as enfacáram, e se deixáram ficar sobre a barra. As outras duas galés foram seguindo D. Fernando de Monroy, e Antonio de Valadares, que as acossáram de maneira, que as fizeram varar, huma em Damão, e outra em Danú, aonde se despedaçáram, e elles se passáram a Baçaim. Francisco de Sá de Menezes, Capitão daquella fortaleza, sabendo o que passava, e de como as outras galés estavam recolhidas em Surrate, negociou dez, ou doze navios em que se embarcou, e se foi pôr sobre aquella barra em companhia das caravelas.

29/11/57

Chegando estas novas a Jorge de Mendoga, Capitão de Chaul, armou com muita pressa outros dez, ou doze navios, em que se embarcou, e se foi ajuntar com Francisco de Sá. Era já isto perto de vinte de Setembro, e aos vinte e tres surgio na barra de Goa D. Pedro Mascarenhas, que vinha por Viso-Rey da India. E porque as cousas que mais succedêram entram em seu tempo, as guardaremos pera a setima Decada seguinte, em que com o favor Divino entraremos, dando primeiro fim a esta sexta á gloria, e honra de Deos nosso Senhor, que vive, e reina pera sempre. Amen.

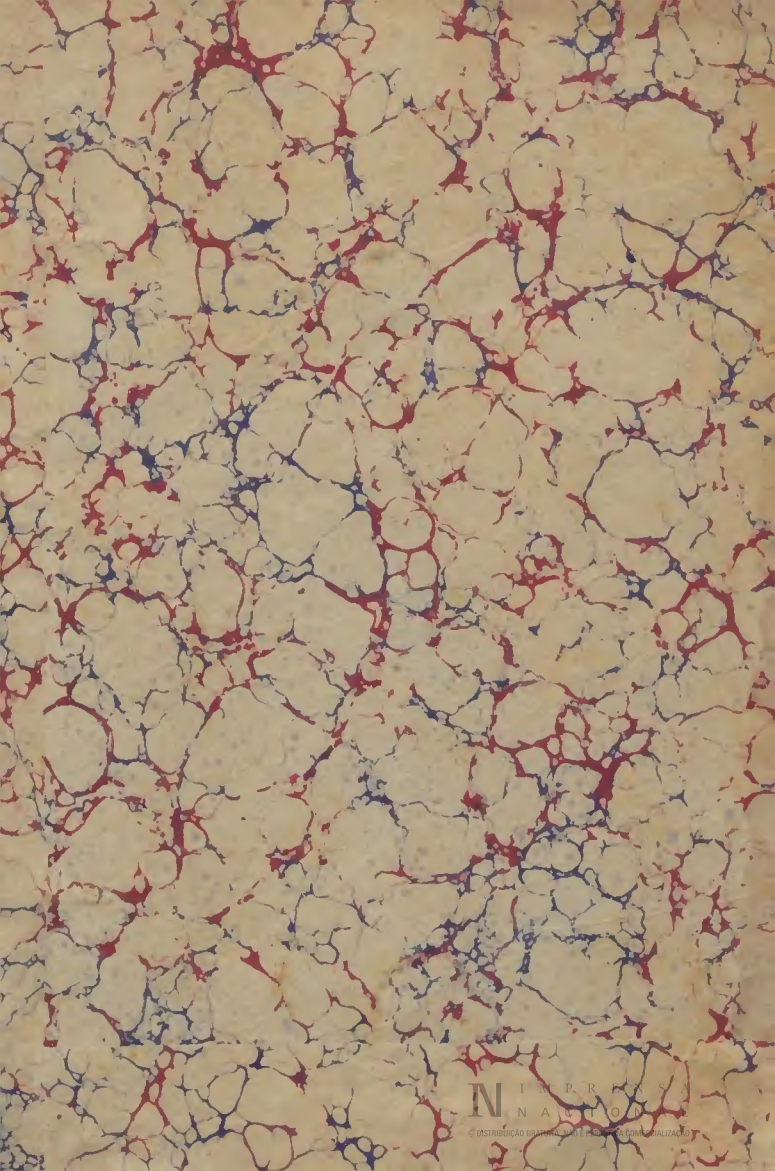


N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

IMPRÉNSA
NACIONAL

© 1974. DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO.



IMPRESSO
NACIONAL

© DISTRIBUICAO GRATUITA SOB O PATROCINIO DA FOMENTO A LINGUAGEM

NB



■EFG0000000105■ NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

S A
A L